

MAJAJA CRÔNICAS. AMOR. ESCURIDÃO
(1) NORDESTINAS. NO LEITO DE. MINHA
RIO. FAZER. SAUDADE. ROTEIRO
A BAIANA SÓ FALTOU ELA. DE TEATRO
ENCONTROS. TRADIÇÕES NORDESTINAS
MINHA TERRA SAÚDE DIVINHA
CARTA. CINDERELA. NORDESTINA
LITERÁRIA TRANSPARÊNCIA TATUAGEM
CAUSOS. DINHEIRO. 1930 BOIA
A BAIANA O PESCADOR FERROZ
O PESCADOR. FERROZ SONETO O VILÃO
CRÔNICA ANIMAL. INFÂNCIA
NATIVA E AVENTURA
ARGUMENTATIVA. O MILAGRE DE SÃO



Eu Escrevo,
Tu ☐ escreves,
Nós Mudamos

Cotia - SP
2013



Tradições Nordestinas

Produção Textual dos
Alunos do Colégio Sidarta



Instituto Sidarta

APRESENTAÇÃO

Claudia Siqueira

Diretora do Instituto Sidarta

O investimento em Educação é o diferencial de um país! Acreditando nessa premissa, um grupo de empresários iniciou, em 1992, o projeto de criação de uma instituição educacional, com a aspiração de formar uma nova geração de indivíduos pronta para assumir a responsabilidade de construir uma sociedade mais justa e harmoniosa.

O primeiro resultado dessa iniciativa foi a fundação do Instituto Sidarta, uma organização sem fins lucrativos, declarada de Utilidade Pública Estadual e Federal, criada com o objetivo de contribuir para a melhoria da educação em nosso país. O Instituto tem duas frentes de atuação: o **Colégio Sidarta** e o **Núcleo de Projetos**, o qual se constitui em:

Centro de Formação Continuada

- Formação da equipe pedagógica do Colégio Sidarta;
- Formação continuada de profissionais de Educação;
- Assessoria pedagógica para redes de ensino públicas e privadas.

Centro de Criação e Gerenciamento de Projetos

- Desenvolvimento e gerenciamento de projetos de responsabilidade social com foco em Educação para diferentes parceiros (instituições públicas e privadas).

Centro de Pesquisa e Cultura

- Registro e publicação do fazer pedagógico do Colégio Sidarta e do Núcleo de Projetos, de forma a garantir o compartilhamento desse conhecimento com instituições e pesquisadores de Educação;
- Promover iniciativas educativas e culturais que ampliem o repertório docente e que contribuam para a sua prática pedagógica.

O programa **“Eu escrevo, tu escreves, nós mudamos”** é uma iniciativa do **Centro de Criação e Gerenciamento de Projetos**, e já foi realizado na rede pública de ensino de vários municípios, tendo impactado centenas de coordenadores e professores e milhares de alunos.

Pelo quarto ano consecutivo, o Colégio Sidarta abraça o projeto e apresenta as diversas interpretações de seus alunos sobre a Região Nordeste do país, sua cultura, seu povo, sua história, gastronomia, seus costumes e tradições.

Acreditamos que este projeto mobiliza todos os envolvidos a refletir sobre o poder da escrita e sobre como o ato de escrever ajuda a diminuir as diferenças e aproximar as pessoas, além de materializar nossos sonhos e desejos. Baseados nesta premissa, professores e alunos mostraram por meio de textos e ilustrações toda sua bagagem de cultura nordestina, construída por meio de uma série de influências presentes na sociedade brasileira e pelo próprio conhecimento adquirido ao longo do projeto. O resultado foi uma experiência rica em descobertas e constatações.

PRE- EÁCIO

SER NORDESTINO

*Pelo rei do baião Luiz Gonzaga
Pelo Líder Antonio Conselheiro
Por Antônio Silvino e sua saga
Pela muita coragem do Vaqueiro
Pelo canto dos bons aboiadores
Pelos versos dos nossos cantadores
Pelo faro do bravo Virgulino
elas festas de reis, literatura
Mamulengo, cordel, xilogravura
eu me orgulho de ser um nordestino.*

Moreira de Acopiara

Dentro do contexto de valorização da riqueza e diversidade da cultura brasileira, o Instituto Sidarta elegeu como foco de estudo, em 2013, as tradições nordestinas, que estão envolvidas na identidade de nossa região e de nossa comunidade. Durante os meses de maio e junho, toda a escola foi convidada a apreciar de forma privilegiada diversas manifestações culturais do Nordeste, unindo comidas típicas, cinema, teatro, música, literatura e artes visuais.

Juntos, descobrimos a forte presença da cultura nordestina em nosso dia a dia e que ser nordestino é muito mais do que nascer no Nordeste. É muito mais do que ser retirante.

No Eu Escrevo 2013, para a leitura das obras literárias e a motivação da produção dos textos de nossos alunos, escolhemos autores nordestinos consagrados como Ariano Suassuna e Graciliano Ramos; este último, que apresenta o nordestino às nossas crianças e adolescentes por meio dos “causos” imaginativos de Alexandre, pelo maravilhoso da Serra de Tatipirun ou pelas poucas palavras do retirante Fabiano, em Vidas Secas.

A riqueza da cultura na oralidade e na musicalidade do Nordeste esteve presente na literatura de cordel, lida, cantada e produzida pelo 4º, 7º e 9º anos do Ensino Fundamental e nos mitos, compilados pelo alagoano Câmara Cascudo e atualizados pelos jovens do 1º ano do Ensino Médio.

Mitos reais renasceram nas aventuras e no amor de Virgulino Ferreira, o Lampião, e da destemida Maria Bonita, em bilhetes singelos, produzidos pelo 2º ano do Fundamental I e em cordéis de amor do 9º ano.

Se alguns mitos ainda habitam nossas crenças, outros foram desconstruídos pelos estudantes do Ensino Médio que, pesquisando os movimentos migratórios no Brasil, reverteram o estereótipo que ainda temos em nosso imaginário: a figura do nordestino pobre e miserável, de baixa escolaridade que migra para os grandes centros urbanos no Sudeste e Sul do Brasil. Em seus contos fantásticos e crônicas nos apresentam histórias de migrantes nordestinos atuais, que retornam para suas terras de origem com Ensino Superior completo ou de brasileiros do Sul e Sudeste que agora buscam novos horizontes no Nordeste.

Nesta publicação, produzida com muito carinho por nossos professores e alunos, descobre-se que a verdade é que, neste século XXI, todos somos migrantes e estamos em busca da felicidade, alimentando os mesmos ideais.

Gizele Caparroz de Almeida

Professora do Colégio Sidarta

LAMPIÃO JR E MARIA BONITINHA

Estas imagens foram produzidas pela turma do 2o ano do Ensino Fundamental do Colégio Sidarta, como ilustração para um projeto realizado anualmente denominado “Eu escrevo, tu escreves, nós mudamos”. Neste projeto, o conceito de autoria é trabalhado na prática com as crianças, tanto por meio da linguagem escrita quanto pela expressão poética, e resulta em uma publicação impressa.

A partir de uma narrativa que apresenta Lampião e Maria Bonita na infância, a proposta para os alunos foi que escrevessem um bilhete para Lampião Jr. e Maria Bonitinha, contando um pouco de si e perguntando curiosidades que gostariam de saber sobre eles.

E então, durante as aulas de artes, foi realizada uma série de estudos de desenho, buscando traduzir visualmente o texto que haviam produzido. Estes estudos serviram de base para as ilustrações finais da publicação, realizadas com giz pastel oleoso sobre papel ColorPlus.

Carol Pires

Professora do Colégio Sidarta

4º ano

ILUSTRAÇÕES ESCULTURAS

As esculturas foram inspiradas pela literatura de Cordel e pelo universo do artesanato popular nordestino, além disso foram projetadas como ilustrações para o projeto Eu Escrevo, Tu Escreve, Nós Mudamos.

Por meio da sensibilização sobre a temática e a pesquisa sobre os animais da região Nordeste, as crianças foram envolvidas em um processo de criação de textos sobre os animais escolhidos. A partir desse texto, realizamos uma exploração plástica com modelagem e pintura em argila, desenvolvendo noções técnicas de construção com o material.

Com dedicação pudemos desenvolver os animais e suas características físicas, recriamos seu habitat com cenários em pintura acrílica sobre papelão e, ao final, as crianças também participaram do processo de documentação e edição fotográfica.

As fotografias impressas evidenciam uma sensibilidade crescente no olhar de cada criança, a tridimensionalidade da proposta é combinada com as possibilidades expressivas da pintura, gerando belos e harmoniosos conjuntos.

Anderson

Professor do Colégio Sidarta

CRÉDITOS

Presidente do Instituto Sidarta: **Ya Jen Chang**

Direção: **Claudia Siqueira**

Coordenação Pedagógica: **Telma Scott e Jô Fortarel**

Orientação pedagógica: **Regina Bárbaro**

Formação da equipe de professores: **Professoras Jô Fortarel e Gizele Caparroz**

Coordenação do projeto: **Profª. Gizele Caparroz**

Revisão de texto:

1º ano EF I – Profª **Jaqueline Lima da Silva Nascimento e Rafaela J. Sousa**

1º ano EF I – Profª **Roberta Estevão Cassara e Ana Carolina Cabral**

2º ano EF I – **Adriana Rocha e Camila Alves**

3º ano EF I – Profª. **Patrícia Rosselli e Aline Carolina C. De Oliveira**

4º ano EF I – Profª. **Carolina França e Pamela T. M. Santos**

5º ano EF I – Profª. **Ana Carolina Dorigon e Andrea R. de Carvalho Dias**

6º, 7º, 8º EF II – Profª. **Gizele Caparroz**

9º ano EF II, 1º, 2º e 3º anos EM – Profª. **Gizele Caparroz**

Projetos de Ilustração: **Profª. Carolina Pires e Prof. Anderson Rei**

Coordenação Editorial: **Carolina Ramos**

Assistente de coordenação: **Fernanda Souza**

Projeto Gráfico e diagramação: **Ana Clara Morse**



Índice

04.	APRESENTAÇÃO
06.	PREFÁCIO
08.	LAMPIÃO JR. E MARIA BUNITINHA
09.	ILUSTRAÇÕES ESCULTURAS 4º ANO
10.	CRÉDITOS

ENSINO FUNDAMENTAL I

PÁG	12. 2º ANO
12	66. 3º ANO
	104. 4º ANO
	146. 5º ANO

ENSINO FUNDAMENTAL II

PÁG	196. 6º ANO
196	228. 7º ANO
	268. 8º ANO
	340. 9º ANO

ENSINO MÉDIO

PÁG	370. 1º ANO
370	400. 2º ANO
	444. 3º ANO

20
ANO

BILHETE

Tradições Nordestinas

Obra motivadora: **“A história de
Lampião Júnior e Maria Bonitinha”
de Januária Cristina Alves.**

2º ANO

PRODUÇÃO DE TEXTO – 2º EF



Sensibilizamos os alunos do 2º ano para o Projeto a partir do estudo do gênero, escrevendo escrevemos bilhetes para uma professora e para os amigos de classe.

Após esta sensibilização, assistimos partes do documentário da vida de Lampião e iniciamos a exploração do livro “A história de Lampião Júnior e Maria Bonitinha” de Januária Cristina Alves. Editora Novo Século.

Durante a leitura, fizemos uma lista com as expressões regionais que foram surgindo ao longo da história como “oxente”, “Vige Maria” e “Padim Ciço”. Os alunos ficaram surpresos com os termos utilizados. Pediam para reler as palavras e se divertiam tentando pronunciá-las.

Discutimos as características e o papel dos personagens. Em seguida, cada um escolheu para quem gostaria de escrever um bilhete fictício e os mais escolhidos para destinatá-

rios foram Lampião e Maria Bonitinha.

Envolveram-se com os temas nordestinos fazendo perguntas sobre o clima do nordeste, roupas, brinquedos e brincadeiras da infância dos cangaceiros mergulhando no mundo da imaginação. A cada bilhete produzido complementavam a sua mensagem, dando sentido ao seu texto e possibilitando que o leitor a compreendesse.

Dentre os textos, você vai encontrar um relato da aluna Constança que ingressou em nossa escola depois de concluirmos o projeto. Assim, propusemos que nos contasse como foi sua chegada ao Brasil.

A seguir, divirtam-se com os bilhetes elaborados pelo nosso grupo com muito carinho e dedicação.

**Camila Alves de Lima Santos
e Milena Campos**

Professoras do Colégio Sidarta

// Eu gostei muito da história do Lampião, vi que ele faz muitas aventuras, que as roupas dele são bem diferentes da nossa. Também gostei de fazer esse bilhete porque todo mundo vai ver o que a gente escreveu. //

Sofia Pires

// É bem legal e divertido escrever um bilhete nosso para alguém. Principalmente para os person agens do nordeste que conheci através do livro já que eu nunca fui até lá. //

Maria

// Eu goste de conhecer a história do Lampião porque fala da amizade dele com seus colegas. Assisti e li que o Lampião é bastante valente e defendia a sua cidade até mesmo contra a chuva. //

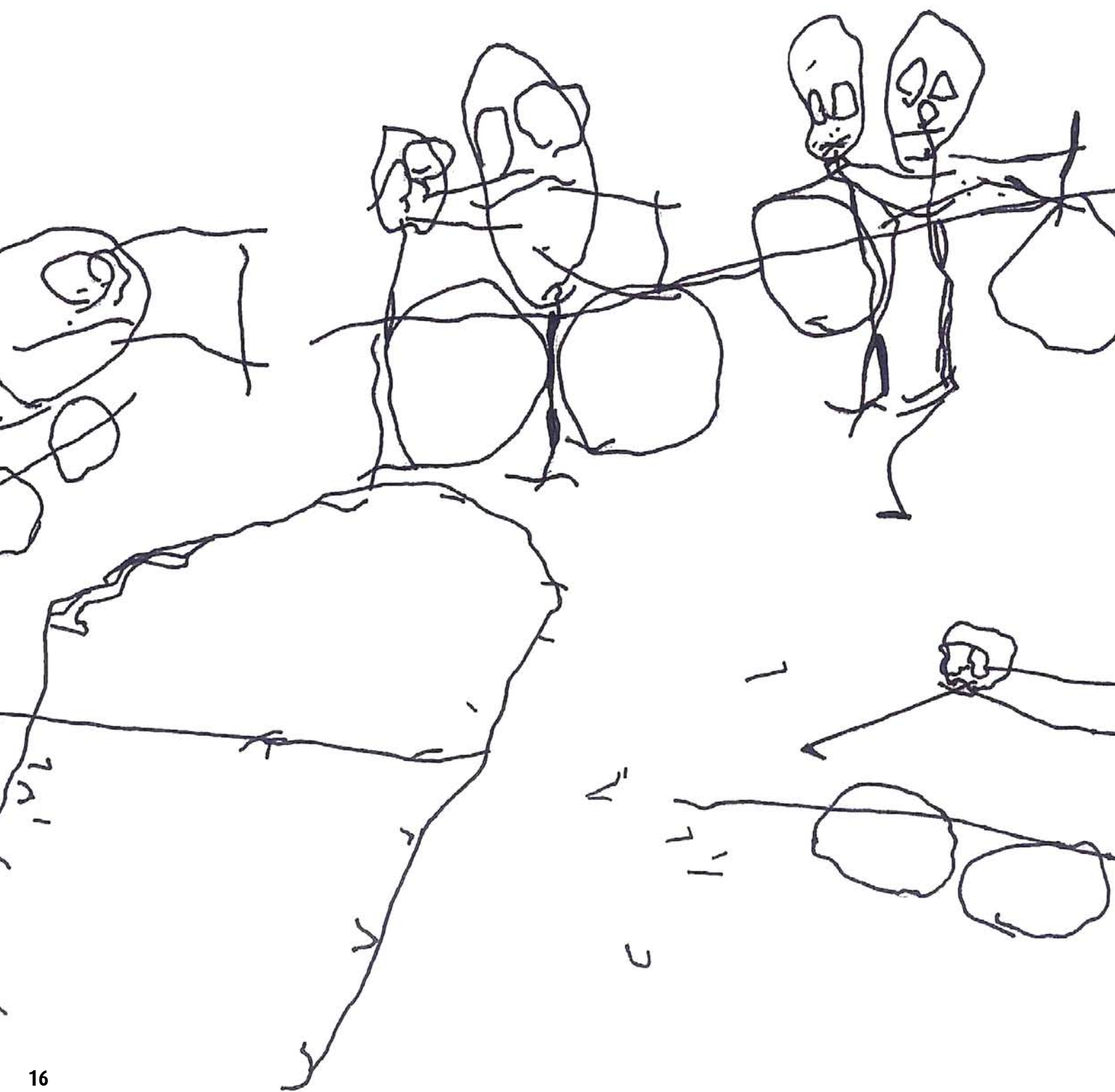
Maya

// É a primeira vez que eu escrevo para fazer um livro de verdade. Estou super animado para juntar todos os bilhetes e formar esse Eu escrevo 2013. //

Edmundo

// Eu nunca tinha escutado falar no Lampião. Gostei de conhecer a sua história e de descobrir que alguém pode morar no sertão. Também gostei de saber que o bilhete que eu escrevi vai para um livro. Na minha casa sempre escrevo, mas nunca ajudei a montar um livro que parece que vai ficar muito legal. //

Julia Chechetto





OÍ MARIA
BONITINHA,

Eu sou o Aramis e achei você muito bonita!

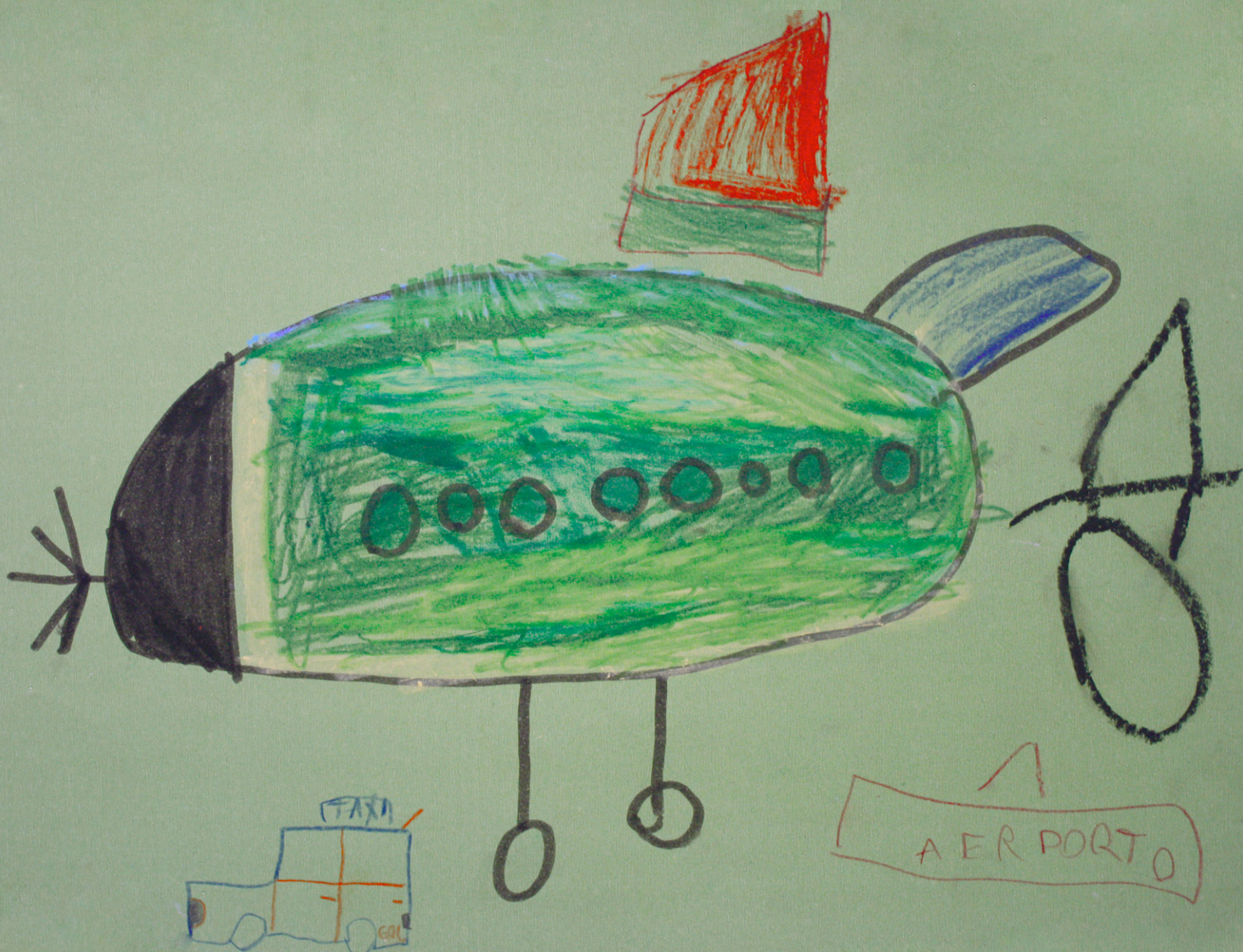
Eu estudo no Colégio Sidarta e já sei escrever meu nome.

Eu gostei de aprender e brincar de “Cabra cega”, “Morto vivo” e “Escravo de Jó”. Quando a gente se encontrar vou ensinar você a brincar de “Homem de ferro”, “Ben 10” e a jogar futebol que são as brincadeiras que mais gosto.

Um beijo, Aramis

19/06/2013

Aramis Prado Albuquerque
8 anos



OÍ LAMPIÃO JUNIOR,

Meu nome é Bernardo. Tenho sete anos, moro em Cotia com a minha avó, minha mãe e a minha madrinha.

Estudo no Colégio Sidarta e estou no 2º ano. Aqui na minha escola, a gente aprendeu algumas brincadeiras nordestinas e as que eu mais gostei foram “Alerta” e “Vivo ou morto”.

Sabe Lampião, a chuva é muito importante para natureza. Sem ela as plantas e os animais não viveriam e a gente também não. Por isso não precisamos ter medo da chuva.

Nas férias deste ano, quero ir para o Nordeste conhecer o Ceará, o Rio Grande do Norte e um laguinho que tem atrás das rochas com minha mãe, meu pai, meu padrinho e sua namorada. Gostaria também de levar a minha avó, a minha prima e o meu primo Rafael. Quem sabe a gente possa se conhecer numa destas viagens?

Até mais, Bernardo

19/06/2013

Bernardo Guedes Soares Batista
7 anos





OÍ MARIA
BONITINHA,

Meu nome é Bianca, tenho sete anos, moro em Cotia e estudo no Colégio Sidarta.

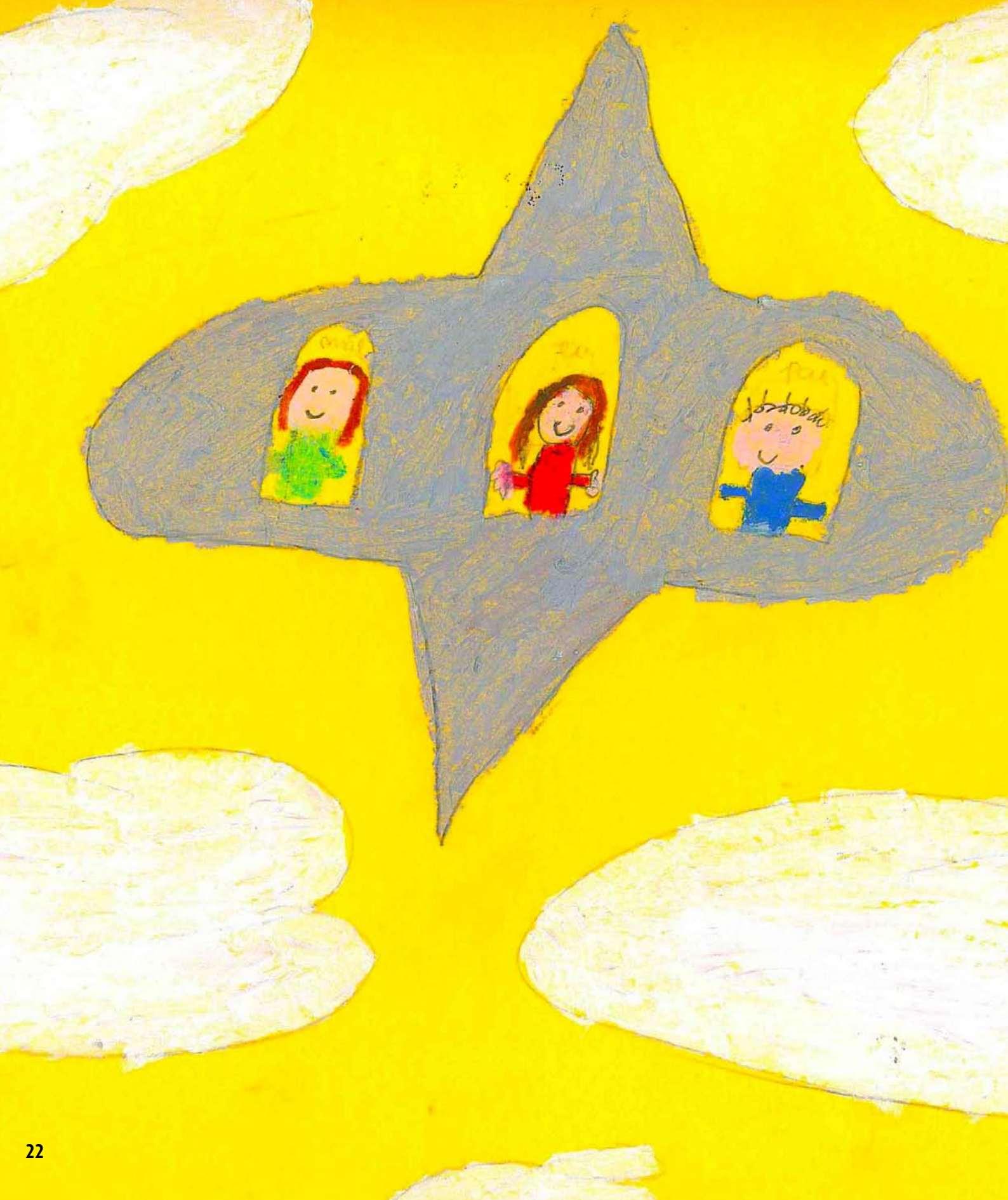
Os meus amigos e eu lemos a sua história do Lâmpião Júnior e a Maria Bonitinha e você foi muito corajosa.

Um dia vou viajar para o Nordeste. Sabe, quero conhecer Pernambuco. A gente pode se encontrar e você me mostra os seus amigos e eu mostro os meus.

Assinado: Bianca

20/06/2013

Bianca Nuzzi Fernandez
7 anos



A MINHA AVENTURA NO BRAZIL

Eu vivia em Portugal e estudava na escola Santa Maria da Graça e tinha muitos amigos. Mas um dia meus pais contaram que tínhamos que ir para o Brasil eu chorei muito, mas depois comecei a me habituar.

Eu tive que ir num avião, demorou 10 horas e eu vi o mesmo filme três vezes. Quando cheguei ao Brasil, fui ao mercado e depois fui para casa. Eu adorei a casa! A casa tem piscina!

Passando uns dias eu vim para escola e agora estou aqui e estou adorando. Eu estou gostando da escola, meus amigos são simpáticos e me ensinam tudo, onde almoça e onde brinca.

O lugar que eu mais gostei foi a biblioteca, porque é calmo e eu não tinha nenhuma biblioteca na minha outra escola.

Eu fiz amigos e estou muito feliz por estar nesta escola.

Constança

Constança Espadaneira Bio Fernandes
8 anos





OÍ MARIA
BONITINHA,

Meu nome é Diego, tenho oito anos, moro em Cotia em um condomínio dentro do São Paulo II. Estudo no Colégio Sidarta, na sala do 2º ano.

Escutei toda a sua história e achei você muito corajosa. Você sabia que eu nunca fui para o Nordeste? Eu queria muito conhecer a Bahia e comer algumas cocadas lá. Eu queria conhecer você, só que não posso só na minha imaginação, por enquanto. Qualquer dia quero me encontrar com você.

Beijos, Diego

19/06/2013

Diego Puertas Lourenço
8 anos





OÍ LAMPiÃO,

Meu nome é Edmundo e tenho sete anos. Moro em São Paulo e estudo no Colégio Sidarta.

Li no seu livro que você faz muitas aventuras. Eu também gosto de aventuras. Eu já escalei paredes, andei em corda bamba e pulei muros. Qualquer dia posso participar das aventuras com você?

Assinado: Edmundo

19/06/2013

Edmundo Ulian Palhinha Gomes
7 anos





OÍ LAMPÃO JUNIOR,

Meu nome é Eduardo e moro em Carapicuíba.
Vi no seu livro que você e seus amigos gostam de aventuras. Eu gosto de andar de bicicleta e quero muito ir te ver. Você me convida para eu ir à sua casa?

Assinado: Eduardo

19/06/2013

Eduardo Agoston Burr
7 anos





OÍ LAMPiÃO,

Meu nome é Enzo, moro em Cotia e estudo no Colégio Sidarta desde agosto. Gostei muito das aventuras da sua turma e gostei principalmente de você. Você quer jogar vídeo game comigo? Quer brincar de queimada?

Abrços, Enzo

14/08/2013

Enzo Morimoto del Negro
8 anos





OÍ LAMPiÃO,

O meu nome é Fernando e moro em São Roque.

Li o seu livro e percebi que vocês tiveram falta de água. Por quê?

Aqui em São Roque também chove algumas noites. Eu moro em um sítio e lá tem muito verde e muitas árvores iguais. O nome do meu sítio é “Sítio do Tucano”.

Eu já fui para o Nordeste oito vezes, achei muito legal! Vi muitas praias. O lugar onde eu fui chama-se Bahia. Lá, conheci brincadeiras novas como bolinha de gude e amarelinha.

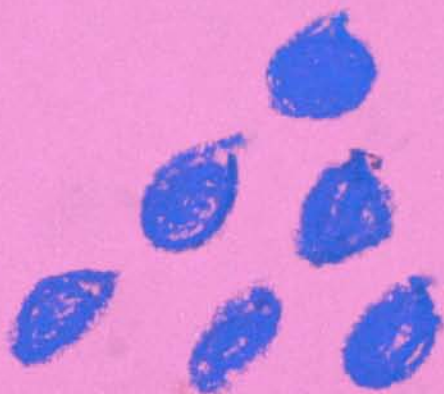
A Bahia é perto de onde vocês moravam? Quero conhecer vocês.

Beijos, Fernando

26/06/2013

Fernando Orantas Viñas

8 anos





OÍ MARIA
BONITINHA,

Meu nome é Giulia, moro em Carapicuíba e estudo no Sirdarta. Na minha classe lemos o seu livro e gostei de suas aventuras.

Por que vocês têm medo da chuva? Não vai alagar o sertão. Aqui em São Paulo chove muito, mas não alaga, só faz poça de água.

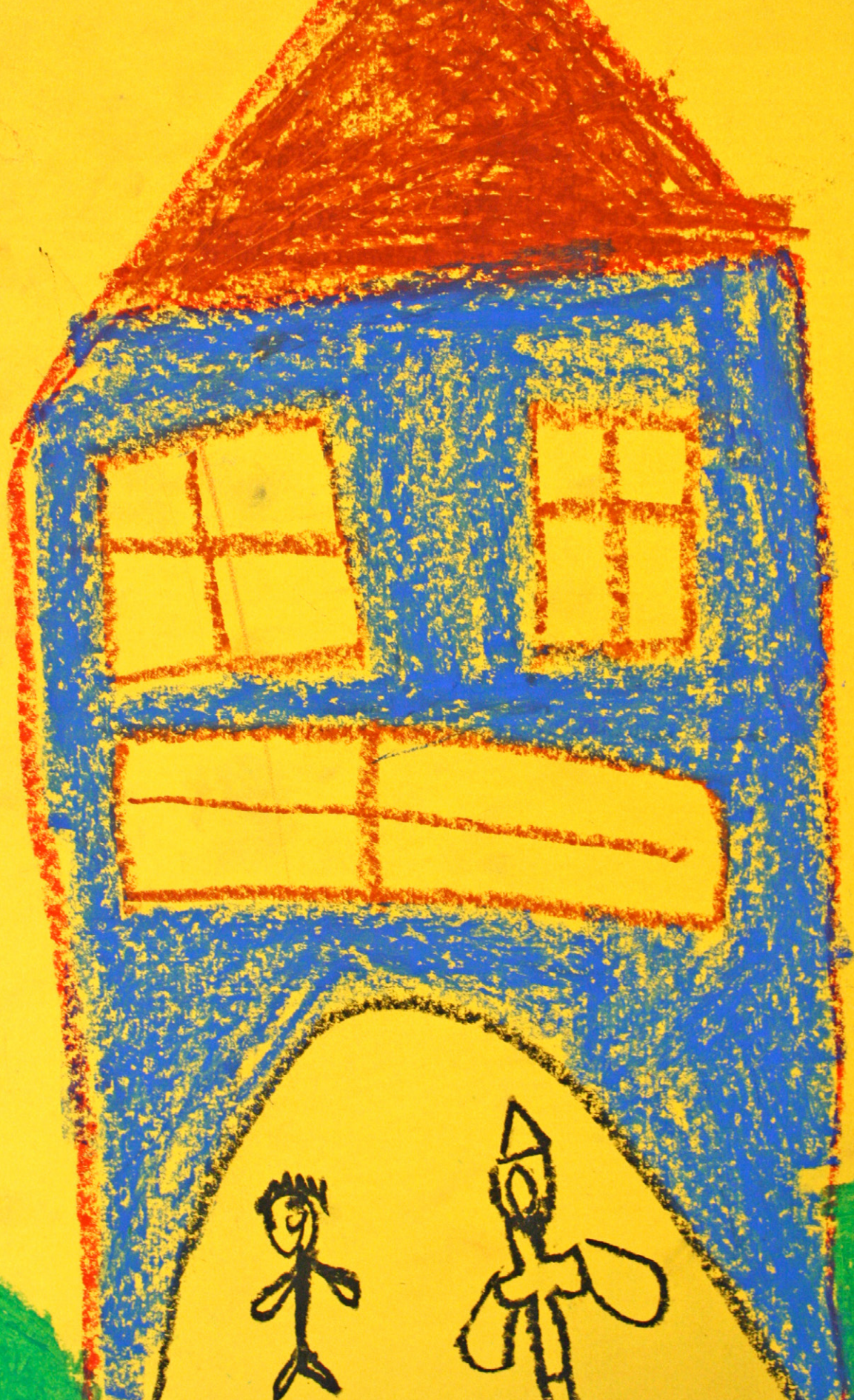
Maria Bonitinha, a chuva é muito importante para as plantas, não fique com medo porque a chuva não faz nada, só molha. Eu nunca fui para o Nordeste, mas um dia quero ir.

Maria Bonitinha, você me mostra os brinquedos que têm aí? Foi legal conhecer a sua história.

Beijos, Giulia

19/06/2013

Giulia Barbaresco Fernandes
7 anos





OÍ LAMPIÃO,

Meu nome é João Pedro, tenho sete anos e estudo no Sidarta. Meus amigos e eu lemos o seu livro no 2º ano.

Na aula de Projeto, a gente estudou sobre as brincadeiras do Nordeste.

Lampião sei que você mora no Nordeste, eu moro em Cotia. Aqui em Cotia chove muito, mas não alaga. Você não precisa ter medo da água, porque ela faz bem para a gente e para a natureza.

Lampião, um dia se você quiser, pode vir aqui em Cotia na minha casa, na minha escola e conhecer os meus amigos. Você quer vir?

Um abraço, João Pedro

19/06/2013

João Pedro Stoll Gonçalves
8 anos





OÍ MARIA
BONITINHA,

Meu nome é Julia, tenho sete anos. Moro em Carapicuíba com a minha mãe, o meu pai e o meu irmão.

Estudo no Colégio Sidarta no 2º ano.

Na aula de Projeto, os meus amigos e eu vimos o seu livro. Estou estudando as brincadeiras. Vocês brincam do quê, no Nordeste?

Maria Bonitinha, eu já fui para o Nordeste, você sabia?

Maria Bonitinha, você sabia que não tem seca aqui.

Nós temos a caixa de água e se faltar água volta no mesmo dia ou no dia seguinte.

Quando eu tinha quatro anos fui para o Nordeste e comi uma tapioca. Eu adorei!

Quando eu tiver nove anos quero ir de novo para Bahia. Você pode me encontrar lá no hotel?

Até mais, Julia Chechetto

19/06/2013

Júlia Nagatsu Chechetto
7 anos





OÍ MARIA
BONITINHA,

Meu nome é Julia Tutume Menescal e moro em Cotia. Maria Bonitinha, que brincadeira você costuma brincar? Você vive muitas aventuras?

Aqui em São Paulo nós brincamos de “pega-pega”, “esconde – esconde” “pique – esconde”, “rio vermelho” e “polícia e ladrão”.

Um dia eu vou ao Nordeste. Maria Bonitinha, quando eu for visitar o Nordeste, você pode me ensinar novas brincadeiras?

Beijos, Julia Tutume

19/06/2013

Julia Tutume Menescal

7 anos





OÍ LÂMPIÃO,

Eu sou o Leonardo, tenho sete anos e comecei a estudar no Sidarta em agosto. Moro na divisa de Barueri e Jandira.

Li o livro da Maria Bonitinha e na história eu conheci você, Lâmpião Júnior. Quero saber se você joga futebol. Vamos nos conhecer para jogarmos futebol?

Abraço Leonardo

19/06/2013

Leonardo de Bittencourt R. Tanus
8 anos





OÍ MARIA
BONITINHA,

Meu nome é Manuela, tenho sete anos,
moro em São Paulo e estudo no Sidarta.
Maria Bonitinha, eu nunca fui ao Nordeste.
Como é o Nordeste?

Vi no livro que aí é muito calor e suas roupas
parecem bem quentes.

Queria saber se o chapéu do Lampião é muito
famoso no Nordeste. Aqui onde eu moro,
não usam o chapéu igual ao dele.

Vamos combinar uma coisa? Eu mando fotos
das roupas daqui e você manda fotos daí.

O que você acha? Ou vem passar as férias
comigo que eu te mostro tudo o que tem
em São Paulo.

Beijos, abraços. Nos falamos algum dia.

Assinado, Manuela

19/06/2013

Manuela Vieira de Biase
8 anos





OÍ MARIA
BONITINHA,

O meu nome é Maria Antonia, eu tenho sete anos. Estudo no Colégio Sidarta e moro em Carapicuíba com a minha mãe, padrasto, minha irmã e com os meus trinta e três bichos.

Maria Bonitinha, o Nordeste é legal? Quando tinha seis anos fui para a Bahia. Lá ouvi falar que não chove muito e às vezes vocês precisam pegar água no poço.

Eu achei que na Bahia é muito calor. Um dia eu poderia conhecer os seus amigos bichos, fazer uma aventura com você na floresta e conhecer Pernambuco? Você me convida?

Assinado, Maria Antonia

19/06/2013

Maria Antônia Vidigal Monteiro de Gouvêa
7 anos





OÍ LAMPiÃO,

Meu nome é Maria Beatriz, moro em Cotia e estudo no Colégio Sidarta.
Na nossa aula de Projeto, a gente leu o seu livro do Lampião e Maria Bonitinha.
Lampião, por que você resolveu ser cangaceiro?
Eu nunca fui ao Nordeste, em Pernambuco. Aí em Pernambuco deve chover pouco. Aqui em São Paulo chove muito! É bem diferente do Nordeste.
Nas férias, eu vou para Pernambuco. Quem sabe nós não nos conhecemos?

Abrço, Maria Beatriz

19/06/2013

Maria Beatriz Gomes de Melo Álvares
8 anos





OÍ MARIA
BONITINHA,

Meu nome é Maria. Moro na cidade de Carapicuíba com a minha avó, meu irmão mais velho e minha mãe. Estudo no Colégio Sidarta. Lá na minha sala, a gente leu o seu livro da Maria Bonitinha e Lampião Júnior. Um dia vou para Pernambuco. Posso te conhecer?

Vamos combinar uma coisa? Eu mando fotos das roupas daqui e você manda fotos daí. O que você acha? Ou vem passar as férias comigo que eu te mostro tudo o que tem em São Paulo.

Beijos, Maria Serra

19/06/2013

Maria Serra Lima Giusti
8 anos





OÍ MARIA
BONITINHA,

Meu nome é Maya, moro em São Roque e estudo no Colégio Sidarta. Eu tenho sete anos e quantos anos você tem? Você é bem corajosa na história de Lampião Júnior e Maria Bonitinha.

Na aula de Projeto, aprendi brincadeiras do Nordeste e gostei mais da “peteca”. E você gosta de brincar de que?

Beijos e abraços, Maya Gago

19/06/2013

Maya Gago
7 anos



OÍ LAMPÃO JUNIOR,

Meu nome é Nicholas. Eu moro em São Paulo com o meu pai, minha mãe e meus irmãos.

O Nordeste parece bem legal. Conheci algumas brincadeiras do Nordeste na minha escola. Você brinca com quais brincadeiras do Nordeste? Aqui eu brinco de jogar futebol com os meus amigos da escola. Um dia você pode jogar com a gente.

Até logo, Nicholas

19/06/2013

Nicholas Kanashiro
8 anos





OÍ LAMPÃO JUNIOR,

Meu nome é Pedro Lopes, tenho sete anos e estudo no Colégio Sidarta. Lemos o seu livro e vi que você tem muitos amigos. Do que vocês brincam? Aqui, no parque, eu brinco de imitar você porque te achei corajoso, mas as minhas brincadeiras preferidas são “pular corda” e “peteca”. Qual é a sua brincadeira preferida?

Assinado, Pedro Lopes

19/06/2013

Pedro Lopes Ferlini Salles

7 anos





OÍ LAMPIÃO JUNIOR,

Eu sou o Pedro Vaz, tenho sete anos e estudo no Colégio Sidarta.
Eu e meus amigos lemos o seu livro e foi muito legal.
No seu livro teve muitas aventuras e você foi muito corajoso.
Também nós estamos estudando as brincadeiras do Nordeste
e a minha brincadeira preferida é “alerta”. E a sua qual é?

Abrço, Pedro Vaz

19/06/2013

Pedro Vaz de Fillippis
7 anos





OÍ LAMPÃO JUNIOR,

O meu nome é Rodrigo, moro em São Paulo e tenho sete anos.
Você conseguiu Lampião, fazer o sertão não virar mar. Foi uma aventura muito legal!
Eu estou sabendo que as brincadeiras de “peteca” e “vivo ou morto” são muito legais. Aqui em Cotia também tem brincadeiras iguais as do Nordeste, só mudam os nomes.
Um dia, eu vou viajar para o Nordeste. Posso te encontrar para você me ensinar novas brincadeiras?

Beijo, Rodrigo

19/06/2013

Rodrigo Pazolini Pinto
7 anos





OÍ MARIA
BONITINHA,

Meu nome é Sofia Cooke, tenho sete anos e moro em Carapicuíba.

Queria saber como é Pernambuco. Eu nunca fui aí, mas nas férias, vou pedir para a minha mãe me levar para conhecer a sua cidade.

A gente pode se encontrar?

Tchau Sofia Cooke

19/06/2013

Sofia Cooke

7 anos





OÍ MARIA
BONITINHA,

Meu nome é Sofia e tenho seis anos. Moro em Cotia e estudo no Colégio Sidarta.

Li o seu livro com os meus amigos e achei você muito corajosa. Por que vocês ficam preocupados do sertão virar mar?

Aqui em São Paulo tem muitas praias e eu já fui em seis.

Você quer ir comigo nas férias conhecer o mar? Posso te ajudar a perder o medo.

Beijos, Sofia Pires

19/06/2013

Sofia Davoli Fierro Machado Pires
7 anos

30
ANO



CARTA LITERÁRIA

Tradições Nordestinas

Obra motivadora: : “Histórias da
Cazumbinha” de Meire Cazumbá
e Marie Ange Bordas

3º ANO

PRODUÇÃO DE TEXTO – 3º EF



Queridos leitores,
Estou aqui buscando as melhores palavras para dizer à vocês o quanto foi importante e gratificante ver as crianças escrevendo estas cartas para Cazumbinha.

Mas... Por que me prender a escolha de palavras se o que quero é compartilhar com vocês um pouco de como desenvolvi este trabalho? Entre amigos não há cerimônia, não é?

Bem... Tudo começou com o estudo que as crianças fizeram sobre o gênero textual Carta Pessoal.

Como as cartas são importantes!

Muitos dizem que as cartas estão fora de moda, ultrapassadas. “Muito trabalho para um mundo tão imediatista! Escolher um papel de carta, um envelope (Destinatário? Remetente? Como é mesmo?),

ir até o correio, esperar numa fila para ser atendido, selar... E quando será que a carta chegará ao seu destino? É muito mais simples e rápido mandar um e-mail!”

Mas...

Quem já recebeu uma carta de alguém querido, sabe o quanto é emocionante pegar aquele envelope! A ansiedade em abrir... ler...

E é neste sentimento, de querer presentear a nossa nova e querida amiga Cazumbinha é que as crianças escreveram suas cartas.

Conhecer Cazumbinha foi para as crianças, conhecer um novo universo: Viver no sertão da Bahia... Correr de boi bravo... Mostrar o bumbum para o miquinhos... Comer arará.... Cambuci... Requeijão duro...

E as festas... Festa de nove dias? Como?

É...

A leitura compartilhada do livro “Histórias de Cazumbinha” proporcionou às crianças, entre muitos outros pontos, conhecer uma menina que nunca brincou com videogame, nunca foi a um Shopping Center, mas viveu intensamente sua infância, contada nas lindas e divertidas histórias do seu dia a dia.

Ao ler cada uma das cartas escritas pelas crianças, você perceberá que os assuntos contidos em cada uma delas, nos remetem àquelas conversas que tínhamos com nossos amigos ao reencontrá-los em nossos caminhos.

Que tal, a partir desta leitura, você se inspirar e iniciar a escrita de uma carta para uma pessoa especial?

“... Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha, mas não nos deixa só, porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso.”

Charles Chaplin

Aproveite esta oportunidade!

Um grande beijo,

Patricia Schmidt e

Aline Carolina C. de Oliveira

Professoras do Colégio Sidarta





Cotia, 6 de junho de 2013.

Oi Cazumbinha, meu nome é André, tudo bem com você?
Eu sou curioso e tenho algumas coisas que eu quero te perguntar sobre lendas e animais, pode ser?

Bem... Vou começar pelos animais.

Ao ler a sua história fiquei sabendo que você mora no sertão da Bahia. Por aí tem jaguatirica? Tem onça pintada? Tem tamanduá? Tem sagui?

Aqui em Cotia eu já vi saguis e vários pássaros. Na escola onde estudo tem coelho, galinha d'angola, jabuti e tigre d'água.

Um dia eu e minha família fizemos uma linda viagem de Las Vegas ao Grand Canyon, no Arizona. No caminho eu vi um papa-léguas. Você já viu um papa-léguas? Ele não é daqui do Brasil. Ele é uma ave pequena muito rápida, tão rápida que nem dá tempo de ver as cores das suas penas!

Mudando de assunto, ouvi falar que perto da sua casa tem um rio que chama Rio São Francisco e que você conhece a lenda do Caboclo d'água. Você já viu este monstro que atormenta as pessoas que navegam pelo rio? Você tem medo dele?

Eu conheço várias lendas, como, Mapinguari, Negro d'água e Labatut. O interessante é que o Negro d'água, além de viver no Rio Tocantins, ele também vive no Rio São Francisco.

Você conhece estas lendas? São bem interessantes!

Tchau Cazumbinha. Até a próxima!



**André Mandelli de
Carvalho Marques**

9 anos



Cotia, 29 de maio de 2013.

Olá Cazumbinha, eu sou a Catarina e moro em um condomínio florestal no estado de São Paulo. Onde você mora deve ser bem diferente daqui, né?

Um condomínio florestal tem muitas árvores e animais silvestres. Neste condomínio também tem várias casas, salão de festas e até academia de ginástica. Aí no sertão da Bahia tem academia? Ops... eu falei de festas! Eu li no seu livro que no lugar onde você mora tem várias festas, como, Festa do São João e Festa do Divino. Fiquei sabendo que você tem um cavalo chamado Pensamento. Ele deve ser muito esperto, bonito e bonzinho, né? Ah... você também tem um cavalo bravo.

Eu já andei e corri à cavalo. Apreendi a correr com os cavalos que se chamam Mickey e o outro Vovô. Tinham outros cavalos, mas só estes eram bonzinhos.

Eu conheci na história que existem alguns miquinhos e bugios que não deixam seus amigos e você pegarem as frutinhas de cajá. Na minha casa tem bugios e é uma família! Dizem que o ronco do bugio faz chover. Será que isso é uma verdade ou uma lenda?

Aqui onde eu moro também tem lendas como a do Saci Pererê, Boitatá, Curupira e muito mais. Você conhece essas lendas?

Eu gostei da lenda do Bicho Horácio. É verdade que ele só pega as crianças que põe o dedo na boca?

Eu soube que você pode nadar no rio e nele vive um peixe chamado piaba, mas é verdade que se você engolir ele vivo, você aprende a nadar?

Eu adorei o seu livro. Vou guardá-lo com muito carinho. Apreendi muitas coisas do Nordeste e sobre você. Ah... também gostei das fotos!

Beijos,

**Catarina Alencar
Guerra Figueiredo**

8 anos



Enzo Toque
9 anos

Cotia, 29 de maio de 2013.

Oi, eu sou o Enzo.

Moro no estado de São Paulo, no município de Cotia. Estudo no Colégio Sidarta e a minha classe é o 3º ano.

Tenho oito anos e nasci no dia 10 de maio. Meus esportes preferidos são futebol e hipismo. Você sabe o que é hipismo?

Hipismo é igual a andar a cavalo. A gente aprende em uma escola e depois de um tempo de treinamento, participamos de competições. Se um dia eu for te visitar a gente pode andar a cavalo juntos, né? Também posso te ensinar minhas brincadeiras prediletas que são Polícia e Ladrão e Bica na lata.

Eu gostei de saber como vocês se divertem. Brincam com bonecas feitas de milho, sobem em árvores, participam das festas, nadam no rio e fazem carros de boi.

O nosso jeito de brincar é um pouco diferente. Nós não fazemos os brinquedos, muitos deles nós compramos. Eu tenho um frisbee, um bumerangue e um jogo que se chama Explorando o Brasil. Você conhece?

Outra coisa que aqui é diferente são as frutas. Aqui nós temos uva, manga, laranja, maçã, tangerina... Você já comeu essas frutas? Eu tenho certeza que vai gostar!

Eu gostei de conhecer as frutas daí do Nordeste que você escreveu no seu livro.

Um abraço Cazumbinha,



Cotia, 29 de maio de 2013.

Cazumbinha, oi!

Eu sou o Franco. Tenho 8 anos. Nasci no dia 12/08/2004 no Hospital Albert Einstein na cidade de São Paulo. Quando eu nasci era um dia de sol. Lá no hospital tinha uma festa para comemorar a minha chegada.

Você contou que você nasceu em um dia de muita chuva e que uma parteira ajudou você nascer! Seria melhor se aí tivesse um hospital igual daqui para fazer o parto das crianças. Assim as crianças não iam mais ter a doença do mal de sete dias!

Fui crescendo e aprendendo novas brincadeiras como, polícia e ladrão, bica na lata, esconde-esconde, pique-esconde, pega-pega e muitas outras. Eu tenho vários brinquedos como Lego, Carros dois... Tenho também as cartas de Pokemon. Você conhece? Ah... tem muitas pessoas do colégio que tem essas cartas de Pokemon. Aqui eu também monto brinquedos mais só no Lego. Eu não uso milho, osso, madeira ou outros materiais para montar brinquedos como vocês fazem aí.

Eu gostei muito do seu livro, de conhecer a sua história e de saber como você nasceu.

Tchau,

**Franco Pizzini
Semeghini**
9 anos



COMIDAS

↓ sorvete



Giulia Saporito
Bazi
8 anos

Cotia, 29 de maio de 2013.

Oi Cazumbinha, eu sou a Giulia.

Eu moro no município de Cotia, no estado de São Paulo e gosto muito de cachorro. Você tem cachorro?

Conheci, lendo a sua história, que aí onde você mora, no sertão da Bahia, tem comidas bem diferentes das que eu conheço. Mas também têm algumas comidas que são quase iguais daqui, tipo o requeijão. Aqui o requeijão é mole e não duro como aí.

Um dia eu comi rapadura e não gostei. Você gosta de rapadura?

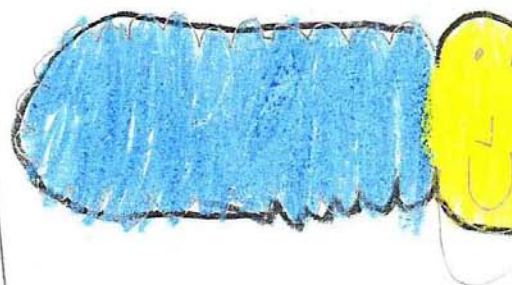
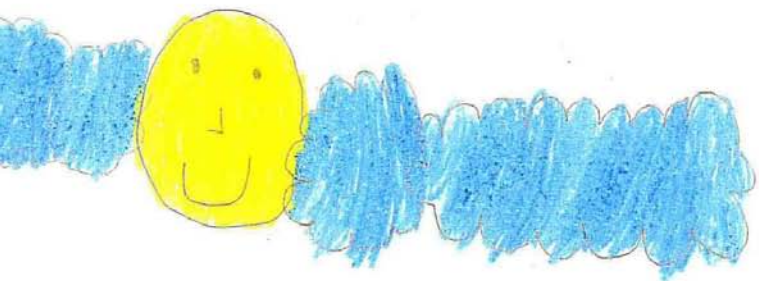
Eu fiquei sabendo que vocês fazem a festa de São João.

Aqui a gente faz a Festa Junina. A nossa festa dura algumas horas. A festa que vocês fazem dura dias! Nossa!

Em nossa Festa Junina tem churrasco, sorvete, tapioca, suco e pastel. Também tem apresentação de danças como a quadrilha.

Bem... Foi muito bom tem conhecer.

Um beijo e tchau Cazumbinha.





**Heitor Oliveira
Silva**
9 anos

Cotia, 05 de junho de 2013.

Olá Cazumbinha, meu nome é Heitor e eu li o livro que conta a sua história.

Conheci muitos brinquedos que você faz. Um deles é o carrinho de boi. Achei o carrinho de boi bem interessante. Eu nunca fiz nenhum brinquedo com caixa, mas na escola eu fiz uma máscara de jornal e vou falar como é que fiz.

Primeiro rasga o jornal bem pequeno, depois molha e coloca cola e farinha e quando a massa estiver pronta, é só moldar na máscara e deixar secar. Depois de seca você pode pintar como quiser.

Eu estudo no Colégio Sidarta e aqui na minha escola tem um bosque e nesse bosque tem saguis. Às vezes eles passam pelo muro perto da janela da minha sala de aula e ficam vendo a gente estudando pela janela. A minha avó já pegou um sagui na mão e ele não mordeu ela. Aqui na escola nós não podemos mexer nos saguis.

Eu percebi que ai onde você mora tem muitos saguis que ficam nos pés de cajá e vocês brincam de mostrar o bumbum para eles e os danadinhos riem de vocês!

Foi muito legal ler o seu livro "Histórias da Cazumbinha" porque eu conheci novos brinquedos e como é a vida no sertão da Bahia.

Um abraço,



Cotia, 05 de junho de 2013.

Oi Cazumbinha, tudo bem?

O meu nome é Hikaru e moro em Cotia. Li a sua história e fiquei sabendo que você mora no sertão da Bahia. Observei as fotos do livro e vi que aí o chão é de terra e tem tempo de seca e de cheia. Você gosta de morar neste lugar?

Gostei de saber que vocês podem nadar no rio São Francisco. A água deve ser bem limpa! É verdade que quando vocês comem um peixe chamado Piaba vocês aprendem a nadar? Isto parece uma lenda! Eu conheço algumas lendas como Boitatá, Cabra-Cabriola, Mula-sem-cabeça, Saci-Pererê, Curupira, Boto e Negrinho do Pastoreiro, você conhece estas lendas?

Vocês brincam bastante por aí, né?

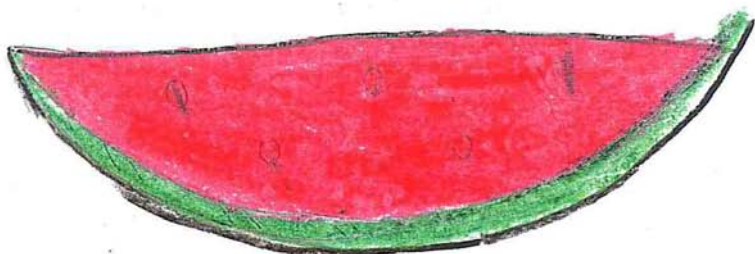
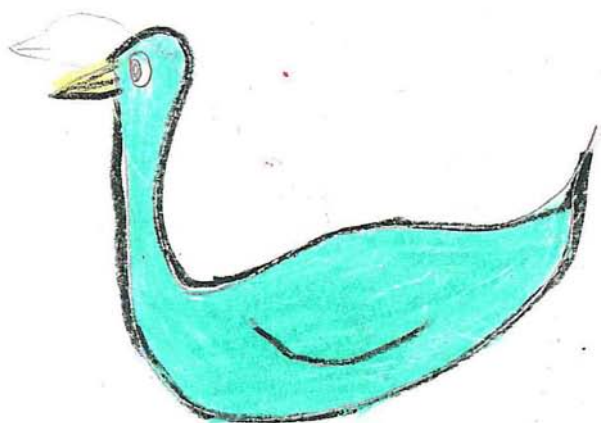
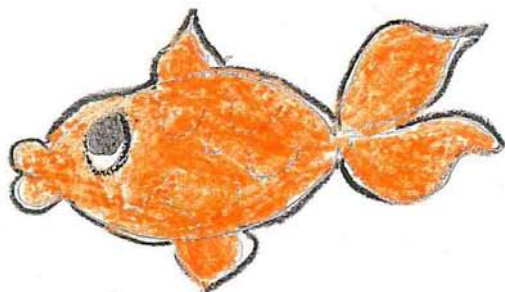
A minha brincadeira favorita é Polícia e Ladrão e a sua? Você sabe brincar desta brincadeira? Se você não sabe, eu te ensino.

Gostei de te conhecer.

Tchau. Um abraço.

Hikaru Ogasawara

9 anos





Cotia, 29 de maio de 2013.

Oi Cazumbinha, tudo bem? Meu nome é Isabella, mas pode me chamar de Isa.

Moro em Barueri, no estado de São Paulo, em um condomínio que tem uma floresta ao lado.

Nesta floresta tem raposa, saguis, cobras, pássaros, porco-espinho e sapos.

Um dia um pássaro muito esquisito que era preto, com pintinhas brancas e com enormes pés amarelos, caiu dentro do canil da minha cachorra e ela quase o matou, mas meu pai chegou, pegou e o soltou na floresta.

Nesta floresta também tem várias árvores frutíferas como limão, amora, banana, mexerica e jabuticaba.

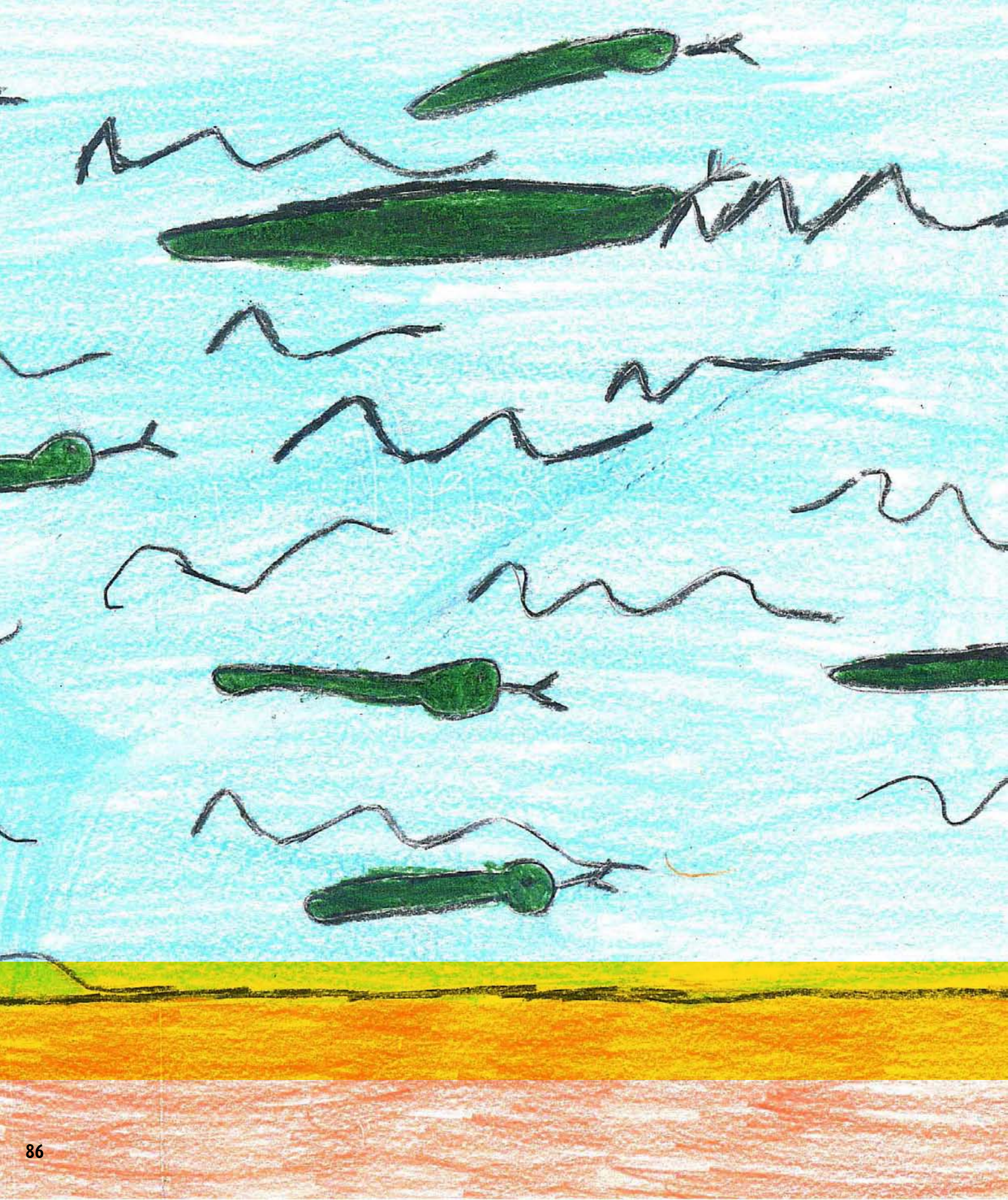
Eu soube que aí tem várias frutas como canapu, artium, imbuzeiro e araçá.

Um dia eu experimentei estas frutas num Piquenique Nordesteiro que a minha professora organizou aqui na escola e gostei muito.

Adorei conhecer você. Muitos abraços,

**Isabella Maria
Ribeiro**
8 anos





Cotia, 29 de maio de 2013.

Olá Cazumbinha, eu sou a Isabella, moro em Cotia e fiquei sabendo que aí onde você mora é muito diferente daqui. Aí na Bahia tem alguns alimentos que eu não conhecia como, articum, canapu, jatobá, imbu, araçá, farinha de mandioca, rapadura e cana-de-açúcar. Foi bom conhecer. Eu experimentei alguns e gostei da cana-de-açúcar. E você, conhece as nossas comidas?

Aqui tem a carne-louca, gelatina, biscoito, salsicha, capuccino, bolo de listras, etc.

Eu fiquei sabendo que perto da sua casa tem um rio que se chama São Francisco e ele é limpo. Vocês podem brincar neste rio, mas ele tem os seus perigos, tipo as cobras!

Neste rio também tem um peixe chamado Piaba. É verdade que quando você come a Piaba você aprende a nadar?

Aqui perto da minha casa também tem rios, mas os rios daqui são poluídos com garrafas pets e água de esgoto e por isso não podemos brincar e nadar como vocês e nem tomar esta água.

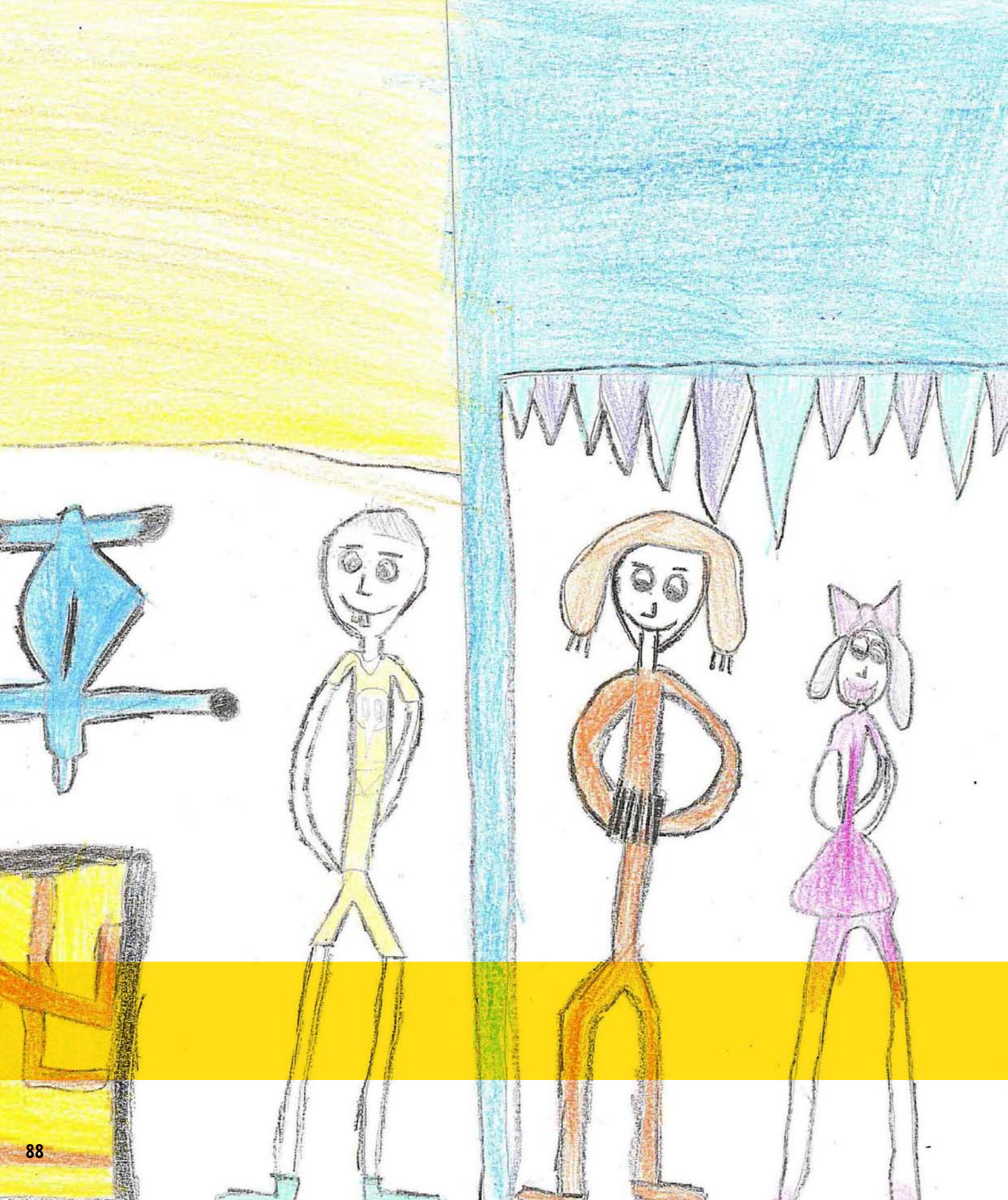
Eu queria que limpassem o rio para eu poder nadar igual a você.

Eu adorei o seu livro porque eu aprendi muito sobre as pessoas que vivem aí no sertão da Bahia.

Um beijo,

**Isabella Yoshizumi
Cardoso de Mello**

8 anos



Cotia, 29 de maio de 2013.

Bom dia Cazumbinha, você está bem?

Eu moro em Cotia, na parte mais rural. A minha casa é grande e tem muito espaço para eu brincar. Eu brinco de subir em árvores. Um dia eu subi na árvore com o meu amigo Pedro Henrique para procurar minha bola de futebol e de lá de cima nós vimos a bola no jardim da casa da frente e nós pegamos a bola e voltamos a jogar.

Eu conheci as suas brincadeiras. É você quem monta suas bonecas de milho e carro de boi?

Aqui eu também monto brinquedos, mas eu não monto com milho e nem com ossos, eu monto com lego.

Mudando de assunto, eu gostei da festa do Divino e a festa de São João que vocês fazem aí. Vocês dançam nestas festas?

Aqui no colégio nos estamos ensaiando a Festa Junina. Nesta festa nós vamos apresentar uma dança chamada Quadrilha. Você já assistiu uma Quadrilha?

Eu assisti três vídeos que mostravam pessoas dançando Quadrilhas. Elas eram de Pernambuco e dançavam em um espaço grande. Você já foi assistir este festival? Adorei o seu livro porque eu aprendi sobre o Nordeste.

Tchau.

**João Pedro Malaquias
de Moura Ribeiro**
8 anos



Cotia, 26 de Agosto de 2013.

Olá Cazumbinha, tudo bem?

Eu sou o José e sou novo aqui no Colégio Sidarta. Cheguei agora em Agosto. Li o seu livro e gostei da parte que fala de quando você cai na água do Rio São Francisco.

Este rio deve ser muito grande! Na época de cheia ele invade as terras fazendo desenhos. Eu nunca vi um rio assim.

Cazumbinha, eu fiquei sabendo que você tem um cavalo chamado Pensamento que é bem rápido e bem bonito. Eu também tenho um cavalo bem rápido e adoro cavalgar.

Foi muito bom ler seu livro porque nós temos muito em comum.

Um abraço,

**José Gonçalves
Alonso Pires**

8 anos



Cotia, 10 de junho de 2013.

Oi Cazumbinha eu sou a Maria Fernanda. Eu fiquei sabendo que você mora no sertão da Bahia. Quando você nasceu estava em tempo de cheia. Quase a parteira não conseguiu chegar para ajudar você a nascer. Mas aí também tem tempo de seca! A terra do chão até se quebra!

Eu moro em Cotia e aqui está parecendo que estamos em tempo de seca. Faz 27 dias que não chove!

No mês de abril vieram aqui na minha escola dois índios do grupo Fowá Fulni-ô. Eles moram em Águas Belas, Pernambuco. Eles contaram que lá onde moram estava muito seco, mostraram algumas fotos e eu vi que os rios secaram e os animais morreram. Eu fiquei preocupada.

Descobri, lendo a sua história, que aí tem um rio que se chama São Francisco. Aqui tem o rio Cotia que fica perto da minha escola e também tem o rio Tietê. Eles estão poluídos e não servem para nadar porque tem muito lixo e nunca mais as pessoas puderam entrar nestes rios.

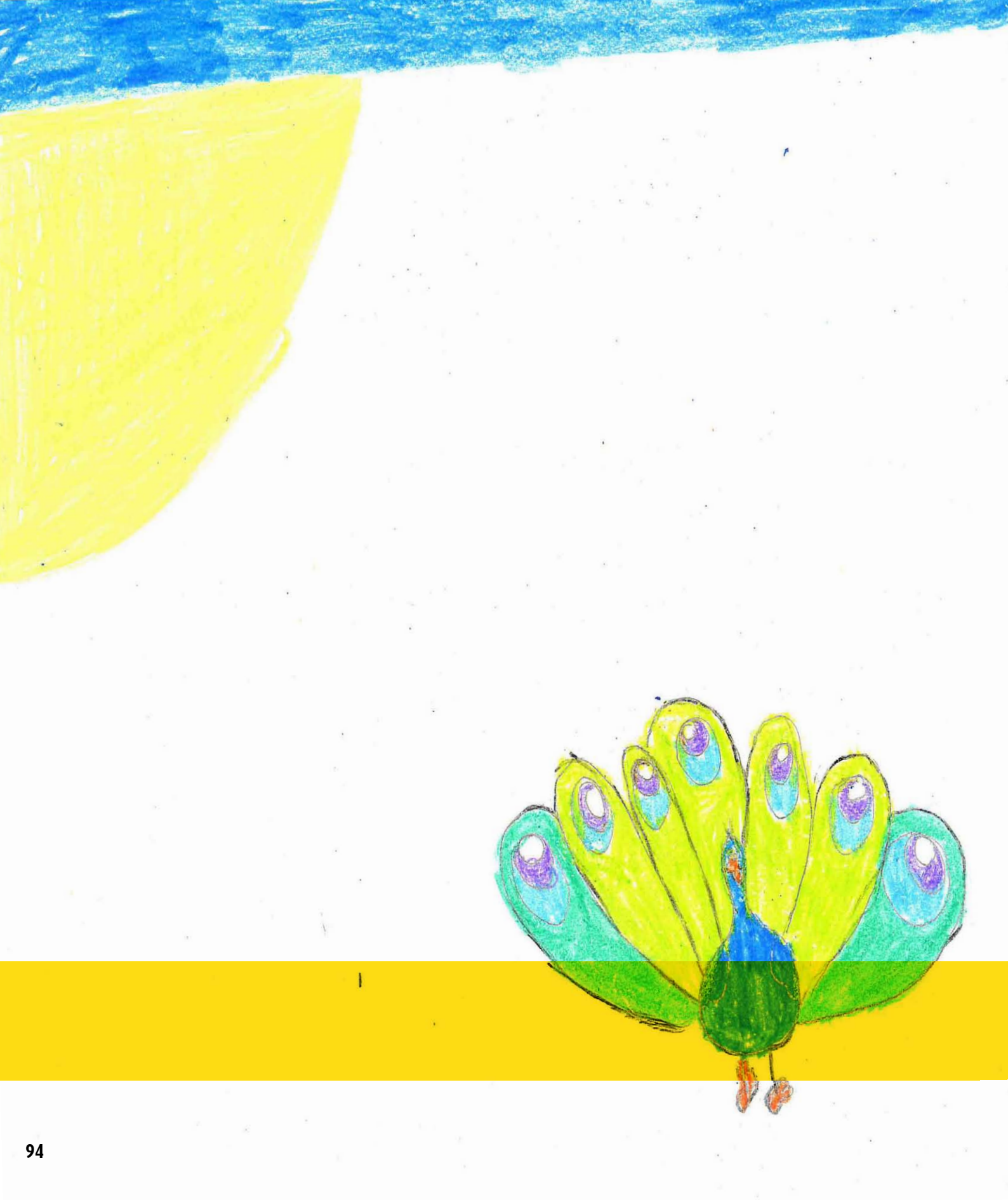
Ficaria muito feliz se todos os rios ficassem limpos para todo mundo poder nadar e se divertir.

Gostei muito de te conhecer.

Beijos,

**Maria Fernanda
Gomes Azambuja**

9 anos



Natalia
Ann O' Brien
9 anos

Cotia, 10 de junho de 2013.

Oi Cazumbinha, tudo bem?

Meu nome é Natalia. Eu moro em Cotia, em um condomínio que se chama São Paulo 2. Estudo no Colégio Sidarta. Eu gosto muito de brincar de pique-esconde. Você sabe brincar de pique-esconde?

É assim: uma pessoa é o pegador e os outros têm que fugir e se esconder. Se o pegador achar uma pessoa, ele tem que pegar. Se ele pegar, talvez esta pessoa vire o pegador, mas se alguém "salvar o mundo", a pessoa não vira pegador. Só a última pessoa pode "salvar o mundo", quer dizer, salvar todo mundo.

É divertido brincar com bonecas feitas de milho?

Eu já brinquei com uma que eu fiz.

A primeira coisa que fiz foi pegar o milho. Depois eu peguei minha máquina de costura e fiz uma roupa.

Peguei palha e cola e coleí a palha e a roupa e fiz o pé de palito. Depois que secou, eu brinquei e foi legal.

Eu fiquei sabendo que você brinca no rio com seus amigos e seus irmãos Filó, Maria Odete, Amélia, Verbena, Feliciano e Amelina. Aqui eu não posso brincar no rio porque o rio daqui é muito poluído. Se o rio não fosse poluído eu entraria na água como vocês!

Foi bom conhecer você Cazumbinha. Boa sorte. Um beijo.



Cotia, 10 de junho de 2013.

Oi Cazumbinha, como vai, tudo bem?

Eu sou a Pietra. Eu moro em Cotia, num município do estado de São Paulo e você mora no interior da Bahia, as margens do rio São Francisco. É bem longe daqui, né?

Eu estudo numa escola que fica perto da minha casa. Na minha escola também tem miquinhos como aí na sua casa e eu tenho duas cachorras. A menor se chama Sofia e a maior se chama Dora. Você também tem cachorros? Como eles se chamam?

Você contou que o seu pai trabalha de boiadeiro. Ele vai a cavalo levando a boiada para as fazendas.

O meu pai trabalha em um restaurante. Ele assa a carne e ajuda na cozinha. Eu ainda não sei o que vou ser quando crescer. E você, o que você vai ser? Eu achei muito legal seu livro porque conta muitas histórias da sua vida.

Beijos,

Pietra Saporito

Bazi

8 anos



**Tayna Liberato
Velho**
8 anos

Cotia, 10 de junho de 2013.

Oi Cazumbinha, eu sou a Tayna, está tudo bem com você?

Eu moro em Cotia. Sabia que eu li seu livro e adorei porque conheci muitas coisas novas, como a lenda da piaba?

Eu achei a lenda da piaba bem diferente porque a pessoa que quer aprender a nadar tem que engolir uma piaba viva. E você já sabe nadar? Quantos peixes você precisou engolir?

Eu sei nadar, mas não precisei engolir nenhum peixe. Aprendi em uma escola de natação.

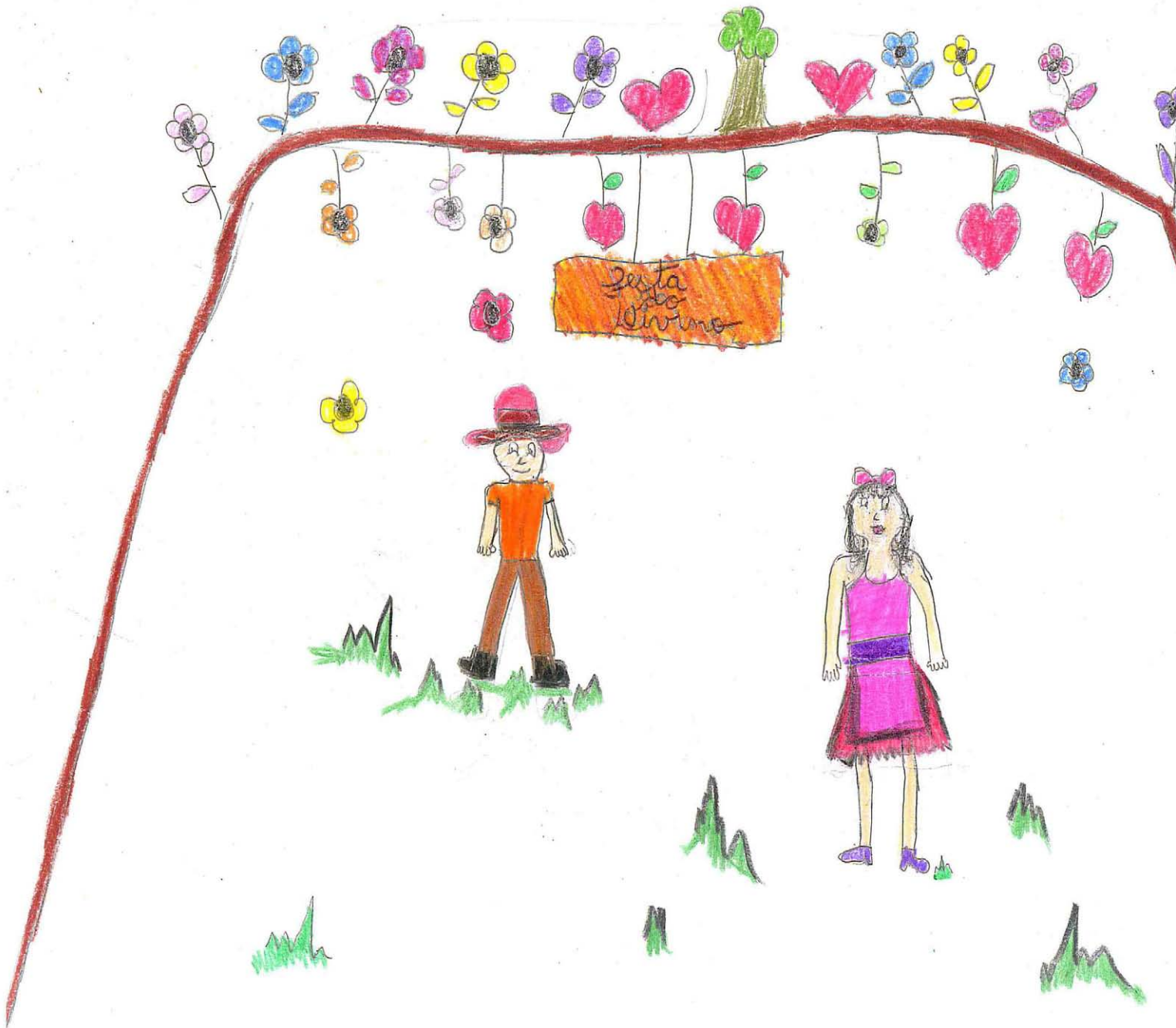
Mudando de assunto... É legal fazer boneca de milho?

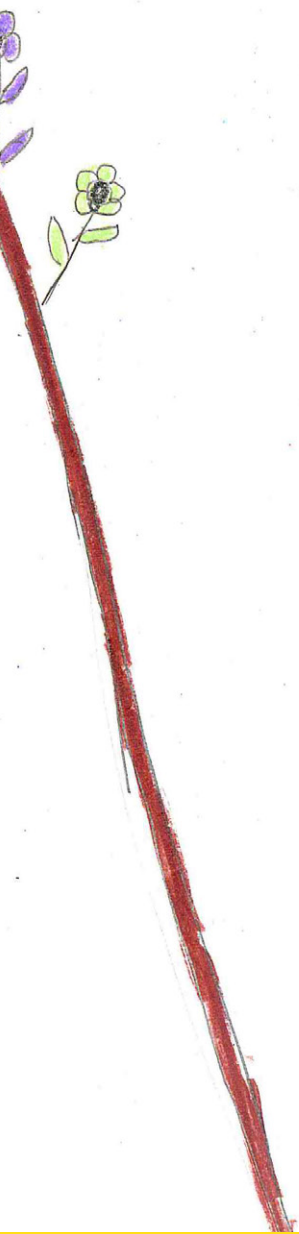
Eu vi que vocês brincam muito com esse brinquedo.

Aqui eu nunca fiz uma boneca de milho e nunca brinquei com uma. As minhas brincadeiras prediletas são andar de patins e nadar. Você já andou de patins?

Foi legal conhecer sua história.

Beijos, tchau.





Cotia, 10 de junho de 2013.

Olá Cazumbinha, sou a Thabata e fiquei sabendo que você mora no sertão da Bahia.

Li a sua história e foi muito interessante conhecer sobre o sertão nordestino.

Uma coisa que me chamou bastante atenção foi perceber a diferença entre a vegetação daí da vegetação que tem aqui perto da minha casa.

Pesquisei e descobri que o nome para o tipo de vegetação daí do sertão é caatinga. As plantas são espinhosas, secas e praticamente sem folhas.

Aqui no município de Cotia nós temos a Mata Atlântica. Nela há muitas árvores que formam grandes florestas. Algumas árvores são frutíferas, como mexerica e laranja. Aí no sertão da Bahia têm mexeriqueiras e laranjeiras?

Achei a festa do Divino bem legal. Nunca vi uma festa de nove dias! De todas as noites da festa, a que mais gostei, foi da última porque tem a brincadeira de pegar a argolinha. Quem pega a argolinha que fica presa no pé de juá é quem rouba a princesa. Deve ser bem divertido!

Nesta festa do Divino seu pai foi o Imperador, aquele que deve organizar tudo, mas eu fiquei sabendo que a profissão do seu pai é boiadeiro, aquele que leva a boiada para todo lugar.

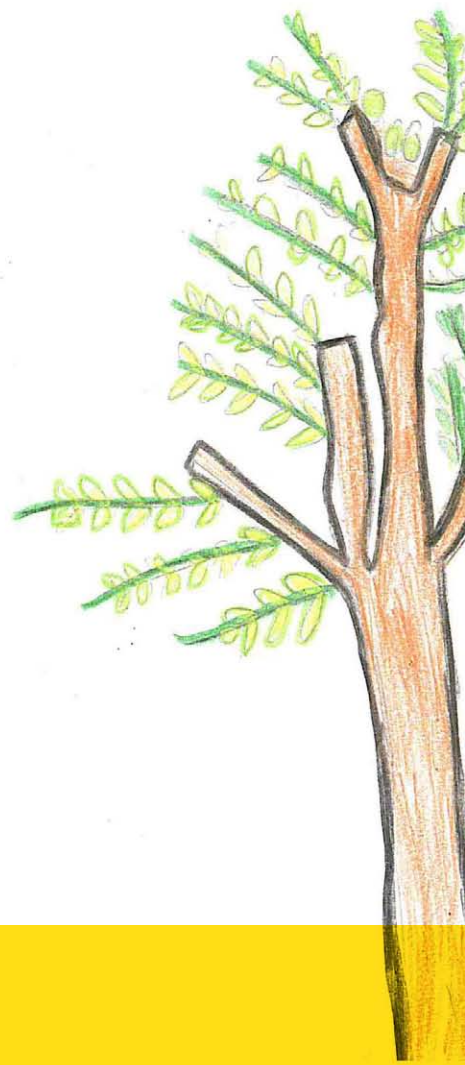
Aqui em Cotia eu nunca vi essa profissão. Meu pai trabalha como cargueiro e minha mãe em financeira. E aí no sertão tem essas profissões?

Gostei muito da sua história e aprendi muitas coisas que eu não sabia.

Muitos beijos,

Thabata Meyer
Pflug Tranjan

8 anos





Cotia, 10 de junho de 2013.

Oi Cazumbinha, meu nome é Tiago e moro em São Paulo. Eu adoro churrasco e batata frita. Você já comeu churrasco? É muito bom e eu também adoro requeijão!

Eu li seu livro e gostei muito dele e pude aprender sobre as frutas que você come, como canapu, articum, jatobá e araça.

Na escola eu fiz um piquenique que tinha algumas comidas do nordeste, como tapioca, cuscuz, articum, cambuci e cana-de-açúcar. O que eu mais gostei foi da tapioca. Você já viu estas comidas? Você já comeu estes alimentos?

No seu livro eu também vi duas festas como festa de São João e festa do Divino. A festa de São João eu aprendi que tinha muita dança, música e enfeites do nordeste. Eu não sabia que a festa de São João era tão parecida com a festa Junina.

E na festa do Divino tem uma semana de festejo que todo mundo dança e brinca.

Aqui tem várias festas. O Halloween é uma delas. As crianças se fantasiam de caveira, de vampiro e de múmia e no meio da festa todo mundo vai à vizinhança pegar doces.

Em dezembro tem o Natal que é muito legal porque as crianças ganham presentes se elas se comportarem.

E tem uma festa que se chama Páscoa que todo mundo ganha ovo de chocolate.

Eu achei muito legal a sua história.

Espero te conhecer melhor.

Até breve!

Tiago Yagi Ng

9 anos

40
ANO

CORDEL

Tema:

ANIMAIS DA CAATINGA

Tradições Nordestinas

Obra motivadora: **“Rimas animais”**
de César Obeid e **“O Rei do
Baião do Nordeste para o mun-
do”** de Arievaldo Viana

4º ANO

PRODUÇÃO DE TEXTO – 4º EF



*“Minhas rimas vão contar
Coisas muito engraçadas
Como fugas de caçadas
E alguns hábitos esquisitos
Outras coisas são sérias
Como a importância dos banhos
Mesmo os bichos mais estranhos
Todos eles são bonitos. ”*
César Obeid

Os alunos do 4º ano receberam uma tarefa que pode ser considerada um grande desafio: produzir textos em cordel. A leitura do livro “Rimas Animais”, César Obeid aguçou a curiosidade do grupo em pesquisar sobre os animais do nordeste brasileiro e aprender a produzir esse gênero.

Durante a leitura compartilhada, as crianças se aproximaram de características próprias do gênero: métrica e tipos de rimas (sextilhas, setilhas, oitavas, décimas, etc). Esses conceitos foram aprofundados posteriormente.

O processo continuou com o estudo sobre a origem do cordel e suas contribuições para a cultura brasileira, diferenciando - o do cordel português, adquirindo características próprias.

O próximo passo foi ouvir e ler cordéis de

diferentes artistas, como o querido Moreira de Acopiara, com o cordel “Ser Cearense”, que conta sobre a trajetória e a vida dos nordestinos. Comparamos esse gênero com poesias e observamos semelhanças e diferenças.

A aproximação com o cordel trouxe curiosidade e encantamento para o grupo:

“Quero aprender a tocar cordel no violão.”
Cauê Abud.

Durante a nossa pesquisa, observamos que muitos cordéis são reescritos a partir de fábulas produzidas por autores famosos da nossa literatura, como a fábula “Segredo de Mulher”, escrita por Monteiro Lobato e que aparece na versão cordel como “A velhota fofoqueira” de César Obeid.

O grupo do 4º ano envolveu-se muito com a escrita do cordel. É notório como foi algo

muito significativo para a turma. A partir das pesquisas e leituras, elaboramos um mini-dicionário com palavras e expressões nordestinas, usadas pelas crianças em suas produções. Além disso, observamos em todos os textos lidos recursos de linguagem usados pelos autores estudados e textos compartilhados.

Toda essa pesquisa e envolvimento também estiveram presentes na pesquisa sobre animais do nordeste. Fizemos uma pesquisa de inicial sobre alguns animais e as crianças ficaram muito felizes quando descobriram que o símbolo da Copa 2014 é um animal

do nordeste:

“O tatu bola não pode faltar na nossa produção”. Gustavo Ribeiro

Além do tatu bola, elegemos o carcará, o gato do mato, o cachorro do mato e a ararinha azul como personagens principais dos nossos cordéis. Cada criança selecionou aquele animal que mais se identificou e escreveu seu cordel sobre ele.

“Fazer cordel sobre o gato do mato foi muito divertido! Apreendi sobre esse animal que era desconhecido para mim.” Clara Monte. Convidamos vocês a lerem nas páginas seguintes os textos dos pequenos cordelitas.

**Carolina França e
Pamela Thiciane Muniz Santos**

Professoras do Colégio Sidarta



CACHORRO do MATO

Vou te contar
Sobre este animal
ele vive em campos
e na área florestal,
eles viverem juntos
é um pouco casual.

Agora vou lhe contar
sobre a alimentação:
frutas, insetos, crustáceos
come na refeição
coisas mortas na rua
também não desperdiça não

Ele é bem fofo
e confundido com o senhor "Raposo"
seu nariz é pontudo, mas muito jeitoso
quando o inimigo aparece
ele fica medroso.

Amanda Faith Kanashiro
10 anos





CACHORRO do MATO

Ele é da caatinga
Lá é bem distribuído
O cachorro do mato
Tem focinho bem comprido
Seu habitat pode ser cerrado
Ou um local escolhido

Ele é noturno
Sua cauda é comprida
fica na espreita
A procura de comida
E pela fêmea
arrumam uma grande briga.

Carolina Bonfiglioli Lopes
10 anos



CONHECENDO O SARUÊ do NORDESTE


Gambá ou Saruê
Como devo lhe chamar
Tanta coisa para dizer
Nem sei como te contar
Se você quiser saber
É só me acompanhar

Saruê não caça de dia
E também são brutos
Então quando escurece
Vai caçar e coletar frutos
E também o Saruê
Não vive em grupos

Ele é do Nordeste
É difícil de encontrar
Se você achá-lo
Ele logo vai escapar
Pois ele tem medo de nós
Porque podemos assustar.

Carolina Meyer Durão
9 anos





SOBRE DIFERENÇA ENTRE SARUÊ E GAMBÁ

O Saruê ou Gambá
Como deve lhe chamar
Somos muito parecidos
Até no jeito de andar
Moramos na caatinga
Ou em qualquer outro lugar

Comemos de tudo
Até estufar
Sempre a noite
Para o inimigo não nos pegar
Quando isso acontece
Um fedorzinho vamos soltar.

Cauê Abud Wincheski
9 anos





GATO do MATO

Gato do Mato
Se você quer saber
Tem rabo pintado
É fácil perceber
Come gambá ou outros bichos
Carniça? Ele também vai querer

Não se confunda
Gato domestico
Gato do Mato
Um está ameaçado
O outro gosta de rato
Mas ambos são corados.

Clara Yuasa Monte
10 anos



TATU BOIA

Eu estava andando
E vi um tatu bola
Ele era gordinho
E parecia uma bola
Quando me viu
Saiu pulando como uma mola

Símbolo da caatinga
E também da Copa
Pois o seu formato
Lembra uma bola
Quando quer se defender
Se enrola e rola.

Enzo Rodrigues Castilho
10 anos





TATU BOLA

Pequeno Tatu – Bola
Símbolo da Copa
Com medo se enrola
Não fica com perna torta
Pois fica no Nordeste
Sem comer torta

O Tatu - Bola é da Copa
Ele é bem fofinho
Pois é da caatinga
Ele também é bem rapidinho
E faz sucesso na TV
Ele é meio ruim em cavar
buraquinhos.

Fernando Ganzer Koelle
9 anos



ANIMAL do NORDESTE

Vamos Adivinhar?
Ele é bem grandinho
Fofinho também é
Com seu focinho compridinho
Come frutas, ovos e insetos
Tem 6 filhotinhos que são bem
bonitinhos

Lá vai outra dica:
Tadinho, vive sozinho.
Se confunde com raposa
Mas coitadinho
Não tem esposa
Às vezes é em bravinho

Você Adivinhou?
Lá vai a última dica:
O nome científico é *Cercopithecus*
thomasi
Difícil fica?
É o Cachorro do Mato.
Uma espécie muito rica

Giulia Antoni Fracasso
10 anos



TATU BOIA

Se “ocê” ver um pequeno animal
O nosso amigo tatuzinho
Ele vai se enrolar
Porque é muito medrozinho
Muito fofo ele é
E também muito rarinho

Se “ocê” quer vê-lo
Só pode na caatinga
Observe todo o corpo
É marrom, menos a barriga
Ele mora no buraco
Mas não confunda com a formiga

Quando está com a galera
É festança e tudo
Mas dentro da sua bola
Seu tamanho é absurdo
Sua cabeça é tão pequena
Que não consegue levar cascudo.

Gustavo Friedrich Moller Ribeiro
9 anos





TATU BOIA

Ele é da caatinga
Muito difícil de se encontrar
E se encontrar
Ele vai se enrolar
Ele é o animal da Copa
Porque bola pode virar

Ele é mamífero
Apelido: bolinha
Vive no cerrado
E ainda por cima
Ele também
Não tem espinha

Ele é legal
Porem não cava bem
É bonitinho
Fofinho também
Nasce pequeno
Cor vermelha não tem.

Henrique Shitara Yamamura
9 anos

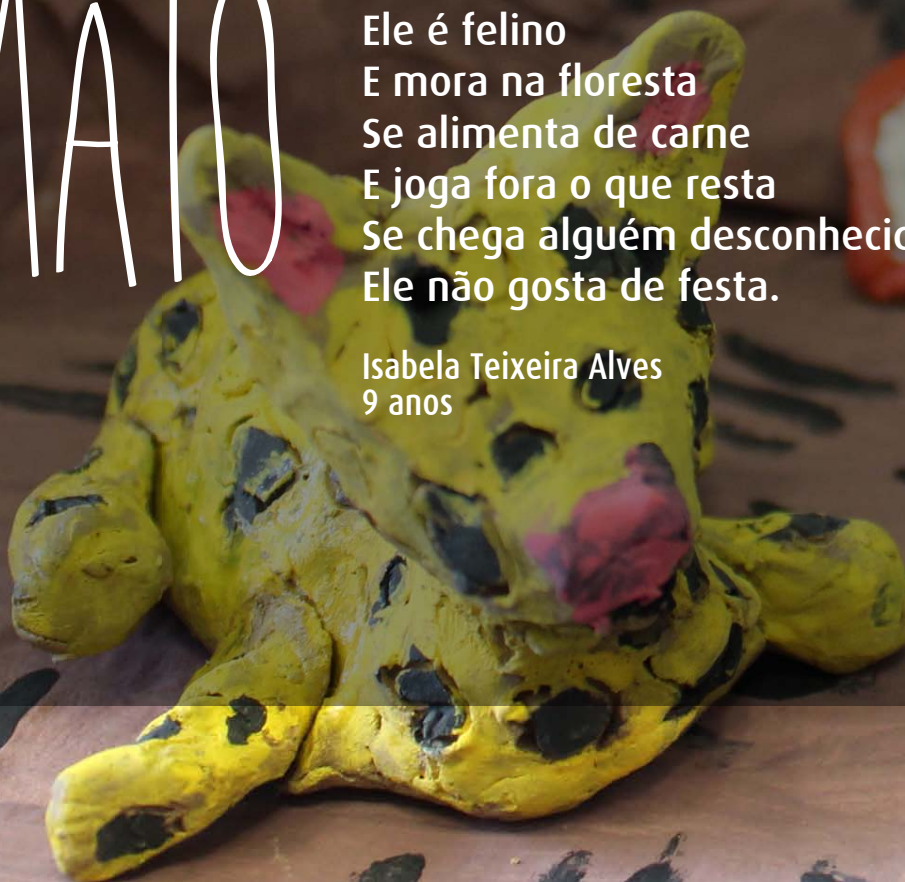


GATO do MATO

O Gato do Mato
É bem lindinho
Quando ele fica assanhado
Ele fica agitadinho
Carnívoro ele é
E é também muito fofinho

Ele é felino
E mora na floresta
Se alimenta de carne
E joga fora o que resta
Se chega alguém desconhecido
Ele não gosta de festa.

Isabela Teixeira Alves
9 anos





GATO do MATO

O Gato do Mato é pequeno
O gato do Mato é fofinho
Usa tronco como abrigo
É muito bonitinho
É quase igual a Jaguatirica
E tem olho grandinho

É o menor da sua espécie
na América
do Sul
Para entender
Preste bem atenção
Para não perder
A sua imaginação
E ajudar a extinção deter

A família dele é dos felinos
A classe dele é mamalia
Ele é carnívoro
Com isso não se atrapalha
Luta pelo território
E fica bravo na batalha.

João Vitor Pereira Bazi
9 anos

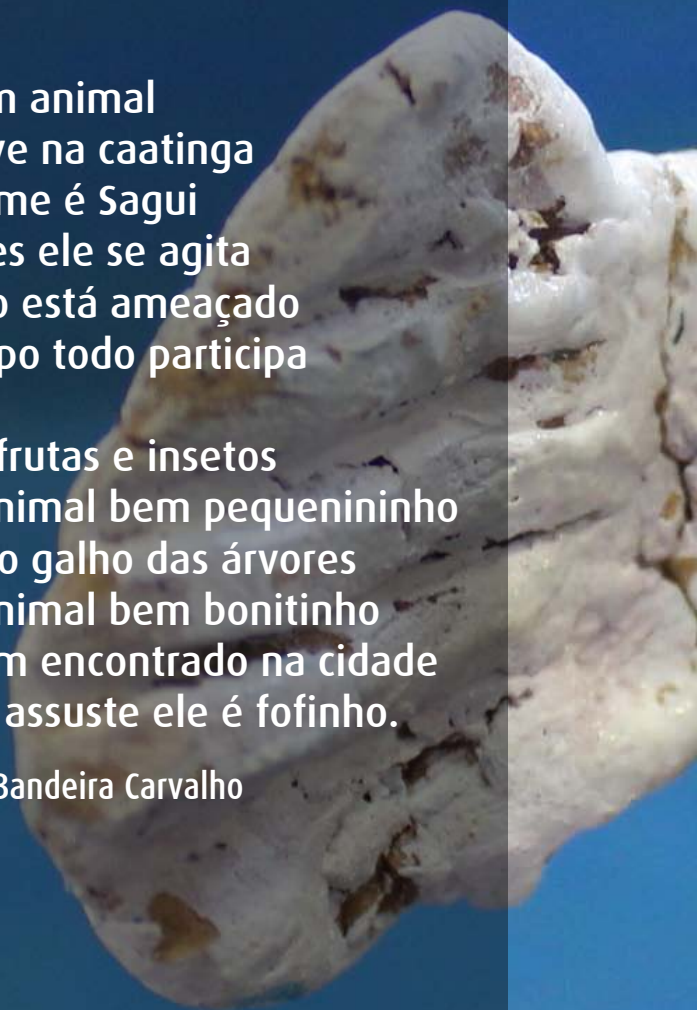


SAGUI do TUFO BRANCO

Tem um animal
Que vive na caatinga
Seu nome é Saguí
As vezes ele se agita
Quando está ameaçado
E o grupo todo participa

Come frutas e insetos
É um animal bem pequenininho
Mora no galho das árvores
É um animal bem bonitinho
Também encontrado na cidade
Não se assuste ele é fofinho.

Joaquim Bandeira Carvalho
9 anos





ARIRANHA AZUL

Ararinha - Azul
Ave da caatinga
Bonita de olhar
Mas infelizmente extinta
Por isso não podemos desmatar
E preservar a natureza bonita

Come sementes
Sua cor você pode imaginar
Mas suas asas são escuras
Destacadas no voar
Personagem do filme Rio
Assistam vocês vão gostar.

Luigi Bianchi Vaz de Souza
10 anos



CARCARÁ

Carcará mora no Nordeste
Tem pernas fortes e é bem
colorido
Anda pelo solo a procura
de alimentos
Gosta de animais já mexidos
E de áreas fartas
Os índios consideram ele
um inimigo

Carcará um animal esperto
Voa como um avião
Observa tudo o que tem perto
Conhecido como águia do sertão
Mexe no cadáver mesmo coberto
Ele é muito atrevido e muito
valentão.

Maithê Carolina Gabriel de Lima Marino
9 anos





O SARUÊ

O Saruê é bem bonitinho
Ele vive em abrigo
Mas não mexa com ele
Se não vai ganhar castigo
Ele solta uma bufa
E o ar fica bem fedido

Saruê tem cabeça longa
E gosta de viver sozinho
Antes de nascer o filhote
Prepara seu ninho
Mas a vida em família
Dura só um pouquinho

Nicholas Morales Balkins
9 anos



CARCARÁ

Estava no aeroporto de
Pernambuco
Olhei para a janela uma águia
a voar
Alguém disse: - Cê ta maluco?
Não é uma águia é o Carcará
Olhei de novo e entendi tudo
Começou a raios e largatixas
a matar

Não é um animal muito
bonito
Mas voa como um avião
Os índios o acham esquisito
Nisto eles tem razão
Tem pernas e pescoço
comprido
E o seu bico para com o avião

Pedro Serra Lima Giusti
10 anos



The background is a child's painting. At the top, a vibrant rainbow arches across a blue sky with scattered blue dots. Below the sky, there are green areas representing grass or foliage. In the foreground, a brown, textured object resembling a turtle's shell or head is painted on a green base. Red flowers are scattered at the bottom of the painting. A semi-transparent dark green rectangle is overlaid on the right side of the painting, containing white text.

MEU TATU BOIA

O Tatu Bola é legal
Mas quando vê gente
Fica muito assustado
Pois nós somos diferentes
Ele tenta escavar a terra
Mais a garra não é potente

Não se confunda!
O Tatu Bola é o menor
O outro Tatu
É um pouco maior
Por isso a caça
Para ele é pior

Para se defender
Se enrola
É mais fácil de pegar
Porque fica como bola
Mas o danado do tatu
Sai por ai e rola

O Tatu bola é muito caçado
E é fofinho
Agora é protegido por lei
Mais o caçador é malandrinho
Infelizmente será
Um animal rarinho

Sara Jimena Salcedo Reyes
9 anos





CACHORRO do MATO

Quero te contar,
Quero te falar,
O Cachorro do Mato
Já vai te animar
Se você quiser saber
Eu já vou te contar

Ele dorme de dia
E acorda de noite
Quando tá com fome
Come o que tá no pote
Mais o mais fofo
É o filhote

Ele é fofinho
Mas faz festa
Em todo o lugar
Lugar da floresta
Só come
Para o que resta.

Sofia Lebrão Ferreira
9 anos



50
ANO

CAUSOS

Tradições Nordestinas

Obra motivadora: **"Histórias de Alexandre"** de Graciliano Ramos

5º ANO

PRODUÇÃO DE TEXTO – 5º EFII



*// Comovo-me em excesso,
por natureza e por ofício.
Acho medonho alguém
viver sem paixões //*
Graciliano Ramos

A leitura compartilhada provocou diferentes paixões pela obra selecionada, “Histórias de Alexandre”, do ilustre autor Graciliano Ramos, homenageado na Flip 2013 (Festa Literária Internacional de Paraty), em comemoração aos 120 anos que se completam do seu nascimento nesse ano, bem como uma vida marcada pela literatura e a política. Foi notório perceber esse entrelaçamento na obra “Histórias de Alexandre”, uma vez que tem um forte conteúdo social ao apresentar causos (contos) que caracterizam o período histórico. As “Histórias de Alexandre” são marcadas pela cultura nordestina, desde expressões regionais até os cenários relatados nos causos.

“No sertão do Nordeste vivia antigamente um homem cheio de conversas, meio caçador e meio vaqueiro, alto, magro, já velho, chamado Alexandre. Tinha um olho torto e falava cuspidando a gente, espumando como um sapo-cururu, mas isto não impedia que os moradores da redondeza, até pessoas de consideração, fossem ouvir as histórias fanhosas que ele contava”.

Assim começa a apresentação do livro que os

alunos do 5º ano utilizaram como referência e que repertoriou a produção do “Eu escrevo 2013”. O famoso livro “Histórias de Alexandre”, uma obra intimista de Graciliano Ramos, revela um autor que possui riqueza literária e uma valorização pela cultura popular.

A produção do “Eu escrevo” do 5º ano foi um processo que envolveu pesquisa e investigação acerca do gênero causo, pertencente ao grupo dos contos. O trabalho com autoria permitiu ampliações e conquistas literárias para os alunos, como verão nos causos elaborados pelos mesmos. Em função das características regionais do nordeste brasileiro, foram preservadas as expressões e a linguagem próprias dos costumes que os alunos relataram em suas produções.

“Nós aprendemos sobre As Histórias de Alexandre, de Graciliano Ramos, um autor muito famoso. Foi interessante escrever nossa própria história estilo um causo como eram as histórias do livro, além de nos divertirmos com a encenação dos causos que lemos”.

Rafael Cataldo

A organização da leitura aconteceu de duas maneiras: primeiramente formaram o público para a contação realizada pela professora, que nesse momento apresentou a importância do contador de histórias, relacionando as características das obras de Graciliano. Num segundo momento, a sala foi organizada em grupos para explorar os causos apresentados na obra e, para que depois apresentassem como forma de disseminar a cultura e a imagem do contador de histórias na Região Nordeste. Foram momentos riquíssimos que permitiram um contato mais próximo com a estrutura do gênero e características próprias dos causos.

“Foi um trabalho bem diferente do que a gente já havia feito, porque o vocabulário de Graciliano Ramos é muito mais ampliado do que dos outros autores que já aprendemos. O livro também possui uma linguagem mais antiga, pois foi escrito em 1944. Não é uma história comum, é mais complexa, o que permitiu a experiência de ter o contato com um novo tipo de livro”.

Luiz Ben Schalka

Após escutarem, lerem as histórias e apresentarem suas impressões sobre a obra, os alunos foram convidados a escreverem um causo e escolheram o processo de autoria em que elaborariam o texto, tendo como referência as “Histórias de Alexandre” e textos apresentados pela professora. Durante a trajetória da produção, os alunos inves-

tigaram o que era um causo, o que o diferenciava das crônicas e do conto etiológico, por exemplo. Nesse sentido as características que mais se destacaram foram: pertencer ao gênero conto, apresentar personagens do cotidiano e pessoas simples, como pescadores e fazendeiros; a linguagem rebuscada de Graciliano Ramos; a construção textual muitas vezes na primeira pessoa.

“O trabalho com o livro de Graciliano Ramos foi interessante porque aprendemos mais sobre o nordeste, os costumes e o vocabulário dessa região, pois eles possuem sotaque e expressões que chamaram minha atenção”.

Beatriz Ultiyama

“Foi interessante porque lemos um livro diferente dos outros. Ele possuía palavras mais antigas o que fez eu lembrar das histórias que minha avó conta”.

Mariana Handro

Desejamos que se divirtam com os causos, pois eles estão repletos de invenções, mistérios, tons de humor e representações importantes da criação e da cultura...

“No município de Cotia, no Colégio Sidarta, na região Sudeste, vive atualmente um grupo de crianças do 5º ano que estão cheias de conversas para contar, a todos da redondeza, seus encantamentos pela literatura...”

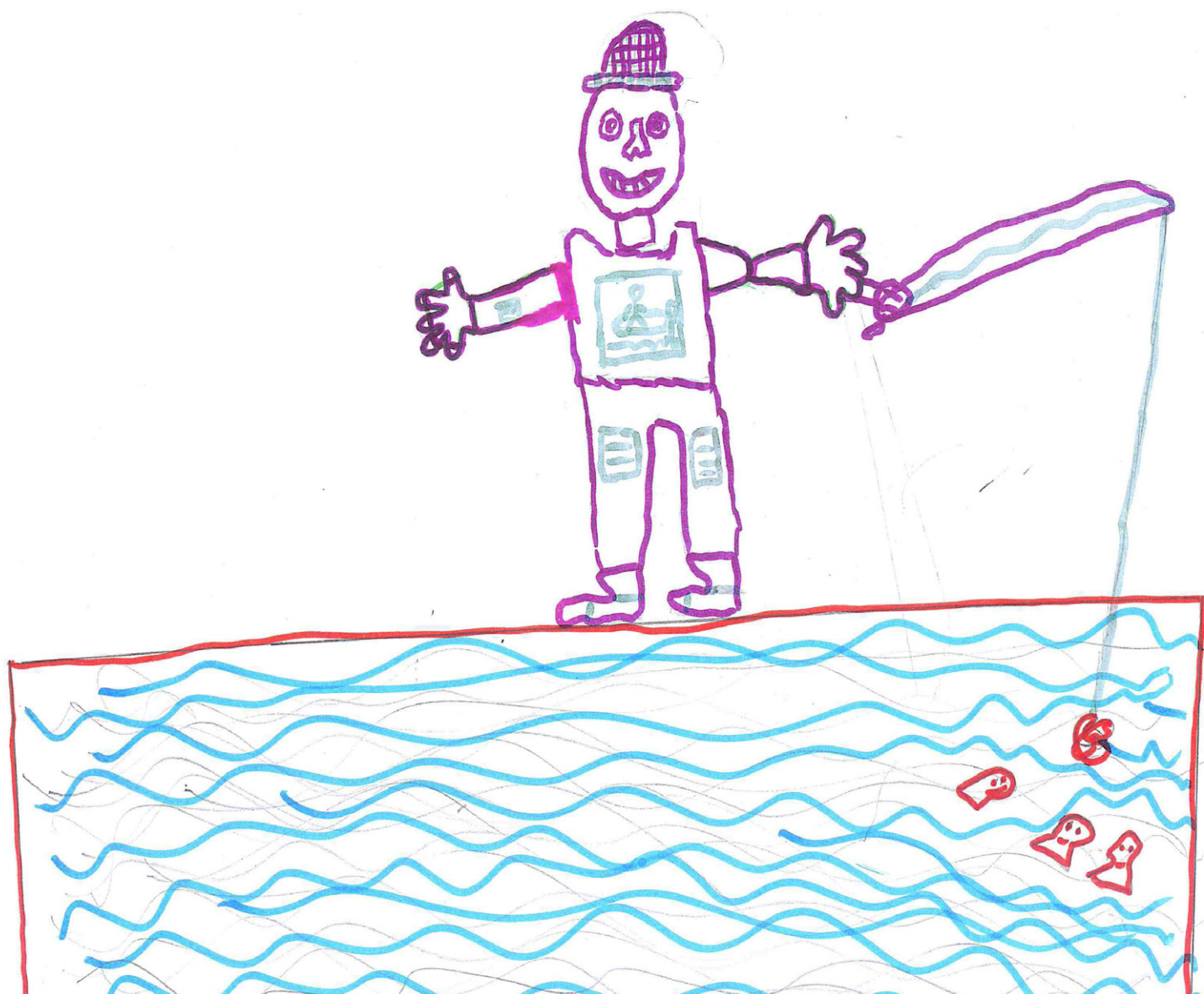
**Ana Carolina Dorigon
e Andrea Dias**

Professoras do Colégio Sidarta

AS AVENTURA DE DANIEL

Ademilson Cunha Junior

10 anos



Em uma sexta-feira ensolarada, Daniel e sua esposa, chamada Cesária, estavam em cima de um pico vendo o pôr do sol. Eles moravam numa casa simples na cidade de Maceió, no estado de Alagoas. Ele era um simples pescador e sempre viajava muito para a região norte com seu patrão, chamado Libório.

Certo dia, seu Libório disse a Daniel que precisava ir a São Paulo e que necessitaria de sua ajuda. Daniel estava confuso, ia ou não ia para essa cidade que todos diziam ser um paraíso?!

- Vamos meu fio!! – disse Libório tentando convencer seu funcionário.

Daniel aceitou a proposta para conhecer o paraíso.

- É...essa viagem será muito boa! – comentou Daniel. Ele chegou em sua casa e comunicou a esposa sobre o que faria nos próximos dois meses em São Paulo, pois era o tempo que ficaria com seu Libório por lá.

Lá em São Paulo, seu Libório foi apresentando a cidade para Daniel.

- “Tedissee”, menino! Aqui em São Paulo temos um paraíso. Vamos pescar no famoso Rio Cotia para conhecermos um novo lugar?

E lá se foram os dois explorarem novos horizontes da cidade. Os dias e os meses se passaram num instante que os dois nem perceberam.

Ao retornar, Daniel chegou em sua casa anunciando a viagem:

- Cesária, lá em São Paulo tudo é muito lindo, muita gente, muitas ruas, muitos carros... mas ainda prefiro aqui, nossa cidade de Maceió. Você quer que eu te conte uma de minhas aventuras por lá?

- Claro, meu denço!

- Eu estava na beira do Rio Cotia quando, de repente, um jacaré me atacou. A sorte é que eu estava com minhas famosas botas de ferro e ataquei o bichão bem no olho que acabou ficando cego. Consegui escapar e acho que ele morreu. Você acha que nossos amigos gostarão de saber dessa nova aventura que tenho para contar, Cesária?

- Lógico, meu denço!! Vamos combinar uma roda de histórias para esse fim de semana.

- Isso mesmo! Boa ideia, meu denguinho! Tenho histórias como daquela vez que fui para o Maranhão. Eles não acreditaram muito, mas é verdade pura!

O ENCONTRO FAMILIAR

Beatriz Lara Utiyama

11 anos



Em uma noite estrelada, numa cidadezinha no estado de Pernambuco, no Nordeste do Brasil,
havia uma casa animada. Era a casa da família Gaudência. Uma vez por ano eles se reuniam.

A filha que se chamava Cesária gritou para a sua mãe, Dona Jusefá:

- Oxente! Por que eles estão demorando tanto?

- Eles já devem estar chegando!

Pouco depois, a campainha tocou, o pai, seu Libório, foi atender:

- Entrem! Entrem! A comida está toda prontinha.

Todos se cumprimentaram e começaram a jantar.

Jusefá satisfeita disse:

- Ué! Tá faltando o Alexandre.

- Tudo bem, no ano que vem ele virá! – respondeu o primo também bem satisfeito com

o jantar e continua – vamos começar a contar as histórias?

Libório começou a contar. Enquanto ele contava, Cesária viu uma sombra preta, que estava fazendo um som estranho:

- Gente! Eu vi um homem preto lá fora. – Cesária gritou assustada.

Todos ficaram com medo. Então, de repente, o homem preto bateu na porta. Todos empurraram o Libório para atender aquele mistério. Quando ele abriu a bendita porta, era o...

- Alexandre! – gritou Libório ainda assutado.

Todos vieram e Jusefá perguntou para o Alexandre:

- Por que você está todo de preto?

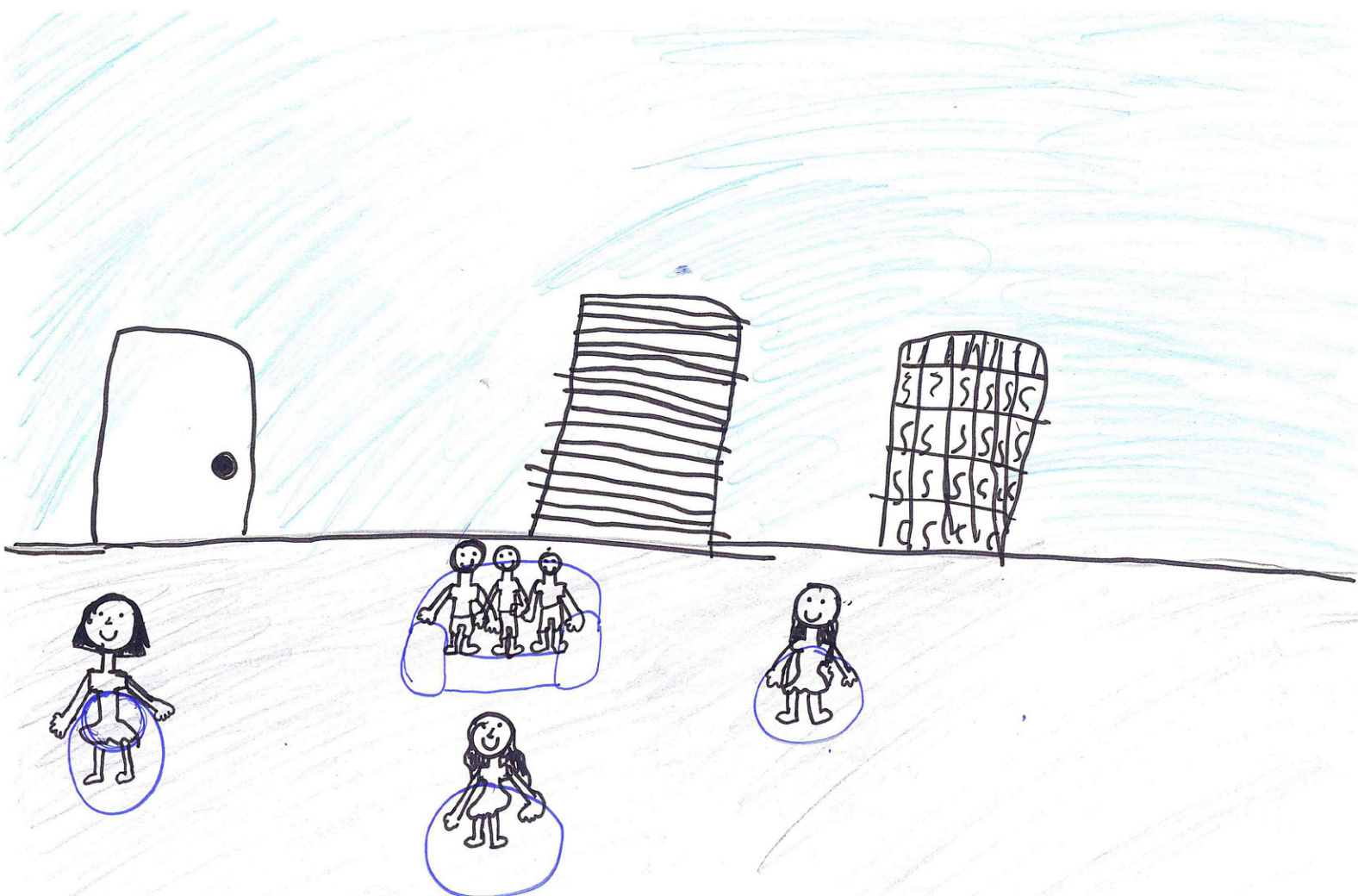
- Eu caí e me sujei um pouco!

Todos começaram a rir, se divertindo com a situação, e continuaram a contar histórias, além dessa que se transformaria em um caso para ser espalhado pela família.

A MÃO TORTA DE MARCELA

Bruna Valentina Fernandez

10 anos



Numa bela noite de quinta-feira, Marcela, uma menina que adorava contar histórias de sua vida, estava com suas amigas em sua casa e exclamou:

- Mariah e Maia, eu tenho uma nova história para contar a vocês.

- Conte, conte, estamos atentas! – respondeu Maia.

- Bom... esta história vai explicar o porquê que eu tenho esta mão torta – explicou Marcela mostrando a mão.

De repente, chegaram os meninos na casa de Marcela:

- Oi, meninas! – disseram John, André e Fernando.

- Estou contando uma história, querem ouvir?

- Claro!

- Era um dia lindo e eu estava no parque, de repente, minha mãe me chamou para voltar para a casa. Quando estava retornando, eu raspei minha mão em uma árvore venenosa. Cheguei em casa e minha mãe viu um raspão e foi logo desinfetar, mas piorou tudo, tivemos que ir ao médico com urgência. Ele acabou aplicando um remédio especial.

- Duvido, Marcela! – disse John suspeitando da história. - Tem provas?

- Pior que tenho! Mãe, vem cá. Não é verdade que me raspei na árvore venenosa?

- É verdade, filha!

- Bom, continuando a história, o raspão passou. Depois de dois dias fui tomar água e me molhei inteirinha, porque minha mão estava inchada. Corri e chamei minha mãe para contar o que tinha acontecido. Ela se assustou muito, minha gente! Levemente, ela colocou água na minha mão, mas comecei a gritar tanto que toda a aldeia ouviu meus berros. Fomos a todos os médicos e descobrimos que não tinha cura. Minha mão ficaria daquele jeito para sempre. E foi por esse motivo misterioso que minha mão ficou dessa maneira, tora. Pronto, minha gente! Mais uma história de Marcela. Já que ficarão aqui, vamos dormir, porque amanhã eu contarei mais causos para vocês.

O ALEXANDRE

Bruno Beolchi Adami Bresciani
11 anos



Alexandre era pobre, dono de um sítio e pescador que vivia no nordeste. Todas as noites de domingo, seus três melhores amigos iam escutar suas histórias.

Eles chamavam Cornelhos, Leni e Estive. Numa dessas noites, Alexandre sentou e perguntou:

- Vocês sabem por que eu não tenho um dedo em uma mão?

- Não, Alexandre! Conte para nós. – disse Estive.

Alexandre começou sua longa história:

- Eu estava passeando na floresta com o Melo, o meu cavalo, quando um rato filhotinho mordeu meus dedos e fugiu. Fui atrás dele e corri nove quilômetros, conseguindo pegar o bichinho danado, porém, ele realmente tinha comido meu dedo. Sabe, acabei me vingando desse rato. Cortei o rabo dele com as unhas do pé e o seu corpo eu joguei num rio. Depois, uma cobra de dezoito metros apareceu e eu amassei o bicho com a minha bota, dei um chute para ver se ela havia morrido mesmo. Tirei o coró dela! Fui para a casa bem satisfeito!

- Que mentiroso! – disse Cornelhos.

- Não é não!!! Olha só, Cornelhos... - e mostrou uma bota feita de couro de cobra e uma corda feita de rabo de rato.

- Está bom, está bom... Eu confesso que tudo é muito real mesmo – concordou Cornelhos com Alexandre após contar o final de sua história.

A VIAGEM DO PAPAGAIO FALADOR

Camila da Cunha Marques

11 anos



Em um dia ensolarado, na caatinga, vivia um papagaio chamado Falador que gostava de contar histórias para a bicharada. Nessa mesma tarde, uma cobra o perturbava:

- Ô senhor Falador, conta para a gente como você veio até aqui?

Ele ficou furioso e retrucou com uma voz séria:

- Não te conto nada... só conto uma outra história, de como eu fugi de... Eu lembro que era um sábado chuvoso, estava voando sozinho, quando me pegaram com uma rede bem grossa e me trancaram em uma gaiola fria. Eu só podia olhar por um burquinho. A viagem foi bem longa, eu dormi durante todo o trajeto. Só acordei com um sino bem irritante. Quando abriram a caixa, eu vi outra gaiola e ouvi um homem berrando para uma mulher:

- Brasília não é grande o suficiente para nós dois, a não ser que aumentem o Distrito Federal.

- Eu pensei muito até descobrir que tinha sido domesticado. Primeiro, achei estranho e esquisito, mas depois de alguns meses comecei a gostar. Meus donos me faziam rir, a mulher me dava comida e o homem me fazia carinho, mas um dia isso parou. Depois de uma briga entre eles, a mulher só voltou para me buscar e fomos viajar. Quando acordei, estava no mar vendo mulheres vendendo macaxeira, eu tinha chegado no estado da Bahia. Então, fiquei muito furioso, porque minha dona estava estressada, tentei animá-la, mas ela jogou uma pedra na minha gaiola e foi assistir televisão. Todo santo dia era assim: eu falava e ela jogava.

O tempo foi passando e o papagaio Falador contava detalhes da história para as cobras.

- Eu já não aguentava mais, estava decidido a fugir, mas ela entrou tão triste que me fez mudar de ideia. Bem, nessa hora a minha pena passou e eu fui embora. A pena foi longe, longe até não ver mais o mar. Só via uma chão árido, cactos e plantas rasteiras. Lá a pena foi caindo, caindo até chegar ao chão, onde eu tentei colocá-la, mas não colava e desisti. Um dia eu estava passeando quando achei viajantes querendo histórias. E desse dia em diante, fico aqui, contando estas histórias para quem passa.

Foi assim que o papagaio Falador conseguiu fugir da gaiola e se tornar um contador de histórias por essa região.

11 anos



Na caatinga existia uma casa velha onde morava Cesária, uma senhora bem idosa.

Mesmo ela sendo bem velhinha, todos da aldeia adoravam suas histórias.

Ninguém sabia como ela rendava tão bem, rendava melhor que todo mundo daquela região. Era uma beleza!

Um dia, ela chamou todo mundo para sua casa e abriu a torneira:

- Todos que estão aqui não sabem o porquê que eu rendo tão bem! Pois bem eu vou contar a vossemecês como isso aconteceu. Sem mais e sem menos! Eu estava andando pela rua quando eu vi Das Dores e seu neto. Mais adiante, avistei uma toca de uma vidente e entrei.

Ela disse que eu teria que voltar daqui dez dias, e foi o que fiz. Ao retornar depois desse tempo, ela revelou que eu tinha um dom muito especial e também acharia uma pessoa muito importante. Então, eu resolvi fazer de tudo, mas não deu nenhum resultado. Um dia, minha gente, a vidente veio até minha casa, a gente conversou até que ela falou:

- Vim aqui falar sobre o seu dom.

- Eu, muito ansiosa, perguntei se ela iria falar qual era o meu dom, mas ela me respondeu assim:

- Sinto muito querida, não vim falar qual é. Mas sim dar uma dica, ou melhor, duas: seu dom começa com Ren e a segunda é: não me chame de senhora.

- Na hora eu agradei e pedi desculpas, mas fiquei encafifada do tal do dom. Perguntei para minhas amigas, meu sogro, meu marido, primos, mas toda essa busca para descobrir o meu dom não adiantou em nada. Passaram dias e dias até que desconfiei que pudesse ser renda.

Cesária continuou contando o causo, lembrando que quando chegou seu aniversário ela não parava de pensar qual era o seu dom.

- Gente, na hora dos parabéns eu me lembrei que minha mãe rendava muito bem. Então gritei muito feliz para todo mundo saber que eu tinha descoberto o dom. Lembro como se fosse hoje, eu disse assim: “É isso! Meu dom é RENDAR!. Obrigada vidente!”, depois quando todos foram embora, eu fui comprar linha e agulha para começar a render. Eu rendava muito bem, tudo ficava muito lindo!

Nesse momento, seu Libório perguntou:

- E a pessoa que você ia conhecer? O que aconteceu?

- Quanto à pessoa, eu procurei até que achei essa pessoa no meio da rua, a gente passou anos inteiros juntos, só que um dia aconteceu uma desgraça.

Todos perguntaram chorando:

- Mas que desgraça foi essa?

- Só contarei no próximo encontro, pois agora já estou cansada e preciso fazer renda logo cedo.

O PEQUENO SUSTO

Carolina Yuka Nishimoto
10 anos



Na beira do rio, em uma tarde ensolarada, todos da aldeia esperavam ansiosos para ouvirem mais um causo do José, o homem mais famoso de toda a aldeia.

Ele tinha uma sobrinha que se chamava Cesária, uma pequena e adorável menina. Ela logo pede para o tio:

-Tio, Zé, quanto tu irás contar a história? Estamos ansiosos para escutar.

- Vou começar a contar agora, Cesarinha... Bem, vocês sabem porque eu tenho essa pequena cicatriz? – perguntou José.

- Não, seu José! Desembucha para a gente! – pedia um rapaz da aldeia.

- Então, quando meu pai morreu, ele me deixou uma pequena herança: a casa. Como era uma casa muito simples, prestes a desabar, eu peguei meu dinheiro e sai estrada a fora. No meio do caminho eu encontrei uma charrete. Olhei bem e percebi que estava abandonada, aproveitei a oportunidade e a peguei. Em seguida, encontrei uma casa velha. Quando eu estava prestes a entrar, eu ouvi um grito lá do segundo andar, fiquei tão assustado que nem queria entrar. Mas estava na cara que iria cair um toró e decidi entrar na casa. Estava tudo quieto de novo, mas de repente, eu escutei um novo grito, criei coragem e subi. De repente, minha gente, eu vi uma porta meio aberta, com a luz acesa. Fui andando devagarzinho até chegar ao quarto principal. Quando eu abri a porta, levei um baita susto, era apenas uma criança assistindo um filme, mas até aí eu já tinha tropicado e um gato me arranhado. Para cada palavra de José, Cesária olhava muito atenta e curiosa para saber os próximos acontecimentos.

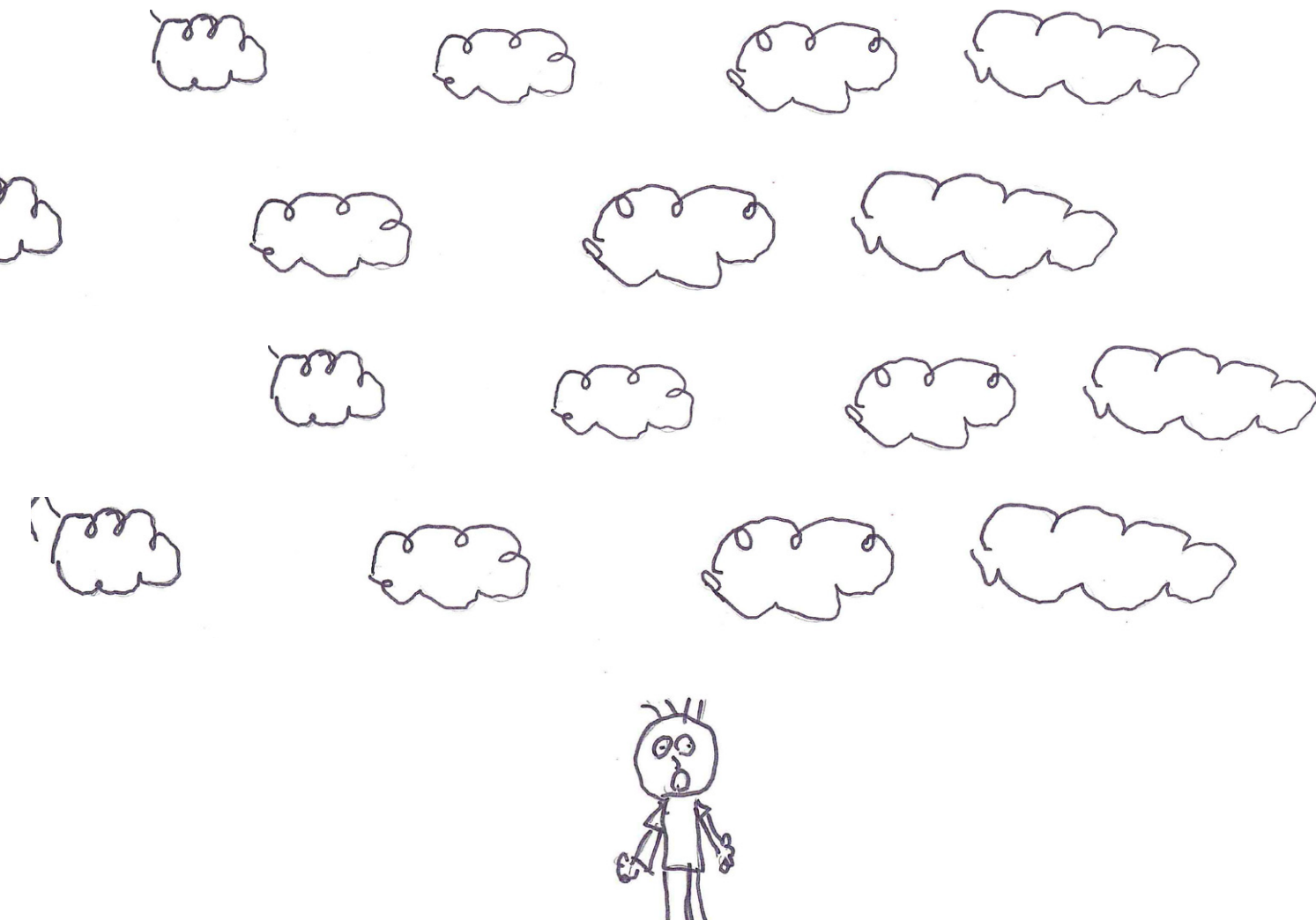
- Então, resolvi pedir para aquela criança se eu poderia dormir naquela noite com ela, porque depois eu continuaria minha jornada. Ela aceitou e foi um alívio. Nossa, olha a hora, gente! Vamos continuar amanhã essa incrível história?!

Todos concordaram com José, inclusive Cesária que já aguardava ansiosa o que poderá acontecer após a saída dele na casa.

O OLHO AZUL

Eduardo de Freitas Rubim Camargo

10 anos



Alexandre estava em sua rede, deitado como se estivesse em sua cama. Seus amigos observavam as estrelas e Cesária, sua mulher, adorava cozinhar. Ela estava na cozinha fazendo uma surpresa, quando Alexandre chegou, tirou seus óculos e disse:

- Meus amigos, ainda me alembro quando meu olho era castanho e não azul. Se quiserem ouvir como isso aconteceu, abram bem os ouvidos, senão, sejam francos.

Todos que estavam por lá queriam ouvir, então Alexandre continuou:

- Em 1990 entrou na moda uma lente de contato azul, ela custava 50 mil reais, pois era rara, importada, de boa qualidade e nem parecia que estava de lente. Cesária estava louca por ela, quando a achamos, ela teve um piripaque, comprei imediatamente a lente para sair logo dali, pois estava pagando um mico, isso sim. Chegando em casa, ela cantava: "Olhos azuis (bis)". Deixou a lente no banheiro, depois, me pediu cola permanente. Eu não acreditei. "Será que ela vai gostar mesmo?", eu me perguntava em meus pensamentos. Ao sair do banheiro, eu nem reparei no rosto dela, pois estava com certa urgência.

- E o que aconteceu, Alexandre? – perguntou um dos amigos que estava lá.

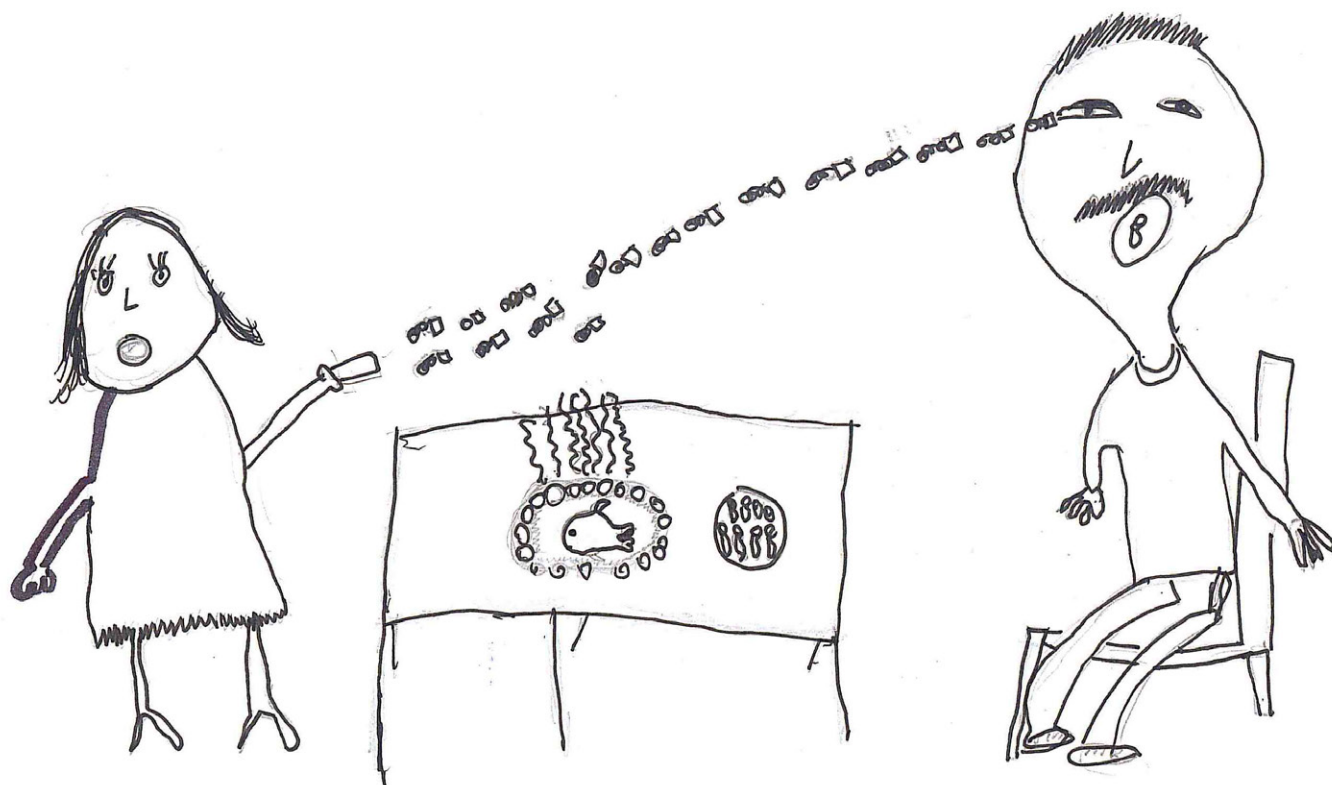
- Eu entrei no banheiro e coloquei minha lente. Ao colocá-la, percebi que meus olhos realmente estavam azuis e comecei a chamar por Cesária, pois não conseguia tirar a lente. Fiquei muito bravo e comecei a correr atrás dela por toda a casa. Cesária tinha aprontado mais essa comigo.

Os amigos riram muito da situação e adoraram a história dessa família. Logo em seguida, Cesária chegou com um bolo e continuaram contando histórias e mistérios da vida que não tinham ainda sido revelados um para o outro, como essa famosa história de Alexandre e a origem dos seus olhos azuis.

O CEGO FAZENDEIRO

Gustavo Alonço Honorio

11 anos



Após o pôr do sol de uma bela terça-feira, em Pernambuco, Osvaldo, um fazendeiro da região, estava junto com seus amigos, Raciliano e Gramas, sentados à beira de um rio olhando a cidade de Recife. Osvaldo era cego e gostava de contar histórias. Nesse dia, ele tinha uma para contar.

- Vou contar para ocês a história de como eu fiquei cego. Eu estava em uma viagem, com minha esposa, para Belém do Pará. Quando chegamos no aeroporto, havia uma árvore no meio do caminho, ela era linda demais da conta. Fui me aproximando, mas quando cheguei perto me deparei com o prefeito de Belém:

- Oxente, mas você aqui?! Eu ainda estou pegando dinheiro naquele lugar onde você tinha me falado. – eles se conheciam de longa data.

- Mas é mesmo? Eu estou indo ao banco pegar dinheiro.-eu disse a ele.

- Ah, eu não tenho paciência para pegar dinheiro lá.

- Pois é, ocê tá bem?

- Estou sim. Eu vou indo, a gente se encontra por aí.

- Eu também preciso ir para o hotel. Até mais!

- Depois desse encontro, quando eu cheguei no hotel, logo perguntei se lá tinha bastante segurança, pois gostava de lugar seguro para passear com minha mulher. Conversei com o recepcionista, peguei a chave do quarto e fomos conhecer nosso apartamento. Chegando no quarto, troquei de roupa e logo fui passear pela cidade para achar um restaurante bom. Olhei e encontrei, só não esperava que o dono do restaurante fosse um bandido.

- E o que aconteceu, Osvaldo? – perguntou Gramas.

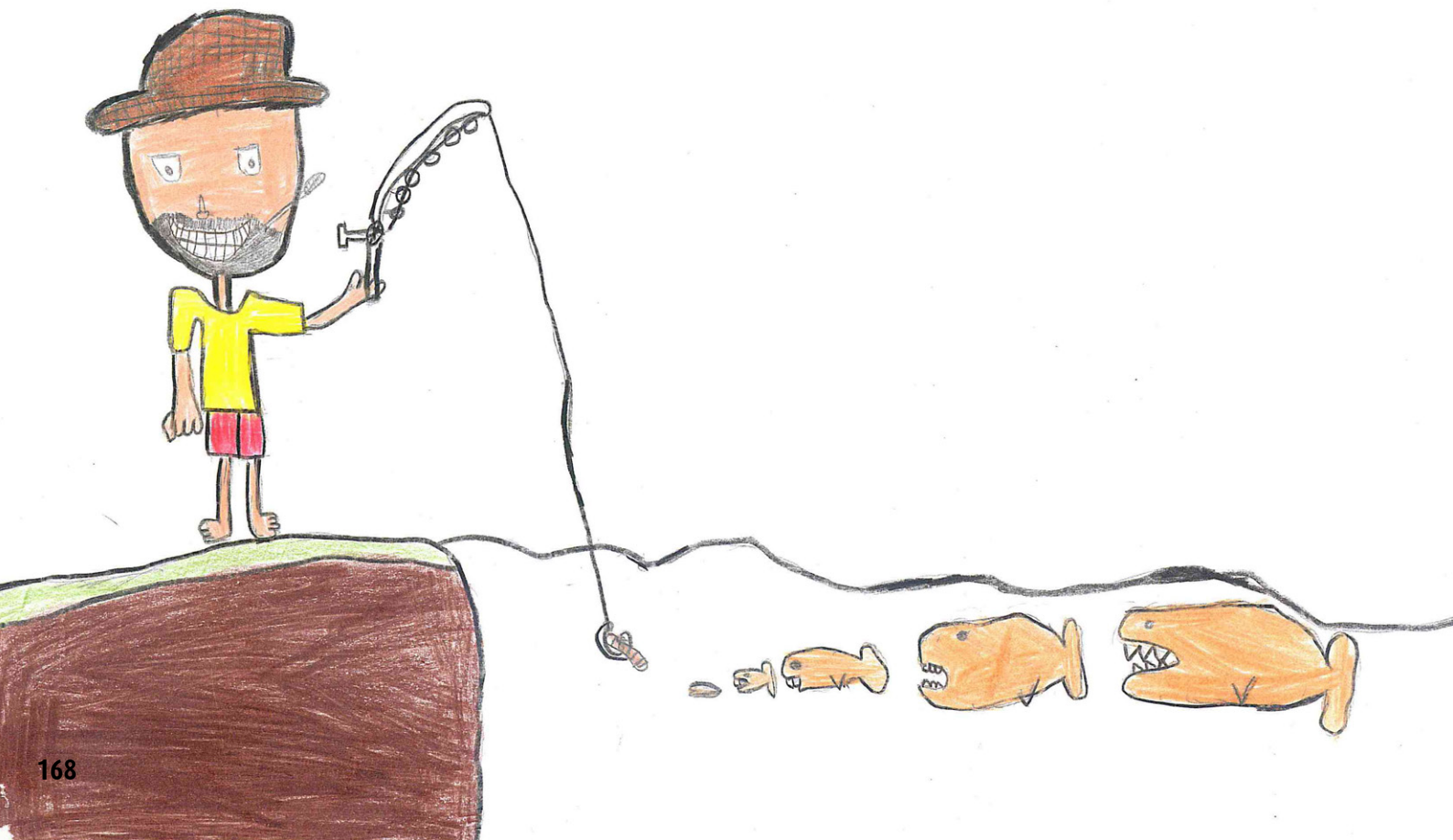
- Então, quando nos acomodamos em uma mesa, eu escolhi a comida e, como um bom nordestino, pedi uma pimenta para acompanhar. A comida chegou, o cheiro era maravilhoso, de dar água na boca. Quando eu coloquei a pimenta na boca, comecei a gritar. Minha mulher correu e pegou um copo de água, mas no copo havia pregos e ela jogou no meu olho para parar de arder, porém, isso só piorou e eu fiquei cego. Foi por esses motivos que hoje sou cego.

- Nossa, que história!! Difícil de acreditar, mas já está tarde e precisamos ir. – comentou Raciliano olhando para Gramas.

Raciliano e Gramas saíram intrigados com a história, satisfeitos por estarem com os amigos, mas muito desconfiados.

O PESCADOR

João Vitor dos Santos Carneiro
11 anos



Um pescador chamado Mario Valente estava pescando em Maceió, ele era determinado e astuto.

O fato de ser pescador e também pobre, o fez conhecer uma mulher humilde. Ela confundia os sons das palavras, como gato com rato.

Ela pediu para o marido contar uma história sobre sua vida. Ele começou contando quando ele beijou uma garota sem querer.

- Um dia eu estava com a minha namorada do colégio. Nós fomos a um restaurante de comida chinesa. Como os chineses comem coisas estranhas, naquele restaurante tinha até sapo. Um amigo que também estava por lá, deu dinheiro para a garçonete me beijar na boca. Ela entrou na minha frente e me lascou um beijo escaldante. Ela então começou a me namorar! Você acredita?

- Nossa! Que história maluca! – retrucou sua mulher.

- Mas ainda não terminou... Fui comer a tal da comida chinesa e eu percebi que amava aquele tipo de comida. Então eu comecei a viajar para a China, foram umas cinco vezes no total.

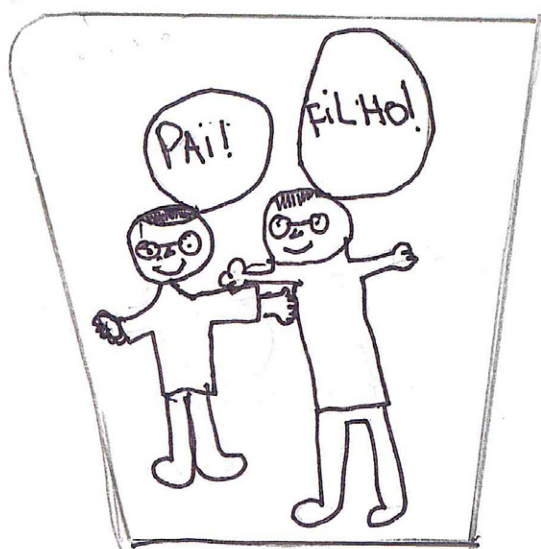
Depois, ele começou a contar de quando foi nesse país cheio de mistérios e cultura.

- Por isso que hoje, sou conhecido como “Mario Causenses”, de tanto contar causos e até contos estrangeiros!

A REVELAÇÃO DO FATO DA CEGUEIRA DE SEU JOÃO ALLAHVART E DA ADOÇÃO DE SEU FILHO

Luiz Ben Schalka

10 anos



Na casa de seu João estavam reunidos todos os seus amigos, sua mulher, que se chamava Maria e seu filho, José. Eles esperavam a contação de história do Sr. Allahvart:

- Bem, vamos começar a história de hoje – disse o cego.

- Em uma bela manhã numa caverna, perto do Rio São Francisco, eu estava me equipando para “minerar” (como dizia naquela região a pessoa que extraía ouros e pedras preciosas). Eu estava cheio de lanternas e ferramentas poderosíssimas e resistentes para adentrar na caverna. Avistei muito ouro, mas ao chegar bem no fundo da caverna, tinha uma pessoa morta. Corri para lá para ver o ser. Lembro-me do que falei e contarei:

- Acorda! – exclamei- Você está viva?

O silêncio estava ocupando o local. O milho dourado (como eles diziam quando queriam o ouro) caiu bem naquele instante em que olhei para o teto, o que me cegou de um olho. Eu saí do local e por pouco, a caverna estava desabando. Tinham muitas árvores no caminho e um galho me cegou também.

- Como você conseguiu fugir? - indagou sua esposa.

- Tinha um garoto com um cachorro treinado.

- Que sou eu!!! – gritou o afilhado do casal.

- João se lembrou do momento com aquela criança que lhe perguntou se havia alguém na caverna:

- Não! – ele disse com firmeza.

A criança começou a gritar e espernear porque seu pai havia morrido. Então, João pediu para o menino levá-lo para a sua casa que ele iria abrigar tanto ele como seu cão.

João conta que eles foram até sua casa e que deu comida, casa e tudo que eles precisaram.

- Nós dois começamos a ter uma relação de pai e filho, isso é muito emocionante. – comentou Seu João.

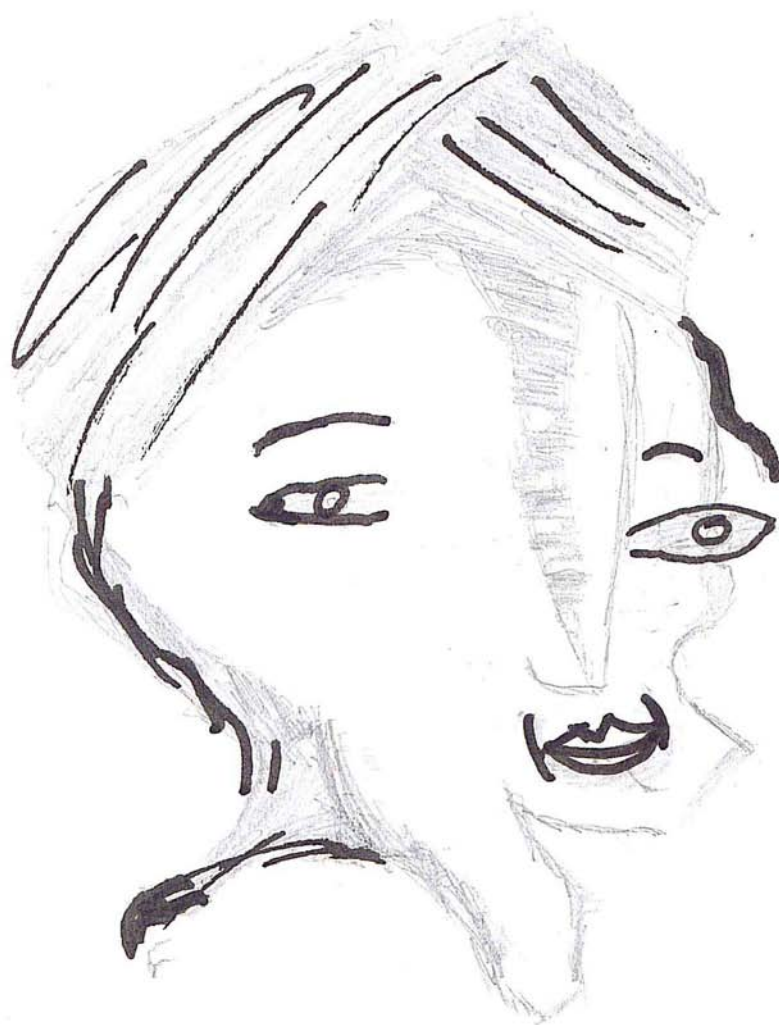
- Que linda história! – afirmaram os amigos do casal.

João pôde revelar mais um caso de sua vida misteriosa.

OLHO MAIOR QUE O OUTRO

Maria Eduarda Mongs

10 anos



Numa casinha de madeira bem simplória, localizada no sertão nordestino, vivia uma mulher chamada Lacesita. Ela era loira, boca e nariz perfeitos... Mas tinha um olho maior que o outro.

Num dia de sol, chamou suas amigas para contar cantigas. Fizeram uma roda e uma das amigas, chamada Josefina, perguntou:

- Por que ocê tem um zóio maior que o outro?

Então, Lacesita começou a contar uma história:

- Estava lá no café do Sr. Gonzaga, quando eu voltava para a casa avistei uma linda laranjeira, resolvi pegar algumas porque estavam com uma ótima cara. De repente, apareceu um macaco... Claro que eu iria parar para ver aquele animal tão bonito me olhando. Tentei me aproximar, mas quando o toquei, o danado me atacou no olho, o que doeu muito. Mas este não foi o verdadeiro jeito que fez meu olho entortar. Quando voltei na laranjeira, minhas preciosas não estavam mais lá, aquele danado pegou todas as laranjas. Então, fui cortar mais algumas. Quando fui pegar a última, ela caiu bem no meu olho, só para piorar a dor e minha situação.

Lacesita conta que foi para a casa nervosa e reclamando:

- Ai, doeu muito, não foi um dia de sorte! Quando cheguei em casa, fui direto para o espelho e vi que meu olho estava maior do que outro.

Josefina exclamou:

- Nossa! Que história macabra, hein!!

- Que história "legar", hein, amiga! - comentou Nordelina, sua outra amiga.

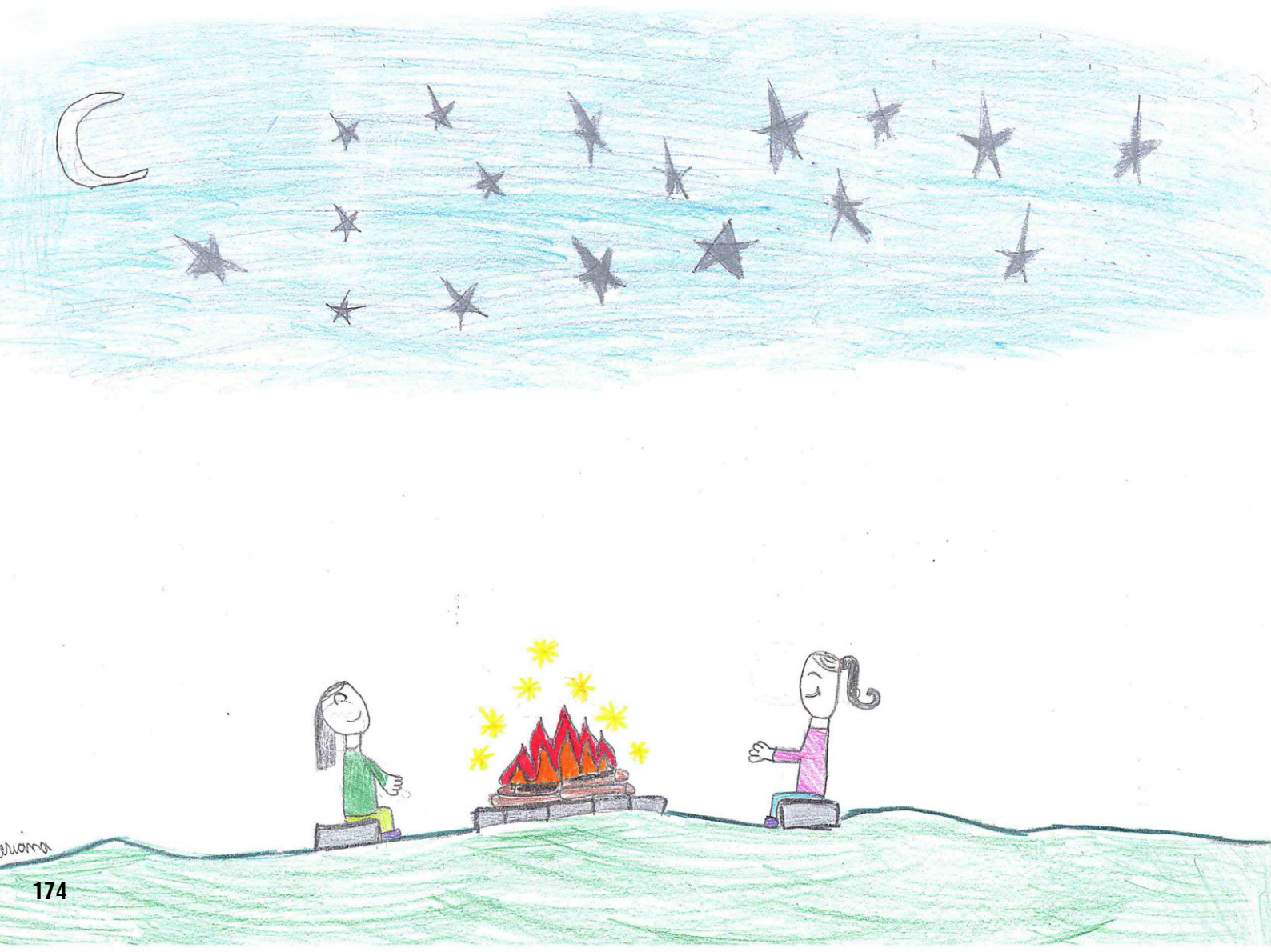
- Pois é, meninas, aquele não era meu dia de sorte.

E todas começaram a rir.

A CONTADORA DE HISTÓRIA

Mariana Corrente Handro

11 anos



No sertão da Bahia tem uma vaqueira chamada Mariela. Dona Mariela é famosa em sua cidade porque conta lindas histórias. Uma de suas histórias preferidas foi o dia em que conheceu o prefeito. Todos ficaram de boca aberta quando ouviram as palavras saindo de sua boca. E ela continuava com essa história marcante:

- Eu irei contar a história quando anoitecer. Reunirei toda a vila, farei uma fogueira e como de costume, vou contar como eu conheci o prefeito Nicolau. A noite havia chegado e a vila estava reunida, só faltava Dona Mariela que estava chegando.

Quando ela chegou naquele local, a vila já estava agitada e aguardava para ouvir suas incríveis histórias:

- Quando eu era mais nova, com mais ou menos vinte e um anos, meus pais se meteram em uma única confusão...

Um homem curioso logo perguntou:

- Que confusão foi essa?

- Você tem que ser mais paciente! - ela retomou - A confusão foi que o nosso cavalo, chamado Jumento, tinha dado um coice em um dos nossos vizinhos. E, quando uma amiga do vizinho ficou sabendo foi direto contar ao delegado Norelzo.

Um homem chamado Stivi fez o seguinte comentário:

- Mas também esse homem tinha cara de lobo sardento.

- Calma, meus caros, vamos continuar ouvindo a história. - e continuou - O delegado quando ouviu aquilo, foi falar com o prefeito, mas o prefeito defendeu minha família dizendo que a história estava mal contada. Depois de um tempo, o prefeito foi à minha casa e conseguimos esclarecer o ocorrido. Passaram uns oito dias e descobrimos o que realmente havia acontecido.

- O que aconteceu, Dona Mariela, conta, conta?!! - gritou um dos moradores da vila que estava reunido por lá.

- O bendito vizinho tinha cutucado o nosso cavalo e por isso que recebeu um coice do Jumento. E esse vizinho foi preso por "vandalismo animal".

Quando Dona Mariela finalizou, todos que estavam por lá foram cumprimentá-la dizendo que adoraram a história.

LAURINHA E SUAS HISTÓRIAS

Marina Casagrande

9 anos



Laurinha, uma menina de 10 anos, criada em Águas Belas, Pernambuco, adorava contar histórias dignas de sua fantasia, para todos. Até para os adultos ela contava. Todos a adoravam.

Nas tardes de sábado, ela contava histórias para todos os seus amigos e parentes (tanto seus parentes como os de seus amigos).

Em uma dessas tardes de sábado, antes dela chegar na parte da caatinga onde se encontravam Luizinha, sua irmã, que estava conversando com sua amiga Dolores e Mariazinha, sua outra amiga, conversando com seu primo Zé. Quando ela chegou, Luizinha interrompeu a conversa e anunciou:

- Minha irmã Laurinha chegou, então agora vamos parar de conversinha e ouvir o que ela preparou para nos contar!

- Não! Eu não quero atrapalhar! Aliás, temos que esperar a minha mãe chegar com o bolo de fubá que ela tem pra hoje! – exclamou Laurinha.

A mãe de Laurinha e Luizinha chegou com o lindo e cheiroso bolo de fubá que ela tinha preparado, então Gri-

serda, mãe de Mariazinha a elogiou.

- Que bolo bom dona Crardinha!

- Agora podi começa né?! – perguntou Luizinha.

- Posso sim! Oxenti! – brincou Laurinha – Hoje a história vai ser sobre quando eu salvei a cidade da grande seca! Vai ser legal!

- Conte! Conte! Sempre adorei ouvir tuas histórias! – exclamou Dolores.

- Eta! Vô começa! Na grande seca, todos tavam muito tristes, por causa do impacto que causou a fome. Eu tava andando por essa linda caatinga, tristinha. Achei um pescador chorando e perguntei pru quê ela tava chorando...

- Moça, tô chorando pruquê essa seca ta horrível! – choramingou o pescador.

- Pretendo salvar meu povinho dessa coisa horrível. Preciso pensá em alguma coisa! – exclamou Laurinha.

- Oxi menina! Se tu consegui faze essa baita seca acaba, vô te agradece muito!

- Uma vez me contaram que se podi acaba cuma seca seguindo as instruções do cordel “Precisamos de água”.

- E ondi eu acho esse cordel?!

- Sê podi acha ele lá no Norte, no Pará. Sê vai te que passá pelo Piauí, Maranhão e aí tu chega. Toma esse mapa – depois de falar, entregou um mapa do Brasil e foi embora – Tchau!

- Tchau! Obrigada! – respondeu Laurinha – eu sei que conseguirei!

Laurinha foi para o Pára, decidida, mas antes, contou á família o que tinha acontecido e eles seguiram de viagem na carroça.

Depois de alguns dias e noites dessa viagem, chegaram ao Pará. Quando chegaram, viram quatro lugares que se vendiam cordéis.

- Qual é o lugar certo, querida? – perguntou Alexandre, o pai.

- Num sei! O pescador só disse que era aqui – Laurinha se defendeu, aliás, não era culpa sua não saberem o lugar certo.

- Ta bem! Vamo fazê assim: cada um vai pra um lugar, pru que somo quatro pessoas, e quem acha grita! 1, 2, 3! – depois de Claudinha (mãe) dizer 3, cada um correu para um lado.

Laurinha achou, gritou para a família e eles compraram “Precisamos de água”. Ela leu em voz alta os passos para salvar todos da grande seca:

1- Vá para a Bahia;

2- Ache um homem chamado Merequetê;

3- Diga para ele o título do livro;

4- Ele irá te levar a um lugar que tem uma flor rosa no meio de girassóis;

5- No gramado vai estar escrito o que você vai fazer.

- Imediatamente eu fiz o que estava escrito e salvei a cidade da seca – disse Laurinha, voltando para a realidade.

- É verdade, eu e Luizinha confirmamos! Aposto que o pai também confirmaria se estivesse aqui

- a mãe se excitou, e os convidados voltaram para suas casa.

CONTOS DE ANA CLARA: O DIA EM QUE QUEBREI MEU DEDO EM PERNAMBUCO

Pedro Figueira de Mello Rodrigues
10 anos



Ana Clara conta adora contar histórias para as crianças do orfanato. Todos os dias, ela tem um novo caso para contar.

- Outra história que irei contar a vossesmecês é a do meu dedo. Há cinco anos eu fui à Pernambuco e conheci um homem lindo, foi amor à primeira vista. Um dia nós fomos à praia, e aproveitamos para irmos bem cedinho, ficamos até a hora do almoço. Almoçamos num restaurante e quando retornamos para a praia já passava das duas horas da tarde. Nós ficamos nadando até tarde, depois fizemos dois castelinhos de areia e por último, vimos o pôr do sol, e retornamos para o hotel, após essa belíssima visão.

As crianças olhavam atentas enquanto Ana se empolga para falar.

- No dia seguinte, quando fomos à praia e chegamos dela, tinha um concurso de dança no hotel, e é lógico que participaríamos, pois nós adorávamos dançar. Foi muito bom, crianças. Minha música era Macarena e a dele era Pan-americo. E adivinhe... ele ganhou o concurso de dança. Já eu, caí em cima dos jurados e quebrei o dedo. Foi um mês sem poder ir à praia.

- Isso é verdade? -indagaram algumas crianças.

- Claro que é verdade, crianças!! Essa foi uma aventura pela dança. Amanhã teremos mais histórias.

10 anos



Num lindo dia pela manhã, havia um pescador no Rio Grande do Norte que se chamava Rafael. Ele pescava na praia e vendia para um restaurante local.

- Quantos peixes você pescou? – perguntou o dono do restaurante.

- Eu pesquei vinte peixes!

- Muito bom! Você merece duzentos reais. – respondeu o chefe.

Rafael foi embora para sua casa, mas viu uma casa lotérica, entrou e apostou em um jogo que o prêmio seria R\$120.000,00.

No dia seguinte, chamou seus amigos para irem assistir ao sorteio do jogo que tinha apostado. Todos se reuniram ao redor da televisão, como Rafael adora contar histórias, começou a falar sobre o jogo que havia apostado.

- Meu chefe me pagou muito bem pela última pesca, até porque eu pesquei além da conta.

Então, resolvi fazer uma aposta para sair dessa seca.

- Olhem! Vai começar o sorteio. – disse um dos amigos.

O sorteio começou e Rafael anotava cada número para conferir seu jogo. Quando saiu o último número, ele berrou de alegria, pois tinha acertado todos os números que saíram: 5, 10, 40 e 42.

- Oxente! Ganhei esse bendito jogo! Não é possível... Minha gente, vejam isso!! – Rafael explodia de alegria com os amigos que não acreditavam no que viam.

No dia seguinte, ele foi ao banco e levou o bilhete do jogo para receber o prêmio. Ele chegou falando que era o ganhador. Todo o dinheiro dele foi guardado numa maleta. Rapidamente, ele saiu em direção à sua casa para guardá-la, pois ainda voltaria ao trabalho para realizar mais uma pesca para o dono do restaurante, aquele que lhe pagou os duzentos reais no dia em que fez o jogo na casa lotérica.

Rafael lembrou a sorte que aquela pesca havia lhe dado.

- Que sorte, minha mulher! – exclamou Rafael para sua esposa.

Logo em seguida, pegou a vara da sorte e foi para o mar com seu barco que já trouxera muitos peixes, e agora, muita sorte com a última pesca.

Ele começou a preparar a vara e conseguiu pescar desde peixe espada, peixe voador até um filhote de tubarão. Podem acreditar!

Na volta das ondas do mar, o chefe do restaurante lhe perguntou:

- O que pescou hoje para mim?

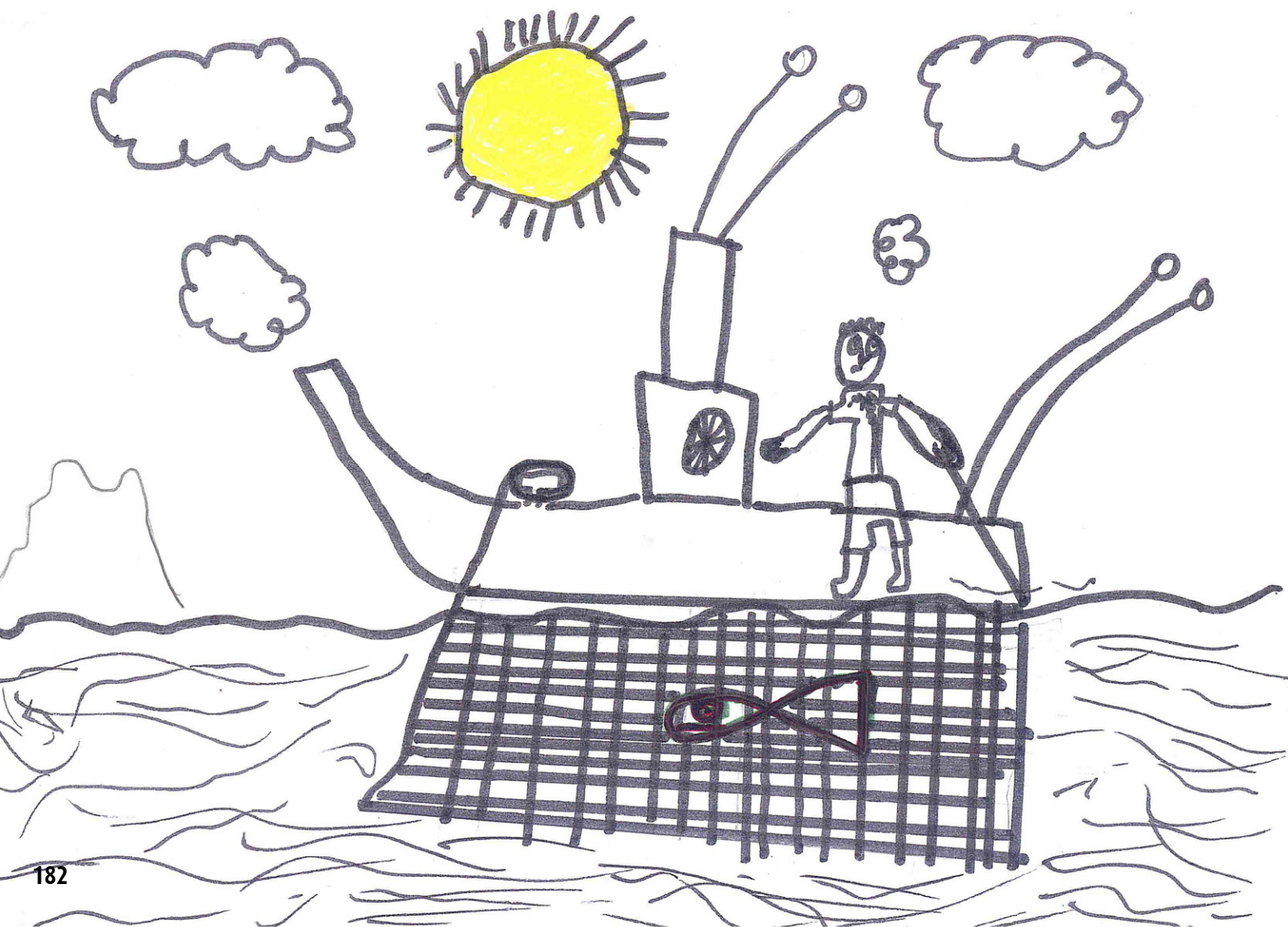
- Tudo isso, meu chefe! – mostrando a cesta cheia de peixes diversos – E tudo é para o senhor, pois na minha última pesca tive muita sorte.

- Então, te pagarei em dobro! – respondeu o chefe do restaurante que estava contente com o crescimento do seu pescador favorito.

Rafael recebeu um dinheiro que não esperava. Chegou em casa comentando da situação que viveu com seu chefe e com a venda dos peixes. Sua esposa e seus amigos que estavam o esperando para comemorar o prêmio tiveram que dobrar também a comemoração, pois Rafael tinha mais histórias para contar.

O PESCADOR FERROZ

Rafael Faria Grotkowski
10 anos



Em uma bela tarde de uma sexta-feira, o pescador José estava na varanda de sua pequena casa com seus amigos. Ele os convidou, chamando com sua voz rouca:

- Vou contar uma história que vocês não vão acreditar.
- Sério?! – os amigos falaram assustados.
- Vou contar esta história...

O pescador fez um silêncio e continuou.

- Eu estava perto de Fernando de Noronha, aí eu senti uma movimentação muito grande na água. Eu joguei minha rede e fiquei esperando uns dois minutos até que eu percebi que a rede estava se esticando e meu barco começando a virar de tão forte que era o bicho. Eu comecei a lutar com ele. Que peixe forte, meus amigos! Devia ter uns sete metros.

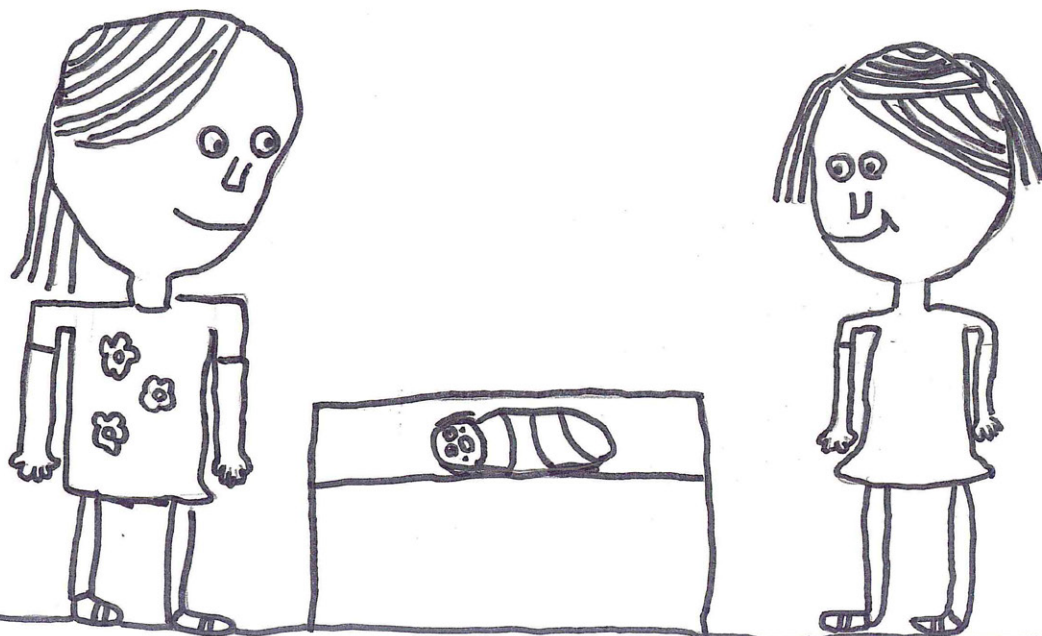
- Ôxe! – disseram os amigos entusiasmados com a contação.
- Eu lutava e lutava até que peguei aquele animal. □ continuava José.
- E aí, o que aconteceu depois que você pegou o danado? – os amigos exclamaram.
- Vocês saberão amanhã!!!
- Não! Nós queremos saber agora, José!
- Então, cheguei naquela praia e o peixe era muito...
- Era muito o quê, José?
- Ele só tinha um metro, mas era muito forte.

Os amigos ficaram arrependidos e foram embora. José havia conseguido enganar a todos. Foi dormir em paz por ter espalhado mais um de seus causos.

COMO CESÁRIA VIROU MADRINHA DE DAS DORES

Rafael Hester Cataldo

10 anos



No interior de Pernambuco, em uma tarde mais bela que as margens do Rio São Francisco, numa casa humilde de madeira, Cesária estava rodeada pelos vizinhos do bairro e por Das Dores, sua afilhada. Todos estavam de ouvidos bem apertos para escutar a história de Cesária.

- Alguém sabe por que sou madrinha de Das Dores? – pergunta Cesária.

- Não! – exclama o público.

- Então, agora vão saber – começa Cesária a contar a história com uma voz tão fina quanto uma agulha. Eu era dona de uma loja de pérolas, muito famosa em todo o país, passava pela rua e todos me olhavam. Eu até já jantei no restaurante mais chique do Nordeste. Eu tinha no meu cofre mais de um bilhão de cruzeiros e podia fazer o que eu quisesse. Até que um dia estava andando com meu carro, o mais veloz, e logo de cara olhei alguém passando fome, sem nada. Então, gritei:

- Motorista, pare o carro!

- Senhora, boa noite, o que acontece para você estar nessa situação? Qual o problema? – perguntei olhando aquela paupérrima pessoa cheia de dores na rua.

- Meu nome é Helena e acho que estou grávida, mas não posso ir ao hospital! - ela gritou toda dolorida em função da gestação.

- Motorista, me ajude a levá-la ao hospital, por favor! – eu disse muito preocupada com aquela situação. Quando finalmente chegamos ao hospital, a filha nasceu, salva, sem nenhum problema.

- Obrigada, senhora! Aliás, qual é o seu nome?

- Cesária. – disse me sentindo bem.

- O nome dela será Das Dores! – exclamou Helena.

- Tudo saiu bem. A filha de Helena era o bebê mais belo de todos e percebi que há pessoas muito pobres com uma vida boa, então, decidi doar meu dinheiro para instituições de caridade e me demiti do meu emprego para ser madrinha de Das Dores e viver para sempre perto dela.

A VIAGEM COM GOLFINHOS

Raquel Luisa Dias Cutlip
10 anos



Em uma noite de lua cheia, Jasminie, uma menina cheia de causos para contar, estava com seus irmãos na beira do mar, numa cidade do Rio Grande do Norte:

- Agora vou contar a vossemecês como eu viajei com os golfinhos!
-exclamou Jasminie.

Alexandre, que era um de seus irmãos, interrompeu-a:

- Nossa! Você já viajou com esses bichinhos? Que maneiro!

- Deixe-me começar, Alexandre! – retrucou Jasminie. Eu estava em Fernando de Noronha quando aconteceu isso. Era uma ilha e a noite eu estava sozinha, sem nada para comer ou beber. Desesperada, porque não tinha nada e estava com muito medo. Resolvi construir uma casinha de madeira e dormir por lá, protegida. Quando acordei, resolvi buscar alguma fruta, porque estava morrendo de fome.

- Eu não estou acreditando nisso, mana! – interrompeu Alexandre.

- Fique quieto e escute até o final. Eu ouvi naquele momento um som lindíssimo, mas não sabia de onde viera. Olhei para o mar e vi que eram golfinhos. Eles rodopiavam e pulavam. Eles eram lindos. Eu subi em um deles. Nós fomos bem longe, avistamos navios, outras ilhas... Mas tinha um problema: Eu não tinha comida. Fiquei novamente desesperada. Aquele golfinho sem vergonha tinha me levado para mais longe da minha comida. No meio do caminho, meus irmãos, o golfinho parou e me arremessou para outra ilha, que por sinal, era lindíssima, além de ter várias frutas. Eu comecei a entender... Eles estavam me ajudando. Voltaram e me levaram para outra ilha. Vocêmecês acreditam?

- Claro! – disse Alexandre.

- Oxente, mana! – respondeu seu irmão mais novo – Que história emocionante!

E assim, Jasminie foi vivendo outras aventuras e contando para seus irmãos e amigos que gostavam de ouvi-la.

COMO MARIA CREUZINA APRENDEU A FAZER RENDA

Sophia Soares
11 anos



Em uma tarde na casa de Maria Creuzina, após um belo pôr do sol, suas vizinhas tagarelas esperavam o jantar:

- Dona Maria! Cadê o jantar! – perguntava uma das amigas.

Lá da cozinha ouvia-se uma voz:

- Já tá saindo! – gritou a dona da casa.

Depois de sessenta minutos inteiros, Maria Creuzina saiu da cozinha, com prato na cabeça, na bandeja e na mão. Ela era uma velha coroca, de cabelo branco que nem nuvem, dentes amarelos e tortos, vestido de bolinha e avental branco. Toda engraçada. Na verdade, ela era biruta da cabeça.

Dona Maria e suas amigas comeram de montão, depois já tarde, ela exclamou para as convidadas:

- Vou lhes contar uma história!

Naquele momento a casa ficou em absoluto silêncio, até a mosca ficou quieta. E sabe por que todo esse silêncio? É porque além de Dona Maria Creuzina ser uma ótima rendeira e cozinheira, ela era uma contadora de histórias de primeira:

- Bom, a história que vou contar a vossesmecês é como eu aprendi a fazer renda!

- Então, o que você está esperando? Conte! – falou ansiosíssima uma das amigas.

- Está bem, vou começar...

Bem na hora em que ela ia começar, aquela velha sem vergonha pegou no sono. Ela roncava muito, mas muito alto. Para acordar, elas tiveram que jogar três baldes de água gelada na cara dela.

- Quando eu era criança – começou a Dona Maria Creuzina no meio do nada – eu era muito moleca, adorava fazer coisas de menino, como subir em árvores, andar descalça e entre outras coisas. Um dia, minha mãe me falou que eu precisava fazer mais coisas de meninas, como renda, cozinhar, costurar, pintar e cuidar de casa. Eu não queria fazer nada disso, mas a mainha me obrigou a fazer e bem no meu aniversário ela me pegou pela orelha e falou bem séria:

- Hoje, minha filha, ocê vai aprender a fazer renda!

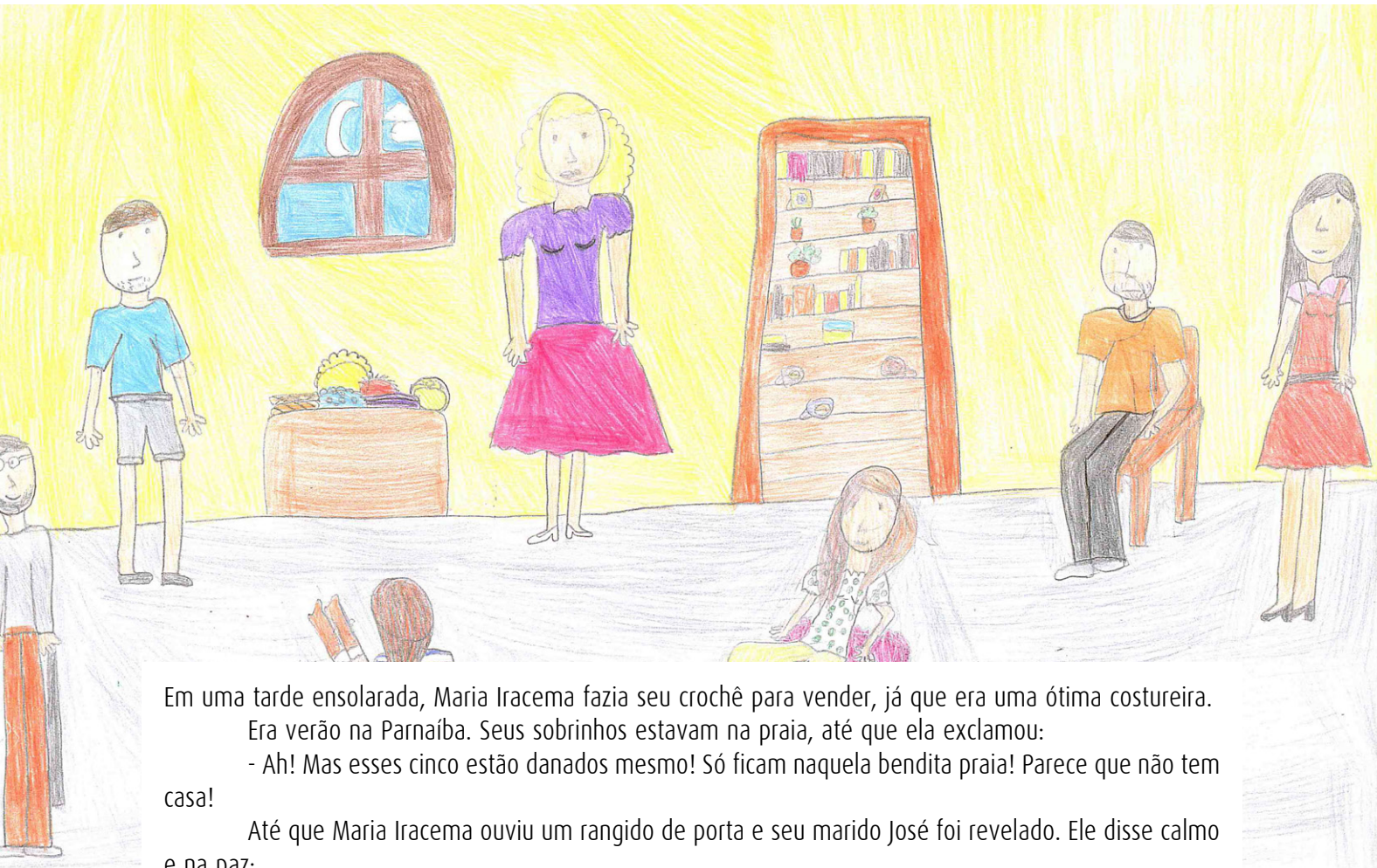
- Ela me trancou no meu quarto e me deu o material para fazer renda. Depois de horas, eu finalmente terminei e nem achei tão ruim ficar horas fazendo renda. A minha primeira renda não tinha ficado tão boa, mas fiquei treinando todo dia e teve um dia que a renda tinha ficado perfeita, melhor dizer, impecável. No dia em que mainha morreu, fiz um vestido preto de renda, lindíssimo, para ir ao velório, bem como as toalhas das mesas. Depois de alguns anos, abri minha própria loja de roupas de renda e agora, com 84 anos, só faço renda para quem encomenda. Bom, essa foi minha história, tomara que tenham gostado. Já está tarde e vou dormir. Se quiserem ficar mais, podem ficar. Boa noite!

E depois da história, todas foram embora e deslumbradas com a história tecida por Dona Maria.

A ÁRVORE do DINHEIRO

Valentina Prado Albuquerque

10 anos



Em uma tarde ensolarada, Maria Iracema fazia seu crochê para vender, já que era uma ótima costureira. Era verão na Parnaíba. Seus sobrinhos estavam na praia, até que ela exclamou:
- Ah! Mas esses cinco estão danados mesmo! Só ficam naquela bendita praia! Parece que não tem casa!

Até que Maria Iracema ouviu um rangido de porta e seu marido José foi revelado. Ele disse calmo e na paz:

- Calma, mulher, eles já voltam.

- Ah, meu marido! Como você quer que eu fique calma? Os filhos de sua irmã não chegam nunca, oxê!

- Olha, faça seu crochê, ou como um pouco de sarrabulho para distrair! – disse o homem mais alterado.

Ele saiu e foi cuidar dos seus trabalhos, já que era um simples engenheiro. Não tardou muito e os cinco sobrinhos chegaram esbaforidos.

Eram três belas jovens e dois homens: Lourdes, de 17 anos, Djanira, de 15, Nilceia de 20, e os cabras eram Paulo, de 23 anos e João, o mais velho, de 25 anos. Todos irmãos e danados que só eles!!

Dona Iracema, assim que os viu, quase teve um troço e gritou para seu João:

- Oxê, meninos! Seus moleques! Ocês disseram que iam voltar as quatro horas e já são sete da noite! Só por isso eu vou tirar esse computador de vocês e vou contar um causo que aconteceu quando não existiam...

- Tia! Poxa! Eu quero mexer no meu notebook. – gritou Lourdes exaltada.

- Eu não quero ouvir nenhum causo! – os dois outros jovens resmungaram.

- Nós iríamos pintar as unhas! – Djanira e Nilceia exclamaram em coro.

- Que diabo! Vocês vão ouvir e ponto final! Principalmente porque é da árvore do dinheiro – a costureira decretou. Escutem com atenção. Aconteceu há muito tempo, minha gente... Eu e o tio morávamos em um sítio bem longe daqui, e...

- Maria Iracema foi interrompida por Lourdes.

- Tia, não precisa desse suspense, porque não é história de terror, por favor!

- Êta, menina frescurenta! – murmurou Paulo.

- Fiquem quietos! Eu vou continuar, não discutam, não briguem, nem nada! E, voltando ao causo. Era uma noite de lua nova, eu estava com a barriga no fogão preparando uma galinha à cabidela para o jantar e o José estava lendo. Estava tudo bem, até que ouvimos um barulho estranho lá perto da mata. Depois, ouvimos de novo, e não parava mais até que o “Jô” disse:

- Oxente! Que coisa danada pra fazer barulho! Mas já que eu sou cabra macho, vou lá investigar!

E lá se foi o homem, e ficou lá uns quinze minutos. Chegou em casa com cara de quem viu assombração. Eu tratei de perguntar:

- Mas o que você viu? Espíritos?

- Não, não, minha querida, está tudo bem!

- Sei...- disse baixinho e desconfiada- mas é melhor você ir se deitar.

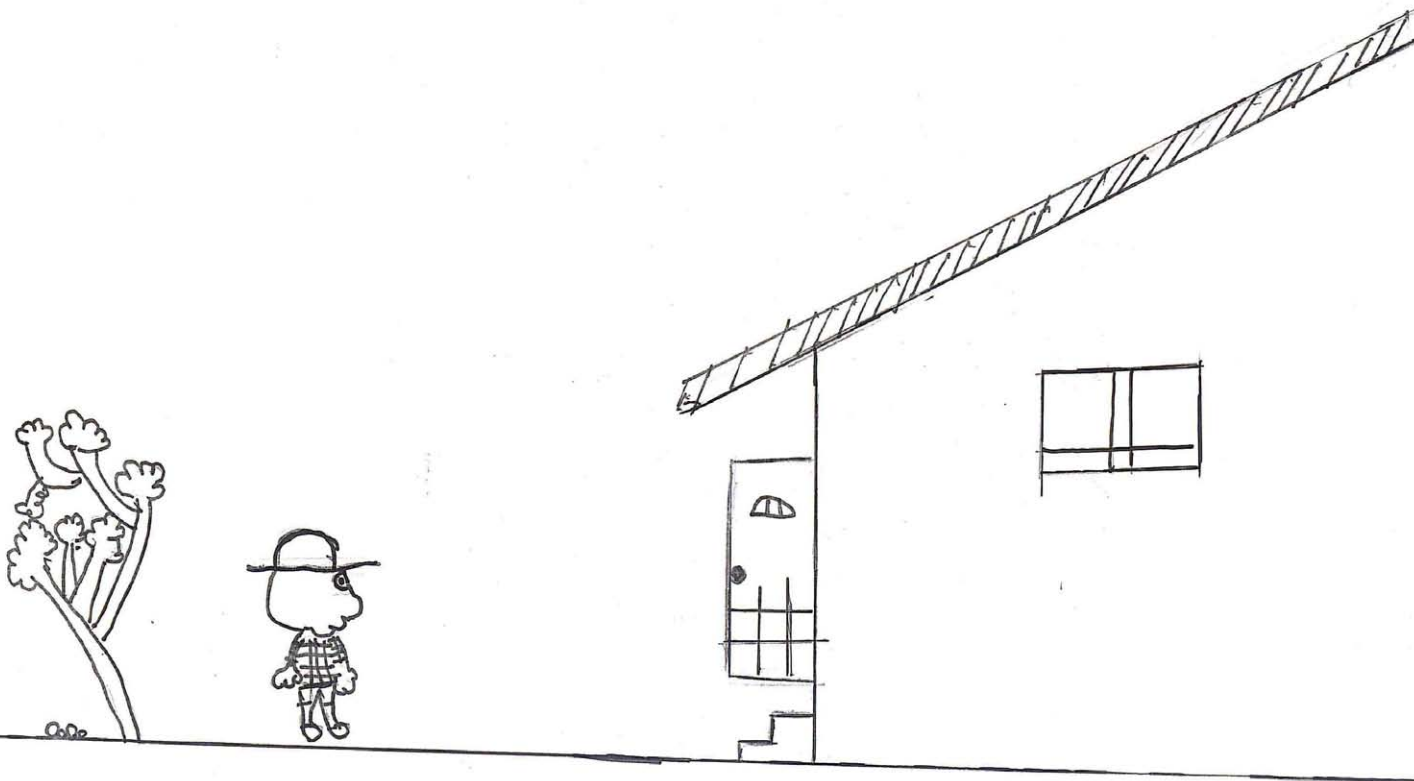
- Sim, mulher, é uma boa ideia! – ele deitou e capotou.

- Resolvi investigar o mistério, sabia que tinha carço naquele angu. Acontece que no dia seguinte, José me confessou que no dia que ouvimos o barulho, ele saiu na mata e achou uma árvore que tinha um monte de dinheiro no chão, bem encostado nela. Os dias se passaram, nós investigamos e descobrimos que era um pássaro que botava lá o grão, mas nunca descobrimos o porquê.

Então, o causo acabou em mistério e os sobrinhos foram dormir assustados e intrigados, ao contrário de Maria Iracema que tecia, além do crochê, histórias junto com Seu José. Os dois ficaram rindo e observando a cara dos sobrinhos após o causo contado.

COMO LIBÓRIO ENRIQUECEU

Victor Fagundes Pacheco
10 anos



Na casa de Libório, em uma linda tarde de verão, seus amigos Juvisceuso, Leleco e Jenuária estavam conversando. Todos queriam ouvir as famosas histórias de Libório.

- Todos vão querer ouvir minha história?

- O quê? – perguntou Juvisceuso que era surdo.

- Todos vão querer ouvir minha história? – ele tentou mais uma vez, o que fez com que todos aceitassem e quisessem escutar a história dessa vez.

- Há mais ou menos vinte anos eu morava em Brasília, a capital do nosso país. Ao todo ganhei duzentos mil cruzeiros, dinheiro que usei para apostar, para vir para cá e para comprar essa casa. Descobri que o presidente, minha gente, fazia briga de galos e precisava de um ajudante, pois seu animal era fraco e sempre, sempre, perdia as lutas. Disse que se me daria duzentos mil cruzeiros e mais cem mil cruzeiros para eu comprar um animal e ajudá-lo também.

- Vossemecê está comigo agora, terá que comprar um animal perfeito para mim, se não, será preso e mais, não terá para onde fugir.

- Então está bem, vou comprar!

- Logo comprei um cachorrão grande e forte, mas que não tinha um pingo de coragem. Deixei o cachorro com ele e como ainda tinha duzentos e cinquenta mil cruzeiros, já que tinha gastado cinquenta mil com o cachorro, gastei comprando um cavalo mais rápido que o vento. Fugi e vim para cá tentar a vida. Comprei a casa e ainda tenho parte dessa riqueza.

- Esta história é verdadeira e darei 500 cruzeiros para vossemecê.

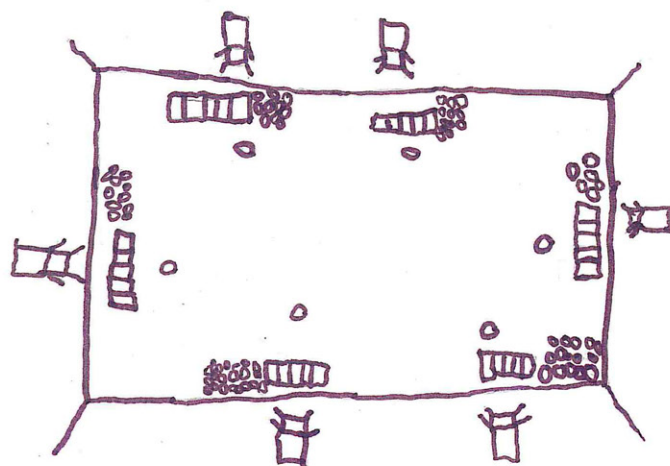
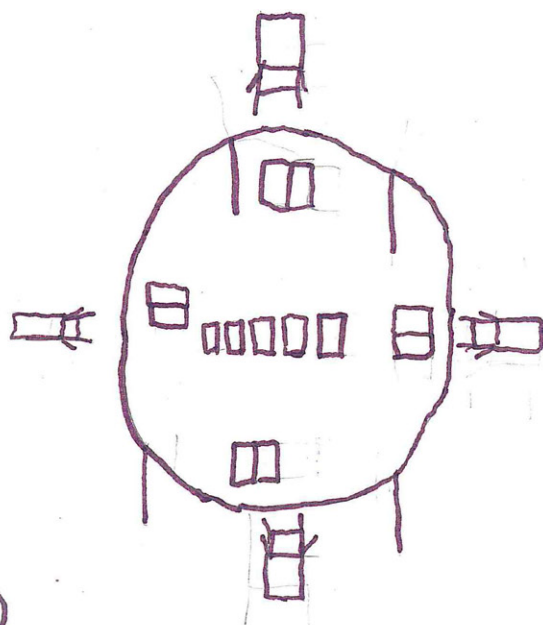
Sei que não é muito, mas dá para comprar comida e água para mais um mês. Ah... isso se não contarem para ninguém essa história.

Essa história não é completamente verdadeira, a casa que o Libório alega ter comprado é do presidente. Um mistério a parte.

A PERNA VIRADA DE JOSEFINO

Vinicius Vitral Arbex

10 anos



Na bela cidade de Teresina, o pescador Josefino era famoso por suas histórias e sempre perguntava para Maria Das Dores dos Santos Valdiceia Abreu Camargo, sua esposa fiel, para lhe confirmar o que contava.

Em sua casa, começava mais uma história:

- Meus amigos, hoje contarei como tenho esse pé torto.

Enquanto Josefino contava a história, o cego preto Josefaldo cochichou para Mariiazinha:

- Só pode ser coisa falsa!

- Isso não é coisa falsa não, sô! - exclamou Josefino. Continuando, no tempo em que eu era jovem, morava na cidade, além de ser rico eu tinha tudo o que queria. Porém, quando fui para os Estados Unidos, perdi tudo porque fiquei frequentando cassinos em cruzeiros. Desse modo, com tantas perdas, só tive dinheiro para voltar para o sertão, mais especificamente para Teresina, ou tentar ficar por lá e conseguir emprego.

José, um de seus amigos, interrompeu-o:

- E o que você escolheu, meu amigo?

- Escolhi vim pra cá, sô! - disse Josefino - e comprei uma passagem no mesmo dia. Quando estava vindo para cá, o avião caiu - todos ficaram assustados olhando fixamente Josefino - mas ninguém morreu. Todos foram para o lado direito, mas eu sabia que era para o lado esquerdo, porque meus pais morreram tragicamente nesse mesmo lugar. Bom, quando eu já estava longe deles, o piloto do avião foi junto e me falou que os outros tinham morrido e, apenas eu era o único passageiro sobrevivente.

- E o que aconteceu?! - perguntou Mariiazinha, ansiosa e com medo.

- Eu e o piloto continuamos a andar. Até que vimos vários cactos, eu via até uma onça e tive que acabar lutando com ela para poder sobreviver, já o piloto acabou fugindo com medo da felina. Foi uma briga feia, meus caros amigos. Venci, mas minha perna saiu. Comecei a tentar colocá-la do lado certo, mas não encaixava. Então, tentei colocá-la ao contrário e deu certo, por isso ela é assim. Quando cheguei aqui, conheci Das Dores e decidimos nos casar.

- Que história emocionante, Josefino! - comentou José.

- É mesmo, José! - exclamou Josefino - mas tem a história do meu olho torto, de quando meus pais ainda eram vivos, mas deixarei para outro momento de nossas

60
ANO

CONTO MARAVILHOSO

Tradições Nordestinas

Obra motivadora: **"A terra dos
meninos pelados"** de Graciliano
Ramos e **"Alice no país das
Maravilhas"** de Lewis Carroll

0 monstro verde

**Alexandre Kenzo
Murata Shibuya**
11 anos

Número do capítulo:
quatro e meio (IV,V)

Alice estava correndo na floresta, quando bateu com muita força em alguma coisa e caiu no chão. Ao levantar a cabeça para ver no que tinha batido, viu um monstro verde, carregando um saco grande e parecia que alguém se movimentava dentro do saco.

E ela disse no mesmo instante que viu o monstro:

- Desculpa, foi sem querer. Eu não te vi.

O monstro respondeu:

- Está tudo bem Você está bem?

- Eu estou bem. Qual o seu nome?

- Meu nome é Papa-figo. E o seu?

- O meu nome é gato Cherri... Ops meu nome é Alice.

- Só por curiosidade, o que tem dentro desse saco?

- Você não gostaria de saber...

A curiosidade de Alice estava crescendo e ficando maior que aquele saco, pois ela queria muito saber o que tinha dentro dele.

Papa-figo queria muito capturar a Alice, mas não podia porque não caberia no saco.

Além disso, ele ficou com dó de Alice porque ela era muito jovem e perguntou:

- Alice você está com fome?

Alice logo respondeu:

- Sim, por quê?

Então Papa figo deu um doce a Alice e falou:

- Prazer de te conhecer, Alice. Adeus!

Quando Papa-figo deu as costas, Alice ficou muito curiosa para saber o que tinha dentro do saco.

Então Alice pulou em cima do Papa figo e tirou o saco dele para finalmente poder ver o que tinha dentro. No mesmo instante, Alice ficou horrorizada e saiu correndo para trás e ele gritou:

-Volte Alice! Essa cobra é para minha mãe e eu comermos na hora do jantar!!!

E Alice, enquanto corria, gritou para o Papa-figo ouvir:

- Vocês comem cobras? Mas elas são venenosas!

- É que pra gente tudo é comestível, tudo a gente come! Comemos cobra porque esse animal tem carne, então a gente come.

Alice parou de correr e voltou para onde o Papa-figo estava e perguntou:

-Vocês comem coelho?

-Às vezes. Só quando dá.

Então Alice aterrorizada saiu correndo para fora da floresta.

Alice

Um belo dia Alice e sua tia Helena foram a um parque e sua tia lhe contou uma história. Mas Alice não entendia nada, ficava no mundo da lua. Alice sempre queria saber e perguntar tudo, horas e horas depois, quando sua tia ainda estava lendo o livro Alice subiu numa árvore pra falar com Dinah, sua gata.

E Dinah, também não entendia nada que a tia estava contando.

Depois de algum tempo, Alice desceu da árvore onde estava junto com Dinah, e foram para um lindo jardim com muitas flores. De repente passou um coelho de gravata e de paletó, falando sem parar: - E hora, é hora já vou meu Deus é tarde, tarde ...

Alice toda curiosa foi perguntar para o coelho, mas ele só falava 'tá tarde' e Alice começou a falar várias coisas para ele.

- Coelho por que você esta com tanta pressa? Por que você esta correndo deste jeito?

- Estou com pressa, pois vou chegar atrasado. - Respondeu o coelho.

Alice observou o coelho que entrou em um buraco na árvore. Ela entrou no buraco atrás do coelho e foi caindo lentamente por um longo tempo, quando viu uma chave que abria uma única porta. Pegou esta chave e abriu a porta, e saiu em um lindo jardim. Alice não sabia que a partir deste momento ela entraria em um outro mundo, no País das Maravilhas, onde animais, rosas, um exército de cartas, no qual ela iria ter um combate, um gato alegre e até um chapeleiro maluco falavam.

Alice começa a andar pelo caminho deste mundo desconhecido, quando apareceu na sua frente uma lagarta que começou a lhe dar vários conselhos.

Mas Alice só queria saber para onde o coelho havia ido. Ela continua a caminhar pelo jardim onde encontrou um gato que sorriu para ela, então ela pediu ajuda para ele indicar qual o caminho que ela deveria seguir.

Alice segue pelo caminho que o gato havia lhe indicado, quando encontra o chapeleiro maluco e a lebre, e eles a convidam para tomar um chá.

Depois do chá que foi um tanto maluco, Alice saiu assustada, e continuou sua caminhada atrás do Coelho.

Mais tarde Alice chegou em um jardim, era o jardim real da Rainha de Copas, onde os soldados estavam pintando as rosas brancas de vermelho, pois ela não queria rosas brancas em seu jardim: queria tudo vermelho.

Alice queria ajudar, mas de repente ela começa a crescer voltando a ficar enorme, assim a rainha começou a ordenar:

- Cortem-lhe a cabeça, cortem-lhe a cabeça....

Neste instante, Alice escutou a voz de sua tia vindo de longe para que ela acordasse. Bem, para acabar a história Alice acordou e tudo aquilo era apenas um sonho.

**Ana Luiza
Liberato Velho**
12 anos

Indo para o parque dos doces

**Caio Morales
Balkins**
11 anos

Número do capítulo:
Dois e meio (II,V)

Enquanto Alice caía, ela bebeu ácido e criou asas, pousando levemente no chão. Alice ainda perseguia aquele coelho que usava roupa e tinha um relógio. Ele entrou em uma porta que logo de cara fechou quase no dedo dela. Rapidamente, Alice contou quantos dedos tinha e começou a xingar a porta. Enquanto xingava, a porta falou para a menina:

– Qual é a senha?

Alice não sabia o que dizer então ela disse:

– A senha é senha.

– O quê? Reclamou a porta com raiva.

– A senha é senha. Berrou Alice com raiva, e depois a porta já se explicava:

– Sou surda como uma porta. Pode passar.

Alice entrou em outro mundo. Um mundo que ela nem sabia que existia.

Olhava tudo ao redor, tinha peixes voadores, água rosa, mas o que ela mais gostou foi o Parque de Doces.

Correu para o parque de doces e percebeu que havia dois caminhos. Apareceram dois guardas e cada um dizia uma coisa:

– É para a esquerda!

– Não, é para a direita!

Alice confusa disse:

– Qual é o correto. Direita ou esquerda?

– Um de nós é um mentiroso, o outro é verdadeiro.

Então Alice decidiu ir pela direita para chegar ao Parque dos Doces. Quando ela chegou ao fim da estrada, havia um abismo e próximo dele um vendedor de doces. Alice perguntou?

– Você vende balas de iogurte?

– Não vendo balas, apenas sorvete.

– Então, por que sua loja está escrito Doces e não Sorvetes?

Porque também vendo ingressos para o Parque dos Doces.

– Alice se surpreendeu e pediu um ingresso. Você pode dizer onde fica o parque de doces?

– Volte e pegue o caminho da esquerda.

– Alice cansada, caiu no chão e pediu:

– Por acaso você não tem nada que me faça chegar lá sem andar?

– Tenho um rato. Serve?

Alice se perguntava como um rato poderia ajudá-la a chegar ao parque.

O moço colocou o rato no chão. Ele saiu perseguindo Alice, que começou a correr e gritar de medo e nojo. Deste modo chegou ao parque.

O Encontro

Assim que Alice atravessou a portinha, se deparou com uma floresta. Ela percebeu que estava sendo seguida. De repente quando Alice olhou para trás, viu uma mulher parecida com uma fantasma, ela estava chorando muito, e lamentava:

- Porque meu pai me emparedou?! Eu nunca fiz nada de mal para ele!

Alice chegou perto da mulher e disse:

- Você não parece estar bem. De onde você veio? Por que está chorando?

A mulher parou de chorar e respondeu:

- Eu vim de Olinda, do Brasil. Estou chorando porque meu pai me emparedou com meu bebê!

- O que quer dizer emparedada? E onde tá o seu bebê?

- Emparedar, é quando prende a pessoa dentro da parede, sem dar comida e nem água. Eu vim aqui procurar o meu bebê, só que até agora não achei, aliás, você viu um bebê por aí?

Alice respondeu:

- Estava cuidando de um algumas horinhas atrás, só que ele virou um porquinho e foi embora.

E bem quando a emparedada parou de chorar, começou a chorar de novo, e falava:

- Será que era o meu bebê?!

Alice disse:

- Tenho uma ideia! No chá onde eu estava havia uma árvore com uma portinha que pode nos levar ao seu bebê, que tal?

As duas foram andando, até que chegaram à portinha, a mulher disse:

- Mas como você e eu vamos passar por essa portinha?

- Com o bolinho mágico, cada uma morde um pedacinho, e diminuiremos, certo?

A mulher ficou pensativa, mas logo disse sim para a ideia. Alice estava procurando o bolinho no bolso até que achou, então as duas deram uma mordida entraram na portinhola.

As duas chegaram do outro lado e se depararam com o mais belo jardim de roseiras, a mulher falou:

- Mas, nós vamos ficar pequenininhas?

- Não, nós vamos beber o líquido mágico para crescermos, só que não podemos tomar muito, porque tenho certeza que você e muito menos eu queremos virar gigantes, certo?

As duas se sentaram perto de uma árvore para descansar, Alice disse:

**Celina Oliveira
Gomes de Paula**
11 anos

Número do capítulo:
Sete e meio (VII,V)

- Porque seu pai te emparedou?

Ela respondeu:

- Longa história, mas vou te contar. Eu era de uma família rica de Recife, eu ainda não tinha me casado, mas um dia conheci um moço muito belo, só que para meu pai este moço não servia, porque era pobre. Nós estávamos tão apaixonados que acabamos namorando escondido, até um dia que ele sumiu. No dia que ele sumiu eu descobri que estava grávida, então achei melhor não contar para ninguém, apenas para o meu pai, porque pensava que ele me entenderia. Ele não entendeu. Ele achou que uma moça de família, como eu, não poderia engravidar antes do casamento.

Alice perde um amigo

Depois de conversar com a lagarta, Alice tinha ficado mais confusa do que já estava. Não sabia quem era, onde estava ou porque estava lá. Só sabia que não estava sozinha e que aquele lugar era muito estranho.

Estava anoitecendo e Alice ficou com muita sede e fome. No caminho achou um castelo e pensou que lá poderia ter algo para beber e comer. Foi direto para o castelo. Quando chegou, deu de cara com uma mesa gigante cheia de comidas e bebidas diversas, então, começou a comer, ouviu passos e se escondeu debaixo da mesa, era a Rainha Vermelha e Alice estava com muito medo que a vissem. Não sabia o que fazer, só sabia que sair de lá era uma grande besteira, pensou que poderia esperar as pessoas saírem para poder ir embora, mas eles não saíam, ficaram comendo e conversando por horas até que eles finalmente foram embora.

- Finalmente eles foram embora, pensei que ficaria aqui para sempre.

Alice estava indo embora quando o coelho a viu, Alice ao perceber que o coelho a viu, logo disse:

- Por favor, não grite! Só estou aqui porque estava caminhando e estava com muita fome e sede. Quando vi o castelo, pensei que aqui poderia ter comida e bebida, mas quando estava comendo ouvi passos e me escondi debaixo da mesa. Eles ficaram horas conversando e comendo e só agora consegui sair daqui, deixe-me ir, por favor. Não queria atrapalhar, só queria comer.

- Tudo bem não contarei, mas é melhor você ir logo antes que a Rainha Vermelha volte!

- Muito obrigada.

E Alice foi embora. No caminho ela começou a ouvir um som esquisito, parecia passos, ficou com medo e começou a andar mais rápido - quando viu estava correndo. Olhou para trás e não viu nada. Achou que poderia ser que ela estivesse com sono então resolveu dormir. Alice acordou suando e disse a si mesma:

- Que bom que foi só um pesadelo pareceu tão real. E voltou a dormir, quando estava dormindo ouviu de novo passos, abriu os olhos e quando ia se levantar só viu uma perna acertando sua cabeça. Acordou em um lugar muito estranho, estava com medo, não sabia o que fazer, então, começou a gritar e chorar. Chegou uma perna humana peluda e nojenta. Alice perguntou quem era ela.

- Eu sou a perna cabeluda, uma lenda do Recife, Alice pensou que ela iria salvá-la, mas ele começou a rir dela, ela não entendeu porque ele estava rindo então perguntou:

- Por que você está rindo?

Felipe Eizo
Utamura
12 anos

Número do capítulo:
Cinco e meio (X,V)

- Por que você não está rindo? Disse o homem.
 - Não estou rindo porque estou presa aqui com muito medo sede e fome.
- O homem disse que iria tirar ela de lá, quando o homem tirou ela, Alice

perguntou:

- Qual é o seu nome.
- Meu nome é Chapeleiro Maluco. E o seu?
- Eu me chamo Alice. Respondeu ela.

Eles ouviram passos e então o Chapeleiro falou para Alice ir e para encontrar ele na floresta, mas não de noite. Alice perguntou se ele trabalhava para a Rainha Vermelha ele respondeu que não.

- Agora vá, e não se esqueça de me encontrar amanhã. Disse o homem sorrindo.

No dia seguinte ela estava lá esperando pelo Chapeleiro, quando viu pessoas chegando e se escondeu nos arbustos. Ouviu alguém falando e quando viu era a Rainha Vermelha, ela disse que era para eliminar Alice porque ela já sabia muito.

Alice saiu correndo de lá. O Chapeleiro chegou e não viu Alice lá, logo pensou que ela tinha esquecido e foi embora.

Alice foi ao castelo pensando que iria encontrar o Chapeleiro, mas quando chegou viu vários guardas na porta do castelo. Quando estava indo embora ouviu um barulho estranho dentro da mata pensou ser o Chapeleiro, mas quando foi ver era só um passarinho nadando, foi embora triste por não conseguir pedir desculpas por não aparecer no encontro, se sentiu culpada, não sabia o que fazer, então foi pedir ajuda para velha lagarta, mas quando chegou lá ela estava no casulo dela se preparando para se transformar em uma borboleta. A menina estava confusa, não sabia com quem conversar então foi procurar o Chapeleiro e quando foi procura-lo não encontrou ele e foi embora.

A aventura

Estava tudo escuro e frio, Alice estava andando pelo jardim procurando por um lugar claro. Até que uma hora, Alice começou a sentir frio e sono. A menina começou a procurar por um lugarzinho confortável para dormir, quando ouviu passos fortes pela grama. Ela começou a correr com medo do que iria aparecer, quando de repente um vento forte começou a soprar, até que encontrou um lugar bem confortável para dormir.

No outro dia, Alice acordou e continuou a caminhar pelo jardim. Quando ouviu de novo o barulho de passos fortes pela grama, e com o medo que estava sentindo, bateu em uma árvore, ficou tonta e começou a ver embaçado, quando começou a ver uma pessoa com cabelo de fogo, pé torto se aproximando dela, quando de repente Alice desmaiou.

Quando acordou novamente, Alice estava em um lugar feio. Quando olhou para trás, viu uma criatura feia com cabelo de fogo, pé virado, e dentes bem amarelos, e perguntou assustada:

— Quem é você? E onde estou?

— Eu sou a criatura mais feia que você poderá ver neste lugar! Sou o Curupira, e você está no lugar totalmente oposto ao Jardim onde você estava. Aqui é o lugar dos monstros, o lugar onde você nunca desejaria estar.

— E por que estou aqui?

— Porque você desmaiou quando bateu na árvore e eu te trouxe até aqui.

— Por quê?

— Porque sempre quando me veem, correm de mim e eu não sou um cara mau, eu quero amizade com os humanos, mas nunca me compreendem. Se você quiser fugir agora, pode ir.

— Não vou fugir. Vou te ajudar a ter amizade com os humanos, eu conheço várias pessoas que provavelmente vão gostar de você, venha comigo.

— Mas aonde você vai?

— Eu vou ao Jardim, para encontrar com eles e apresentar você a eles.

— Mas eu não posso ficar lá por muito tempo, porque se algum guarda me vir, eles me prendem.

— Ok. Então vamos arrumar um disfarce para você.

Alice e Curupira começaram a andar pela floresta procurando por um disfarce, até que acharam um lugar com várias folhas secas e verdes. Com as folhas começaram a cobri-lo. Quando acabaram foram direto para o Jardim encontrar os amigos de Alice.

Quando chegaram ao Jardim, o Curupira encontrou um guarda que estava bem a sua frente, Curupira sussurrou para Alice:

— Alice, há um guarda na minha frente. E Alice respondeu:

**Guilherme Roriz
Borges**
11 anos

Número do capítulo:
Oito e meio (VIII,V)

— Calma, ele não irá fazer nada com você se você não tiver reações.

— Ok.

Depois disso, passaram pelo guarda sem dizer nada, quando o guarda já estava para trás, ele gritou bem alto:

— Ei!!! Vocês, venham até mim!

E o Curupira com muito medo, começou a correr do guarda, com isso as folhas de seu corpo começaram a sair. E o guarda, ao ver o Curupira, passou o rádio para todos os guardas.

Enquanto o Curupira corria, foi pego de surpresa por um guarda.

Alice ficou muito nervosa, porque ela ficou muito amiga do Curupira, e ficou chateada por ele ser preso, Alice nervosa perguntou para um guarda:

— Para onde vocês levaram o Curupira? E o guarda respondeu:

— Levamo-no para a prisão de Bunquitaki.

— Ok, obrigada.

Alice foi correndo para avisar seus amigos de seu novo amigo, o Curupira, o que havia acontecido e tentar libertá-lo da prisão.

Alice chegou onde os amigos estavam e disse:

— Gente, eu fiz um novo amigo, o nome dele é Curupira.

Quando Alice disse isso todos ficaram assustados. E Alice continuou:

Mas ele é uma boa pessoa, tanto que eu sem querer bati em uma árvore, desmaiei, e ele me ajudou.

Como Alice estava casada ela não terminou a história e foi direto ao assunto.

— Então, continuando, ele foi preso e preciso que me ajudem a tirar ele da prisão.

Os amigos de Alice ficaram se olhando assustados, quando todos falaram juntos:

— Ok, iremos ajudá-la, mas só porque você é nossa amiga.

— Ok, obrigada, então vamos logo!!!

Todos começaram a correr loucamente, quando chegou um animal grande e peludo, que disse:

— Querem carona para algum lugar?

Alice respondeu:

— Queremos! Por favor.

Todos subiram no animal, e ele começou a correr, quando de repente, a noite fria começou a cair, todos começaram a sentir frio. Até que viram Alice dentro dos pelos do animal, e fizeram o mesmo.

Só chegaram na prisão 2 dias depois.

Quando desceram do animal agradeceram e ele foi embora como uma pena no sopro do vento forte.

Quando Alice perguntou:

— Imagine se nós viéssemos a pé. Iríamos demorar uns cinco dias pelo menos

E todos concordaram.

Todos entraram na prisão para libertar o Curupira. Eles andavam e andavam, e não achavam ele, quando de repente uma mão começou a subir no pescoço de Alice, e era ele, o Curupira. Alice logo avisou os outros bem baixinho que o Curupira estava naquela cela.

Rapidamente Alice tentou destrancar a cela, mas não conseguiu, ela começou a procurar a chave em todos os lugares, mas não achava. Quando ficou cansada e colocou a mão no bolso, e achou um clipe em seu bolso. Alice quase gritou de alegria, mas prendeu o grito. Depois disso, Alice abriu a cela rapidamente, quando estavam correndo, um guarda entrou na frente deles, mas Alice ficou tão agitada, que deu um soco na cara do guarda, Alice ficou assustada com ela mesma, mas do mesmo jeito continuaram a correr.

Quando já estavam no meio do caminho, o Animal grande e peludo apareceu de novo, e perguntou:

— Querem carona?

E Alice respondeu:

— Sim, por favor, aproveitando que você está aqui, só por curiosidade, qual é o seu nome?

— Meu nome é J.O. K., e qual é o seu nome?

— Meu nome é Alice.

— Ok, subam aí, porque a viagem é muito longa.

Todos subiram felizes em cima de J.O. K. Enquanto estavam lá em cima, todos faziam muita amizade com o Curupira, e quando eles menos esperavam, eles chegaram felizes.

De repente, quando todos estavam rindo, Alice estava chorando, quando o Curupira viu, ele foi falar com ela, e perguntou:

— Por que você está chorando?

— Eu estou chorando porque você vai embora.

— Tudo bem, mas depois eu vou voltar para nós ficarmos juntos novamente.

Alice enxugou os olhos e disse:

— Ok.

Alice levantando, perguntou:

— Então pelo menos me dá um abraço?

Curupira disse:

— Claro - e deu um abraço em Alice.

Todos se despediram do Curupira, e quando menos esperavam, ele tinha ido embora.

O anjo e a morte

**João Victor
Pereira Bicalho**
11 anos

Número do capítulo:
Sete e meio (VII,V)

Depois do chá maluco, Alice começou a andar por uma floresta e encontrou uma casa. Como era noite e estava cansada, resolveu ver o que tinha dentro dela, porque depois daquele chá nada podia ser pior.

Bateu na porta e nada. Bateu de novo e nada. A porta estava aberta. Então, Alice resolveu empurrá-la, não tinha ninguém e resolveu ver a casa. Na casa, ela viu uma cozinha, um quarto com uma cama e como estava com sono resolveu dormir.

No meio da noite, a porta da casa se abriu de repente e a porta do quarto também se abriu. Era o Biu Olho Verde, e ele disse:

— Você prefere receber um tiro ou um beliscão?

— Nenhum dos dois. Sai daqui seu monstro!

— Bem, então vai receber os dois.

— Não! Prefiro o beliscão! - O Biu Olho Verde tirou o alicate do bolso.

Alice teve um plano: na hora que o Biu Olho Verde fosse dar o beliscão

Alice ia chutá-lo e fugir. Foi isso que ela fez, mas quando ia sair da casa, Biu Olho Verde deu um tiro que passou de raspão em Alice.

Na floresta, Alice estava sangrando e não conseguia mais correr. Parou em um tronco, cansada e com muita dor, Alice achou que não tinha mais esperança e de repente ela olhou para cima e viu uma pessoa, como se fosse um anjo que disse:

— Minha garota, por que chora tanto?

— Porque levei um tiro de raspão.

O anjo, com pena da pobre menina, curou Alice e falou que o Biu Olho Verde não ia mais incomodá-la. Alice agradeceu ao anjo e saiu correndo daquela floresta.

A praça da rua nova

Durante todo aquele dia, Alice caminhou pelo País das Maravilhas onde estava perdida há alguns dias de suas férias. Passando por uma praça, quis logo saber o nome dela.

Sem nenhuma timidez, Alice perguntou a uma flor falante que estava lá perto olhando para o céu:

— Por favor, qual o nome desta praça?

— Praça Chora Menino, minha querida!—disse a flor.

— A senhora sabe o por quê deste nome ?

— Sei sim, eu tenho um tempinho ainda, vamos sentar naquele banco ali eu vou te contar com mais detalhes.

— Claro! - disse Alice toda animada

— Em 1831, ocorreu a revolta chamada Setembrada. Essa revolução foi entre soldados e civis contra o governo. Saques e crimes deixaram muitas mortes, essas pessoas foram enterradas na região do Sítio de Mondego região central de Recife. Dizem que todas as noites eram ouvidos prantos lamentosos de crianças.

Os choros e gemidos seriam das crianças que perderam seus pais os soldados que participaram e morreram nas batalhas das ruas.

A flor falante continuou:

— Este é o motivo pelo qual o lugar ficou conhecido como “chora menino”. Alice agradeceu a atenção da flor e ficou muito satisfeita com a explicação, levantou e seguiu com a sua curiosidade por várias ruas.

**Julia Maria
Contrucci Ferreira**
11 anos

O Papa figo

**Marcela Michelano
Rocha**
12 anos

Número do capítulo:
seis e meio (VI, V)

Estava de dia e havia um sol forte e brilhante sobre a cabeça de Alice. Estava tudo bem, até que tudo escureceu como se uma nuvem tivesse coberto toda a paisagem e de repente tudo começou a se desfazer e a murchar. Ficou tudo escuro, como se já tivesse à noite. Alice estava andando lentamente pela mata, até que ela ouviu passos rápidos sobre a grama molhada. Ela olhou para todos os lados, mas não viu nada, então Alice sentiu um vento gelado passar por seus braços e viu vultos a sua volta. Ela sentiu medo, mas continuou a andar.

Quando estava andando viu no chão, sangue e foi surpreendida ao ser presa num saco. Sem ver a cara da figura ela estremeceu e gritou até perder a voz. No outro dia, ela acordou se sentindo estranha, pois estava em outra habitação, era um lugar escuro com só apenas uma luz, que saía por uma fresta que iluminava todo o lugar. Ela se levantou, olhou pela fresta e viu a paisagem nublada e murcha.

Depois de horas aprisionada naquele lugar, a porta a sua frente se abriu, e a luz se espalhou pelo lugar, Alice não pôde ver a cara do desconhecido, pois a luz que saía pela porta era muito forte. Só pôde ver que era um homem. Ele jogou um prato de comida no chão e saiu, fechando a porta com força e trancando-a.

À noite, Alice estava pensando em como sair daquele lugar. Ela estava nervosa e com medo do que iria acontecer. Bem nesse momento, seus pensamentos foram interrompidos por uma voz, e ela pensou deve ser a voz do homem que me aprendeu aqui. Horas depois, Alice ouviu a porta bater e depois de um tempo soube que o homem havia ido embora, então começou a fazer seu plano.

Enquanto estava pensando ela viu um buraco no chão e viu um papel também, então começou a ler:

Sei que quando ler isso já estarei morta, mas é preciso te contar antes que você seja também.

Então, nós aqui nessa casa abandonada não podemos fazer nada, só nos comportar bem para não ter nossos fígados retirados de nossa barriga. Os quartos são separados e o homem que nos prende aqui come os fígados de crianças. Por isso não tenho muito tempo de vida, pois o homem está com fome e por muitos dias tentei sair daqui, mas sem sorte, ele me pegou escapando e me falou que vai comer meu fígado bem à noite e já é tarde, então, não tenho muito tempo.

O homem que nos prende aqui, na verdade, não é homem e sim um papa figo, eu sei que isso é estranho, mas eu já vi com meus próprios olhos e posso

garantis que ele existe.

O único jeito de sair daqui é pelos esgotos e não é muito legal. Esses dias mesmo eu descobri, pois foi ontem que o papa figo me pegou saindo por lá, eu já podia ver a luz do pôr-do- sol, mas então tudo escureceu e começou a chover, e bem nesse momento um vulto veio atrás de mim e me puxou para dentro da casa abandonada.

Então, tome muito cuidado ao sair.

Elena Laneff Jordan.

Alice terminou de ler e começou a pensar, mas foi interrompida ao ouvir a porta da frente da casa ser aberta e o homem entrar.

Alice de tanto pensar adormeceu e foi bom mesmo porque era melhor colocar o plano em prática no outro dia.

No outro dia Alice já estava bem descansada e começou a colocar o plano em prática. Pegou uma barra que completava sua cama, um alfinete do chão, seu cobertor e seu lençol e guardou um pouco de comida do café da manhã.

À tarde Alice já tinha tudo pronto. Vestiu o cobertor como um capuz, colocou nos lençóis seu café da manhã e pegou a barra.

Alice não tinha a mínima ideia de como tirar o homem de lá, mas alguma alma boa a ajudou, pois bem na hora o homem havia ido embora. Então, Alice com o alfinete abriu a porta calmamente, pois não tinha certeza se ele havia ido embora, olhou para os dois lados e não viu nada. Ela abriu porta por porta com o alfinete e falava a cada um dos animais ou pessoas que via:

- Faça silêncio, vá até o esgoto e saia cuidadosamente. Vá viver sua vida. Estou soltando os outros. Não circule mais por essas redondezas.

E todos repetiam a mesma coisa:

- Ok.

Então, quando terminou de soltar os outros, Alice saiu pelo esgoto e viu todas as pessoas saindo felizes.

Ela saiu pelo caminho de grama e sorriu.

Bil do Olho Verde, Alice e a dança

Alice estava saindo do chá maluco e começou a pensar como foi maluco aquele chá e viu o Bui do Olho Verde e começou a se perguntar porquê ele levava aquele alicate na mão e em vez de ficar com a dúvida, ela perguntou a ele:

**Marina Larcipretti
de Lima**
11 anos

Número do capítulo:
seis e meio (VI,V)

- Porque você leva esse alicate na mão?
- Ele respondeu:
- Eu tiro o mamilo das mulheres com meu alicate.
- Você não vai arrancar o meu, né?
- Eu retiro o mamilo das mulheres.

- Mais você não vai tirar o meu, né?!
- Depende da escolha que você fizer !

- Que escolha ?
- Você prefere levar um beliscão ou um tiro?

- O beliscão!

- Você tem certeza?
- Sim eu tenho melhor que um tiro.
- Então você está pronta?
- Po-po-pode ser!
- Então vou contar até três.
- Ok.
- um, dois...
- Paaaaaara isso vai doer ?!
- Não, sei. Você vai descobrir!!!
- Ok, mas agora conta até cinco.
- Um, dois, três, quatro,...
- Paaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!!!
- Chega! O que foi agora?
- Vamos fazer um acordo!
- Um acordo?
- É um acordo, vai ser assim, você para de fazer isso com as pessoas que eu

faço qualquer coisa que você queira, ok?

- Está certo.
- Mas, o que você quer?
- Eu quero conhecer o Chapeleiro Maluco.
- O chapeleiro maluco?
- É, o Chapeleiro!!!
- Está bem.
- É que eu quero vê-lo dançando!!!
- Ele dança muito bem.

E Alice leva Bil para conhecer o Chapeleiro e ele dança para Bil. Bil fica muito feliz porque ele sempre quis vê-lo dançando. Então o Bil nunca mais fez aquilo com as mulheres.

O homem da meia noite

**Matheus Teixeira
Alves**
11 anos

Número do capítulo:
Cinco e meio (V,V)

Alice sonhou que à meia-noite, um homem saía pelas ruas encantando todas as garotas que olhavam pela janela, mas era só um sonho. Ao amanhecer, Alice foi tomar café da manhã, mas antes sua mãe lhe disse:

- Alice hoje à noite eu e seu pai vamos sair para assistir a um show com o nosso vizinho o Mr. Borrachudo.

Alice perguntou animada:

- Que horas vocês voltam pra casa?

- Mais ou menos umas 4h30 da manhã.

Alice ficou empolgada, pois seus pais nunca a deixavam ficar acordada até às dez horas da noite, mas já que eles iam sair, ela poderia ficar acordada quanto tempo quisesse.

- Ah, para você não ficar sozinha, sua avó e seu avô vão ficar aqui com você - disse sua mãe, rompendo a felicidade da garota.

Alice, desapontada, foi brincar de boneca no parque com suas amigas.

- Ei, você já sonhou que à meia-noite um homem sai pelas ruas encantando todas as garotas que olham a janela?- perguntou Alice para Vitória.

- Sim, eu pensei que fosse a única- disse ela.

- Ei, posso dormir na sua casa hoje?-perguntou Alice.

- Sim, seus pais deixam?

- Talvez sim- respondeu Alice.

- Vamos perguntar

Depois de perguntar para seus pais eles deixaram e Alice e Vitória viram O Homem da Meia-Noite.

Alice e o pé peludo

Quando Alice estava saindo do chá maluco, se deu conta que ninguém estava atrás dela. Quando percebeu, parou e viu que estava presa naquele mundo e precisava sair de lá o mais rápido possível. Subiu na árvore e falou:

- Onde estará a saída? Preciso procurar e encontrar.

E assim ela fez, procurou mais não achou a saída. Quando de seu conta não achou nada, mas deu de cara com a lagarta que tinha encontrado mais cedo em cima de um cogumelo. Novamente ela lhe disse :

- Um lado sai do mundo e o outro acha uma lenda de dar medo.

Alice curiosa pensou que sair do mundo era o que queria, mas que poderia encontrar uma lenda perigosa. Alice pensou e falou consigo vou arriscar para tentar sair desse mundo louco. Então, como soube que a sua colega centopeia falava a verdade foi para a esquerda. A centopeia nem se mexeu, então ela falou:

- Vou para direita.

E ela nem se mexeu. Alice que não segurava a sua paciência, disse:

- Onde eu vou, senhora centopeia?

A centopeia nem se mexeu. Alice ficou tão brava que não pensou saiu correndo e falou:

- Vou para esquerda. Não ligo. Tchau!

Alice saiu na disparada, ouviu um barulho de alguém andando e logo procurou de onde vinha o barulho. Viu um pé que era cheio de pelo e disse:

- Oi.

Mas ninguém respondeu, assim disse de novo:

-cOi.

Nervosa com o que tinha acontecido com ela e a centopeia, e também por ser ignorada por essa pessoa de pé peludo, gritou e foi à frente do pé. Se assustou quando viu que a pessoa não tinha corpo era apenas uma perna peluda com osso de fora. Gritou mais alto ainda e a perna começou a pular. Alice com medo disse:

- Quem você é? Por acaso você é uma lenda chamada Perna Cabeluda .?

Um tempo depois Alice ouviu uma voz baixa que dizia sim. Alice com medo perguntou:

- Perna Cabeluda, você disse isso?

Um silêncio absoluto durou dez minutos e foi quebrado por um barulho de pássaros. Depois de mais ou menos cinco minutos, Alice pensou consigo o que eu devo fazer vim pro lado da lenda será que consigo fugir e ir para o outro lado? Já

Murilo Altenfelder

Vaz

11 anos

Número do capítulo:

sete e meio (VII,V)

sei vou dar a volta e correr para o outro lado. Assim dito, foi feito: saiu correndo e deu uma volta enorme depois de anoitecer e clarear duas vezes, ela se encontrou com a Perna Cabeluda. Com medo e achando estranho por ter andado tanto e parado no mesmo lugar, a Perna Cabeluda começou a conversar com Alice e disse :

- Sou apenas uma perna cabeluda ou cheia de pelos, como preferir. Uma perna arrancada brutalmente de um ser Humano, perto de um rio chamado Capi-baribe. Com isso, quando apareci em público surgiu um boato que eu ganhei vida, porém eu sofri. Um raio que me deu vida e me deixou do jeito que estou agora. Calma com a história que a Perna Cabeluda tinha contado, Alice se acalmou e perguntou:

-Por qual motivo assustaram tanto as pessoas para que tivessem esse medo de você? É só uma perna humana cabeluda.

-É que quando as pessoas me viam, achavam que eu iria fazer algo de mau com elas e com tanto medo, elas trancavam as portas e janelas. Assim de uma hora para outra, cai no rio onde me separei do meu corpo e vim parar aqui, mas mesmo aqui fogem de mim. Estou com medo. Me desculpa por ignorar você aquela hora. Podemos tentar sair daqui juntos, ok?

Alice pensou e disse que tudo bem. Depois de muito tempo caminhando, Alice começou a bocejar e dormiu. Perna Cabeluda começou a descansar junto com Alice. Juntos eles acordaram e na frente deles apareceu um poço. Alice com medo desmaiou e a Perna Cabeluda também. Depois de alguns dias, eles acordaram - os dias estavam durando apenas oito horas. Dessa vez, eles não desmaiaram e pularam dentro do poço. A Perna Cabeluda desapareceu. Alice a procurou por onde pôde e quando se deu conta, estava numa floresta toda pintada de forma de cartas de baralho.

O Alicate

Já era noite, Alice começou a procurar um lugar para dormir. Ela estava com medo porque estava ouvindo um som muito estranho, parecia um monstro com fome. E ela começou a correr com medo de ser encontrada, pois o monstro podia mata-la. Depois, ela achou um lugar confortável para dormir.

Quando amanheceu, Alice acordou e começou a correr pelo jardim, quando ouviu o som estranho de novo, mas dessa vez estava mais alto. Quando ela viu, era uma perna peluda que começou a chutá-la sem parar. Ela perguntou:

- Por que você está me chutando e de onde você veio?

- Eu vim do rio Capibaribe, eu estou te chutando porque preciso de ajuda para sair daqui, mas a maioria das pessoas que me veem, fogem de mim. Mas eu não sou mau, eu só preciso de ajuda para sair daqui e se quiser fugir agora fuja à vontade.

- Eu não vou fugir eu vou te ajudar a sair daqui, para fazer amizade com as outras pessoas.

- Muito obrigado, qual o seu nome?

- Alice. Agora vamos sair daqui.

- Vamos logo então.

Depois de eles acharem a saída, eles começaram a correr para achar algum lugar para ficar por um tempo. Quando eles acharam, ouviram barulho de passos, era Biu do Olho Verde. Ele perguntou :

- Beliscão ou Tiro?

- Beliscão.

- Certeza?

- Sim.

Ele pegou o alicate e beliscou o mamilo de Alice...

Murilo Prado

Weyne

11 anos

Número do capítulo:

Três e meio (III,V)

Alice e a perna Cabeluda

**Pedro da Natividade
Jorge**
11 anos

Número do capítulo:
seis e meio (VI,V)

Parecia que Alice estava caindo por horas, o buraco nunca acabava. Cada coisa maluca que passava como portas e roupas que falavam, mas Alice estava rápido demais para ouvi-las. Alice viu o chão e percebeu que ia se esborrachar e enquanto fechava os olhos, ela caiu em algo macio e fofo, mais parecido com um colchão. Não sabia o que havia acontecido, mas foi uma sorte grande. Alice avistou de longe uma floresta, com folhas azuis e as árvores meio velhas. Na sua frente avistou o coelho que estava perseguindo, ele correu mata adentro. Alice o seguiu. O coelho parou com uma cara de medo parecendo olhar para ela. Ela viu o coelho fugindo para dentro da mata. Alice se virou e viu uma perna amputada, cheia de pelos e com um sorriso aberto no meio da coxa.

- Quem é você? – perguntou Alice gaguejando.

- Sou... Ou melhor, era Roberto. Agora sou só um espírito de gás em forma de uma perna separada de seu corpo, mas pode me chamar de Perna Cabeluda. Minha vida é triste, eu era um homem bom e bonito, só que no meio da noite, enquanto passeava na praça com as moças da cidade, um cachorro violento veio latindo e espantou a minha perna. Ele veio exatamente em mim e me mordeu, amputando minha perna e jogando-a no rio. Meu espírito ficou na perna, parecia que o rio não acabava. Logo vi uma cachoeira e cai nesse mundo. Sai pulando e...

Enquanto a perna falava, Alice deu no pé. A perna saiu pulando atrás e logo a alcançou.

- Tem medo de mim? – Perguntou a perna.

- Claro!

- Quer entrar em uma aventura? Que tal achar meu corpo?

- Só te ajudo se você prometer que me levará para cima, para a terra! – disse Alice.

- Tentarei! – prometeu a perna.

Alice e a Perna Cabeluda saíram para explorar o mundo, foram caminhando pelos desertos e mergulhando em rios profundos. Só faltou um rio que eles não tiveram coragem de entrar, o rio de chocolate.

Alice percebeu que havia uma moita brilhando. Aproximou-se e achou um tipo de máscara de mergulho. Na lateral estava escrito em pequenas letras “Anti-Chocolate”. Alice pegou a máscara e disse para perna que iria mergulhar. Colocou a máscara e pulou no chocolate. Estranhamente o chocolate estava só em cima, em baixo era transparente. Alice avistou um vulto e um rádio tocando uma música

estranha:

- “Beybe Beybe Right Now, Beybe Beybe Right Now...”

Alice pegou o vulto que parecia ser um corpo, subiu pela correnteza e saiu do rio. A perna estava pulando de alegria. Subiu pela margem com o saco onde estava o corpo. Achou um graveto no chão que parecia ser pontudo. Rasgou a “sacola” que envolvia o corpo. Subiu uma poeira no ar e apareceu o rosto de um homem loiro e bonito. Estava de camiseta e uma calça que parecia ter sido rasgada a força por uma mandíbula. Depois de um silêncio mortal, a perna falou:

- Pois é... Esse era eu no passado. Ah, foi há tantos anos...

- Bom, achei o corpo, agora me leve lá para cima.

Alice se virou e percebeu que o coelho que a perseguia estava lá. O coelho correu e parece que fora para um buraco mais fundo. Alice foi para a beira do buraco para olhar se o coelho havia realmente caído. Se aproximou da borda, e então com um golpe a perna acertou Alice que foi caindo sem parar como no outro buraco, mas dessa vez ela estava mais calma, pois sabia que iria ter uma queda no fofinho. Depois de minutos caindo, Alice começou a se preocupar, achado que iria se quebrar toda mesmo que fosse cair no fofinho...

O herói que ainda não atingiu seu amor

**Salvatore Saggio
Medeiros**
12 anos

*** Aluno ingressou na escola, após o término do projeto Eu escrevo, tradições nordestinas.**

Certa vez, minha parceira Lara e eu estávamos em uma missão da Agência de Espionagem Brasileira (AEB), em Hong Kong. Tínhamos que prender o chefe do Anel (organização do mal).

Quando invadimos o prédio do Anel haviam vários soldados malvados. Atiramos em todos, mas quando chegou na sala do chefe, ele deu um tiro, acertou Lara e ela morreu. Eu o joguei do 17º andar.

Eu a amava muito como amiga e chorei bastante. Eu estava na base de Manaus. Depois disso fui transferido para a base de Cotia. Ao chegar lá havia uma vaga para agente chefe. Fiz o teste e já estava no ramo há cinco anos. Eu teria que montar uma equipe com três agentes que eu escolhesse e assim a formei: Willian, Vanessa e Marina.

A missão era matar ou prender 300 homens que estavam no prédio do Anel de Chicago. Entramos com tudo: atirando pra todo lado. Então, no meio daquilo tudo eu olhei para Vanessa e simplesmente me apaixonei por ela, e pensei:

- Ela é linda demais!

Quando acabou a missão eu me tornei herói: tinha matado 125 homens e prendi 75.

Hoje a convidei para sair. Ela não aceitou e disse:

- Não desista. Quem sabe um dia, né?

Já tentei esquecê-la. Não consegui. Ela é maravilhosa.

O encontro com o Bill do olho verde

Num belo dia Alice e sua tia foram num parque para ouvirem histórias e lendas. A lenda “Biu do olho verde e seu alicate” deixou Alice muito confusa e por isso Alice foi conversar com Dinah na árvore, e Alice disse :

- Dinah não estou entendendo nada das histórias e lendas da minha tia , porque tem tantas histórias e lendas para um livro.

Dinah deu um miado e Alice foi andar um pouco no bosque porque ela queria se alegrar e ficar um pouco sozinha , e quando ela andava pelo bosque ela via e ouvia as árvores falando para ela não seguir em frente. E Alice ficou muito confusa que até pensou que era um sonho mas não era. E Alice ouvia uma voz na cabeça dela falando:

- Não siga em frente se não você vai se arrepender...

E Alice estava muito confusa com tudo isso , por isso confundia os outros também com suas perguntas. E Alice começou a andar sem olhar para o chão de tão confusa que ela estava.

Enquanto Alice estava andando de repente ela encontrou o Biu do olho verde e seu alicate no bosque, Alice ficou com muito medo. E o Biu do olho verde disse:

-Olá ,você sabe que eu sou ?

Alice percebeu que ele estava enganando ela então Alice se fingindo de boba disse:

- Eu não sei, quem você é?

- Sou um cara que adora mulheres, você prefere beliscão ou um tiro?

Alice com medo ia dizer tiro quando um coelho com um relógio disse a Alice:

- Venha por aqui está na hora vamos! Vamos está na hora! Vamos! Vamos!

Alice saiu correndo atrás do coelho e de repente caiu num buraco bem profundo e Alice começou a olhar coisas flutuando como uma :mesa,cadeira,etc..

Tarsila Schuurman

11 anos

Número do capítulo:

Meio (entre o 0 e o 1)

O Caminho Errado

**Teodora Flório
Tavares de Souza**
11 anos

Número do capítulo:
Dez e meio (X,V)

Em quanto eles corriam, Alice avistou uma praça muito bonita. Nela tinha uma árvore muito grande e bonita, então Alice disse ao Grifo:

- Vamos visitar aquela praça, é tão bonita!
- Não dá. A rainha nos espera!
- Por favooooooooor!!!
- Tudo bem, mas ficaremos só alguns instantes!
- Obrigada, Grifo!

Alice saiu correndo para a praça, subiu nas árvores, mas depois, escutou vozes de crianças gemendo, olhou por perto e não viu ninguém, então escutou de novo:

- Papai!!!

Alice se desesperou, chamou o Grifo, mas ele não respondeu. Alice não sabia o que deveria fazer, então ouviu novamente:

- Papai!!!

A menina disse:

- Grifo, isso não tem graça, para já com essa brincadeira!
- Alice, cadê você! – gritou o Grifo – temos que ir agora! A rainha nos espera!

Alice finalmente conseguiu escutar o que o Grifo disse e respondeu:

- Ué, eu tô aqui na praça, e você, onde você está?

- Eu estou aqui na praça!!!

- Que doideira é essa?! Eu escuto vozes de meninos se lamentando e chamando seus pais. O que eu devo fazer? Estou apavorada, por favor, me ajude!!!

- Está bem. Em que direção está aquela árvore grande e bonita?

- Está na minha frente.

- Ótimo! De meia volta e ande para frente!

Alice não respondeu. A essa hora as vozes já tinham penetrado em sua mente, ela estava morrendo... de saudade do seu pai, de tanto ouvir os meninos se lamentando, Alice ficou com vontade de ir para casa.

O Grifo tentou novamente:

- Alice, acorde! Essas vozes não podem lhe fazer mal, só você pode fazer mal a você mesma se você não acordar. Se nos atrasarmos mais um instante, quando chegarmos lá a rainha mandará cortar nossas cabeças!

Nesse instante Alice acordou, parou de pensar no pai e seguiu a direção que o Grifo tinha dito para ela seguir. Alice se encontrou com o Grifo e os dois saíram correndo daquele lugar para o encontro da rainha e do rei.

Um chá bem maluco

Quando Alice estava tomando o chá com o Chapeleiro viu algo, então Alice disse:

- Estou vendo coisas novamente, ai não?

Parecia ser uma coisa sombria, como um fantasma. As nuvens começaram a vir, e Alice já estava com medo:

- O que é isso que está vindo para cá? – disse Alice.

- Deve ser alguma coisa que veio daquela árvore – disse o Chapeleiro.

Mas quando aquela coisa chegou bem perto, eles descobriram que não era uma coisa, era um espírito:

- Quem é você? – disse a lebre.

Ela não respondeu.

- Quem é você?!- repetiu a lebre.

- Sou a emparedada da rua nova – disse ela com uma voz bem baixinha.

- A emparedada da rua nova? - disseram todos juntos.

- Sim, todos acham que eu sou só uma lenda, mas eu sou real.

Então eles deixaram ela se sentar e contar toda a sua história.

Até uma hora que ela disse alguma coisa sobre a Rainha Vermelha, e ninguém sabia quem era essa pessoa.

- Mas, a emparedada da rua nova - disse ela, foi uma mulher que obrigou os servos dela, que matassem a emparedada da rua nova.

Mas não foram os servos da Rainha Vermelha que a matou, foi seu próprio pai que a matou e a sufocou. O coelho passou por perto deles e ainda estava falando muitas coisas estranhas então, a emparedada da rua nova disse:

-“É você coelho, você ainda está aqui?”

-“O que você faz aqui?”- disse o coelho cochichando para emparedada da rua nova.

-“Isso não importa agora.”- disse ela.

Então o coelho foi embora, e eles continuaram conversando. Mas quando apareceram os servos da rainha, (que a emparedada da rua nova lembrava deles) os servos foram atrás da emparedada para que ela recebesse uma vingança por fugir e simplesmente ela sumiu e nunca mais voltou.

Vanessa Ricardo
Ivanesciuc Braga
11 anos

Número do capítulo:
Oito e meio (VIII,V)

Alice e a Perna Cabeluda

**Victor Mariano
Martins**
11 anos

Número do capítulo:
seis e meio (VI,V)

Alice estava na frente de um castelo quando se deparou com uma perna cabeluda que andava sem uma pessoa a controlando. Mas a perna saltou e deu um chute, e Alice gritou com o chute:

- Ai!

E a Perna respondeu.

- Desculpas pelo acidente. Eu estou muito nervosa, pois estão com medo de mim eles dizem que eu sou amaldiçoada. O que tem de errado em mim?

Alice disse:

- Primeiro, você é uma perna ambulante sem a pessoa te controlando. Segundo, você é uma perna que fala e não tem rosto. Mas você... já, foi um humano?

A perna disse:

- Fui um humano há muito tempo, mas um cara me separou do meu corpo, o nome dele é Biu do Olho Verde.

- Mas você veio do Recife? - perguntou a Perna à Alice.

- Eu vim da Inglaterra.

- É um belo país.

Nesse momento, o Chapeleiro Maluco chegou, ele estava cansado, segurando uma xícara de chá em sua mão esquerda. Ele disse:

- Alice você é uma menina muito chata, vamos embora.

Alice respondeu:

- Não. Eu não quero, eu vou ajudar a Perna.

- Mas por que você não a deixa? Ela é apenas uma perna.

- Sim, mas ela parece especial.

- Não me interessa, você foi uma garota muito chata.

O Chapeleiro arrastou a Alice pelo braço até sair da floresta, mas Alice queria voltar para ajudar a perna. Mesmo a perna sendo feia, ela gostaria de ajudá-la a voltar para sua terra natal e ser o que ela ou ele era.

Alice empurrou o Chapeleiro e correu em direção

0 agente indestrutível

Vou contar a história de um agente da CIABC (Central de Inteligência Brasileira), codinome VSM.

Tudo começou num dia normal em sua escola. Ele tinha 11 anos de idade, quando no refeitório homens mafiosos de uma organização americana começaram a entrar pelas janelas e atirar pra todo lado. Acontece que um dos homens deixou uma arma tranquilizante no chão, perto dele. Ele querendo ajudar, pegou a arma e começou a atirar. Conseguiu derrubar uns caras, mas uma bala tranquilizante o atingiu e ele desmaiou.

Passado um bom tempo, ele acordou e estava preso, junto com uns homens do mal. Na sala onde ele estava, havia uma bomba armada que iria explodir em dois minutos.

Quando um dos homens estava saindo, ele percebeu que deixou cair a chave da algema. Quando todos saíram, ele se jogou da cadeira onde ele estava sentado, conseguiu pegar a chave e abriu a algema.

Ele tinha apenas um minuto para desarmar a bomba que tinha três fios: o amarelo, o azul e o vermelho.

Ele pensou bastante e quando faltavam apenas 30 segundos para explodir a bomba, ele cortou o fio azul e conteve a bomba.

Logo depois a CIAB chegou e o resgatou.

Por sua coragem a CIAB o convocou para participar da organização e ele aceitou.

Depois de um tempo de treino, ele foi designado para sua primeira missão: destruir a organização americana que o havia atacado e prender o líder que estava prestes a soltar uma bomba nuclear em São Paulo e começar uma guerra com o Brasil e depois com o mundo.

Ele levava consigo várias armas, apenas tranquilizante, porque não gostava de matar.

Ele foi com sua parceira para a missão.

Quando eles chegaram no local, havia uma senha que era conta muito difícil de matemática, mas como ele e sua parceira eram muito inteligentes. Eles se juntaram e conseguiram resolver.

O último obstáculo era um campo minado, numa sala de aço. Sua parcela tinha um aparelho que detectava bombas num campo minado. Eles conseguiram passar. Ainda havia um problema: tinham muitos soldados inimigos, mas com suas armas conseguiram detê-los.

**Vincenzo Saggio
Medeiros**
12 anos

*** Aluno ingressou na escola, após o término do projeto Eu escrevo, tradições nordestinas.**

Eles encontraram o chefão e começaram a lutar com ele. O agente VSM apanhou muito e quando ele foi ver, o chefão iria jogar sua parceira do terceiro andar. Ele ficou muito bravo, porque ele gostava muito de sua parceira. Então ele saiu correndo e antes que ela caísse, ele o empurrou (o chefão do mal) e salvou a sua parceira.

No final, o chefão foi preso, a bomba nuclear foi impedida de ser lançada e ele e sua parceira se casaram porque depois ela viu realmente quem era o agente VSM de verdade.

Conselhos de uma lagarta

Num belo dia, Alice encontrou uma lagarta e elas se olharam em silêncio durante um bom tempo.

E a lagarta disse para Alice:

- Eu vou dizer uma coisa: Perna Cabeluda é muito perigosa, se proteja rápido se quiser viver. Alice, é melhor mesmo se proteger! Pelo menos ela só aparece à noite!

- Ok, vou me cuidar - disse Alice.

- Tchau Alice - disse a lagarta.

- Tchau - disse Alice.

- Nossa vou ter que me esconder ainda bem que a lagarta me avisou. Devo uma a ela – pensou Alice.

Depois de algumas horas escureceu e Alice começou a ficar preocupada. Depois disse a si mesma:

- Calma Alice, vai ficar tudo bem é só se esconder.

Mas antes disso a perna cabeluda apareceu e Alice saiu correndo e gritando.

Depois apareceu a lagarta que mordeu a Perna Cabeluda e elas caíram no chão, e como estavam na ponte, a Perna Cabeluda caiu para fora dela e morreu. Alice agradeceu de novo e elas foram embora a salvos da Perna Cabeluda.

Yuri Oliveira Silva

11 anos

Número do capítulo:
sete e meio (VII,V)

70
ANO

FEI CORDEL

Tradições Nordestinas

Obra motivadora: **"Feira de Versos"** de vários autores com ênfase em Patativa do Assaré

O que o egoísmo faz

Ana Carolina Nuzzi Fernandez

11 anos

Antônio que muito caçava
E pouco dinheiro ganhava
Tinha um sonho a realizar:
Com muitas mulheres se casar.
Só tinha um problema
Era tão feio que parecia ter eczema¹

Um dia se cansou
E ajuda procurou
Foi até a cidade
Com muita agilidade
Mas era diferente do Sertão
e teve muita aflição

Antônio ajuda não achou
Mas a Afrodite encontrou
Á ela pediu cooperação
Ela o estendeu a mão
Mas disse que era uma grande besteira
Devia checar a asneira

Ele não a ouviu
Pelo o contrário, riu
Então a poção tomou
E voltou pro o Sertão
Todas as mulheres passaram a lhe amar
E com todas elas resolveu se casar

Ele não morava em um casarão
Morava em um barraco, no Sertão
Morria de calor
Porque não tinha ventilador
Mas tudo isso mudou
Quando um programa de TV o contratou

Muito dinheiro ganhou
E muita coisa comprou
Ficou rico
E virou um político
A favor da formosura
Era contra feiura

Não morava mais no barraco
E agora tinha empregado
Morava em casarão
Seu animalzinho era um cão
E morava na cidade
E tinha grande felicidade

Depois de muito tempo
Estava tão calor que não se sentia o vento
Suas mulheres o abandonaram
E não se explicaram
Ficou um dia sozinho
Bebendo vinho

O banco a sua porta bateu
E disse a Antônio que a casa ele perdeu
Disse também que a sua fábrica faliu
O programa de TV o substituiu
Ao sertão ele tinha de voltar
E no barraco voltar a morar

Quando ao Nordeste chegou
Triste ficou
Todos dele falavam
E de repente exclamaram:
– Já voltou para a favela?
– Pare bico de tramela²!

E apareceu um velho
Que vivia chumbadão³
Levantou e falou:
– Você que tudo ganhou,
E só com o seu umbigo importava
Perdeu tudo do que gostava

E de repente uma coisa o distraiu
Enquanto o velho dele ria
Uma linda mulher o observava
E ele se apaixonara
Ele pediu a mulher em casamento
Mas ela pediu um tempo

Depois de dias ela o procurou
E ele se espantou
Ela disse não
E Antonio caiu no chão
Então ele a matou
E a enterrou

Depois viu o que fez
E chorou de uma vez
Ficou arrependido
Havia se perdido
E envergonhado
Pois ainda estava apaixonado

Resolveu fugir
E nunca mais sorriu
Depois se matou
Pois ele tinha matado
A única mulher que ele tinha amado

¹eczema: doença de pele

²Bico de tramela: Pessoa que fala muito

³Chumbadão: Bêbado, cachaceiro.

Amor dos deuses

Ana Carolina Salcedo

12 anos

Era um dia lindo
No gigantesco Olimpo.
Lá estavam as deusas
Mais cortejadas e delicadas.

Pois se preparavam para a competição
A mais esperada do Sertão
Os maiores dos deuses
Teriam que competir como amadores.

A deusa que fossem conquistar
Teriam que para sempre amar
E os que perderiam
Para sempre se aborreceriam

- Agora com vocês as deusas, competidoras.
Hestia deusa das Famílias.

Atena deusa da sabedoria.
Sendo amiga da Bia.
Hera deusa do matrimônio e parto
E tinha o seu próprio gato.

E a mais disputada de todas
Com as suas belas curvas
Afrodite deusa da do amor,
E da beleza e com seu belo humor.

E agora todos estarão
No belo Sertão
Pois todos irão
Para a grande competição

Pois como antes disse
Todos querem a bela Afrodite
Mas por um desafio terão de passar
Antes de se apaixonar

Mas a grande complicação
É que uma deusa vai ficar sem coração,
pois a Afrodite está na competição
E todos querem seu coração

Poseidon deus dos mares
Quer a Afrodite desde antes
Zeus deus dos deuses
Quer a Hera até com flores

Apolo deus da luz
A Afrodite o seduz
Hermes mensageiro dos deuses
Quer a Atena durante meses

A pobre Hestia vai ter que esperar
Até o seu amor encontrar
Na próxima competição
Pois nessa já perdeu a razão

Agora os próximos a sair
São Hera e Zeus sem desistir
E Hermes e Atena também,
pois vão morar em Belém

Agora começa a emoção
Com Poseidon e Apolo na competição
Primeiro terão que driblar
Nos cactos até arrasar

Segunda competição
Vão ter que procurar água no sertão
E a última competição
É conquistar seu coração

Apolo ganhou
E Afrodite conquistou
Poseidon perdeu
E a esse amor cedeu

Apolo e Afrodite no final
Tiveram um filho chamado Juvenal
E depois de 500 anos
Todos viveram felizes e companheiros

Mas agora Juvenal
Estava cansado de não ser o sensacional
Então decidiu derrotar
Todos os deuses até arrasar

A até o próprio pai decidiu derrotar
E o seu plano não o levou a arrasar
Foi morto pelos deuses
Depois de meses

A cerimônia se remontou
Pois Hestia lutou
Por seu coração
O grande Poseidon

E no final
Tudo fica sensacional
Todos vivem felizes
Até com cicatrizes.

Zé e a busca da felicidade

Ana Senf Fernandez

12 anos

Zé e Toninha não se aguentavam mais
Não eram iguais.
Desde que o casamento começou
Tudo mudou.

Zé saía na madrugada
Para tomar uma bicada¹
Um dia teve que parar
Para a mulher que amava não magoar.

O bate-boca era toda hora
Toninha queria até ir embora.
Ninguém mais sorria
Aquele sertão perdeu a alegria.

Toninha queria a separação
Pois não havia mais paixão.
Já Zé não queria se separar
Queria “retentar”.

Depois de tanto brigar
Ajuda foram buscar.
Procuraram e procuraram
Mas nada encontraram.

Finalmente acharam uma solução
Para aliviar seu coração.
Á Afrodite pediram ajuda
Nem que seja miúda.

Afrodite decidiu ajudar
Não queria os apoquentar².
Uma poção fez
Para tomar de uma vez.

Um dia se passou
E o desespero acabou.
Tudo voltou a ser legal
Com um amor real.

Um tempo se passou
E sem dinheiro ficou.
Zé não sabia o que fazer
Para o banco ceder.

Toninha trabalhava
Mas pouco ganhava.
Já Zé estava desempregado
Nem um trabalho tinha encontrado.

Zé foi procurar emprego
Saiu do aconchego.
Não sobrava mais nada
A não ser sua amada.

Conseguiu uma entrevista de emprego
Para ter sossego.
O emprego não conseguiu
E de lá saiu.

Durante o caminho
Encontrou um homem sozinho
Perdido, pedindo ajuda.
Zé não aguentou e ao homem ajudou.

Para casa o levou
E o confortou
O homem ficou muito grato
Para agradecer fez um bom ato.

Revelou-lhe a verdade
Era um deus rico com muita felicidade.
Deu-lhe uma boa quantia
Com isso, Zé aumentou sua alegria.

E acabou.
Com Toninha ficou
Filhos tiveram
E muita felicidade trouxeram.

Vocabulário:

1-Dose normalmente de cachaça

2- Aborrecer, azucrinar, chatear.

Poseidon no Sertão

Beatriz Meyer Durão

12 anos

Poseidon veio ao Sertão
Para festejar o réveillon.
Uma mulher passou a amar,
E para os setes mares foram viajar.

Até se acostumar
Com o seu novo lar,
Um problema teve de enfrentar,
Pois sua mulher não sabia nadar.

Meses se passaram
E ela ainda não sabia nadar.
Então ele se preocupou
E um professor chamou.

Mas o professor se descuidou
E ela se afogou.
Poseidon teve de se vingar,
E a mulher do professor passou a amar.

A vingança lucrou
E Poseidon se casou.
O professor se matou
E feliz Poseidon ficou.
Com a falta de água no sertão,
Poseidon perdeu a animação.
Preocupado com o povo arretado, decidiu então
ajudar,
Mandando chuva sem parar.

Com a seca ele acabou,
O povo feliz então deixou.
Mais jururu ele estava,
Pois sua mulher não o amava.

Ele se separou
E outra mulher arranjou.
Filhos eles tiveram
E feliz sua casa mantiveram.

A competição

Camilla Ciamponi Fernandes Martins

12 anos

Severina treinava para uma competição
Com muita animação
Esperava ganhar
Para sua família alegrar

Ela estava treinando para competição
Quando Meduza chegou em comemoração
Transformou o cavalo em pedra
Para que ficasse menor que uma ameoba

Quando Severina soube
Sua tristeza não coube
Foi procurar a Pã
Que era mais que uma irmã

Não sabia como achar
Mas sabia que tinha que procurar
Foi para sua casa
No Sertão com muita braza

Procurou na Internet
Mas só achou coisa da Net
Perguntou para uma pessoa
Que era melhor que sua Patroa

O nome dele era João
E sua comida favorita era agrião
João sabia onde Pã estava,
pois era o que sempre sonhava

Severina não podia esperar
Pois estava preocupada demais
João mostrou onde Pã estava,
Pois ia realizar o que sempre sonhava

Lá chegou
E a Pã encontrou
Explicou o que aconteceu
E Pã cedeu

Levou Pã em sua casa
Para mostrar seu cavalo sem asa
Quando viu o seu cavalo
Tentou curá-lo

Mas nada conseguiu
Então desistiu
Triste estava
Mas nada o curava

Comprou outro cavalo
Que mais parecia um galo
Perdeu a competição
Para um cavalo alazão¹

¹ alazão: denominação de cavalo cor de canela

Áres e o Portal

Felipe Tacla,

12 anos

Áres estava em sua casa
Feliz com sua mulher
Enquanto a brasa do fogo
Brilhava em sua colher

Áres vai dormir
É uma noite escura
E um vulto grande começa a surgir
Áres sonha com sua bravura

O sonho o ataca de medo
Ele acorda e o portal está em sua frente
Ele pega uma estaca e no portal bate
O portal catastroficamente suga os deuses

O portal os leva para o Nordeste
Onde eles precisam viver sem poderes
No portal há uma grande festa
Que começa a crescer

Apolo e Hades estão com Áres
Eles começam a discutir sobre o que aconteceu
Áres tem uma suposição e os outros ficam com
ciúmes
Hades abalou-se e ficou com raiva

Pegou uma pedra do chão e atacou Áres
Áres caiu e chutou Hades para ele cair.
Hades revidou e bateu tão forte como um leão
E Hades começou a rir.

Áres socou Hades e ele caiu
Apolo foi parar a briga
E caiu no chão
Áres pegou uma pedra do chão e bateu em Hades

Hades desmaiou
Apolo e Áres juntaram forças
E entrou no portal
Com Hades e Áres indo para casa em suas tocas.

Poseidon do Sertão

Gianluca Arbex Fierro

13 anos

Eu sei que é meio estranho
Um Poseidon do Sertão
Porque lá mal dá para tomar banho
Porque água não há de montão

Até que um certo dia
Veio água em abundância
Também veio a alegria
Mas trouxe também a ganância

Porque o seu Joseison que era muito esperto
Tinha uma ideia maldosa
Transformar tudo em deserto
E pegar toda aquela água gloriosa

Roubar toda água da Maria
E também a do seu José
Pra ficar rico depois de alguns dias
E o que não lhe faltava era fé

Nem lhe faltava dinheiro
Então contratou um assassino
um ladrão verdadeiro
mesmo sendo ainda um menino
Então chegou o grande dia
O dia do grande roubo
Iria roubar toda cidadezinha
E deixar todos com cara de bobo

A cidade ficou indignada
E começou um protesto
Que foi até a madrugada
Eles cantando: “esse cabra é desonesto”

Até que tiveram a ideia
De chamar o deus Poseidon
Que estava lendo a Odisseia
Para tirar a água de Joseison

A ideia deu muito certo
E deixou o cabra abuticado
Impressionado e boquiaberto,
pois água já tinha acabado

Ele ficou triste
Mas não entrou em tristeza
E da tristeza ele resiste
Até que teve a ideia que era pura beleza

Ele começou a enganar
Enganar a todos da cidade
E das pessoas, dinheiro começou a ganhar
E voltou a sua boa e antiga realidade

Mas Poseidon que via, disse:
– Isto não vai ficar deste jeito!!!
– Ah como eu queria que alguém o destruísse!
–Agora eu vou fazer direito!!!

Mandou Joseison para seu irmão
Que era Hades o deus do sub mundo
Então Poseidon disse: agora o tiro o coração
E o levo para o lugar mais profundo

E assim o levou
Para o fundo mais uma vez
E assim Joseison acabou
E acabando com uma moral talvez?

Nunca almeje muito
Pois você pode ficar com nada
Pois depois de um longo circuito
Você pode ficar sem sua amada.

Poseidon e suas histórias

Giulia Azanha Naime da Fonseca

12 anos

Um dia, no Sertão do Nordeste,
Existia um homem chamado
José, teve que se mudar
De onde morava, pois seu pai estava doente.

Pegou um barco e saiu.
O que ele não sabia, era que
Nesse barco havia um bruxo
Que o castigou, porque José
Gostava de muito luxo

Logo então jogou o corpo dele no mar
Depois disso veio um ar fresco
e as ondas começaram a se agitar

Desde então sua família ficou
Muito desesperada,
Não tinham notícias dele, para nada,
Isso era uma flechada
No coração principalmente para sua
Mãe que esperava cansada,
Que sonhava que um dia seu filho chegasse,
Mas onde estaria?

A coitada achava que seu filho
viesse na cavalaria
Meses depois foi encontrado
Um homem no meio do mar,
Porém não estava vivo
E com ele tinha um aviso
“Este homem agora é
O deus dos mares”

A verdade é que no Nordeste
Isso sempre foi um mistério
O que aconteceu com José
É que nem caixão no cemitério
Ninguém fala.

Hoje os capitães de navios cargueiros
Falam que veem guerreiros
No meio do mar,
Dizem que eles aparecem
Quando alguém quer poluir ou pescar.

A festa dos deuses

Gustavo Kai Tie Chung

12 anos

Em um dia tedioso,
Os deuses foram viajar
Para no Nordeste ficar
E o aniversário de Zeus comemorar.

No primeiro dia, os deuses fizeram uma festa
Em uma madrugada
Bem animada
Que deixou a população cansada.

A população não aguentou.
A festa deixou a população arretada
E muito irritada
Então a população fez um protesto na estrada.

Uma briga foi feita
Entre deuses e Nordestinos.
Os Nordestinos amigos
Atacaram com seus cintos.

Os deuses estavam decididos
Fizeram um pacto: deixariam limpo
E, voltariam ao Olimpo
Após um ano no mínimo.

A briga foi solucionada.
A paz reinava
E estava tão bom que ninguém imaginava
Que alguém não estava.

No entanto, a única a não ser convidada
Éris, a deusa da discórdia
Que jamais trás concórdia
Atacou sem misericórdia.

Zeus não esperou então fez o primeiro ataque
Éris revidou, mas não aguentou.
Depois Éris falou:
– Ainda não acabou?

No dia seguinte, Éris veio
E um nordestino ameaçou.
Zeus então pensou
E não atacou.

Éris estava prestes a matá-lo
No entanto, Atena, com sua sabedoria
Disse a Éris com muita ousadia:
– Eu vou te presentear com uma utopia.

Éris aceitou e então voltou
Junto dos outros deuses ao Olimpo.
Quando eles voltaram estava tudo limpo
Como eles haviam deixado.

Era uma vez uma menina

Isabela Bonfiglioli Lopes

12 anos

Era uma vez uma menina
Ela se chamava Severina
Era meiga e inteligente e
Adorava proteger o ambiente

Um dia ela estava no Sertão passeando
Quando viu um belo rapaz chorando
Então resolveu se aproximar
Pois ele era quem ela queria amar

Então disse ao garoto europeu:
– O que aconteceu?
E respondeu o belo rapaz:
– Gostaria de namorar, mas sou incapaz

Então Maria e o rapaz começaram a conversar
Sobre os jogos que mais gostavam de jogar
Depois ele disse: sei que é perigo
Mas, quer namorar comigo?

Então Severina disse que sim
E falou ao rapaz não é o fim
Depois resolveram se casar
E se amar

Severina estava muito ansiosa
Achava que aquela seria a vida maravilhosa
Gostava muito do garoto europeu
Tanto que passou a chama-lo de Romeu.

Bem no dia do casamento
O tempo estava cinzento
O casamento ia ser no jardim
Mas o tempo estava muito ruim.

Severina estava muito desapontada
Achava que todo mundo iria dar gargalhada.
Então Romeu fez uma surpresa,
Ele fez um monte de sobremesa.

Depois do casamento
Tudo se tornou divertimento.
O rapaz e Severina
Viveram uma vida cheia de adrenalina.

Depois descobriu que era Atenas
A mais bonita das deusas.
Severina mais feliz ficava
Pois era o que mais sonhava.

Zeus distante e perto do mar

Isabela do Val Scolfaro

13 anos

Zeus veio ao Nordeste,
E enfrentou o agreste.
Com muita dificuldade,
Fez várias amizades.

Pois dos moradores chamava a atenção,
E das mulheres tocava o coração.
Até que encontrou uma linda mulher,
Que tomava remédio de colher.

Desde que a encontrou,
Sua vida mudou e feliz ele ficou.
Mas sua felicidade não foi eterna
Pois seu filho nasceu sem perna.

Desde que isso aconteceu ele não parava
De pensar em como seria a sua vida
Depois que seu filho crescesse
E se quisesse se matar.

Mas ele superou e passou a pensar
Que seu filho vai crescer e
Ter vários amigos
E não inimigos

Desde que o seu filho cresceu no
Nordeste tinha vários cafajestes que ficavam
Zombando do pobre menino que tinha um
Grande sonho de ser um bailarino

Mas esse desejo não podia ser realizado,
Pois o menino era aleijado.
E os pais não tinham dinheiro,
Pois eram açougueiros.

Mas na cidade onde morava, Lagoinha
Tinha um probleminha, falta de água era frequente.
E as pessoas tinham que usar tábua
Para levar água.

Sua mulher queria mudar de cidade,
Pois Lagoinha não tinha sustentabilidade.
Zeus topou,
E com sua mulher e seu filho se mudou.

Em outra cidade sua vida mudou
Pois em uma ilha ele ficou
E no mar ele nadou.

A caixa de Pandora

João Kei Nishimoto

12 anos

No Olimpo ordena Zeus:
– Prometeu pegue estes talentos meus
E os distribua aos seres fracos como os hebreus
Então Prometeu pediu ajuda a Epimeteu, irmão
seu.

Descendo à terra, os talentos trazem os irmãos
Distribuem então os dons com suas mãos
A todos os animais eles dão
O fraco homem sobra então.

Prometeu então pega o fogo do Olimpo
O traz em um pau bem limpo
E o dá ao homem bem agradecido
E usa o material desconhecido

Zeus vê o fogo de lá de cima
Fica bravo e então surge o clima.
De Prometeu ele se aproxima
Então acontece uma briga bem limpa.

Prometeu é castigado, então
No alto de um morro fica preso em vão.
A águia de Zeus come suas tripas no clarão
E as tripas se regeneram todo dia sem agressão.
Zeus decide castigar o pobre homem
Ele acorda duas deusas que dormem
Então Atena e Afrodite, as deusas acordadas
comem
E criam Pandora, que tem uma beleza superior a
do homem.

Então Zeus presenteia Epimeteu, irmão de Prometeu, com Pandora

Pandora é curiosíssima e odeia amora
Mas é tão bela que é vista por Epimeteu como
uma linda aurora
E Epimeteu a pede em casamento naquela mesma
hora

Em um belo dia Epimeteu sai para caçar
E deixa Pandora em casa sem brigar.
Pandora como boa mulher limpa a casa para
agradar
E vê o jarro que Epimeteu ordenou não tocar.

Pandora que é muito curiosa vai ver o jarro mais
de perto
O jarro de beleza é coberto
E Pandora atraída vai um pouco mais perto
Morrendo de curiosidade ela deixa o jarro bem
aberto

De dentro do jarro saem então
Todos os males agora no mundo estão
Pandora toda machucada cai no chão
E ela fica largada, ferida e cheia de aflição.

Quando Epimeteu chega, está Pandora no chão
toda machucada
E o jarro aberto e dentro alguma coisa toda abalada
Epimeteu socorre Pandora que logo se recupera
toda atordoada
E dentro do jarro o casal encontra o espírito da
esperança meio surrada.

A Ação da Morte

Luana Goes Forin

12 anos

O casamento de Poseidon e Afrodite

Estava chegando ao seu limite

Por isso, ele prometeu:

- Terei de volta o que é meu!
- O dono do amor dela sou eu!

Depois de muito pensar

A uma conclusão conseguiu chegar:

- Vou ao Nordeste Brasileiro

Aquela terra de garimpeiro

Pra dar a ela a joia mais bela do mundo inteiro!

Quando lá chegou

O lugar perfeito encontrou,

A pedra estava lá

A sua jornada ele concluirá!

Mas tudo tem um obstáculo.

Nada do que descobriu era um espetáculo

O dono do lugar inteiro

Era o temido cangaceiro

José.

Sem muita fé.

Lá foi Poseidon conversar

Pedi a ele para a pedra levar:

- Nem que substituísse

Essa terra pelo mar

Deixarei você a tomar!

Poseidon pensou:

Aquelezinho me envergonhou,

Mas não vai ficar assim
Vou dar a ele um fim
Vamos lutar, para ele se ajoelhar perante a mim!

Foi ao garimpo
Sem se preocupar em jogar limpo
Deu um golpe com seu poder,
Falando: Você vai morrer!
Foi golpeado pelo maior deus do Olimpo!

José não deixou barato
Surgiu de novo do meio do mato
E deu um tiro
Esperando que Poseidon desse seu último suspiro,
Mas um deus não seria vítima de assassinato.

Poseidon deu seu golpe com força total
José caiu afinal!
Na terra árida do sertão
Com o sangue escorrendo
Aquele terra seca umedecendo.

José cuspiu suas últimas letras:
– Não se vexa¹, sua vez chegará; só esperar eu enviar
Pessoas para te matar
A morte irá te acertar
Não adianta fugir para o mar!

Poseidon ficou assustado
Queria parar de ser amaldiçoado
E ir embora daquela terra
E fugir daquela guerra
Estava quase no mar, em pé na serra.

Quando um sujeito, o guia turístico
Veio lhe oferecer um passeio magnífico:

– Quer visitar a cachoeira?
Océ vai adorar mais do que a Grécia inteira!
Não se vexa¹, vai ser uma diversão verdadeira!

Poseidon aceitou,
Mas não sabia que a luta com José não acabou
Aquele era Antônio, o capanga
Que estava planejando uma vingança
Tão boa que nem Poseidon alcança.

Botou seu plano em prática.
Levou-o para o penhasco e em um passe de mágica
Disse ele: Oxe, não se esconda, meu camarada
Aproxime-se desta montanha elevada
E veja a paisagem desejada

Antônio estava com veneno
Para jogar naquele deus terreno.
Mas Poseidon era sempre atento
Percebeu algo naquele saquinho cinzento
Que iria ser envenenado.

Deu um golpe de surpresa
Naquela pessoa tão indefesa
Antônio caiu e foi intoxicado
Mas Poseidon não ficou todo contentado
A pedra de sua esposa ele tinha lhe arrancado!

Nenhum saiu ganhando.
O casamento continuou cambaleando
Por isso eu digo compadres, não adianta ficar chorando.
A vingança nunca é plena
Mata a alma e envenena!

Seca no Nordeste

Luca Moreno Louzada

12 anos

No nordeste a seca todos atingiu
E por vários meses a chuva não caiu
Pessoas sofriam e choravam
Pois de água precisavam.

Era um belo dia de outono
E o cão Baleia estava com seu dono
Como muitos outros, José rezava por água
Precisava dela, não de mágoa.

Passando por ali
Naquele exato momento
Estava Eólo
O glorioso deus do vento.

Ouvindo a prece
Ele foi logo chamar Zeus
O deus que a todos conhecem
O rei ficou com pena dos pobres plebeus e
Bolou um grande esquema
Para resolver esse problema
Bom o plano era
Mas a rainha não gostou e ficou uma fera.

A esposa do rei Zeus era muito exigente
E não achava esse plano nem um pouco atraente
Os deuses porém, gostaram
E com ela, logo brigaram.

Depois de um tempo,
Quem convenceu a deusa foi o outro deus do vento
Convencida, porém emburrada
Para o seu quarto foi e ficou enfiada.

Então o momento chegou
E Zeus aos deuses seu plano explicou
Do esquema eles gostaram muito
E decidiram comemorar distribuindo vinho gratuito.

O plano era o seguinte:
Com água iriam suprir o pedinte
Mas para isso teriam que viajar ao Nordeste
E lá acabar com a seca da peste.

Quando chegassem ao Brasil
Iriam criar um grande rio
Com a seca acabar
E a todos alegrar

Porém o ferreiro Hefesto notou um defeito:
O adorado plano, afinal, não era perfeito
Como iriam ao Olimpo voltar?
Se nenhum deus sabe voar.

Então, percebendo sua grande falha
Zeus ficou quieto e brincou com um fio de palha
A deusa da magia Hécate foi quem deu a solução
Ela poderia criar um portal tão eficiente quanto
um avião.

Os deuses adoraram a ideia e
Saíram da assembleia
Exceto por Hefesto, que ainda receava
Pois uma falha ele esperava.

Chegado o dia os deuses foram viajar
Hefesto não foi, pois achava que eles iam falhar
Assim que chegaram lá
Zeus disse: - Para a casa de Zé vamos já.

Os deuses foram para a casa do nego

Mas descobriram que ele estava no emprego
E que de lá ia para uma festa
Decidiram então esperar na floresta.

Mais tarde, assim que anoiteceu
Quando Hermes brincava com o caduceu,
José chegou em sua residência
E a felicidade tomou conta de sua essência.

O nordestino imediatamente exclamou:
– Oxe! Os deuses vieram, porque nós chamou!
– Agora será que vocês podem fazer um favor?
– Nos deem água e acabem com este calor!

Os deuses disseram que iam ajudar
E depois de uma semana a água ia voltar
Quando deu o tempo
A chuva veio rápida como o vento.

Um rio eles criaram
E todos os nordestinos amaram
Agradeceram aos montes
E puderam encher suas fontes

Depois todos festejaram a noite inteira
Com música, dança, e muita asneira
Quando amanheceu
Mais nenhum brasileiro era ateu

E os deuses iam voltar para seu lar
Mas bem nessa hora o portal foi falhar
Presos no Nordeste eles estavam
Então foram pedir ajuda aos cabras que ainda
dançavam.

José queria ajudá-los
Mas só sabia montar cavalos
Os deuses foram para longe do aldeão

E logo começou a discussão:

– Vamos chamar Hefesto.
– Mas ele é muito desonesto!
– Ele nos avisou!
– Mas ninguém escutou...

– Hefesto é nossa única opção!
– Mas nele eu não confio não.
– Hécate, como pôde sua magia falhar?
– Acho que bebi demais, até embriagar.

– Sem ele não sairemos dessa situação
– Tudo bem, não temos mais opção
-- Acho que terei que concordar.
– Se ficar muito tempo aqui vão roubar meu colar!

Então Hermes, o deus mensageiro,
Para Hefesto mandou um recado ligeiro
Este assim dizia:

“Ajude-nos, queremos voltar, mas ficamos sem
magia”.

Logo Hefesto chegou para salvá-los
Decidiu sem demora que ia resgatá-los
Trouxe junto com ele um grande avião
Em que levou os deuses, José e João

Hefesto já não estava mais bravo
Pois não se troca amizades nem por um centavo
José e João visitaram a morada divina
E logo voltaram para sua terra nordestina.

Se você for persistente
Com certeza acabará contente,
Pois se você realmente quer
Vai conseguir, não importa o que fizer.

Apolo e seu cordel

Lucas Lammardo Bertino

12 anos

Apolo gostava de poema e de tanto ler enjoou
Morava no sertão, mais exatamente na Bahia onde
por muito tempo morou

Depois de muitos dias Apolo pensou
Eu vou criar uma coisa chamada cordel
Porque eu estou tentando impressionar a Mel
Já tentei dar um anel, mas agora vou criar o cordel
E o que ele falou é o que ele criou

Depois de Apolo criar, um deus foi lhe imitar
Claro que Apolo depois de um tempo se abalou
Mas teve uma ideia, e na justiça entrou
Um dia depois ele começou a pensar em que seu
pajé falou
Apolo pensou, pensou e pensou
E decidido ele ficou

No meio do auditório Apolo falou
Que esse homem o plagiou
Mas depois o juiz lhe aliviou
E a notícia boa lhe falou:
Senhor Apolo você que ganhou na justiça,
Apolo falou:
Apesar de eu ganhar
esse homem é de lascar

Depois disso Hefeso reclamou
E para a prisão a justiça o levou
Hefeso reclamou, mas ele foi preso porque plagiou
Na prisão por muitos anos ficou
E lá quase se matou,

Mas depois de um tempo, Hefeso pensou
Aqui estou e cometi esse crime e pagar eu vou

Depois de muitos anos o cordel fica famoso
E pelo o mundo inteiro ele é reconhecido e ficou
muito mais caprichado
Depois de anos, mais e mais países conheciam o
cordel

E o mundo ficou fiel o ao cordel
Depois de muito tempo no bebeléu
Apolo ficou feliz pra dédeu

Depois de muitos anos o cordel foi rejeitado
E Apolo quis comprar um galo
Mas o que restaria era matar um cavalo
Depois de tempos descobriu que o único país que
gostava de cordel era o Brasil
Ele ficou feliz do que descobriu
E ele pensou pra terra gentil eu vou
Mas pensou e falou: pra lá eu não vou!

O cordel vira uma cultura popular brasileira
E pra ele é uma beleza verdadeira
Depois de muito tempo o Brasil reconhecia
A cultura popular do dia a dia
Depois de anos um brasileiro exclamou O cordel
Foi Apolo que criou!
O Brasil inteiro reclamou, depois de um tempo
aceitou.

Uma história de amor

Luisa Kazumi Hashiba Maestrelli

12 anos

Veio ao nordeste um estrangeiro,
Que não era nada verdadeiro
Seu nome era José,
Ele tinha muita fé.

Um dia resolveu passear
E lembranças comprar
Até que uma mulher passou
E por ela ele se apaixonou.

E não ia descansar
Até com ela se casar
Então pensou em um plano
Para com ela se casar em um ano.

Porque de tanta beleza
Só podia ser uma deusa
Com ela foi falar
Para ver se conseguia se aproximar.

-- Qual é o seu nome? Minha linda mulher
- Meu nome é Atena, se você não souber
- Oxente, que nome bonito!
Até alegrou o meu espírito

Mas o que José não sabia
Que Atena era uma deusa com alegria
Bonita e inteligente
E não podia se casar com qualquer.

E quando José se virou
Ninguém avistou
Só viu dois caras correndo
E uma mulher gemendo

José desesperado
Chamou o delegado
Mas delegado não estava
Pois a polícia chamava.

Ele sem nada para fazer
Resolveu fazer de tudo, menos aborrecer
Então outro plano bolou
Porque para ele bastou.

Pois sua amada queria de volta
Mesmo que tivesse que chamar uma escolta
José desesperado
Pegou seu machado.

Só que tinha um problema
E teve que bolar um esquema
Pois não sabia onde ela estava
E ele já não aguentava.

Não conseguir fazer nada
Então ficou até a madrugada
Pensando em uma solução
Pois seu coração já estava cheio de paixão.

E não ia conseguir dormir
Até uma solução ele conseguir
José não conseguiu pensar em nada
E viu já era seis horas da madrugada.

Então no sono ele já estava
E até sonhava
Como recuperar sua amada
Para ela virar sua namorada.

Acordou
E seu café da manhã ele tomou
E foi passear
Na cidade pensar.

Até que viu dois homens
Com uma refém
E ele olhou para suas caras
Que para José não eram muito estranhas.

Então ele foi para pancada
Para salvar sua amada
Mas ficou com medo
E guardou isso em segredo.

Os dois muito cansados
Por derrotar muitos malvados
Depois da confusão
Foram pro sertão.

Atena preocupada
Ficou até madrugada
Tinha que contar a José
Que uma deusa ela é.

No dia seguinte contou a José
Que deusa ela é
José aceitou
Mas Atena disse que acabou.

José chorou e chorou
Pois sua amada o deixou
Atena já não quis mais
Ficar com esse rapaz.

José não aguentou
E se matou
Atena se sentiu culpada
E foi dar uma olhada.

Até hoje Atena chora
E sempre implora
Por uma nova chance
Com seu romance.

Quando há uma tempestade
É Atena e sua imensa saudade
Suas lágrimas escorrem
Pelo planeta correm.

SÃO AS LAGRIMAS DE ATENA ESCORRENDO PELO SEU ROSTO

Deusas

Luiza Chung Lee

13 anos

Era uma vez no sertão,
Um príncipe que desejava conquistar um coração,
O coração que todos os dias procurou,
Até que um dia se cansou.

Um dia em seu castelo,
Calçou seu chinelo,
E foi para seu trono,
Com muitíssimo sono.

Ele estava comendo,
Até que em certo momento,
Teve a grande ideia,
De fazer uma assembleia.

Convidou muitas garotas,
Todas muito belas,
E como não queria ser solteiro,
Procurou ser um cavalheiro.

Escolheria uma delas,
Escolheria a mais bela,
Ou a mais esperta,
Até que fez essa oferta.

Então todas se arrumaram,
E se prepararam,
Pois o príncipe faria entrevistas,
Para ver as finalistas.

Conheceu várias pessoas,
Todas muito boas,

Mas algumas se achavam muito
Outras queriam tudo gratuito.

Até que acabou,
E então se cansou,
E foi ao seu quarto
Muito farto.

Passou um dia,
Enquanto príncipe esperava uma alegria,
Até viu que tinha duas garotas em sua sala,
Que estavam com uma mala.

Elas se apresentaram:
– Meu nome é Afrodite e já me prepararam
– Meu nome é Atena,
E sou muito serena.

Ele gostou delas,
E viu que eram as desejadas,
Mas só podia ser uma.
Então estava em bruma.

Afrodite era muito bela,
E era uma donzela
Mas Atena era muito guerreira,
E era muito verdadeira.

As duas queriam se casar com ele,
Mas quem decidia era ele,
E então decidiu que ficaria vivendo
com elas por um tempo,

E com a que mais o agradasse,
viveria por muito tempo.

Elas brigavam muito.
Até que decidiram fazer um circuito
Em que a que ganhasse
Seria quem o completasse.

A competição começou,
E foi aí que tudo se criou,
Enquanto a competição acontecia,
Havia outra menina.

Essa outra menina
Era muito bonita,
Muito inteligente,
E um pouco ausente.

Quando Afrodite e Atena voltaram,
Quase desmaiaram,
Elas estavam fazendo tudo à toa,
E tudo em pessoa.

Então descobriram que o príncipe tinha se casado,
Com uma trabalhadora pela qual tinha se apaixonado.

O príncipe estava feliz,
Feliz com sua imperatriz.

O príncipe começou a contar como se conheceram:
– Começou quando me aconselharam
O casamento com uma mulher esforçada,
Foi aí que ela foi iluminada.

No Nordeste estava faltando água,
Havia uma mulher na rua,
Ele foi vê-la,
E foi então que ele viu uma estrela.

A estrela era ela,
Brilhava como uma vela,
E então ele a conheceu,
E com ela sua procura acabou.

Se casou.
E para sempre amou
A mulher que finalmente encontrou,
E para sempre ficou
Enquanto elas iam embora,
Uma disse e agora?
Então, ela se matou,
E a outra insatisfeita também se suicidou.

Os deuses fizeram uma reunião,
E analisaram a ação,
E decidiram então,
Que as duas, deusas virarão.

E viveram felizes,
Sem amores,
E sem problemas,
Escrevendo poemas.

Seca no Nordeste

Natalia Gisela Prates de Oliveira

13 anos

O casamento de Poseidon e Afrodite

Estava chegando ao seu limite

Por isso, ele prometeu:

- Terei de volta o que é meu!
- O dono do amor dela sou eu!

Depois de muito pensar

A uma conclusão conseguiu chegar:

- Vou ao Nordeste Brasileiro

Aquela terra de garimpeiro

Pra dar a ela a joia mais bela do mundo inteiro!

Quando lá chegou

O lugar perfeito encontrou,

A pedra estava lá

A sua jornada ele concluirá!

Mas tudo tem um obstáculo.

Nada do que descobriu era um espetáculo

O dono do lugar inteiro

Era o temido cangaceiro

José.

Sem muita fé.

Lá foi Poseidon conversar

Pediu a ele para a pedra levar:

- Nem que substituísse

Essa terra pelo mar

Deixarei você a tomar!

Poseidon pensou:

Aquelezinho me envergonhou,

Mas não vai ficar assim

Vou dar a ele um fim
Vamos lutar, para ele se ajoelhar perante a mim!

Foi ao garimpo
Sem se preocupar em jogar limpo
Deu um golpe com seu poder,
Falando: Você vai morrer!
Foi golpeado pelo maior deus do Olimpo!

José não deixou barato
Surgiu de novo do meio do mato
E deu um tiro
Esperando que Poseidon desse seu último suspiro,
Mas um deus não seria vítima de assassinato.

Poseidon deu seu golpe com força total
José caiu afinal!
Na terra árida do sertão
Com o sangue escorrendo
Aquele terra seca umedecendo.

José cuspiu suas últimas letras:
– Não se vexe¹, sua vez chegará; só esperar eu
enviar
Pessoas para te matar
A morte irá te acertar
Não adianta fugir para o mar!

Poseidon ficou assustado
Queria parar de ser amaldiçoado
E ir embora daquela terra
E fugir daquela guerra
Estava quase no mar, em pé na serra.

Quando um sujeito, o guia turístico
Veio lhe oferecer um passeio magnífico:
– Quer visitar a cachoeira?
Oê vai adorar mais do que a Grécia inteira!

Não se vexe¹, vai ser uma diversão verdadeira!

Poseidon aceitou,
Mas não sabia que a luta com José não acabou
Aquele era Antônio, o capanga
Que estava planejando uma vingança
Tão boa que nem Poseidon alcança.

Botou seu plano em prática.
Levou-o para o penhasco e em um passe de mágica
Disse ele: Oxe, não se esconda, meu camarada
Aproxime-se desta montanha elevada
E veja a paisagem desejada

Antônio estava com veneno
Para jogar naquele deus terreno.
Mas Poseidon era sempre atento
Percebeu algo naquele saquinho cinzento
Que iria ser envenenado.

Deu um golpe de surpresa
Naquela pessoa tão indefesa
Antônio caiu e foi intoxicado
Mas Poseidon não ficou todo contente
A pedra de sua esposa ele tinha lhe arrancado!

Nenhum saiu ganhando.
O casamento continuou cambaleando
Por isso eu digo compadres, não adianta ficar
chorando.
A vingança nunca é plena
Mata a alma e envenena!

¹Vexar- ato de se envergonhar, acovardar.

O desastre seco

Nina Bamonte Beneduce

12 anos

Medusa conversou com sua amiga do Sertão,
Que estava fazendo dieta para perder o barrigão.
E um dia começou a pensar,
Que queria se casar.

Mas, com a falta de água,
A maioria dos jovens emigraram,
Faltaram homens neste bairro.
Coitadas das mulheres ficaram.

Com isso ficaram desesperadas
Pois as coisas bonitas viraram cinzas.
Mas sobrou um homem sábio em seu Sertão,
O tio Tião.

Agora Medusa arranjou outros amigos,
Mas não que nem seus amigos antigos.
Que sempre comiam biscoitinho
Um exemplo era seu vizinho.

Medusa ligou para seus parceiros,
Que lhe mandaram muitos beijos,
Disseram que ouviram boatos,
Que o sertão estava voltando a ter o mesmo cheiro.

Seus amigos jovens voltaram de novo,
E com isso o povo do Sertão,
Voltou a fazer ovão,
Com suas próprias mãos.

A seca passou,
Felizes eles ficaram,
Este problema já bastou,
Nada mais estraga este Sertão.

Maria e José

Paloma Ciamponi Fernandes Martins

12 anos

Maria sempre se preparava pra comer pão
Na casa de João
Eles se casaram
E foram morar no Sertão

Maria foi ao oráculo para prever o futuro
E descobriu que seu marido
Iria tomar um susto
E ele caiu duro.

Hera viu Maria sozinha
E foi ajudar arranjar um marido
Que se chamava José
E tinha muita fé.

José e Maria tiveram um filho
Que tinha muito brilho
Ele sempre brincava
De fazer piada.

Maria e José
Não tinham fortuna
Mas queriam educar seu filho
Com muita fortuna.

José arranhou um emprego na padaria
Para fazer farinha
Maria trabalhava na escola
Contando história

Com esse dinheiro
Iria cortar o cabelo
No cabelereiro
E pensou em virar motoqueiro.

Férias de Poseidon

Rafael de Souza Monteiro Vagaroso

12 anos

Poseidon era o grande deus do mar
Foi ao Nordeste visitar seu amigo Lampião
Quando chegou Lá
Sentiu uma seca de rachar

-Com essa seca vou acabar,
Falou o deus.
-Não se preocupe, Lampião
Num piscar de olhos este horror vai terminar.

Então veio a chuva, para todos alegrar
E o povo do nordeste bem alegre o presenteou
Com rabecas, roupas
E ainda um belo colar

Lá de baixo no inferno, num palácio de matar
O senhor do mal, Hades, uma praga foi rogar:
- Povo ingrato!
Lanço a maldição que faz a terra queimar!

Tempos depois, no Sertão agora alegre,
A praga do deus aparece
Caindo uma chuva de fogo
Queimando como a rapidez de uma lebre

O povo então, a Poseidon foi suplicar.
O deus, amigo como sempre não hesitou
em ajudar:
-O maior medo de Hades é um mero gato,
Então nesta criatura irei me transformar.

E assim fez Poseidon sem hesitar
Transformou-se em gato.
Os guardas do palácio nem pensaram em descon-
fiar
E deixaram o deus disfarçado passar

Quando Hades percebeu o gato
Dentro de seu imundo palácio
Ele, desesperado, fez a chuva voltar
Para espantar o bicho desgraçado

Depois que a chuva voltou
Poseidon se revelou
E o maldoso Hades
O deus marítimo encarcerou

Voltando ao Sertão
Poseidon deu as notícias
E até a noite acabar
O povo festejou com Lampião

Esta história nos conta:
A inveja nunca é boa
É sombria e enganadora
Afasta todos e magoa

O comando do cangaço

Silvia Sofia Faria Grotkowski

12 anos

Lá no Nordeste havia muitos homens
Que davam muitas ordens
Até que um homem chegou
E a cidade ele controlou
Seu nome era Hades, um homem mal

Apareceu uma mulher dizendo
O que estava querendo:
Um lugar no topo do cangaço
E iria lutar como se fosse de aço,
Pois era mais corajosa que Hades

“Pode ir tirando seu fiofó do meu espaço,
Porque não quero que encham o meu saco”-
Disse Hades a Artemis.
“Não vou descansar até seu trono tirar,
Porque não vou me rebaixar”

Hades disse que um desafio iria propor
E que não iria sentir dor.
A batalha durou o dia inteiro
Hades pegou um isqueiro
E colocou fogo nos mandacarus

*“Sou o deus do inferno,
E esse cangaço eu governo,
Vá embora se não irei te controlar,
E desses mandacarus o fogo não vai abaixar”-
Esbravejou Hades*

*Um tempo depois a chuva caiu:
“Parece que você está jururu!!
E seu império você não construiu,
E você caiu”-*

Disse Artemis.
Artemis os cangaceiros controlou,
"Muito feliz eu estou,
Porque do cangaço agora eu sou"
Tempo depois Hades voltou :
"Artemis seu reinado acabou"

Hades, Artemis capturou
Ao Inferno ele a levou
"Você vai ficar aqui até outro império eu construir,
E eu voltar a sorrir,
E ver você cair".

Ao andar pelo Inferno,
Mas parecia eterno
Até que viu Pegasus um cavalo alado
"Olá cavalo não está fazendo nada?
Então, encagado podemos ficar?"

Um tempo passou, Artemis dormiu
E o cavalo a viu,
E a acordou:
"Olá cavalo alado, você quer voar?
Não vou te atrapalhar".

"Não posso voar porque Hades minha asa machucou
E agora é assim que estou"
Artemis ajudou o cavalo alado voar,
E então faltava só testar,
Para ver se conseguia retornar voar.

"Se você me ajudar,
Serei grata até acabar
Irei te amar
E você só precisa me ajudar"
-Disse o cavalo alado.

Para o cavalo voltar a voar
Artemis precisava cantar
Uma música Nordeste
De Luiz Gonzaga
Linda de milagre

"Sua igreja era velha
Resolveram abandonar
Construíram uma nova
Para o santo agradecer
E o dia foi marcado
Mas na hora de mudar
Olha, até sinto arrepio
Quando começo a contar
No largo da nova igreja
E não foi de caçada
Enxerguei dez mil pessoas
Sem fazer uma zuada
Na hora da cerimônia
Quando o sino repicou
Pra surpresa de todo mundo
A igreja desabou
E o milagre aconteceu
O sino não morreu"
Ao acabar a asa estava curada
E Artemis estava cansada
Então, após um tempo o cavalo a levou
E Artemis depois de acordar pensou:
"Hades me detonou, mas agora isso acabou"

Quando Hades viu Artemis
Não falou nada, mas
Artemis chamou os animais
Chegou um gavião
E Hades disse um palavrão

Por causa disso o gavião
Com mais raiva ficou
E o levou
Para seu ninho
E o gavião o matou.

E Artemis comandou
O cangaço,
Melhorou o espaço
Teve filhos e
Adotou um macaco.

O grande gigante

Sofia Barbuzza

13 anos

Em um dia chuvoso,
Sem nada para fazer,
Zeus reuniu sua família
Para uma história dizer.

Todos de ouvidos atentos,
E olhos bem abertos
Sentaram-se ao seu lado,
Para ouvir seu amado

A história começava assim:
Em um passado muito distante,
Em reino muito grande,
Havia um gigante,

Um homem muito metido,
Que era bandido,
Decidiu com gigante acabar,
E muito dinheiro ganhar

Quando chegou ao castelo,
- Deu no chinelo,
E deixou o castelo,
- Um grande marmelo

Com castelo quase acabado,
E o rei muito desesperado,
Mandou ao sertão,
João, seu amigão.

Quando chegou,

Procurou e procurou,
Até encontrar um feiticeiro,
Um feiticeiro vaqueiro e traíçoeiro.

Depois de João o problema contar,
O feiticeiro mandou teleportar
- O gigante para cá
Para ele o matar

Quando o gigante no solo pisou,
Com instruções do feiticeiro, João o atacou.
Com a poção que o feiticeiro lhe dera,
Derrotou a fera.

Mas uma condição tinha dado a João,
Que ele o ajudasse conseguir da amada Teresa a
mão,

Sem hesitar, João concordou
Para o feiticeiro seu coração conquistou

A mulher por ele se apaixonou,
E logo se casou,
E deu a ela um anel muito brilhante,
Feito de diamante.

Quando João voltou ao castelo,
Depois do duelo,
Com a mais bela das belas se casou
E feliz para sempre ficou

¹ fugiu

² uma grande bagunça

³ para onde estavam

A procura pelo troféu

Tales Sacomano Martins

13 anos

Zeus era um deus limpo
Que vivia no Olimpo,
Um dia esse deus
Disse “ai meu santo deus!”

Zeus estava assustado
Pois o seu troféu
Alguém tinha roubado

Ele estava perplexo
Alguém neste universo
Tinha sido tão perverso

Ele ficou desesperado
Começou a procurar
Não pararia até achar
Nem que aos mortais tivesse de perguntar

Ele foi falar com Afrodite
Mas a deusa da beleza
Só estava de safadeza

Tentou falar com Hefesto
Mas o deus bem honesto
Disse “não” com um gesto

Zeus ficou desolado
Isso não era engraçado
O deus se sentia desgraçado
Ele estava de coração apertado

Em meio ao desespero
Viu um exagero:
Os mortais do sertão
Festavam de paixão

-O que é aquilo? -
Exclamou o grande deus
-Será o meu troféu? -
-Sim! Acaso não o veria aqui do céu! -

Mas a sua possessão
Estava no meio do festão
Achou melhor se fantasiar
Não queria a matutada
Lhe olhando de cara virada

-Vou lá pegar o que é meu! -
O deus chega à festa
Ele grita -devolvam meu troféu! -
Um cabra grita -Isso é nosso! -
-Não, É MEU- exclamou Zeus muito grosso

-Você fica longe do meu troféu -
Se quiser levar, vai ter que cordel decorar! -
Zeus estava zangado, cada vez mais cansado
Mas achou melhor aceitar, esperar até passar

Após um tempinho, Zeus tinha tudo decoradinho
Ele foi ler o cordel de uma tal de Isabel
Ele começou a pronunciar, sem nem hesitar:

- Meu amigo, amigo meu, sinto que sou irmão teu
Sinto tua saudade, amigo da cidade
Volte sem a maldade
De um cabra sem liberdade -

Os matutos se amontuaram, boatos
Se soltaram e depois de decidido,
Deram o troféu ao deus querido.
Disseram parabéns, Volte outra vez!

Zeus estava grato
Seu troféu recuperado,
Decidiu ajudá-los
Dando lhes uma chuva de bom grado

Falou com Poseidon
Esse concordou
Em fazer molhar o sertão
Ele faria de coração

Após algum tempo
Molhou-se o local seco
Os matutos, de felicidade
Fundaram uma cidade

Agora, de ano em ano
Zeus cruza o oceano
Para festejar com o humano
Que sempre dança ao som do pífano

Agora, nessa estrofe acabo
O cordel do deus bravo
Obrigado por ler
Por favor, tenha algo bom a dizer!

O Ataque

Thales Gabriel de Lima Marino

12 anos

Poseidon e seus amigos estavam felizes
Quando seu inimigo e Hades vieram ao ataque
Quando todos perceberam foram avisar a tropa
Poseidon e seus amigos foram à batalha com a tropa

Todos batalhavam. Quando todos estavam morrendo
Continuaram batalhando. Quando só sobraram os três
Os terroristas fugiram, mas falaram que iriam voltar
Enquanto os três arrumavam sua tropa e reforçaram a defesa

Enquanto eles reforçavam a defesa, reforçaram as tropas
Áres e inimigo de Poseidon também reforçavam suas tropas
No reforço Poseidon e Áres atacavam e destruíram tudo o reino
E todos morreram, mas o reino do bem só comemorou a vitória

Quando estavam indo embora, eles juraram vingança contra eles
Na comemoração eles estavam se mudando para outro lugar
Na viagem eles foram parar na China e montaram seu reino lá
No contra-ataque eles iriam atacar só que acharam um Valle

Na China eles sofreram um ataque de Xans e de Hades
Grupo de Xans e de Hades foram para o Japão montar o seu reino
Os dois grupos montaram catapultas para atacarem uns aos outros
No final todos os reinos foram destruídos, menos Xans e Poseidon

Zeus e sua família

Thiago Seiji Belgamo Pupin

13 anos

Zeus no Nordeste morava
E para sua família cantava
Um dia cantou uma história para sua filha
Que se chamava Cecília

Ele começou a contar a história, que era assim:
A minha família era cheia de malandrim
Depois que meu bisavô morreu
Urano assumiu o poder

O filho de Urano, Cronos, queria o poder
Mas para isso acontecer
Forçou seu pai a beber
Então ele bebeu

Enquanto Urano estava bêbado
Cronos, seu pai castrou
Seu testículo arrancou
Ele então com seu pai acabou

Depois da morte de Urano
O filho Cronos, Zeus, queria o poder
Mas para isso acontecer
Precisava muito aprender

Então aprendeu
E a morte de Cronos aconteceu
Depois que Zeus seu pai matou
Ele o esquartejou.

Então depois que Zeus acabou sua história
E sua filha toda assustada
Bateu na porta
De Zeus um de seus camaradas

Ele se chamava João
E vinha do Sertão
No meio de sua viagem
Foi roubado por um ladrão

A filha de Zeus estava chorando
E João quis fazer ela se acalmar
Fazê-la parar de chorar
E para a lugares turísticos levar

João levou Cecília para Jericoacoara
Também o Parque nacional de Ubajara
Então Cecília se acalmou
E o choro se acabou

Posseidon, o herói

Victória Alonço Ferreira

12 anos

João foi ao sertão para uma mulher arranjar,
Mas o que ele encontrou foi um bebê para cuidar.
Esse bebê estava em uma casa abandonada,
E chorava feito uma mulher mal amada.

Ele o levou para seu hotel,
E acabou fazendo um cordel,
Nesse cordel dizia que azar ele tinha,
No final acabou chamando o bebê de Aninha.

Aninha virou seu xodó,
Mas quando cresceu virou uma menina sem dó.
Batia em todo mundo,
E quando ela encontrou um amor, era vagabundo.

Mas um dia Poseidon chegou,
e com a seca acabou,
Mandou uma chuva forte da peste,
Que transformou o sertão em agreste.

Sua missão já estava cumprida,
Mas ainda estava procurando o amor de sua vida.
Enquanto andava viu Aninha assustada,
Estava cansada e muito arretada.

Quando se acalmou,
Com ele proseou,
De repente se apaixonou,
E o vagabundo ela largou.
Feliz Poseidon ficou,
Pois um amor ele encontrou.
Decidiu se casar,
E no Nordeste morar.

Após a seca definitivamente acabar,
Um poema decidiu criar.
Quando terminou,
Famoso ele ficou.

E antes que eu me esqueça,
A fama subiu à cabeça,
Ana nervosa ficou e por isso cansou,
Então se mudou.

Poseidon sozinho acabou,
Até sua Fama foi embora,
E depressivo ele ficou
E sem nada ele está agora.

Atena e seus amores

Vitória Rodrigues Castillo

12 anos

Atena deusa da sabedoria,
Veio ao Brasil lendo a Ilíada.
Ao chegar no Sertão,
Chocou seu coração.
Viu um homem,
Arretado e jovem.

Atena o matou,
José à polícia denunciou.
Prisão um novo lar,
Até Atena ao Sertão voltar.
Atena se libertou,
E outro homem conquistou.

Esse homem a traiu,
Então outro ela conseguiu.
Até se vingar,
Então passou a amar.
Amando se tocou,
Que seu coração se apaixonou.

Atena disse:
- Amor e tosse não dá para esconder,
Mas o que eu quero mesmo é viver.
Então um velho que passava na rua retrucou:
- Oxente, preste atenção, Cem homens podem
formar um acampamento,
mas é preciso de uma muié para se formar
um lar.

Então Atena pensou,
Que algum dia de um marido vai precisar.

Para uma família juntos formar,
E então no sertão sua busca recomeçou.
Um dia decidiu descansar,
Até um homem a conquistar.

Com esse homem se casou,
E não podia ter filhos, então adotou.
Quando decidiu se aposentar,
Esse homem voltou a trabalhar.
Depois de dez anos seu marido morreu,
E foi aí que Atena adoeceu.

No hospital foi parar,
Até por outro homem se apaixonar.
Poseidon era o nome,
Daquele deus com fome.
Por Atena se apaixonou,
E até um beijo rolou.

Filhos não dava,
Pois a seca só aumentava.
Chuva Poseidon mandou,
Para satisfazer seu amor.
Atena jururu estava,
Pois a chuva não parava.

Atena faleceu,
E a herança ofereceu.
Seus filhos choraram,
Mais no final superaram.
Tudo que um dia no Sertão começou,
Acabou, mas um dia Atena amou.

80
ANO

ROTEIRO DE TEATRO

Tradições Nordestinas

Obra motivadora: “O auto da
compadecida” de Ariano Suassuna
e “O mercador de Veneza”
de Shakespeare

PERSONAGENS:

Agatha Lynn Kenton Moreira
13 anos

- João grillo - Dedy
- Chicó -Théo
- Mulher do padeiro - Natasha
- Padeiro - Antônio
- Padre - Arthur
- Antônio Moraes - Henrique
- Filha do coronel - Isabela
- Cão - Troy

ENREDO:

Em uma cidade no Nordeste, estava havendo muitas guerras, pois durante esse período de seca, só tinha um lugar no nordeste onde havia água! Muitas guerras estavam acontecendo lá, pois todos queriam a água que tinha nesse lugar.

Henrique estava preocupado com a segurança de sua cidade e com sua filha Isabela que estava doente. Henrique foi falar com o padre Arthur! O padre disse que ele teria que achar soldados para lutar, pois provavelmente haveria uma guerra.

Henrique decidiu falar com alguns jovens da cidade: Dedy, Theo, Antônio e outros. Era noite. Quem ficava vigiando era Troy, um cão com muita coragem. À uma hora da manhã, um grupo de ladrões estava tentando

invadir a cidade, Troy começou a latir e Chico, Dedy, Antônio e os outros foram correndo e começaram a lutar. Uma bala de canhão atingiu Theo e ele foi partido ao meio! Depois sofreu uma cirurgia e voltou ao normal! Natasha, a mulher do padeiro começou a tomar conta do Theo, ele se apaixonou por ela, mas Antônio descobriu e decidiu se vingar jogando Theo num buraco enorme. Quando Theo chegou ao fundo do buraco, viu um coelho correndo muito rápido.

Ele seguiu o coelho e foi pra uma sala cheia de portas! Havia uma mesa, uma chave e uma bebida dizendo beba-me. Assim que ele bebeu, encolheu e abriu uma porta que ia para um jardim secreto. No jardim ele achou uma escada e voltou para sua casa.

CENA I [Tinha só uma cidade onde havia água no nordeste. Henrique – prefeito - foi falar com o padre Arthur, o padre disse que ele teria que achar soldados para lutar, pois provavelmente haveria uma guerra]

Henrique

Padre, o que faremos? A falta de água me preocupa.

Arthur

Acho melhor nos prepararmos, Henrique. Provavelmente teremos uma guerra. Você precisa procurar soldados.

CENA II [Era noite, Henrique decidiu e foi falar com alguns jovens da cidade: Dedy, Theo, Antônio e os outros. Troy vigiava. De madrugada, à uma hora da manhã, ladrões tentam entrar na cidade]

Troy

[late]

CENA III [Chico, Dedy, Antônio e outros vão: correm e começam a lutar com os ladrões. Uma bala de canhão atinge Theo e o parte ao meio)

CENA IV [cirurgia]

Theo

Eu vou ficar bem?

Médico

Sim.

[Theo se recupera]

[A mulher do padeiro cuida de Theo]

Natasha

Estou apaixonada.

Theo

Também estou.

[Antônio ouve, fica furioso e joga Theo em um buraco enorme]

CENA I

[Theo segue o coelho e vai para uma sala cheia de portas]

Theo

Que bebida é essa em cima dessa mesa?

[Theo bebe e encolhe]

Theo

Vou abrir essa porta!

CENA II

[Abre a porta e entra num jardim secreto]

Theo

Olha minha casa! Que maravilha encontrar o caminho de volta!!!

PERSONAGENS:

Bruno Morales Balkins

13 anos

- **Chicó de Petrolina** - muito orgulhoso. Ama trabalhar e comer pão com queijo branco e tomate.
- **Sr. Miag (médico)** - sempre gostou de Chicó e adora curar pessoas.
- **Bob (o japonês que ajudou uma das metades)** - adora comida japonesa e sempre quis conhecer o Brasil.
- **Caio (o brasileiro que ajudou a outra metade)** - adora comida brasileira e morou em um lugar muito calmo que ele adora.

Espaço: Interior do Brasil e China.

Tempo: Pouco tempo atrás.

ENREDO:

Chico de Petrolina morava no interior do Brasil e era um trabalhador muito orgulhoso, adorava trabalhar com serras elétricas e máquinas de marcenaria. Sempre depois do trabalho passava em uma padaria e levava pão para sua família. Isso se repetia todo dia até que em um dia qualquer ele foi para o trabalho e foi tentar cortar uma tábua, que seu chefe disse que era perigosa por ser muito grande, ele acabou se descuidando e com o peso da tábua ele acabou caindo na cortadeira. Foi cortado ao meio sem dó nem piedade. Depois de ficar cortado ao meio, suas metades, sem querer, caíram em uma despressurizadora muito forte. As metades foram jogadas uma para cada lado, uma na China e outra no Brasil.

Uma das metades começou a se reencarnar, mas a outra, a se dissolver. Nisso dois meninos,

um chinês chamado Bob e outro brasileiro, chamado Caio, levaram as metades para o médico de sua região. O médico, que era o Sr. Miag, disse ao Bob que a metade estava viva. Mas no Brasil, Caio perguntou ao médico e ele disse que a metade dele estava morrendo. A metade viva disse que precisava da sua outra metade. Os dois meninos se encontraram na marcenaria que ele tinha se partido, que foi a metade viva que falou. Eles decidiram ir ao médico para juntar as duas, mas o médico disse que não podia fazer isso. Nisso o Sr. Miag chegou e falou que era muito necessário. Então o médico fez a cirurgia e ele voltou ao normal.

Depois Chico voltou para casa e sua família nem notou que ele tinha passado por tudo isso. E assim voltou a sua vida normal.

CENA I | (Chicó de Petrolina)
[feliz e muito entusiasmado para trabalhar indo para a marcenaria]
Chicó
Obaaa! Adoro trabalhar, hoje é um outro lindo dia de trabalho. Espero que hoje esteja sol. Deixa eu cortar aquela madeira gigante que meu chefe me dá um aumento.

CENA II | (Chicó de Petrolina)
[cortando a madeira gigante]
Ahh! Essa madeira é difícil, eu acho que vou escorregar, mas eu ainda vou cortar. Opaaa! nããããoooo!
[Chicó cortado ao meio]
Aii! Estou dolorido acho que vou cair na despressurizadora.
[as partes foram jogadas uma para cada lado do mundo, uma no Brasil e outra na China]

CENA III | (Bob e uma metade de Chicó)
[na China]
Bob
Nossa! O que é isso! É uma metade de um homem, e que está dissolvendo.
Devo levar para o hospital.

CENA IV | (Caio e a outra metade)
[no Brasil]
Caio
Uaaaau! Devo levar esse cadáver para o hospital!
Médico

Nossa esse cadáver está se reencarnando!

Chicó(cadáver)

Tenho que me juntar com a minha... outra metade!

Ela está na China!

Caio

Tenho que chamar a outra metade para o Brasil!

CENA V (Chicó, Caio, Bob e sr. Miag)
[hospital à noite]

sr. Miag

Tenho que juntar essas metades, agoraaaaa!

(Chicó inteiro)

Ufa, pensei que nunca mais ficaria inteiro de novo.

CENA VI (Chicó)
[na casa dele]
Nossa! Hoje foi um dia muito louco. Mas felizmente, acabou.

PERSONAGENS:

Gabriel Casagrande de Lucca
13 anos

- **Jociley de Icó:** um dono de terras no Sertão, mais especificamente, no Ceará na cidade de Icó. Não gosta do cangaço e às vezes sai para caçar cangaceiros.
- **Lâmpada:** um cangaceiro que tem várias armas pesadas, como um canhão, para assaltar cidades.
- **Josefa:** uma menina linda, que é órfã e em sua infância foi raptada pelos cangaceiros.
- **Mariana:** empregada do visconde.

ENREDO:

O visconde de Icó

SITUAÇÃO INICIAL: Jociley está em sua casa, um grande latifúndio, cheio de cavalos. Jociley fazia competições de corrida de cavalo e de tiros. Jociley estava Tocando seu violão quando ouve barulhos de tiro e canhões.

COMPLICAÇÃO: Jociley descobre que quem está atacando sua cidadezinha, são os cangaceiros. Pega seu cavalo e sua arma, vai até o centro da cidade. Todos estavam mortos, porém Josefa havia desaparecido, pois Jociley não havia encontrado seu corpo. Alguns segundos depois, uma bala de canhão vinda do horizonte, o atingiu e o partiu ao meio e isso o fez desmaiar.

Quando acordou, Visconde percebeu que estava partido ao meio, foi checar se conseguia andar só com uma perna. Com dificuldade conseguiu andar, com muita raiva pegou suas armas e foi às montanhas de Icó rumo à sua vingança contra os cangaceiros que o destruíram e também destruíram sua cidade.

CLÍMAX: Jociley, com só uma parte do corpo no alto das montanhas, encontra uma espécie de aldeia com vários cangaceiros, com eles vários prisioneiros

presos por eles e sua outra metade de seu corpo maltratando os moradores de Icó. Um destes prisioneiros era sua amada, Josefa.

Então sem pensar duas vezes, foi pra cima dos cangaceiros com o rifle carregado, mirou no Lâmpada, que era o comandante do cangaço da área, mas bem quando ele ia puxar o gatilho, a outra parte dele, que era do mal obviamente, deu um tiro em seu cavalo e visconde caiu, mas com muita sorte não se feriu.

Todos os cangaceiros foram averiguar se visconde estava morto. Nesta hora ele aproveitou para ir correndo salvar o povo de Icó. Desamarrou todos e os disse para voltar correndo para Icó. Os cangaceiros voltaram para “aldeia”, com isso visconde acendeu um detonador, deixou na “aldeia” e saiu de lá.

Desfecho: O detonador explodiu, o visconde voltou à sua cidade, ajudou na reconstrução e também foi a um hospital para se costurar, pois estava partido ao meio.

Um cirurgião o costurou, e Visconde se casou com Josefa, no fim acabou tudo muito bem.

CENA I [Uma casa normal – no interior do Sertão) casa de madeira meio apodrecida. Do lado de fora com uma cadeira de balanço]

Visconde

[tranquilo, falando com si mesmo]

Acho que hoje preciso... Não fazer nada, só ficar aqui vigiando minha cidade.

[barulhos muito altos de canhões e tiros]

Meu Deus o que é esse barulho!

[entra em casa desesperado]

Mariana, me dê minha arma, acho que a cidade está sendo atacada. Depois que eu sair, tranque tudo. Qual cavalo está pronto para correr?

Mariana

O que você competiu na semana passada, o preto, eu acho.

Visconde:

Estou indo!

CENA II [Visconde, no cavalo, indo para o centro de Icó]

Visconde

Ah meu Deus, todo o povo está morto! Mas não acho o corpo de algumas pessoas, como a de... Josefa! Aposto que foram os cangaceiros. Vou para as montanhas tentar resgatar o povo e acabar com os cangaceiros.

[barulho de bala de canhão sendo lançada.
Visconde desmaia e cai do cavalo]

CENA III

[visconde acorda com apenas uma parte do corpo]

Visconde:

Preciso ir procurar o povo, terei que continuar mesmo com apenas uma parte do corpo.

[depois de um tempo, encontra uma aldeia cheia de cangaceiros com o povo de Icó preso pelos cangaceiros; entre eles, a amada de visconde, Josefa]

Visconde

Tenho que ir resgatá-los, mas... o que é aquilo, minha outra parte do corpo maltratando os prisioneiros. Acho que minha outra parte se converteu para o lado dos cangaceiros.

CENA IV

[Visconde entra no cavalo pega seu rifle, mira no Lâmpada (cangaceiro chefe)]

Visconde

Alvo na mira!

[barulho de tiro, cavalo cai morto e visconde apenas cai]

Visconde

Eles devem achar que estou morto, vou aproveitar e ir soltar o povo!

[Visconde corre para a aldeia, enquanto os cangaceiros correm em direção ao cavalo morto. Visconde desamarrou todos]

Voltem, a cidade o mais rápido que puderem!
Vou explodir essa vila inteira!

[visconde acende uma dinamite e deixa no centro da vila,
e sai correndo]

CENA V

dois anos depois

[Visconde entra em sua casa casado com Josefa e com suas
metades unidas]

Visconde

Oi amor!

Josefa

Oi!

[um narrador fala:

E viveram felizes para sempre!]

PERSONAGENS:

Gabriel Tacla

13 anos

- **Padre:** seria o velho Ezequiel, mestre espiritual dos huguenotes.
- **Coronel Antônio Moraes:** seria o visconde, dono de tudo nos arredores. Homem de meia idade, feições bem definidas, branco e sem nenhum parente.
- **Padeira/Maria:** seria Pâmela, a amada do visconde. Jovem, meia altura, branca e vive sozinha com a mãe.
- **Cidadãos:** seriam os cidadãos de Terralba.
- **Guerreiros da vila inimiga:** seriam os Turcos.
- **Guerreiros da vila do Coronel:** seriam os aliados que lutaram ao lado do visconde.
- **Tenente:** seria Curzio, o escudeiro do visconde.

Época: início do século XX; lugar do drama: **sertão nordestino.**

ENREDO:

Sem braço, sem vida

Situação inicial: Todos os povos no Sertão viviam bem, até chegar a época da seca, que gerava guerras entre as cidades do Sertão. O Coronel Antônio Moraes: um homem de meia idade, feições bem definidas, branco e sem parentes. Foi à guerra lutar para conseguir água para o seu povo.

Complicação: Depois de várias horas lutando, o Coronel levou um tiro de espingarda e perdeu o seu braço esquerdo. Após voltar para sua casa em sua cidade, todos os cidadãos olharam-no curiosos e cochicharam uns para os outros. Enraivecido o coronel seguiu para sua casa, pensando em como

as coisas iriam mudar. O Coronel voltou à sua cidade com uma expressão maligna e colocou no mural o preço dos impostos, que haviam aumentado e deviam ser pagos dois dias depois.

Clímax: O padre, fazendo de tudo, conseguiu convencer o coronel a parar de prejudicar o povo, mas como ele advertiu o padre, só o faria se Maria se casasse com ele, no dia da entrega dos impostos.

Desfecho: A mulher aceita a oferta e eles se casam e o coronel volta a ser o mesmo como tudo na vila.

PRIMEIRO ATO [Campo largo e devastado. Com arbustos e corpos mortos de animais e pessoas no chão. É tarde, já escurecendo]

CENA I (Coronel Antônio Moraes, tenente, guerreiros da sua vila e guerreiros da outra vila)
Coronel Antônio Moraes
[Sentado em seu cavalo, observa o campo de batalha]

Tenente

[Para ao lado do Coronel]

Coronel, os inimigos estão se aproximando, devemos fazer alguma coisa

Coronel Antônio Moraes

[Olha para o tenente, tem em uma das mãos a sua espingarda já carregada]

Prepare as tropas para o ataque.

Tenente

[Faz continência e se retira]

Sim, senhor!

CENA II (Coronel Antônio Moraes, tenente, guerreiros aliados e inimigos)
[Coronel e tenente lutam bravamente, tumulto, som de tiros, gritos.]

Tenente

[Se sacrifica para salvar o Coronel e morre baleado]

Coronel Antônio Moraes

[Lamenta e chacoalha o tenente na tentativa de acordá-lo. Desesperado e triste]

Vamos levante-se! Não posso continuar sem você!

[No meio do tumulto e dos tiros o Coronel é baleado no braço esquerdo. Desmaia.]

CENA III

[Hospital de guerra. Várias macas com homens feridos, médicos andando preocupados. À direita a maca do Coronel]

Coronel Antônio Moraes

[Acorda muito ferido e vê que está sem seu braço esquerdo, levanta-se, se veste e prepara-se para voltar para casa]

**SEGUNDO
ATO**

[Vila do Coronel. Espaço amplo com uma padaria, um ferreiro, uma igreja, uma marcenaria e várias casas inclusive a do Coronel. É meio-dia]

CENA I

(Coronel Antônio Moraes, padre, Maria e cidadãos)
[Coronel Antônio Moraes, entra na vila a cavalo, cidadãos o olham curiosos e cochicham uns para os outros]

Coronel Antônio Moraes

[Enraivecido, pergunta]

O que estão olhando?!?

[Ninguém responde e o Coronel segue irritado para a sua casa]

CENA I

(Coronel Antônio Moraes e Maria)
[Casa do Coronel. Coronel entra e se senta em sua poltrona. Alguém bate na porta]

Coronel Antônio Moraes

(Irritado, pergunta)

Quem é?

Maria

(Simpática e doce)

Sou eu, Maria. Trouxe uns pãezinhos para o senhor. Eu mesma os fiz e eles acabaram de sair do forno.

Coronel Antônio Moraes

(Contente com a chegada da jovem, muda para tom mais alegre e se levanta para abrir a porta)

Olá Maria, quanta gentileza sua de me trazer estes pães!

Maria

(Cora e sorri)

Não tem de que, eu trouxe para lhe dar um oi e perguntar se o senhor está bem!

Coronel Antônio Moraes

(Responde, já um pouco sério pela moça ter tocado no assunto)

Perdi o meu braço, mas já estou melhor. Agora por favor peço que se retire para que eu possa descansar.

Maria

(Constrangida)

Mas é claro

[Maria se retira e o Coronel fecha a porta]

**TERCEIRO
ATO**

[Vila. Dia seguinte ao da chegada do Coronel. Todos os cidadãos na praça trabalhando]

CENA I

Coronel Antônio Moraes

[Coronel se dirige ao mural à esquerda e prensa a folha dos impostos]

Paguem até quinta-feira!

Cidadão

(Preocupado)

Mas quinta-feira é depois de amanhã!

Coronel Antônio Moraes

(Com um sorriso malicioso na cara)

Então acho melhor vocês se apreçarem, porque os preços subiram!

Cidadãos

(Reclamam e ficam preocupados)

Coronel Antônio Moraes

(Volta para sua casa andando)

CENA II

[Casa do Coronel. Coronel sentado na poltrona. Batem na porta]

Coronel Antônio Moraes

(Cansado)

Quem é?

Padre

(Seguro)

Sou eu, o padre.

Coronel Antônio Moraes

(Desapontado)

Pode entrar

Padre

[Entra na casa e se senta em uma cadeira em frente ao Coronel]

Vim falar sobre os impostos. Peço que abaixe o preço

Coronel Antônio Moraes

(Objetivo)

Não irei baixá-los!

Padre

(Desapontado)

E por que não, meu senhor?

Coronel Antônio Moraes

(Irritado)

Porque o povo vem rindo de mim desde que eu cheguei da guerra sem meu braço!!!

Padre

(Incentivando)

Peço para que parem amanhã!

Coronel Antônio Moraes

(Sorri mais animado com uma ideia que surge)

Tudo bem, mas só se o senhor me casar com Maria

Padre

(Animado)

Mais e claro meu senhor. Quando quer que a cerimônia aconteça?

Coronel Antônio Moraes

(Animado)

Quinta-feira!

Padre

(Com duvida)

E o senhor já pediu a mão dela?

Coronel Antônio Moraes

(Chateado)

Não

Padre

(Amigável)

Quer que eu o faça pelo senhor?

Coronel Antônio Moraes

(Esperançoso e animado)

Sim!

CENA III

(Padre e Maria)

[Igreja, padre espera por Maria]

Maria

[Entra na Igreja. Dúvida]

Queria falar comigo, padre?

Padre

(Animado)

Sim. O Coronel a está pedindo em casamento, o que me diz?

Maria

(Animada)

Sim, eu aceito!

**QUARTO
ATO**

[Pátio da vila, decorado com flores e com um altar para a cerimônia. Todos os cidadãos presentes para elebrar com todos]

CENA I

(Coronel Antônio Moraes, Maria, padre e cidadãos)

Padre

(Animado e contente)

O senhor Coronel Antônio Moraes, aceita Maria como sua legítima esposa?

Coronel Antônio Moraes
(Contente e feliz)

Aceito

Padre

E você Maria aceita...

Maria

(Contente e animada)

Aceito!

Padre

(Desconcertado e feliz. Se dirige ao coronel)

Pode beijar a noiva

[O coronel e Maria se beijam todos aplaudem e comemoram]

PERSONAGENS:

**Giovanna Navarro
Marcondes**
13 anos

- **Joana:** filha do coronel. Ela é uma menina quieta, mas que gosta de ajudar as pessoas que ama, principalmente sua irmã. É uma feiticeira como sua mãe e tem um pai chamado Joaquim Roberto. Sua irmã se chama Mariquita. Moram em uma vila longe.
- **Mariquita:** Filha do coronel. Tem uma irmã chamada Joana e seu pai se chama Joaquim Roberto. É uma menina muito bonita e tem cabelos loiros.
- **Chicó:** melhor amigo de Pedro. Pedro é seu parceiro, eles são guerreiros nordestinos, que vivem no Sertão e moram em uma casa simples. Gostam de ajudar os outros, mas eles têm um jeito sério.
- **Pedro:** melhor amigo de Chicó. Juntos, têm um cão chamado Camarão e combatem os malvados do Nordeste. Fazem um trabalho duro e cansativo e tem muitas armas para suas defesas.
- **Joaquim Roberto:** coronel da cidade tem duas filhas chamadas Joana e Mariquita. Gosta muito de suas filhas, é muito preocupado com elas, e é um grande pai.
- **João:** parceiro e ajudante de Joaquim. Ajudante de guerra.
- **José:** parceiro de Joaquim. Ajuda seu patrão nas guerras e combates.
- **Camarão:** cachorro que mora com Pedro e Chicó. Muito calmo e mansinho.

Época: século XX.

Lugar do drama: Sertão nordestino

ENREDO:

Os guerreiros nordestinos

Em uma noite deserta no Sertão nordestino, estava Chicó e seu amigo Pedro tocando músicas com suas rabecas. A cidade era deserta só se escutava o vento sem rumo e a rabeca cantorolando. Ao lado, estava Camarão, cão dos dois amigos que moravam na mesma casa.

– Que bela noite, não é mesmo Pedro? – disse Chicó.

– Sim parceiro, uma noite cheia de estrelas... – disse Pedro.

Eles não eram simples homens, eles eram guerreiros nordestinos que tinham armas muito poderosas e guerreavam com quaisquer homens que rodeassem suas terras. Ganhavam muitas guerras, porém sua vila era localizada longe do centro da cidade e quem chegava lá, era considerado um grande homem ou uma grande mulher por sua extrema coragem.

Em um dia muito quente do Sertão, aparecem três homens armados a cavalo. Um deles era o coronel Joaquim Roberto e seus outros dois parceiros, João e José. E entre eles cavalgava as maravilhosas filhas do coronel, Mariquita e Joana. Duas jovens bonitas e corajosas do Nordeste, “as poderosas filhas do chefe”, como eram chamadas pela maioria da população.

Então o coronel Joaquim deixou seus dois guerreiros cuidando das filhas e foi falar com Pedro e Chicó.

– Pedro, Chicó, preciso falar com vocês urgente – disse o Coronel apavorado.

Os dois amigos olharam um para a cara do outro, e levantaram suas armas de tal maneira que o Joaquim arregalou os olhos e gritou:

– Não me mate, não me mate!!! Eu vim em paz, com um pedido: por favor, me deixe falar antes, estou desesperado.

Pedro falou para Chicó abaixar as armas.

– Fale, mas fale rápido, pois estou arrumando minhas armas. Não leve muito do meu tempo – disse Chicó.

– Tudo bem, então cavalheiros, estou aqui com minhas duas filhas e preciso deixá-las aqui. Vocês podem cuidar delas? – Disse o Coronel com a certeza de que eles iriam aceitar.

– Não – disse Pedro curto e grosso.

– É... sei não, seu coronel – Disse Chicó

– Por favor! Eu imploro, até pago a vocês um dinheiro para ajudar nas despesas – diz o coronel implorando.

– Não queremos seu dinheiro. Não há despesas aqui, só trabalho duro! Mas me explique:

por que você quer deixá-las aqui? – disse Pedro intrigado.

Alguns cidadãos querem o coração de minhas filhas, minha esposa era feiticeira e nossas filhas absorveram todo o poder de feitiçaria. Esse poder fica no coração. Se eles arrancarem o coração delas, vão entregar aos deuses. Minhas filhinhas vão morrer e eles vão ficar com todo o nosso poder. Preciso de ajuda para protegê-las. Elas ficaram aqui até eu conseguir acabar com eles de uma vez por todas. Por favor! Eu imploro!!! Deixe-as ficar aqui por um tempo – disse o coronel.

– Desse modo, acho que podemos ajudá-lo – dizem Pedro e Chicó.

Assim, Antonio chama suas filhas, agradece e vai embora.

Logo em seguida, aparece um bando de homens armados. Chicó grita:

– Pedro... é agora.

Chicó responde:

– Meninas, voltem para casa e se escondam. Existe uma porta debaixo da geladeira, abram e entrem, lá tem um esconderijo.

Pedro e Chicó vão em direção aos homens e apontam as armas. Um deles atira, mas erra. As meninas com medo, saem do esconderijo, pegam as armas e vão ajudá-los.

Chicó diz: voltem para o esconderijo!

– Aqui não é seguro para vocês...– diz Pedro preocupado.

Joana atira de volta, e acerta um dos cinco homens.

– Nem morta que volto para lá!!- diz Joana risonha.

– Vamos ajudar vocês.- diz Mariquita

Então dois dos homens atiram. Chicó e Pedro desviaram e atiram de volta, ambos morrem. Os dois se parabenizam com muita gritaria.

Sobraram dois. Eles tentaram acertar cada um em cada menina. Pedro e Chicó se jogaram na frente das meninas e os dois partiram ao meio.

– AAAAAA – gritam Pedro e Chicó.

Os últimos dois vieram na direção de Joana e Mariquita, elas atiraram neles. Eles morreram.

Mariquita diz apavorada para sua irmã:

– Meu Deus!! Eles partiram ao meio!

Então, elas costuraram as partes de Chicó e Pedro. Eles reviveram, mas quando Joana percebeu ela gritou:

– Oxi Maria!! Mariquita, eles ficaram mais bonitos!!!

E então Mariquita disse:

– Meu Deus! Costuramos errado, a parte esquerda de Chicó ficou em Pedro, e a esquerda de Pedro ficou em Chicó!

Então os dois acordaram, e viram aquelas moças bonitas olhando para eles. Chicó ajoelhou na frente de Mariquita e Pedro na frente de Joana e pediram elas em casamento. Elas aceitaram e desde então, nunca mais se viu os casais. A lenda diz que eles mudaram para um lugar mais distante, onde jamais foram encontrados.

CENA I

(Chicó, Pedro)

[Chicó e Pedro em suas cadeiras de balanço conversando, enquanto isso limpavam e afiavam suas armas poderosas, para quem tivesse a coragem de perturbá-los...]

Chicó

Que bela noite, não é mesmo Pedro?

Pedro

Sim parceiro, uma noite cheia de estrelas.

CENA II

[O dia amanhece, e então apareceu o Coronel com dois de seus parceiros e suas duas filhas, cavalgando em direção a distante casa dos guerreiros Chicó e Pedro].

Coronel Joaquim

[Chega em desespero e aos prantos]

Pedro, Chico, preciso falar com vocês urgente!!!

[Pedro e Chicó levantam suas armas e apontam para o Coronel]

Coronel Joaquim

Não me mate, não me mate!!! Eu vim em paz, com um pedido. Por favor, me deixe falar antes, estou desesperado. Pedro e Chicó

[Abaixam as armas]

Chicó

Fale, mas fale rápido, pois estou arrumando minhas armas. Não leve muito do meu tempo.

Coronel Joaquim

[Confiante de sua escolha, juntou suas mãos e começou a explicar a situação, implorando].

Tudo bem. Então cavalheiros, estou aqui com minhas duas

filhas, e preciso deixá-las aqui. Vocês podem cuidar delas?

Pedro

[Revira os olhos e olha com cara de desprezo.

Pedro não demonstra simpatia.]

Não.

Chicó

É.... sei não, seu coronel.

Coronel Joaquim

[Surpreso, coloca a mão no bolso e tira “bolos” de dinheiro]

Por favor! Eu imploro, até pago a vocês um dinheiro para ajudar nas despesas.

Pedro

[Pedro joga suas armas na mesa, bravo]

Não queremos seu dinheiro. E não há despesa aqui, só trabalho duro! Mas me explique, por que você quer deixá-las aqui?

Coronel Joaquim

[Dá um profundo suspiro. Mantém-se afastado dos guerreiros nordestinos, perto da escada da casa].

Alguns cidadãos querem o coração de minhas filhas, minha esposa era feiticeira, e nossas filhas absorveram todo o poder de feitiçaria, e esse poder fica no coração. Se eles arrancarem o coração delas, vão entregar aos deuses. Minhas filhinhas vão morrer e eles vão ficar com todo o nosso poder.

Preciso de ajuda para protegê-las, elas ficaram aqui até eu conseguir acabar com eles de uma vez por todas. Por favor! Eu imploro!!! Deixa-as ficar aqui por um tempo.

Pedro e Chicó

[Eles se entreolham e dizem]

Desse modo, acho que podemos ajudá-lo.

CENA III

Coronel Joaquim

[Chama as filhas, Joana e Mariquita. João e José as entregam para os guerreiros].

Obrigado, em breve eu volto.

CENA IV [Na outra manhã, homens armados aparecem].

Chicó

[Se levanta da cadeira.]

Pedro... é agora!

Pedro

[Se levanta da cadeira de balanço].

Meninas voltem para casa e se escondam! Existe uma porta debaixo da geladeira, abram e entrem, lá tem um esconderijo.

Pedro e Chicó

[Começa o tiroteio. As meninas então decidem sair do esconderijo e ir ajudá-los]

CENA V **Chicó**

[Um do grupo de cinco homens atiram, mas erram.
Joana revida e acerta um deles].

Voltem para o esconderijo!!!

Pedro

Aqui não é seguro.

Joana

[Dá uma risadinha falsa e responde].

Nem morta que volto para lá!

Mariquita

Vamos ajudá-los!

Chicó e Pedro

[Dois dos homens do outro grupo atiram, Chicó e Pedro revidam e matam os dois].

Boa, parceiro!!!

Chicó e Pedro

[Sobram dois, cada um deles atira em uma menina.
Pedro e Chicó se atiram na frente].

AAAAA!!

Joana e Mariquita

[Atiram nos restantes e matam todos].

Mariquita

Meu Deus, eles partiram ao meio!

[Joana e Mariquita começam a costurá-los e eles reviveram].

Joana

[Surpresa, levanta-se.]

Oxe Maria Mariquita, eles ficaram mais bonitos!!!

Mariquita

[Olha atentamente.]

Meu Deus! Costuramos errado, a parte esquerda de Chicó ficou em Pedro, e a esquerda de Pedro ficou em Chicó!

CENA VI

(Chicó, Pedro, Mariquita e Joana)

[Os homens acordaram. E observaram as lindas moças.

Chicó ajoelhou na frente de mariquita e Pedro na frente de Joana e pediram elas em casamento. Elas aceitaram e os casais sumiram para sempre em um lugar distante onde jamais foram encontrados].

PERSONAGENS:

Lucas Galvão Bueno
Nishikawa
13 anos

- **Coronel Antônio Moraes:** Seria o lado bom do Visconde, o homem mais bravo e um dos mais corajosos daquele lugar.
- **João Grilo:** Seria o sobrinho de Medardo, pois é o que conta a história e está em várias cenas.
- **Padre:** Seria o Mesquinho, personagem falso e que tira vantagem dos outros.
- **Pâmela:** Mulher do lado bom do Visconde, nesse caso, do coronel.

Época: Sertão na cidade de Colinas, Maranhão.
Tempo: Pouco tempo atrás.

ENREDO:

Sem água ou sem rosto

Coronel Antônio Moraes: Seria o lado bom do Visconde, o homem mais bravo e um dos mais corajosos daquele lugar.

João Grilo: Seria o sobrinho de Medardo, pois é o que conta a história e está em várias cenas.

Padre: Seria o Mesquinho, personagem falso e que tira vantagem dos outros.

Pâmela: Mulher do lado bom do Visconde, nesse caso, do coronel.

Em uma das mais longas secas do Sertão, apenas uma vilazinha tinha água em abundância, por causa de um rio que a cruzava. Esse fato atraía muitos outros habitantes, que logo seriam expulsos. Em mais um dia sem chuva, o povo vizinho tentou atacá-los, gerando uma guerra, pois além dos vários armamentos que ambos os povos tinham, havia uma razão maior do que o assalto em jogo.

Pâmela, a mulher do Coronel, ainda estava discutindo com ele sobre sua ida à guerra. Falou que era muito perigosa e que o mais fácil seria somente dar uma parte de suas águas aos vizinhos.

A guerra havia começado exatamente há uma hora da tarde. O coronel Antônio Moraes estava rezando, pois era isso que os guerreiros faziam antes de cada batalha

no Sertão. Diante de toda a poeira, era possível ver de longe pernas se movendo. Foi o sinal de que o reforço coqueirense estava para chegar. O mais protegido deles, o bravo Padre, estava disposto a lutar pela causa e a matar quem for necessário para garantir água nesse período.

O coronel treinou muito seu cavalo, que, por sua vez, estava muito cansado e não queria saber de guerra. Mesmo assim, o coronel colocou o pobre animal na luta, que já havia deixado vários mortos no chão.

Todos estavam batalhando, até que o Padre e o Sr. Moraes ficaram cara a cara com suas espadas. Os dois estavam se insultando, tentando um intimidar ao outro. Em uma rápida distração, Antônio tomou um tiro de espingarda no meio do rosto, que logo se despedaçou. Quando a guerra finalmente acabou, e com vitória da Vila das Palmeiras, o coronel foi recolhido com suavidade e o levaram direto ao centro de medicamentos, onde cuidaram dele.

Semanas após aquilo, não havia mais sinais de seca e os dois descobriram que eram irmãos. Se arrependeram e desculpavam repetidamente sobre o que havia acontecido. Mesmo com o rosto não totalmente recuperado, os irmãos tiveram um final feliz, e nunca deixaram de dividir as coisas que conseguiam.

PRIMEIRO ATO | [Vila no meio do Sertão, no Maranhão. Rios e riachos entornam e passam pela pequena civilização].

CENA I | (Padre e os outros homens da vila)
[Os coqueirenses estão pegando seus armamentos em quanto se movimentam ansiosamente]

Padre

[Corajosamente fala com seus companheiros]

Nossas mulheres precisam de água urgentemente.

Mataremos os homens da Vila das Palmeiras? Sim ou não?!

Guerreiros coqueirenses

[Respondem rapidamente, sem dúvidas]

Sim, alteza! Mataremos todos eles por nossas famílias!

Padre

[Feliz e ansioso]

Ótimo! Combinamos a guerra exatamente à uma hora da tarde! Todos prontos até lá, hem?!

CENA II | (Coqueirenses)
[A meio quilômetro ao lado, o Coronel rege a Vila das Palmeiras. Enquanto preparam seus armamentos, o Sr. Moraes faz um discurso parecido com o do Padre.]

Coronel

[Ansioso e confiante]

Finalmente poderemos usar nossas grandes armas!

E não se esqueçam de pegar seus cavalos antes da batalha, pois iremos usá-los.

(Antônio Moraes e seu cavalo)

[A guerra está prestes a começar. O cavalo do coronel não quer levantar de tanto cansaço.]

Coronel

[Impaciente]

Levante-se, seu preguiçoso! Precisamos lutar! Não vai me dizer que aquele treino de manhã te deixou cansado, né?!

CENA III

(Antônio Moraes, Padre e guerreiro coqueirense)

[No meio da violenta guerra, os dois líderes e adversários se enfrentam pela primeira vez.]

Padre

[Demonstrando coragem]

Já está cansado, é? Não sabia que coronel lutava, achava que ficava em seu tronozinho tomando chá!

Antônio Moraes

[Irritado]

Ó quem fala! Não deveria estar na igreja rezando para não morrer nessa batalha?

Guerreiro coqueirense

[Preparado e confiante]

Lá vai bomba... Quem foi que acertei dessa vez? Haha, foi o grande coronel. Ah! que piada de guerreiro...

CENA IV

(Pessoas da Vila das Palmeiras)

[Quem não participou da guerra, recolhe os corpos. É um momento triste, pós-guerra.]

Pâmela, a mulher do coronel

[Preocupada]

Ai meu Deus, cadê meu marido? Alguém o viu? Por favor, me ajudem!

CENA V | **Amigo de Antônio Moraes**

[Triste]

Aqui Pâmela! Seu marido, pelo o que eu vi, tomou um tiro de espingarda no nariz! Ai caramba! Essa deve ter doído! Ei! O que vocês estão esperando? Me ajudem a carregá-lo até o centro de atendimento!

CENA VI | (Padre, coronel e Pamela)

[Os dois enfim descobrem que são irmãos, e se desculpam por todas as ofensas.]

Padre

[Com vergonha]

Me desculpo mais uma vez, irmão. E mais uma coisa, me vê um copo d'água? Haha!

Antônio Moraes

[Em estado de recuperação]

Nunca mais deixarei de te dar qualquer coisa!

Pâmela

[Muito feliz e satisfeita]

Ai, como é bom vê-los contentes! Esse é um final feliz de verdade! Que felicidade!

PERSONAGENS:

Marcelo Elizardo Gerber
13 anos

- **João Grilo partido ao meio:**

Figurino: Camisa de pano, toda furada, chapéu de palha e uma calça com as mesmas características da camisa.

Característica: Desengonçado, fala errado e tem o costume de perguntar; É? Ou não é?

- **Mãe:**

Figurino: vestido simples e chinelo.

- **Padeiro:**

Figurino: Obeso e simpático

Situação inicial: Há algum tempo, João Grilo de Jericó, nasceu. Quando cresceu, se inspirava muito nas histórias de sua mãe, que era costureira. Gostava muito das histórias por que tinham um suspense que tentava desvendar um acontecimento!

Conflito: João Grilo enquanto estava passeando passou na padaria para comprar pão, só que o vendedor queria dar o troco em balinha e João Grilo odeia quando isso acontece, então de tanta raiva, João Grilo perdeu a cabeça. Porém

Clímax: Quando João Grilo volta a consciência não sabe onde está, porque sua cabeça está olhando para outro lugar desconhecido. Porém João Grilo percebe isso e coloca um jerimum no lugar da cabeça!

Desfecho: João acha a cabeça com a mãe.

ENREDO: **João grilo partido ao meio!**

Um menino nasce em Jericó no ano de 1959. Sua mãe deu-lhe o nome de João Grilo, antigo nome e antigo apelido de guerra do pai que faleceu de velhice quando João tinha apenas quatro meses.

Quando tinha por volta de cinco anos, sua mãe contava-lhe histórias de detetive, que João adorava.

Quando cresceu ajudava a mãe na sua barraca de roupas, onde ela vendia roupas feita a mão. Porém não tinha paciência para costurar, apesar de saber. João estudava em uma escola do interior, onde tinha poucos amigos por causa de seus surtos de raiva.

João falava que queria ser médico, como seu pai. O que ele não sabia era que sua mãe havia mentido sobre a profissão de seu pai, pois na verdade ele era soldado do exército. Como ela temia que seu filho quisesse seguir a carreira do pai, inventou a história dele ter sido médico.

Uma vez João tinha acabado de ter uma prova difícil, voltou para casa irritadíssimo. Sua mãe pediu que fosse buscar dois pães. João respirou fundo e foi. Quando chegou lá, deu suas moedinhas e comprou o pão, o padeiro perguntou se podia dar o troco em balinha. Neste momento, João Grilo não aguentou. De tanta raiva, sua cabeça ficou como uma panela de pressão no momento da explosão e sem conseguir controlar sua cabeça saiu voando. O padeiro ficou em choque, pois além da cabeça

desaparecer, o corpo permaneceu em pé andando feito uma barata tonta.

Quando voltou a consciência foi botar a mão na cabeça e viu que não tinha nada, então colocou um jerimum no lugar, voltou para casa, despediu-se de sua mãe e saiu como um cego procurando pelo país a fora sua cabeça.

Já desistindo voltou para casa e não encontrou sua mãe; agora ele tinha duas perdas: sua mãe que deixou para trás na barraca e sua cabeça. Isso o fez sair com muita raiva pelo mundo a fora.

Quando estava andando pela cidade ouviu alguém chorando de baixo da ponte: era sua mãe adoentada com saudade do filho. João Grilo correu até ela e a abraçou, quando sentiu algo próximo ao seu pé. Lá estava sua cabeça, paradinha olhando para ele. João usou todo seu conhecimento sobre histórias de detetives e tentou simular a cena mentalmente para saber como foi parar ali. Mas João logo esqueceu isso colocou sua cabeça no lugar e voltou a ajudar sua mãe na barraca que havia falido depois que ele a deixou.

Fim...

PRIMEIRO ATO (mãe, bebê, João Grilo e parideira)
[Em Jericó, no ano de 1959, uma mulher dá luz a um menino. João Grilo, o marido chega em casa, vê a cena, se espanta e ajuda a esposa. Depois do parto terminado, enrola a criança num pano branco e a entrega a mãe]

CENA I Mãe
Meu filho vai ter o nome do pai: vai se chamar João Grilo.

CENA II (mãe, bebê, João Grilo e parideira)
[A mãe entrega o filho ao pai e começa a cuidar dele e a parideira ajuda a mulher]

(João Grilo no campo de batalha)
[Os meses passam e o marido morre na Guerra deixando a mulher sozinha com seu filho]

CENA III (menino e mãe)
[Os anos passam o menino cresce ao lado da mãe ouvindo histórias de detetive achando que seu pai era um grande médico da região]
Mãe
Sente-se aí João Grilo, que chegou a hora da história.
João Grilo
Eba! Mais uma de detetive! Nessa vai ter o grande médico João Grilo? Meu pai era um homem muito bom e importante e eu adoro as histórias que ele aparece!

- CENA IV** [João é uma criança quieta que fica irritada facilmente.
Por isso na escola tem poucos amigos. Está fazendo prova de Português, matéria que ele não gostava e vai muito mal]
(João, na escola, fazendo prova. Professora)
Professora
Você foi mal, João. Não conseguiu a nota que precisava.
Devia ter estudado mais.
João
Mas eu estudei! Não acredito!!!
- CENA V** [João chega em casa com aspecto muito irritado e sua mãe o manda ir a padaria]
Mãe
João vá a padaria. O pão acabou.
- CENA VI** [João sai de casa e vai chutando pedras até a padaria. Quando chega lá pede dois pães e entrega quatro moedas de vinte e cinco centavos ao padeiro. Este lhe entrega os pães e dá o troco em balinha]
(João e padeiro)
João
Cadê o meu troco?
Padeiro
Está aí, menino!
João
Mas eu te paguei com dinheiro, não com balinhas!!!
- CENA VII** [João perde o controle, a cabeça começa a apitar, ficar vermelha e logo em seguida solta-se do pescoço e sai pela janela. O padeiro fica atordoado com a cena e João começa a andar sem rumo pela padaria. Encontra um jerimum que coloca na cabeça e sai em direção de sua casa]
Padeiro
Nossa!!! Nunca vi uma coisa dessas!!!

CENA VIII [Chega a casa, caminhando como cego avisa a mãe e vai em busca de sua cabeça. A mãe desesperada, também sai pela cidade procurando pela cabeça e pelo filho]
(mãe, João Grilo e uma pessoa qualquer)

Mãe

Oi, o senhor não viu uma cabeça perdida por aí?

Pessoa qualquer

Uma cabeça? Só cabeça, sem corpo?

João

Sim, a minha...

Pessoa qualquer

Nãããããão!

CENA V [A mãe acha a cabeça do filho. Está sem rumo e vivendo embaixo de uma ponte]

Mãe

Nossa! Quanta alegria encontrar a cabeça de meu filho!!!

Pena que agora tenho a cabeça, mas falta o corpo...

CENA V [João encontra a mãe desnorteada]

CENA V [Ele coloca a cabeça no pescoço e juntos voltam para a casa que está abandonada e voltam a viver da barraca de roupas]

PERSONAGENS:

Matheus Arruda Matos
14 anos

- **Josnei Alberto Junior:** trabalhador de bico
- **Francisneide de Almeida:** primeira namorada de Josnei
- **Josephina:** segunda namorada de Josnei

Época: Passado recente; primeiros anos do século XXI.

Tempo: Pouco tempo atrás.

ENREDO:

Uma vida sem amor

PRIMEIRO ATO

[Calçada em frente à casa os pais de João. Sol escaldante do meio-dia de domingo; com poste ao lado e portão atrás dos personagens. Rua onde se passa caminhões de entrega soltando grande quantidade de fumaça do escapamento.]

CENA I

(João Borges Maranhão, Josnei Alberto Junior)
[João encostado a Josnei, brincando de cinco marias.]

João

[Com cara de entediado e tendo de falar com um tom mais alto por causa dos caminhões que o interrompiam.]
Estou num tédio absoluto, primo. O senhor tem alguma coisa em mente para nós fazermos?!

Josnei

[Se desencosta de João e agitadamente fala.]

Acho que tenho uma ideia Joãozinho: que tal nois zuá com o cão do vizinho?

João

[Impressionado com a ideia proposta, ansiosamente responde.]

Opa, tamo esperando o quê?

[Os dois vão em disparada pegar tinta na construção mais próxima e correm ao portão da casa de seu vizinho. Preocupados se estão sendo observados, dão as primeiras pinceladas.]

João

[Satisfeito com o que desenhou, mostra para seu primo.]

Primo, olha isso... Não parece o governante da nossa cidade?

Josnei

[Tentando segurar a risada para não fazer muito barulho, responde vermelho de tanto segurar o ar.]

Hahahaha. Nossa é verdade, Joãozinho. Só tem um probleminha, quando o dono chegar, tamo ferrados!

CENA II (João, Josnei, rádio)

[Na casa de sua família, na cozinha preenchida por móveis antigos em um espaço pequeno com um pequeno e velho rádio em cima de uma cadeira de praia para escutar as notícias da cidade. Depois de realizar a obra. Exaustos, entram em casa e vão almoçar.]

João

[Atento ao seu pequeno rádio e saboreando sua comida]

Primão, esta comida que mainha fez está uma delícia, não?

Josnei

[imediatamente responde]

Opa... Melhor impossível! (Interessado:) João, aumenta

o volume do rádio fazendo favor? Parece que eu ouvi meu nome, acho que estou doido.

João

[Confuso, move-se em direção à cadeira de praia e põe o volume no máximo]

Vish... Deve ter algo nessa comida, hein!?

Rádio

[falhando um pouco devido à falta de sinal]

Hoje vândalos passam do limite ao pintar cachorro, o qual depois de certos minutos teve que ser internado por intoxicação por comer tinta. Tssssssssssssssss. Existem certas suspeitas que seja Josnei pelo fato do que vem fazendo ultimamente. Tssssssssssss. Na novela de hoje...

João

[Assustado]

Ai meu Deus, descobriram que foi a gente.

Josnei

[Com expressão de medo e dó ao mesmo tempo]

Posso jurar pra você primo, não queria machucar o pobre cão. Nós só queria acabar com o tédio não é mesmo? Claro que é.

João

[Quase chorando]

Agora vamos ficar com fama de malvados! Vou pro nosso quarto dormir, assim talvez eu me acalme.

CENA III (Josnei, Francisneide de Almeida)

[João se retira amedrontado. A campainha toca e Josnei vai atender. Na porta está sua namorada, Francisneide, extremamente irritada com o que ouviu no rádio.]

Francisneide

[Chocada]

Como assim?!? Por que você fez isso com o pobre cachorrinho?!? Qual o seu problema seu cafajeste?!?

Josnei

[preocupado com o que ouviu, tenta rapidamente acalmar sua namorada]

Não foi nada disso. Eu e meu primo tava tentan...

Francisneide

[interrompendo-o desta vez mais brava]

E você ainda envolve seu priminho nisso?!? Saiba que você deveria ser um exemplo para ele!? Se você não sabe ser um bom primo, imagina um bom marido. Nunca mais quero falar com você seu inútil. Está tudo acabado!

Josnei

[Lacrimando, segurando-se para não chorar de tristeza]

Isso tudo não passa dum mal entendido.

[Logo após Josnei terminar de falar, Francisneide deixa seu ex-namorado sozinho na cozinha de sua casa e vai para sua própria casa.]

CENA IV

(Josnei, João, Multidão)

[Horas depois do término de seu namoro, Josnei fica atento a certos ruídos vindos da rua em frente à casa onde morava]

JOSNEI

[Assustado com o que ouvia chama seu primo]

João, corre cá agora mesmo! Ande, se avexe, menino!

João

[Sonolento após algumas horas dormindo responde]

Que foi? Você não viu que eu tava dormindo não?

Josnei

[Não se importa com o que seu primo reclama e continua]

Escuta isso... Parece ser um ruído vindo lá de fora. Eu devo estar doido porque eu juro que ouvi meu nome.

João

[Confuso, decide ir checar se seu primo está certo. Abre a porta e fica surpreso com o que vê. Não sabe como reagir]

então chama seu primo]
Santo Deus o que você disse é verdade mesmo.
Tem uma multidão aqui gritando seu nome.

Multidão

[enfurecida e decidida]
Sai já daqui!!!

Josnei

[apavorado]
Acho melhor fazer o que eles estão pedindo ou estaremos
lascados!

João

[indignado com o que ouve contesta]
Estaremos?! Que história é essa, quem está ferrado é você.
Não me ponha nesta furada não!

Josnei

[surtando de estresse e medo ao mesmo tempo]
Oxe... Não me vem com essa não, nós sempre fazemo tudo
junto! Não vai ser só eu que vou levá a culpa!

João

[prevenindo-se do futuro peso na consciência, concorda]
Tem razão, parte da culpa é minha também. [pensativo] Certo;
mas pra onde vamos fugir?

Josnei

[desviando o foco principal e ficando entristecido]
Mas e quanto a Francisneide?

João

[irritado, responde de maneira grossa]
Meu Deus! Ela terminou com você, Josnei! Esquece ela, temos
problemas maiores!

Josnei

[cabisbaixo]
Mais eu ainda amo ela!

João

[arrependido do que falou, segue de maneira calma]

Desculpe, primão, mas isso o que está acontecendo está me deixando de cabeça quente. Vamos tentar novamente: precisamos de uma nova moradia longe daqui, a questão é qual.

Josnei

[de repente muito alegre]

Já sei, já sei!!! Tem um terreno de um amigo meu lá próximo do litoral, que tal nós i pra lá?

João

[concordando, meio desconfiado]

Bom... É melhor que nada!

CENA V

(João, Josnei e motorista)

[minutos após a grande ideia e tendo consciência de que se continuassem em casa seriam mortos, ambos pegam seus bens mais importantes e partem a pé ao ponto de ônibus mais longe de forma discreta]

João

[preocupado]

Certo. Mas por acaso você sabe quando passa o próximo ônibus para sei lá onde?

Josnei

[confiante]

Daqui uns dez minutinhos ele para aqui.

[Os dois esperaram por cerca de meia hora até que um ônibus passa]

João

[aliviado, passa a mão na cara expressando o que sentia]

Finalmente. Já estava começando a me aperrear.

Josnei

[envergonhado, porém tentando esconder]

Eu tinha certeza, era só uma pequena questão de tempo!

[referindo-se ao motorista, tentando parecer formal]
Por acaso o senhor passa por perto da praia?

Motorista

[Tira o cigarro da boca e responde]
Opa, sobe aê!

Josnei

[feliz com o que ouve, pergunta]
Quanto é?

Motorista

[Soltando fumaça pelo nariz, responde]
Dez conto por cabeça.

Josnei

[entrega vinte reais ao motorista e sobe no ônibus]
Muito obrigado!
[Os dois sobem para o ônibus, se acomodam nos bancos de trás e adormecem enquanto partem para uma viagem de algumas horas]

Motorista

[Após algumas horas, acende outro cigarro e grita]
Ei! Pssiu! Vocês dois aí! Acordem! Chegamos no litoral já.

Josnei

[Com a cara enrugada de tanto dormir, tenta acordar João]
João! Acorda, nois já chegamo!
[Ambos se levantam, pegam suas malinhas e saem do ônibus]

Josnei

[meio sonolento]
Já ia me esquecendo, obrigado.

Motorista

[agradecido, responde]
Nada! Você quem manda.

CENA VI

(Josnei, João)

[João e Josnei andando pela calçada da rua começam a discutir por causa dos ocorridos e das consequências que tais atos trouxeram]

João

[pensando alto]

Olha aonde eu vim parar por causa das bobagens que meu primo vem fazendo.

Josnei

[irritado com o que ouviu, responde com muita ironia]

Pra começar nós fazemo tudo junto! E outra, se o senhorzinho quisesse poderia ter ficado em casa. Só não esquece que eu não fui um primo pra você e sim quase um pai, mas já que você não acha isso... Vai para onde quiser, sabe de uma coisa? Eu já perdi meu amor e minha família, agora se dane tudo.

João

[se sentindo ofendido, dá seu argumento final e corre até o fim da rua]

Pois bem, é isso o que eu penso. Eu quero minha casa de volta, minha família de volta. Não venha bancar o coitado! [sozinho no meio do nada, Josnei adentra-se em pensamentos sem saídas]

Josnei

[triste e sozinho, pensa alto]

Não tenho mais nada: nem amor, nem família e nem o que estar fazendo aqui. A única coisa quem me resta é o suicídio. [Após sua reflexão decide-se que aquilo é o que vai fazer e vai direto à farmácia para tentar se matar por meio de overdose]

CENA VII

(Josnei e Josephina)

[Josnei caminhando à farmácia avista uma mulher bonita que o seduz tanto que quase o obriga a falar com ela, ele não

tento nada a perder arrisca]

Josnei

[decidido, olhou nos olhos dela e disse]

Oi

Josephina

[Encantada, respondeu]

Oi

[Foi uma questão de segundos para os dois sentirem amor à primeira vista e se apaixonarem]

Josnei

[Meio tímido, logo pergunta]

Te achei uma flor! Gostaria de tomar uma água de coco comigo?

Josephina

[Segura, responde imediatamente]

Por que não?

[Após tal resposta ambos foram tomar uma água de coco, e ao passar dos dias foi se tornando cada vez mais sério o caso entre eles. Após algumas poucas semanas eles se casam e vão morar juntos]

CENA VIII (Josephina, Josnei e João)

Josnei

[feliz, refere-se à sua esposa]

Foi tão ruim esperar tanto tempo por você amor, mas valeu a pena.

[No instante em que ele termina sua frase, a companhia toca]

Josephina

[Com pressa]

Já vai!

[No momento em que a porta se abre, entra João]

Josnei

[Extremamente surpreso, não consegue acreditar que é seu primo. Ele está completamente diferente por causa da puberdade ocorrida ao passar dos anos.]

Quanto tempo!

João

[surpreso ao ver seu primo]

Vim aqui me desculpar pelo o que ocorreu com nós alguns anos atrás, fiquei muito arrependido. Mas queria sair com vocês dois e botar o assunto em dia que tal? Eu pago.

Josephina e Josnei

[juntos e sem nenhum minuto a perder respondem]

Seria um prazer.

[Os três vão juntos a um restaurante, e vivem juntos como uma família até o fim de suas vidas].

PERSONAGENS:

Paula Gil Dias Leite

13 anos

Época:

Ano de 2013. Local nordeste brasileiro.

- **Chicó:** Chicó é inocente, gosta de contar histórias (imaginadas) que ninguém acredita e sempre termina com “só sei que foi assim”. É melhor amigo de Guilherme, que o põe em confusões.
- **Guilherme (João Grilo):** Guilherme é melhor amigo de Chicó e o mete em confusões, constantemente, driblando com sua fala as pessoas.
- **Majoo (mulher do padeiro):** Safada, trai o marido e faz o marido acreditar que ela é “santa”, mas toda a cidade sabe que ela não é. E Majoo ajuda Lina a se esconder da igreja.
- **Ribamar (padeiro):** confirma e confia em tudo que sua mulher diz, e não consegue negar ou discutir com sua esposa. Quando quer brigar com ela, acaba convencendo-se ou Majoo o chantageia. Quando ela diz algo a seu favor ele concorda e repete, pois tem o “poder da comida” e sem ele a igreja ou qualquer entidade fica sem comida.
- **Erike (homem que Lina tenta assassinar):** Erike é um homem muito orgulhoso e acha que tem tudo e não precisa de ajuda ou de ninguém, mas Lina acaba descobrindo ele e tenta matá-lo cortando-o ao meio, mas não consegue e ele vive o resto da história partido ao meio, mas só volta a metade má dele.
- **Lina (a garota que mata pessoas “más”):** Lina é uma garota que foi criada por pais que só se preocupavam consigo mesmos. Lina por ter crescido sozinha em um orfanato, após ter ficado muito doente, resolve que para deixar o mundo melhor deve matar todos os orgulhosos, e assim fez um pacto com o demônio que se fantasiou de Deus fazendo assim ela pensar que estava fazendo o bem ao mundo.
- **Pessoas contracenantes:** pessoas vítimas de Lina, que as mata porque são más.
- **Doroti (esposa do Erike):** É uma mulher adorável e sensível, porém só está com Erike por que não quis ter filhos feios, e ele foi o indicado pelo governo.
- **Diabo:** tem uma voz grossa e nunca aparece por inteiro e é vermelho.

CENA I (Lina, Majoo e um contracenante em um quarto, onde Lina mata as pessoas)

[Lina está ao lado de sua próxima vítima e está pondo o cd no rádio. Majoo está preparando o local com velas e todas as luzes do local estão desligadas, somente as velas iluminam o lugar]

Majoo

Espero que tudo dê certo, não posso deixar meu marido fazer as coisas só. Ele não sabe como o mundo funciona. Dá até raiva, eu tenho que fazer tudo sozinha!

Lina

Shh, não fale nada, está tirando a minha concentração! Depois falamos dos seus problemas!

Contracenante – fala desesperadamente

O que vocês vão fazer comigo? Por que vocês me prenderam desse jeito? Majoo por que você não me responde? Só não me machuque e nem a esse rostinho lindo, tenho ainda que mostrar muito o meu rosto ao mundo!

Lina – Lina grita

Tudo será esclarecido na hora certa! Agora calem a boca, quero me concentrar!

[Depois de as duas e ele terem ficado em silêncio, as velas começam a fazer a luz oscilar no quarto, a música do fundo fica cada vez mais alta, a música era calma, cada vez que a luz se acendia a pessoa aparecia mais cortada, no meio]

Majoo

Agora acabou (Majoo acende a luz) temos que limpar essa bagunça! Aliás sou eu quem limpa tudo lá em casa!

Lina

[põem o material de limpeza e cria um bilhete com a letra de sua vítima, dizendo “Cansei de vocês que me tratam como se fosse tudo. Percebi que não sou nada e parti para o Havaí, não me importo com vocês, Isaac”]

Temos que fazer um clima descontraído. Tem um policial de olho na gente lá fora! Vamos cantar!

[Majoo e Lina começam a cantar “Aí se eu te pego” (do Michel Teló) e veem que o policial havia ido embora]

CENA II

[Ribamar, Guilherme, Chicó estão juntos na padaria, Guilherme e Chicó estão ajudando Ribamar]

Ribamar – diz gritando

Seus dois preguiçosos! Levantem JÁ, me ajudem a limpar essa bagunça de farinha que os dois fizeram!

Guilherme – fala em tom calmo

Ai, ai, ai, ai! Mas se nós fizermos isso, vamos nos cansar. E quem vai fazer o pão mais tarde, hein?

Ribamar – fala calmo

Tem razão, tem razão! Chicó, vem aqui me ajudar!

Chicó

Mas Guilherme quem é que vai te ajudar a passar farinha na assadeira? E quem vai te ajudar a fazer os pães, amassar, e por no formato?

Ribamar – fala brigando

Eta, Chicó! Nada de preguiça. Venha cá me ajudar que o Guilherme consegue fazer tudo sozinho!

Guilherme

Nada disso, Chicó está certo eu vou precisar de ajuda! Chame Majoo para te ajudar!

Ribamar

Nada disso seu preguiçoso! Chicó vai lá limpar, tudo, tudinho sozinho!

CENA III [Majoo, Ribamar, Erike, Guilherme e Chicó estão na padaria, com tudo limpo, já abertos. Erike é o cliente]
Ribamar e Majoo - simpáticos
Bom dia! Como poderia ajudar?
Erike – fala em tom esnobado
Olá! (com uma cara de “como assim, vocês estão aqui para me favorecer!”) Sim, eu gostaria de um quilo de pão! AGORA!
Majoo – fala desprezando-o
Humm. É claro, só um minuto!
[Majoo faz uma cara de quem não quer nada, e sai correndo para contar para Lina]
Guilherme e Chicó
[Tirando sarro da cara de Erike]
Olá vossa senhoria, em que poderia ajudar?
Erike
Em nada meus caros! Eu já fiz a minha ordem! Agora tratem de me obedecer!!!
Ribamar
Aqui está!

CENA IV [Lina e Majoo capturam Erike após Majoo ter contado para Lina sobre Erike]
Lina – Lina grita muito brava
AAAAAAAHH! Que porcaria! Eu não consigo achar o meu rádio! Vou ter de fazer sem música e torcer para funcionar!
[começa o chover, e trovoar muito forte]
Majoo – fala alto e calma
Calma, já estou quase acabando não se estresse!
Lina – se acalmando
Tudo bem eu sei que a culpa não é sua!
Erike – diz muito bravo
Que porcaria vocês estão fazendo comigo! Eu tenho filhos e mulher que tem que crescer com a minha beleza!

[As luzes da vela começam a oscilar e só se vê Erike sendo partido aos poucos ao meio, mas mesmo depois de já terem cortado sua cabeça ouvia-se ainda os gritos dele].

Lina – diz surpresa e assustada

Ma-ma-mas o q-que? O q-que aconteceu [Lina chacoalha a cabeça assustada]

Majoo – diz ela também assustada

A-acho que foi a falta da música!

Erike – não entendendo nada

Do que diabos vocês estão falando?

Lina – diz com muita raiva

Porcaria! Eu falei que eu tinha que achar aquele maldito rádio!

Majoo

Acalme-se, mas já vou logo dizendo, não fui eu! Deve ter sido aquele policial de outro dia, lembra? Daquela vez eu não guardei o rádio!

Lina

Claro que me lembro! Com certeza foi ele! Assim que eu achar o rádio, ele vai ser o próximo! Rrrraa!

Majoo

Lembra do que você prometeu para Deus! Nada de matar pessoas atoa!

Lina

Claro que me lembro, tem raz...

Erike

Do que vocês estão falando, Cara..amba!

Lina

Fala logo a porcaria do palavrão!

Erike

Pessoas bonitas, crahahã, quero dizer lindas, não falam palavrões, está bom?

Lina – com muita raiva, gritando

A cada minuto que se passa, eu tenho mais vontade de te

matar, você já entendeu isso?

Erike

Me matar? Porque alguém quereria algum dia fazer isso comigo? Eu sou a me...

[Majoo bate na cabeça de Erike com força utilizando uma frigideira e Erike desmaia]

Lina- surpresa

Ai meu Deus! O que você fez?

Majoo – fala irritada

Ele estava me irritando! Já chega não é! Poxa, já estava incomodando!

Lina

Ok, agora vamos limpar tudo isso antes que aquele policial vagabundo volte!

CENA V (Erike e Lina estão na mesma sala)

[Erike esta deitado]

Erike – grita desesperado

Ahhh! Me tire daqui! Socorro!

Lina – fala calma

Bom dia! Tudo bom com você?

Erike

Eu não vejo nada de errado, a não ser eu estar preso nesta maca!

Lina

Como assim, você não sabe o seu estado físico?

Erike

Gostosura e beleza até o final da vida? AkDãr!

[Lina foi até o canto da sala e pegou o maior espelho que achou, pôs em frente à maca e levantou Erike]

Erike

Ahhhh! (ele começou a gritar), você me PARTIU ao meio, como assim?

Lina

Você foi uma má pessoa durante toda a sua vida, e esta é a minha maldição sobre você!

[Erike desmaia de tanta dor que sente ao se ver daquele jeito]

CENA VI [Erike e contracenantes na rua ao lado da casa onde Lina mata as pessoas]

Erike acorda.

Onde estou? O que é isso, o que está acontecendo?

[contracenante vê que Erike está perdido e o ajuda]

Contracenante

Olá! Meu nome Lindovaldo, mas pode me chamar de Valdo como todos me chamam. Ah sim, você está em Passa e Fica e seja bem vindo! Se quiser pode se hospedar na minha casa. (Lindovaldo diz isso pensando que Erike é de um lugar diferente)

Erike – Fala esnobando Lindovaldo

(Erike é arrogante, mas não se lembra do que aconteceu)

Olá... Por qual motivo eu gostaria que você me hospedasse?

Eu sou lindo e charmoso! Qualquer um gostaria de me hospedar!

Contracenante

(Ainda sem desistir de ajudar Erike)

Mas o senhor não tem nem uma perna, nem um braço, como tem toda essa “charmosidade” que senhor fala?

Erike – Fala perdendo a paciência

Do que o senhor esta falando? Eu tenho t... (Erike olha para baixo nesta hora) cadê minha perna e meu braço? Seu Lindovaldo, o que o Senhor fez comigo? Ahhh, Seja lá o que for desfaça! Agora!

Contracenante

Senhor, senhor acalme-se, nós iremos encontrar seus membros! Acalme-se!

Erike

Eu não sou nada sem meus membros, não sou bonito!

Contracenante

Acalme-se, acalme-se! Nós ire... Espera, você acabou de dizer que beleza e aparência são tudo? Qual é o seu nome mesmo?

Erike

Eu não disse meu nome, eu sou Erike! Agora eu quero meus membros de volta!

Contracenante

Por que diabos eu te ajudaria? Para você voltar a ser aquele riquinho mimado que mandava em todo mundo? Por Favor, seu Lorelino, morra, mas morra lentamente!

Erike

Não morro, não. Eu vivo o quanto eu quero! A única diferença agora é que eu não tenho parte do corpo, de resto estou identicamente igual!

Contracenante

Ai que droga. Vou te deixar na casa de sua mulher e, por favor, não volte!

[Lindovaldo põe Erike de pé novamente e o põe no ombro, e leva Erike até a casa dele]

CENA VII

[Erike e sua mulher Doroti estão conversando na sala de jantar. Todas as luzes estão acesas, seus filhos dormem no sofá da sala de televisão]

Doroti – diz surpreendendo-se

Mas, Erike o que te traz aqui, pois um dia de manhã você foi buscar pão, me volta sete dias depois e me mostra a sua cara toda detonada? O que houve?

Erike

Nada, eu continuo sendo a mesma pessoa!

Aquela pessoa adorável com quem você se casou!

Doroti – fala como se odiasse Erike

Saiba agora, antes de ninguém, que não me casei com você por causa de sua inteligência, e sim por causa da sua beleza! Então, para o bem de todos vou-me embora com as crianças!

Erike

Então, antes que ninguém, saiba que EU me casei com você por que na época você era a pessoa mais maravilhosa do mundo!

Doroti – Criticando Erike

Mas eu não penso assim de você! Crianças acordem e peguem todas as suas coisas vamos morar na casa da “titia Meredith”(contracenante),tchau “amor”!

Erike

Mas Doroti, eu te amo! N...

Doroti – fala com raiva

Mas eu não, perda de tempo gastar sua saliva comigo! Você era somente um rostinho lindo, agora que ele se estragou, você não é nada! Tchau, Erike!

[Doroti sobe as escadas com uma criança pendurada em cada mão, Erike apoia a cabeça na mesa e começa a chorar]

CENA VI

[Erike, Lina e Majoo na padaria]

Majoo – fala calma

Bom dia, em que posso ajudá-lo? (Majoo diz sem levantar a cabeça)

Erike – diz esbravejando

Eu quero a metade do meu corpo de volta! E quero agora!

Lina – diz esnobando Erike

Sinto Muito, deveria ter pensado nisso antes de ser essa pessoa egocêntrica que você era! Hahaha! Agora sofra, e sofra bem lentamente, por todos da cidade, okay?

Erike - Grita

Não vocês não entendem! Desfaça agora a “MACUMBA” que vocês fizeram eu quero continuar com Doroti! Eu a AMO!

Majoo – diz zombando dele

Não há mais como, porque essa passagem é só de ida, não de volta! E você já deveria ter ido faz tempo!

Lina – despreza Erike

É, agora vê se morre logo para não ter que fazer a macumba outra vez!

Erike – Muito bravo

Se não vão me curar, que me matem logo! Mas façam rápido, não quero nem sentir, okay?

Lina e Majoo – as duas perdem a paciência

Não! Você ainda não entendeu o porquê não, né? Nós duas não conseguimos fazer isso!

[Erike sai pulando pela loja até a porta, e quase cai no chão]

CENA IX

[Erike, Doroti na casa da irmã de Doroti Meredith]

Erike bate à porta

Olá será que eu poderia falar com a Doroti um instante aqui fora?

Meredith

Sim é claro, tem mais é que falar mesmo!

Erike

Obrigado!

Meredith – Grita calmamente

DO-RO-TI! VENHA CÁ, AGORA! TEM UM HOMEM TE ESPERANDO AQUI FORA!

[voz que vem de dentro da casa diz]

Doroti – Grita calmamente

JÁ ESTOU INDO MANINHA!

[Doroti chega]

Doroti

Ahh não, você não! Sai de mim! Vai cai fora!

Erike

Não, Doroti, pelo menos me escuta, não precisa falar nada,

okay!

Doroti

Está bem, mas fala, te dou oito minutos! A partir de... A... agora!

Erike

Doroti, eu te amo mais que o universo, mais que tudo que possa existir na vida, e eu não peço dinheiro, fama ou qualquer coisa do tipo. Tudo o que eu peço é seu amor, nem que seja um pedacinho minúsculo dele! Eu só quero um pedacinho! Amanhã eu irei fazer uma cirurgia para recosturar a outra parte do meu corpo em mim. Reze por mim, okay!

Doroti – fala confusa

Do que você está falando? Por que eu tenho que rezar por você?

Erike

Porque eu talvez não sobreviva à cirurgia! Então, talvez, Adeus, Doroti!

[Erike tasca um beijo na boca de Doroti e sai correndo]

CENA X [Lina, Majoo e o Diabo. Lina e Majoo estão na casa de Lina sentadas no sofá]

Majoo

Lina, vamos rezar pelo pobrezinho do Erike, ele provavelmente irá morrer hoje, vamos pelo menos garantir a dívida que nós temos com Deus por ele.

Lina

Okay!

[quando elas começam a rezar aparece um vulto, atrás delas]

Diabo – fala calma e assustadoramente

Olá Lina, está na hora de eu receber o meu pagamento.

Lina – grita agitada

Ahhhh, Sai Capeta, vai andando capiroto!! Vai de retro Sartanás! Eu não tenho que te pagar nada!

Diabo – fala com a mesma voz

Lina, não é isso que este contrato diz (ele mostra um contrato com a assinatura dela dizendo que quando chegar o dia do pagamento ela deverá morrer) então agora você vem comigo! (então Lina começa a fazer uma cara estranha, e começa a afundar no sofá)

Majoo

O que você está fazendo com a Lina? Não, devolva-a para mim! Agora, por favor!

Diabo

É o dia do pagamento! Hahahaha! (então ele some no meio de um monte de fumaça, e Lina é sugada pelo sofá)

CENA XI

[Erike, enfermeira e espírito da Lina estão na sala de cirurgia, pronto para fazê-la, mas nenhum médico está lá]

Erike - diz calmo

Alôou, quando alguém vem me atender? Eu preciso fazer a cirurgia!

Enfermeira

Eles já estão vindo, okay. Já vou aplicando a anestesia e te preparando para dormir.

Erike

Muito Obrigado, vou me preparar para ser um mesmo novamente!

[Erike apaga. O espírito de Lina começa a mexer nos instrumentos e Erike perde muito sangue]

ERIKE NUNCA MAIS ACORDA.

PERSONAGENS:

Thomás da Cunha Marques
13 anos

- **Palhaço**, sobrinho de Medardo e narrador da história.
- **Coronel Antônio Moraes**, visconde, rico e poderoso.
- **Maria**, mulher do padeiro e amante de Antônio Moraes.
- **Pedro**, o Padeiro, ciumento e briguento.
- **João grilo**, curandeiro.

Espaço: Pequena cidade no sertão nordestino.
Tempo: Pouco tempo atrás.

ENREDO:

Visconde do Sertão

Um dia o coronel Antônio Moraes estava andando pelo Sertão quando achou um bando de cangaceiros. Eles pediram o dinheiro, mas Antônio Moraes se recusou a lhe entregar o dinheiro. Então os cangaceiros deram dez tiros no lado esquerdo, destruindo o lado esquerdo e restando apenas o lado direito. Antônio Moraes ficou lá sangrando durante horas até passar João grilo, o curandeiro da cidade que o salvou. Quando Antônio Moraes voltou à cidade, todos olhavam ele passar, com uma perna só. A única pessoa que ainda o amava era sua amante Maria, que preferia ele do que seu marido Pedro, padeiro. Um dia quando Antônio Moraes e Maria estavam se encontrando seu marido Pedro viu e ficou enfurecido. Quando amanheceu, Pedro foi até a casa de An-

tônio Moraes desafia-lo para uma luta e ele aceitou. No outro dia todos estavam esperando para a grande luta que aconteceria na praça central. Na hora da luta, todos estavam em volta do palco. No centro do palco estavam Pedro e Antônio Moraes com uma espada cada um. A luta começou e logo Antônio Moraes foi atingindo no braço e depois no pescoço. Maria então não aguentou viver sem ele e se matou.

CENA I [lugar escuro, com pequeno feixe de luz iluminado o personagem emotivo]

Palhaço

Vou contar para vocês a história de meu tio coronel Antônio Morais, um “meio” homem. Tudo começou quando meu tio estava andando pelo Sertão quando viu um grupo de cangaceiros...

CENA II [sertão nordestino seco e claro]
(coronel Antônio Morais e cangaceiros)

Cangaceiros

Passa o dinheiro, se não vamos meter bala em você!

Antônio Morais

[fala corajosamente]

Não, pode atirar. Vai atira.

Cangaceiros

[surpresos]

Tá bom...

CENA III (Antônio Morais e João grilo)

Antônio Morais

[fala com dor]

Socorro, socorro,...

João grilo

[surpreso]

Meu Deus, o que aconteceu coronel? Vou te levar pra casa. O que aconteceu com o outro lado de seu corpo?

CENA IV (Maria, Antônio Moraes e Pedro)

Maria

[encantada]

Que bom que você esta bem, doeu muito?

Antônio Moraes

[se exibindo]

Não. Nem doeu.

Pedro

[muito bravo]

Não acredito! Essa minha mulher safada com o “meio”
homem do Antônio Moraes, vou matar esse aí!

CENA V (Pedro e Antônio Moraes)

Pedro

Seu safado! Pegou minha mulher!!! Te desafio pra uma luta,
às duas horas na praça central.

Antônio Moraes

Eu aceito

CENA VI (Pedro, Antônio Moraes e Maria)

Pedro

[fala com raiva]

Eu vou te matar desgraçado.

Maria

[muito triste]

Eu não posso viver sem você Antônio, eu vou me matar!!!!

[Maria se mata]

PERSONAGENS:

Victoria de Oliveira Capuano
13 anos

- **Chicó [vai ser o narrador da história]:** Chicó é um personagem que fuma muito, imaginador, sempre acaba suas histórias com “só sei que foi assim”, alto, com barba, sempre afirma as coisas que João Grilo (Marcelo) fala, sendo mentira ou não.
- **João Grilo (Marcelo):** Marcelo, um homem covarde, sempre está perto de Chicó, vesgo, muito magro. Sempre tenta um meio de resolver os problemas. Conhecido por todos pela cidade, por ser um pouco burro.
- **Padre Pedro :** Mentiroso, amigo de Marcelo e Chicó, usa óculos, só faz as coisas com a vontade de Deus. Sempre mal humorado.
- **Mulher do Padeiro (Maria):** metida, rica, ama a sua cachorra chamada Lilica, é egoísta, trai o marido com Chicó. É magra e chama a atenção de todos quando passa.
- **Padeiro:** Homem trabalhador tem bigode, sempre de mau humor, sempre briga com Maria, e nunca soube que sua mulher o traía. Sempre chegava em casa cansado, nunca dava o dinheiro certo para os seus trabalhadores. Sempre devia dinheiro e acabava não pagando.
- **Visconde:** Esperto

Época: : Ano de 2015. Local: Nordeste.

Auto da compadecida

CENA I (Chicó e Marcelo na casa de Marcelo)
[Eles vão discutir sobre a partida de Visconde à Guerra]

Chicó

Todos sabem que hoje cedo, Visconde partiu a princípio de uma guerra para ganhar mais uma terra para o cultivo dos

alimentos da cidade.

Marcelo

Ôxe, Chicó, como assim? Visconde foi à guerra, sem equipamentos preparados e soldados? [fala espantado]

Chicó

Como assim Marcelo? Como deixaríamos Visconde partir sem nenhum equipamento? Ele é uma das pessoas mais preciosas da vila! Visconde produziu suas próprias armaduras! Na verdade, ele pegou essas armaduras na última guerra, dos soldados adversários! Só fez um processo lá, é um nome chique não me lembro direito, é inglês [ri].

Marcelo

Bom! Isso é bom! Porque o que seria o Padre Pedro sem ele! Visconde sempre ajuda o padre com as coisas da igreja.

Chicó

Realmente, sem o Visconde o Padre Pedro não seria nada! Tá, mas focando no assunto, que a gente precisa conversar sobre. Se ganharmos a guerra, que tipo de semente iremos plantar?

Marcelo

Bom, estamos muito bem em relação ao açúcar e a batata. Podemos fazer uma plantação de café. Nós precisamos de café para continuarmos acordados de manhã.

CENA II

(entra o Padre Pedro na casa de Marcelo)

[Padre Pedro começa a falar sobre problemas da Igreja]

Padre Pedro

Meu Santo Deus! Vocês sabem cadê o Visconde? Preciso fazer uma conta para os novos bancos que chegaram para Igreja!

Chicó

Bom, acho que você tinha que consultar outra pessoa, talvez o senhor padeiro! [fala mais orgulhoso pela ideia]

Padre Pedro

Mas tenha piedade, Chico [fala mais nervoso]! Como eu vou

pedir para o padeiro se nem ele faz as contas dele? Me poupe!

Chicó

Estava tentando ajudar Padre Pedro! Perdoe-me!

Padre Pedro

Está perdoado, Chicó... Mas aliás, onde Visconde está?

Chicó

Ele está em uma guerra! Em busca de mais terras para plantarmos mais!

Padre Pedro

Meu Deus! Uma guerra? Como assim? Temos os nossos soldados para irem à conquista de terras!?

Chicó

Bom, na verdade, não é bem uma guerra. Na verdade são entre os “capitães” da gangue. Que seria Visconde! Está para proteger na nossa cidade! Mas aliás... Rezar por ele seria uma boa ideia! Para termos a terra em mãos e também termos nosso companheiro de volta! Todos na cidade adoram muito o Visconde.

Padre Pedro

Na verdade, não precisaria de ter um membro para isso! Seria uma assembleia com o Presidente, para ver quem merece a terra!

Chicó

Mas foi igual comigo, Padre Pedro. Quando eu era o bom da cidade, eu batalhava com os prefeitos das cidades em busca de terra! Sempre levava minha armadura e minha pistola! Sempre ganhava! Todos me gloriavam!

Padre Pedro

Mas do que você está falando Chicó? Você nunca serviu para o bem da cidade! Você esta viajando! Mas se você diz, quando foi isso? Pois eu não vi!

Chicó

Bom... eu não sei... só sei que foi assim!

Padre Pedro

“Só sei que foi assim” é igual a “Isso é uma mentira”
[dá um riso]

Marcelo

Desculpe interromper, mas, Visconde não foi a uma guerra
Padre Pedro?

Padre Pedro

Sim! Isso mesmo Marcelo! Isso foi tudo uma imaginação de
Chicó! Sabe como ele é, né! Mas na verdade Visconde só foi
na “guerra” para vitória da terra!

Marcelo

Bom... Não estou mais preocupado! Visconde é sábio demais
e tem palavras na ponta da língua para dialogar claramente e
que o Presidente doe a terra a ele.

Padre Pedro

Isso é verdade Marcelo! [vai em direção da porta] Bom,
vou m’embora para terminar algumas coisas com o prefeito!

CENA III

[padeiro, Maria e Chico]

(Chico busca pão para o padre Pedro)

Chicó

Oi, Padeiro! Oi, Maria! Vim aqui para buscar pão para o padre
Pedro!

Maria

Ô Chicó, nós demitimos o nosso funcionário! Não temos nin-
guém para fazer o pão!

Chicó

Isso não é problema! Eu e Marcelo podemos trabalhar nisso!
Aí teremos pão de graça, né?

Maria

Claro que não Chicó! Nunca damos nada de graça!

Chicó

Pelo menos um desconto?

Padeiro
Nisso podemos pensar! Mas veremos na hora! Chame o Marcelo e comecem a trabalhar!

CENA IV [Visconde]
(Na assembleia para debater sobre a ganha de terra)

Visconde

Nossa vila sempre faz suas próprias colheitas, não compramos materiais feitos em indústrias. E vocês disseram que gostariam disso para se alguma vez acabar a comida, terem extra. Mas infelizmente vocês ainda têm bastante e a nossa comida já está acabando. Então, por favor, Presidente, deixa a terra por necessidade, não por segurança.

Presidente

Amanhã de manhã teremos os resultados e comparecerei à vila ganhadora.

CENA V (Visconde, Padre Pedro)

Padre Pedro

Bom dia Visconde, como foi a assembleia?

Visconde

Muito boa! Acho que vou ganhar! Temos mais necessidade dessa terra!

Padre Pedro

Concordo! Precisamos mais de cana-de-açúcar! Precisamos urgentemente!

Visconde

Por isso! Eles precisam ganhar. Se acontecer de perder vão perder comida! Isso eu sei que não vai acontecer!

No dia seguinte...

CENA VI (Marcelo e Chicó)

Marcelo

Levante-se Chico, o pão está pronto! Já podemos pegar e levar para padre Pedro!

Chicó

[levanta e pega alguns pães]

Vamos, Marcelo! Ninguém vai dar falta dos pães

CENA VII

[Marcelo, Chico e Padre Pedro]

(entrega dos pães)

Marcelo

Olá padre Pedro, trouxemos os pães! Visconde já partiu?

Padre Pedro

Já sim, Marcelo! Saiu em um estalo de dedos. Às seis da madrugada, ele partiu.

Chicó

Ele quer a terra mesmo!

Padre Pedro

Mas é verdade! Precisamos! Como vamos ter açúcar?

Marcelo

Bom, estão aí os pães [deixa quatro pães na mesa]

Vamos em busca de informações de Visconde

CENA VII

(Visconde, dono da outra terra; e Presidente)

[anúnciação de quem vai ganhar a terra]

Presidente

Como indicado, vocês tinham que ficar na vila de vocês para saber quem ganhou! Mas já que estão aqui. Vamos falar o que vocês têm que fazer para conseguir a terra.

Vocês têm que combater. Quem trouxe coisas para batalha, tem chances de ganhar! Comecem!

Visconde

[fala baixo só para ele escutar]

Eu vou perder essa batalha! Não trouxe nada!

[homem da outra vila começa a combater e atirar coisas

em Visconde. Visconde sem nada para fazer fica ferido no chão,
foi tirado do local)
[Jogaram uma pedra na cabeça de Visconde fazendo ele se dividir em dois tipos de viscondes, o bom e o mau.]

CENA IX

(Visconde e padre Pedro)

Padre Pedro

O que foi Visconde o que aconteceu?! Por que está ferido?

Visconde

Para conseguir a terra precisava de uma batalha não tinha como me defender e jogaram pedras em mim. Uma acertou minha cabeça fazendo alguma coisa estranha acontecer comigo. Senti que tinha um lado mal e um lado bom dentro de mim depois do arremesso.

Padre Pedro

Oh Visconde! Você já tinha esse lado ruim e descobriu agora. Depois de receber a pancada, você despertou esse lado.

CENA IX

(Todos os personagens)

[discutindo o acontecimento de Visconde] {cena final}

Visconde

Obrigada por todos reunirem aqui comigo, estou com medo do que está acontecendo comigo. Estou com esse lado sombrio! Não gostaria de estar assim...

Maria

Para com isso Visconde você está normal! Pare com isso!
PARE! PARE!

Padeiro

Ninguém vai entender isso, Visconde. Talvez o padre Pedro pode entender, porque ele entende esses negócios de espírito, né?

Padre Pedro

Fique bem Visconde! Isso é bom ter dois lados! Você vai se acostumar.

Chicó

Estou com medo de você Visconde...

Visconde

Mas Chicó! Não deveria! Não vou fazer nada! Só uma hora que eu fico meio estanho! Mas fique bem!

Chicó

Prefiro não arriscar...

Marcelo

Só sei que achei bem legal esse negócio paranormal aí...

Padre Pedro

Fale de um jeito correto, Marcelo! Fenômenos espíritas.

Marcelo

Coisas espíritas!

Visconde

Só sei que depois dessa mudança estranha, vou mudar de nome! A partir de hoje, só me chamem de Visconde Pedrado ao meio!

PERSONAGENS:

Victória Kowalski

14 anos

- João Grilo - Geraldo
- Antônio Moraes - Rafael
- filha do coronel - Bruna
- cão - choco

Geraldo: grande líder da gangue os terribles, muito malvado; alto e forte.

Rafael: xerife muito responsável e esperto; tem uma filha chamada Bruna.

Bruna: filha de Rafael; depois da escola acompanhava o trabalho dos policiais, pois sonhava em ser policial.

Choco: cão de polícia protege sempre Rafael quando está em perigo.

ENREDO:

a história é sobre uma vila pequena chamada Jericó. A cidade será atacada por uma gangue chamada os terribles, que aceita a ajuda do xerife para atacar. Há uma grande confusão, mas tudo se resolve.
História:

CENA I

[No nordeste, um local muito seco onde havia uma pequena vila chamada Jericó, os moradores eram muito amigos. Numa noite sombria, uma gangue do mal, chamada os terribles - porque o líder é do México Geraldo um terrível homem que já matou muitas pessoas - chega à vila]

CENA II

Quando entraram em um bar estava o xerife Rafael tomando uma tequila. Os terribles queriam uma pessoa para ajuda-los a roubar Jericó, então começaram a conversar com Rafael sem saber que era o xerife. Então os terribles começaram a falar com Rafael e perguntaram se ele queria participar do seu plano. Rafael aceitou sua proposta fingindo que não era o xerife, então os terribles começaram a falar sobre o seu plano para roubar o banco de Jericó.

Geraldo

Nós vamos invadir o banco com as armas mais poderosas que temos, e não pode ter ninguém no local a não ser nós.

Rafael

O banco fecha às nove e meia, mas temos que ter cuidado

com o xerife, ele sempre fica por perto...

Geraldo

café com leite

CENA III

[À noite a gangue os terribles e Rafael conversam na frente do banco]

Geraldo

Rafael abra a porta do banco!

Rafael

Mas está trancada!

Geraldo

Tome a cópia da chave.

CENA IV

[Rafael abre a porta e começa a invasão. Pegam o dinheiro do caixa, e começam a procurar o cofre com três bilhões dentro. Depois de procurar tanto acharam atrás de um quadro, mas não sabiam a senha.]

Rafael

Deixa eu tentar!

Geraldo

Está bem, mas se errar a senha mais de três vezes, eu te mato!

[Rafael olha assustado para o Geraldo, mas ele sabe a senha, então, não fica com tanto medo.

Rafael coloca a senha e todos veem que a senha está correta, Geraldo olha desconfiado, mas ignora por causa do dinheiro.

A gangue entra no cofre e Rafael os fecha lá dentro, em hesitar. Rafael chama reforços.]

CENA V

Geraldo

PORQUE VOCÊ FEZ ISSO?!?!?!?!?

Rafael

Porque eu sou o XERIFE!

[O Geraldo fica furioso e começa a bater na porta do cofre e começa a gritar]

Geraldo

Seu traíra !!!!!

CENA VI

Quando Geraldo falou isso, todos os policiais já tinham chegado no local com cães. Abriram o cofre e começaram a prender a gangue, mas o Geraldo não queria ser preso, então ele tentou atirar no Rafael, mas um cão – o Choco – mordeu o braço dele que estava segurando a arma, Geraldo não sabia o que fazer, então atirou no Choco e começou a correr na direção da saída. Ele saiu e roubou um carro da polícia, mas dentro do carro estava a filha de Rafael, Bruna.

Geraldo pensou em pegar a filha de Rafael e ameaçar a mata-la, então gritou:

Geraldo

Se vocês não me deixarem fugir, eu mato essa garota!

Rafael

Não faça isso!

Geraldo

Tarde de mais.

Geraldo atira na direção do braço dela e pega o carro.

Todos os policias vão atrás dele.

CENA I

Depois de uma longa perseguição, finalmente conseguiram prender Geraldo.

Rafael estava ajudando a sua filha a ficar bem e começou a pensar em fazer uma vingança contra Geraldo, mas ele viu que não valia a pena, pois ela já estava preso.

Rafael foi ver se o Choco estava bem depois de levar um tiro na barriga. Quando ele pegou o Choco, levou direto para o veterinário e depois ficou bem.

Depois de muitos anos na cadeia, Geraldo morre.

90
ANO

SONETO E CORDEL

Tradições Nordestinas

Obra motivadora: **“Lampião e Lancelote”** de Fernando Vilela
e **“Antologia Poética”**
de Vinícius de Moraes

9º ANO

PRODUÇÃO DE TEXTO – 9º EFII



O amor de Lampião e Maria Bonita foi o tema pesquisado pelos estudantes do 9º ano para mergulhar no universo das tradições nordestinas.

Inicialmente, aprofundaram seus conhecimentos sobre a biografia dos mitos do cangaço Lampião e Maria Bonita, assistindo a documentários históricos e entrevistas, numa continuidade ao estudo de meio realizado na Rota do Cangaço, no 7º ano.

Mas o que é o Amor? Como falar de Amor? Como os poetas falam de Amor, através dos tempos, em diferentes contextos históricos?

A universalidade do tema nos fez extrapolar o espaço do texto escrito, neste caso o gênero Poema, avançando para o trabalho com a oralidade nas disciplinas de

Artes Cênicas e Música e, em Português, no estudo dos recursos rítmicos e da musicalidade do gênero Poema, para então cantá-los e declamá-los em dois grandes eventos do colégio: a Festa Junina e o Sarau.

Como sensibilização, além dos docu-

mentários, leram a obra Lampião e Lancelote, de Fernando Vilela, e assistiram à peça homônima, que narra uma disputa fantástica entre Lampião, o maior cangaceiro que o Brasil conheceu, e Lancelote, o melhor cavaleiro da Távola Redonda, amigo do Rei Arthur. No livro e na peça, o cangaceiro utiliza o cordel, enquanto o cavaleiro prefere a novela de cavalaria para cantar seu amor por Guinevere.

De volta à sala de aula, apreciaram o Amor na Poesia, tendo como foco o estudo da forma fixa popular “Cordel”, em sua métrica, musicalidade e temática que se aproxima das novelas de cavalaria, e da forma fixa clássica “Soneto”, viajando por Camões, Cruz e Souza e chegando ao modernista Vinicius de Moraes que, em seus sonetos, canta o amor em todas as suas nuances.

Vinicius de Moraes que soube como ninguém unir o erudito ao popular, é quem os desafia: transpor seus sonetos para cordéis que traduzissem a história de amor dos heróis míticos do cangaço, Lampião e Maria Bonita.

Assim, os poemas aqui publicados tiveram como base sete sonetos de Vinícius de Moraes. Cada estudante foi sorteado com um dos sonetos e desafiado a transformá-lo em cordel traduzindo todas as fases do Amor do casal de cangaceiros. Desta forma, a ordem da publicação segue uma espécie de narrativa cronológica do Amor, partindo das juras de amor total e promessas de fidelidade até momentos

de separação, de espera, envelhecimento e a hora final.

Convido-o, leitor, a apreciar o resultado, através da delicadeza da poesia de nossos sensíveis pesquisadores e poetas do 9º ano! São cordéis que falam de como o Amor pôde ser um instrumento de justiça e luta contra a violência no cangaço, além de transcender à morte trágica de Lampião e Maria Bonita.

Gizele Caparroz de Almeida

Professora do Colégio Sidarta

// *Foi uma experiência incrível produzir este trabalho. Aprendi muito sobre a cultura nordestina e sobre o maravilhoso casal Lampião e Maria Bonita. Agora me sinto feliz ao ver o projeto concluído. Adorei o resultado! //*

Beatriz Tadini

// *Falar de amor é algo muito interessante que prende a atenção. Estudamos essa história de amor desde seu começo até o seu fim triste. Gostei da melodia do cordel e adorei os cordéis produzidos por todos! //*

Jasmim Caparroz de Almeida

// *“Complicado” e “desafiador” são duas palavras que definem muito bem o processo para a produção destes cordéis. O produto final, os cordéis, foi muito satisfatório. Fiquei muito feliz de ter conseguido fazer um cordel em sua forma original, pois da primeira vez que tentei, na 4ª série, não consegui. Difícil! //*

Luana Marques Soares

// *Depois de estudar sobre os mistérios de Lampião e Maria Bonita, sei que a história desses dois cangaceiros é a prova de que a História do Brasil é muito bonita. Gosto de pensar que, com os cordéis, no sertão, ela é passada de família para família. //*

Victória Francisco Rossetti

Amo-te tanto, meu amor... não cante
O humano coração com mais verdade...
Amo-te como amigo e como amante
Numa sempre diversa realidade

Amo-te afim, de um calmo amor prestante,
E te amo além, presente na saudade.
Amo-te, enfim, com grande liberdade
Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente,
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim muito e amiúde,
É que um dia em teu corpo de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude.

Vinícius de Moraes

SONETO do AMOR TOTAL

SONETO do AMOR TOTAL

Felipe Galvão Bueno Nishikawa

14 anos

Virgulino Ferreira,
O famoso Lampião,
Foi para Paulo Afonso
Buscar água e pão,
Mas ele não esperava
Encontrar sua paixão

Era Maria Bonita
A moça que encontrou,
O amor de Lampião,
Com quem logo se engraçou.
Ela virou cangaceira
E dele não separou.

Vinícius de Moraes

Maria Bonita amava
O famoso Lampião
E com ele desejava
Mudar a vida no sertão,
Pois injusto era tudo
E ninguém tinha perdão.

Lampião e Maria Bonita
Desejavam matar
Homens com muito poder
Que só queriam roubar.
Por causa do amor deles,
A Tortura ia acabar.

Vinícius de Moraes

SONETO do AMOR TOTAL

Lucca Bamonte Beneduce

15 anos

SONETO do AMOR TOTAL

Sofia Schalka

14 anos

Mesmo sendo foragido,
O amor que em mim habita.
É tão grande e tão belo,
Como Maria Bonita.
Com o que sinto por ti
Tudo em mim se agita.

Meu amor por ti é grande
Como a seca no sertão.
Esquenta-me e fascina
Como o grande Lampião,
Que assim seguiu seu rumo
Com a força da paixão.

Vinícius de Moraes

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa lhe dizer do amor que tive:
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure

Vinícius de Moraes

SONETO DA FIDELIDADE

SONETO DA FIDELIDADE

Arthur Gesteira Telles

15 anos

Ao meu amor serei fiel,
Enquanto escrevo esse cordel.
Amo a Maria Bonita
Estrelas brilham no céu
Um dia eu “tava a boiar”
Quando a ouvi me chamar:

- Lampião, venha correndo,
“tá” na hora de “almoçá”.
Então eu larguei o boi,
Fui correndo lhe abraçar.
Te amo, Mariazinha,
Até a morte nos separar.

Vinícius de Moraes

No sertão, quente e bravo
Virgulino, o Lampião,
É cabra cangaceiro
E Maria sua paixão.
Vive correndo o mundo
Fugindo como ladrão.

Padre Cícero o ajuda,
Mas não impede o terror.
Mata Macaco, polícia
Mata gente pondo dor.
Fidelidade e tensão
Com Bonita, seu amor.

Vinícius de Moraes

SONETO DA FIDELIDADE

Felipe Michelano Rocha

14 anos

SONETO DA FIDELIDADE

Giovanna Martins Fávero

14 anos

Do meu amor por ti
Cuidarei com o meu ser.
Proteger-te-ei aqui,
Sem perguntar, sem temer.
Nos meus idos de batalha,
Com meu medo de perder.

Por amar, por ser fiel,
Cada dia, seu amor
Vem encher aqui de flor,
Vem tirando minha dor,
Nesse meu belo sertão,
Que me traz tanto ardor.

Vinícius de Moraes

Amar como nunca antes
Amar como sempre o fez
Amar igual elefantes
Amor pesado, cinzento
Amar como os amantes
Amar como o cangaceiro

Lampião e seu poder
Maria e sua beleza
Juntos sem nada a temer
Juntos eram uma alma
Sempre difícil de crer
Na fidelidade calma

Vinícius de Moraes

SONETO DA FIDELIDADE

Helena Caldelas Duarte Soares

14 anos

SONETO DA FIDELIDADE

**Rubens Rampazzo Sousa
Lopes da Silva**

15 anos

Maria, para sempre te amarei.
Maria, meu encanto e minha dor.
Agora é como a primeira vez
Quero vivê-la em seu calor.
Sempre te amarei, meu amor,
E agora no final, na morte e na dor.

Ainda te amo, mesmo longe.
Provar-te-ei meu valor
Defendendo-te neste sertão
Destes macacos, com fulgor.
Mesmo na morte, eu te amo.
Hoje te provo o meu amor.

Vinícius de Moraes

Este infinito amor de um ano faz
Que é maior do que o tempo e do que tudo
Este amor que é real, e que, contudo
Eu já não cria que existisse mais.

Este amor que surgiu insuspeitado
E que dentro do drama fez-se em paz
Este amor que é o túmulo onde jaz
Meu corpo para sempre sepultado.

Este amor meu é como um rio; um rio
Noturno interminável e tardio
A deslizar macio pelo ermo

E que em seu curso sideral me leva
Iluminado de paixão na treva
Para o espaço sem fim de um mar sem ter

Vinícius de Moraes

SONETO COMO AMOR UM RIO

SONETO COMO AMOR UM RIO

Camilla Giovannini Velloso

14 anos

Seu amor é como um rio,
Que deságua em meu peito,
Que às vezes me acalma,
Como um rio em seu leito.
Com a falta que me faz,
Tão real e tão perfeito,

Que a ame e se vá,
Lampião com seu amor.
A cada passo que dá,
Só Deus sabe sua dor.
Não é apenas tão simples,
Não a deixe, por favor.

Vinícius de Moraes

Depois de muito tempo,
Sem nenhuma paixão,
Maria, mulher corajosa,
Conheceu seu Lampião,
Cabra, sedento de amor,
Salvação da solidão.

O seu amor era um rio,
Um grande rio sem um fim
Resistia a calor e frio
Ao triste e ao ruim
Os dois amavam-se muito
Entre balas de festim

Vinícius de Moraes

SONETO COMO AMOR UM RIO

João Kenji Belgamo Pupin
15 anos

SONETO DE VÉSPERA

Giovanna Martins Fávero

14 anos

Quando chegares e eu te vir chorando
De tanto te esperar, que te direi?
E da angústia de amar-te, te esperando
Reencontrada, como te amarei?

Que beijo teu de lágrimas terei
Para esquecer o que vivi lembrando
E que farei da antiga mágoa quando
Não puder te dizer por que chorei?

Como ocultar a sombra em mim suspensa
Pelo martírio da memória imensa
Que a distância criou - fria de vida

Imagem tua que eu compus serena
Atenta ao meu apelo e à minha pena
E que quisera nunca mais perdida...

Vinícius de Moraes

Lampião e Maria
Amor gentil ou hostil?
Iam fazer a história
Do nordeste do Brasil.
Lampião já armado
Com seu enorme fuzil.

Os macacos chegaram,
Para o cangaço matar.
A batalha foi feia,
O sangue estava a jorrar.
Às vésperas da morte,
Lampião queria lutar.

Vinícius de Moraes

SONETO DE VÉSPERA

Gustavo Roriz Borges

14 anos

SONETO DE VÉSPERA

Natalia Lammardo Bertino

14 anos

Lampião saiu de casa
Para mais uma emboscada.
Maria esperava aflita,
Triste como a madrugada.
Já estava desiludida
Com medo de ser esquecida.

Mas quando ele retornava,
A tristeza se perdia.
O amor esquentava
A alma que estava fria.
Aquecia e aflorava
E o calor os envolvia.

Vinícius de Moraes

Passem-se dias, horas, meses, anos
Amadureçam as ilusões da vida
Prossiga ela sempre dividida
Entre compensações e desenganos.

Faça-se a carne mais envilecida
Diminuem os bens, cresçam os danos
Vença o ideal de andar caminhos planos
Melhor que levar tudo de vencida.

Queira-se antes ventura que aventura
À medida que a têmpora embranquece
E fica tenra a fibra que era dura.

E eu te direi: amiga minha, esquece....
Que grande é este amor meu de criatura
Que vê envelhecer e não envelhece.

Vinícius de Moraes

SONETO DE ANIVERSÁRIO

SONETO DE ANIVERSÁRIO

Jasmim Caparroz de Almeida

14 anos

Tantos anos que passamos
Tantas aventuras juntos
Tantas lutas que lutamos
Juntos nós envelhecemos!
Quanto tempo nos amamos
Minha amiga, admita

Nossa carne não é a mesma
E a pele já está tenra.
Com o decorrer do tempo,
Envelheci, tu também.
O que não envelheceu foi
Meu eterno amor por ti.

Vinícius de Moraes

Oh, Maria, se proteja,
Pois sem você não vivo.
Não me ajuda, me esqueça
Que as guerras enfrento sozinho.
Maria, desapareça!
Aí vem “os macaquinho”!

Maria, o teu rostinho
Nunca vi envelhecer.
Tão puro, tão bonitinho.
Não ouse me esquecer.
Saudade do forrozinho,
Saudade de me mexer.

Vinícius de Moraes

SONETO DE ANIVERSÁRIO

Victoria Francisco Rossetti
14 anos

SONETO DA SEPARAÇÃO

Passem-se dias, horas, meses, anos
Amadureçam as ilusões da vida
Prossiga ela sempre dividida
Entre compensações e desenganos.

Faça-se a carne mais envilecida
Diminuem os bens, cresçam os danos
Vença o ideal de andar caminhos planos
Melhor que levar tudo de vencida.

Queira-se antes ventura que aventura
À medida que a têmpora embranquece
E fica tenra a fibra que era dura.

E eu te direi: amiga minha, esquece....
Que grande é este amor meu de criatura
Que vê envelhecer e não envelhece.

Vinícius de Moraes

Naquela mesma hora
Deu vontade de gritar
Minha flor, Maria Bonita
Lá se foi pelo ar.
Pensava nela todo dia,
Mas não bastava chorar.

Lágrimas saíam
E caíam até o chão
Estava ficando de molho,
já estava todo murchão.
Com muita raiva de tudo,
Acabei com meu vidão.

Vinícius de Moraes

SONETO DA SEPARAÇÃO

Kauê Goes Forin

15 anos

SONETO
DE SEPARAÇÃO
DE LAMPIÃO E
MARIA BONITA

Luiza Garcia de Azevedo Marques
15 anos

Fez-se a separação
E de repente do risco,
Triste como Lampião,
Do amor fez-se a dor.
De repente da paixão
A terrível solidão.

E com os corpos separado
O casal foi largado.
Lampião e Maria Bonita
Enrolados e cansados
Por estarem tão distantes
Fez-se o amor desprezado.

Vinícius de Moraes

Será assim, amiga: um certo dia
Estando nós a contemplar o poente
Sentiremos no rosto, de repente
O beijo leve de uma aragem fria.

Tu me olharás silenciosamente
E eu te olharei também, com nostalgia
E partiremos, tontos de poesia
Para a porta de treva aberta em frente.

Ao transpor as fronteiras do Segredo
Eu, calmo, te direi: - Não tenhas medo
E tu, tranquila, me dirás: - Sê forte.

E como dois antigos namorados
Noturnamente tristes e enlaçados
Nós entraremos nos jardins da morte.

Vinícius de Moraes

SONETO DA HORA FINAL

SONETO DA HORA FINAL

Beatriz Alves Tadini

14 anos

Em uma bela tarde,
Contemplando o pôr do sol,
Lampião e Maria Bonita.
Naquele calor do Nordeste,
Lampião beijou Maria.
Cavalgaram como faroeste

Maria o admirou,
Em seguida se virou.
Eram os policiais
Os trataram como animais
O amor de Lampião
Agora estava em um caixão

Vinícius de Moraes

Lampião, tu me olharás
E, silenciosamente,
eu te olharei também.
E juntos, finalmente,
partiremos com poesia,
desiludidos tristemente.

E eu, Maria Bonita,
te amarei no fim do mundo
Entre os céus e os mares,
No amor mais profundo.
Tristes, entrelaçados
Até o último segundo.

Vinícius de Moraes

SONETO DA HORA FINAL

Camilla do Val Scolfaro

15 anos

SONETO DA HORA FINAL

Luana Marques Soares

15 anos

No bando de cangaceiro,
O Amor vem a cantar.
O Lampião e Maria
No sertão a namorar
Como o fogo na fogueira
E ardendo sem queimar.

Na cegueira do amor,
A cilada os pegou.
Numa noite de forró,
Cangaceiro murmurou:
- "Oxi", os "macaco" tão vindo!
Sem tempo se agarrou.

Macaco veio correndo
E no chão os derrubou
Sem dó e sem piedade,
Ele assim os separou.
Com a força de três homens
Lampião não aguentou.

Vinícius de Moraes

10
ANO

EMÍTO

Tradições Nordestinas

Obra motivadora: "Contos
Tradicionais do Brasil"
de Câmara Cascudo

1º ANO

PRODUÇÃO DE TEXTO – 1º EM



Os mitos que se configuraram no Brasil, a exemplo do que se deu com o próprio povo brasileiro, ostentam também a forte marca da miscigenação, pois são eles provenientes de diversas culturas, sendo três suas fontes primordiais: os **portugueses**, os **índios** e os **negros**.

Os mitos mais vivos são os que foram levados, em longa viagem, pelos “retirantes” do Nordeste e se conservam nítidos porque se expandem dentro de um ambiente espiritualmente imutável.

Luís da Câmara Cascudo,
em Geografia dos Mitos Brasileiros.

A pesquisa dos mitos nordestinos, feita por Câmara Cascudo, em Geografia dos Mitos Brasileiros, motivou os estudantes a tomarem contato com mitos ainda vivos na imaginação do povo do Nordeste, para então

adaptá-los para o cotidiano do século XXI.

Vinicius de Moraes, que soube como ninguém unir o erudito ao popular, é quem os desafiou a produzir a adaptação. Para isso, leram sua peça “Orfeu da Conceição”, uma atualização do mito clássico grego de Orfeu e Eurídice para os morros cariocas, no período de Carnaval. Desta forma, perceberam o quanto a temática dos mitos é universal e, por isso, atemporal.

O processo contou com várias etapas: estudo do gênero “mito” com os estudiosos Joseph Campbell e Betty Mindlin, pesquisa e escolha de um mito nordestino em “Geografia dos Mitos Brasileiros”, de Câmara Cascudo, seguida de análise do mito e identificação de sua temática universal, para só então adaptá-lo ao cotidiano atual, seja no sertão nordestino ou no cenário urbano, como o fez nosso “poetinha”.

A produção do mito desconstruído e atualizado contou com um desafio a mais: o de explicitar a figura do contador de histórias, como o fez a antropóloga Betty Mindlin em seus livros; afinal, os mitos são gêneros de origem e transmissão oral.

Os resultados estão aqui. São Princesas de Jericoacoara modernas sonhando com beleza e riqueza, são os tradicionais

Homens do Saco perseguindo crianças desavisadas pelas ruas da metrópole, são moças nativas que abandonam seus filhos frutos do abuso dos colonizadores, são pássaros Rasga-Mortalha que anunciam a chegada da morte em uma família... Enfim, narrativas que demonstram que os comportamentos humanos se repetem, mesmo com o passar dos séculos

Profª Gizele Caparroz de Almeida

Professora do Colégio Sidarta

“Fazer a atualização de mitos nordestinos foi uma experiência incrível porque, hoje, os mitos estão sendo esquecidos. Se repararmos, poderemos perceber que muitas destas histórias estão se repetindo nos padrões de comportamento da atualidade.

Fernanda Alves Sobrinho

“Sempre gostei de mitologia, a grega principalmente, e esse trabalho me aproximou de histórias que sempre achei fascinantes. Atualizar os mitos foi extremamente interessante, considerando que é possível encontrá-los no nosso dia-a-dia.”

Larissa C. Ribeiro de Souza

“A mitologia diz mais sobre nós do que qualquer biografia. Hoje, entretanto, ela se perde e é importante retomá-la para compreender certos estágios da vida. Na minha opinião, além de “escrever um livro, plantar uma árvore e ter um filho”, todo homem deveria poetizar-se na mitologia.”

Marina Teles Sutija

JUSTIFICATIVA:

Esse mito é contado na Ilha de Fernando de Noronha, no estado de Pernambuco, uma ilha que, no ano de 1737, foi usada como base militar. Os pesquisadores acreditam ter várias origens. Pode ter sido trazida pelos holandeses ou ser uma junção de mitos sobre iaras e sereias, que estão presentes em todas as mitologias. O nome do mito é “Alamoá”, que significa a alemã. Por ser uma mulher loira e de olhos azuis, o povoado de lá acreditava que era um espírito alemão. Outro nome que o espírito amaldiçoado que assombrava os visitantes da região do Pico recebia era Dama Branca. Esse mito tem uma razão para todas as histórias de sereias; explica o porquê dessas inicialmente doces mulheres se virarem contra o sexo oposto à procura de vingança. Na atualização que eu apresento nesse mito, o tráfico de pessoas é um dos motivos de razões pelas quais esses seres míticos se rebelam.

Minha Paixão

Anna Sui Woo Gomes

15 anos

Era 26 de Agosto de 2006, quando a primeira leva de pessoas traficadas chegou no Brasil, mais especificamente na Ilha de Fernando de Noronha. 13 mulheres de idades entre 17 e 29 anos... As mais ingênuas. Elas foram trazidas de um lugar tão longe e assim foram afastadas de suas memórias. Elas vinham da Alemanha e da Polônia e aqui, nesse país tropical, seriam forçadas a começar uma nova vida.

Lembro-me, como se fosse hoje, das tristes histórias que essas jovens contavam: umas sonhavam em serem modelos, outras atrizes. Umas em prantos não conseguiam proferir nenhuma palavra que não fosse desesperadora entre soluços doídos, mas havia uma em particular que encarava o mar pela janela e dizia que ele era sua grande paixão; não demonstrava dor nem sofrimento. Era Alamoá, uma pequena menina loira de olhos azuis, de

apenas 17 anos.

Aqui seriam torturadas tendo que mostrar seus corpos para homens aleatórios e aproveitadores, para garantir a sua sobrevivência. As que não aguentavam, as mais novinhas, eram assassinadas com uma cajadada na cabeça ou enforcadas com os próprios cabelos e, quando restava um pouco de piedade nesses malfeitores, viravam escravas.

Isso tudo era um esquema muito bem bolado, que já durava anos e ninguém nunca havia desconfiado de nada, mas no dia 26 de Agosto de 2013, 7 anos já haviam se passado e a loira de olhos azuis, chamada por todos de Alamoá, agora com 24 anos, foi pela última vez arrancada do lugar onde estava confinada com todas as outras.

Nesse dia, uma ideia lhe surgiu na cabeça: a de que já havia deixado de ser ingênuo havia tempos e agora era só uma mente sombria e

cheia de sofrimento.

Duas semanas depois, ela e suas colegas saíam dali. Alamoia como sempre foi e sempre será, uma pessoa que cuida dos outros, então ela seria a isca do plano, junto com a mais velha de todas, Evelin, que não deixou a sua protegida se sacrificar sozinha. Elas seduziram os guardas que as impediam de sair e os guiaram até o topo do Pico, que era próximo do esconderijo dos desgraçados. Então as outras puderam fugir e Alamoia prendeu-os na cela que lá estava localizada desde 1737; porém, ao se virar, viu que um dos guardas havia agarrado Evelin e a ameaçava com uma faca que trazia no bolso. Quando ia entrar para salva-lá, “sua madrinha” não deixou e fechou a cela. O guarda, ao perceber, matou-a com uma degolada. Ele não deveria ter feito isso, Alamoia enfurecida, com os olhos sedentos de sangue e a boca espumando, pegou um facão que ali estava no canto, empoeirado e mais um membro se juntou aos cadáveres. Urrando de dor, o homem sem braço chorava e sangrava e esse foi o maior triunfo para a loira. Os outros dois no canto se encolhiam e pediam perdão, enquanto rezavam em desespero. Alamoia,

sem piedade e sem pensar duas vezes, pegou o facão ensanguentado e lhe cortou a cabeça. O outro, em uma tentativa de desespero, deu um tapa ardido em sua cara, que só aumentou sua fúria e desprezo pelo homem que havia destruído sua vida. Então cortou suas pernas e, enquanto o homem sem mobilidade gritava, ela calmamente sentou ao seu lado e sussurrou ‘Agora é a minha vez’ e devagar cortou sua face com o facão. Caminhando em direção ao corpo sem cabeça, ela cortou-lhe o peito e arrancou seu frio coração e assim fez com os outros dois corpos que morreram de dor.

Lentamente, beijou a face de Evelin e caminhou em direção a sua nova vida. Um mês se passou e, mesmo tentando, não conseguiu esquecer todas as suas memórias ruins. Sofria, suave e fria, olhava pra trás a cada passo e nunca mais conseguiu ser a mesma menina loira de olhos azuis inocentes. Então se rendeu ao seu sofrimento e voltou à cela do Pico.”

E é daqui desta cela que me revelo e deixo a minha história nessa carta onde digo adeus e me junto à minha grande paixão: o mar.

JUSTIFICATIVA:

O objetivo deste projeto é modernizar um mito nordestino. Escolhi o mito “O Barba Ruiva”, que tem sua origem no Piauí, pois o mesmo aborda diversos assuntos, que infelizmente ainda são presentes na atualidade: abandono de recém-nascidos, culpa e arrependimento e suas sequelas. Conta sobre uma jovem menina que engravida, espera o parto e abandona seu filho recém-nascido em um rio. A mãe d’água recebe a criança e acolhe-a, porém fica furiosa com quem abandonara a frágil criança. O menino rejeitado, que vagava atormentado em busca de sua mãe, foi chamado de Barba Ruiva e dizem que assombra a população ribeirinha até hoje

Quem são os verdadeiros loucos?

Beatriz Miwa Utimura

15 anos

- Me deixa em paz! Para de me assombrar, não aguento mais ouvir sua voz me atormentando. Suas palavras me machucam, sua presença me apavora. - Murmurava uma mulher magra encolhida em um canto. Ela era parcialmente grisalha, escondia atrás de suas escuras olheiras uma expressão cansada e um olhar amedrontado.

Sabia que lá eu iria achar pessoas atormentadas, mas devo confessar-lhe, ver esta mulher em tal situação me amedrontou, fiquei incerta sobre o que iria encontrar naquele centro psiquiátrico.

Fiquei intrigada com as palavras daquela mulher, queria saber o que acontecera, talvez pudesse ajudá-la. Já tinha uma certa base no 3º ano de Psicologia e era uma ótima ouvinte, além do que estava com o pressentimento de que aquela mulher me garantiria o melhor trabalho da classe.

Cautelosamente, me aproximei da moça, que não parecia sequer notar minha presença. Timidamente perguntei-lhe:

- Com licença, qual é o seu nome?

- Vera. A mulher hesitante respondeu.

- Eu ouvi a senhora mencionar algumas palavras sozinha, o que me intrigou.

-Não estou sozinha, nunca estou e nunca estarei. Ele está sempre me acompanhando, me assombrando.

-Desculpa a curiosidade, mas quem seria “ele” ?

- Shh!! Não fale alto, ele pode escutar.

- Quem é ele? Sussurrei repetindo a pergunta.

- Ele me atormenta, fica me rodeado com essas palavras, com esse passado. Não podia ficar com ele, não tinha condições.

- Mas do que se trata tudo isso?

-E le, ele tem raiva de mim e voltou para me perturbar. Eu me arrependo, não queria fazer-lhe o mal. Se soubesse que a minha vida viraria esse pesadelo, nunca o teria abandonado, juro! Estou aterrorizada, ele me assombra em todo lugar para

onde vou. Tudo em que penso, todos de quem eu gosto ele amaldiçoa. Preciso de ajuda, estou louca, louca, mas ninguém pode me ajudar.

- Eu posso tentar. Arisquei.

- Não posso contar, ele me faria sofrer. Vera falou com tristeza em seu olhar.

- A senhora poderia contar-me e assim poderíamos resolver tudo com este tal alguém.

- Não acho que seja possível resolver. Ele está possuído pela raiva e impiedade, porém vou te dar uma chance, menina, uma chance.

- Ótimo. Falei entusiasmada, eu realmente queria ajudar aquela senhora que me parecia um tanto quanto perturbada.

Então ela começou a falar:

- Eu namorava um menino chamado Pedro, ele também gostava de mim, ele me amava. Sempre ficávamos juntos, éramos um casal admirado por todas as pessoas da minha pequena cidade no Piauí.

Um dia, descobri que estava grávida e então o meu pesadelo começou. Não sabia o que fazer, fiquei desesperada. A primeira coisa em que pensei foi em ligar para Pedro, ele saberia o que fazer e me apoiaria diante de qualquer decisão que eu tomasse. Para a minha decepção, quando dei-lhe a notícia, ele pediu para que não contasse para ninguém e para que eu não tivesse aquele filho, usando como justificativa o fato de sua família ser extremamente tradicional. Fiquei decepcionada com Pedro. Ele não me deu a mínima assistência ou apoio que eu esperava e de que precisava.

Não sabia o que Pedro quis dizer quando falou para eu não ter este filho, ele queria que eu o aborta-se? Eu não seria capaz de fazer isso com o meu filho e muito menos correr este risco. O que ele queria que eu fizesse? Abandonasse nosso filho? Esta ideia ficou rodeando meus pensamen-

tos, os meses iam passando, meses de angústia e medo.

Um dia, minha mãe descobriu minha gravidez e contou para meu pai. Fiquei com medo e vergonha. Meu pai me expulsou de casa, mas não deixou que eu fosse embora sem antes me dar boas bofetadas. Sentia-me humilhada, vulnerável ao mundo, passava fome, sede, frio, não tinha onde ficar; então eu resolvi fugir da cidade e começar a minha vida em um outro lugar. E lá estava eu, fraca, carregando um filho em meu ventre e vagando nas estradas amaldiçoadas do sertão. Então, em uma noite fria de julho, o dia chegou. O dia que para tantas mulheres era de felicidade e glória, para mim era um dia de tristeza e discórdia. Não tinha condições de sustentar outra vida e, se você está se perguntando se eu realmente o abandonei, sim foi exatamente o que eu fiz, engoli o choro e deixei-o para trás. Minha frieza não te espanta? E agora você está com medo de mim? Perguntou-me Vera de modo com que pudera ver seus olhos vazios que se escondiam por trás de seus cabelos grisalhos.

Então Vera continuou:

- Segui em frente, pensei que iria conseguir seguir minha vida, então percebi que no dia em que abandonei o meu filho na estrada era apenas o começo do meu pesadelo. Comecei a sentir calafrios frequentemente, tinha a sensação de que alguém estava me vigiando, apenas esperando um deslize meu para me derrubar. Ouvia vozes, mas não conseguia reconhecer o que era tudo aquilo que me rondava, que fazia com que tudo que eu tocava apodrecesse. Aos poucos isso tornou-se cada vez mais presente e nítido. Hoje posso afirmar-lhe que o ser que me persegue é o meu filho, ele me machuca, me enfraquece. Ele está furioso porque o abandonei, diz que lhe neguei

comida, carinho e amor, mas ele não entende que eu tão tinha condições para sustentá-lo. Ele quer se vingar, acabar com a minha vida, me fazer sofrer até a última batida do meu coração. Você não sabe como ele é. Está sempre aqui me rodeando, sussurrando coisas no meu ouvido, me aterrorizando. É assim hoje e sempre será. Ele nunca irá me deixar em paz, é um peso que sempre levarei em minhas costas. As pessoas dizem que estou louca, mas não estou, é ele que faz isso comigo, é ele. Dizia ela com os olhos arregalados e se balançando para frente e para trás.

- Você e nem ninguém podem me ajudar. Ele sempre dará um jeito de se livrar das pessoas que tentam o mesmo.

Depois de ouvir aquela terrível história, não sabia o que responder, fiquei completamente

paralisada, em choque. Dirigi algumas palavras para Vera fui embora. Secretamente gravei toda a conversa. Trabalhei uma semana inteira em cima daquele material. Estava segura de que ganharia a melhor nota da classe e deixaria o professor admirado com os meus estudos e minhas teorias sobre o caso de Vera.

Para meu espanto, quando acordei no dia da apresentação, encontrei o cd que armazenava toda a minha apresentação, junto aos meus estudos e anotações sobre o caso de Vera rasgados. Entrei em choque, porque tinha certeza de tê-los colocado sobre a mesa e certamente não fora eu quem fizera tudo aquilo.

Não passava mais nada na minha cabeça a não ser uma grande dúvida.

JUSTIFICATIVA:

O mito “Anjo Corredor” é de Alagoas e não tem uma origem certa, pois surgiu da união dos povos portugueses e indígenas. O mito conta a história de um homem, com um cajado ou cacete na mão, que caminha, dia e noite, sem fazer paradas. Quando as crianças ouvem o barulho do anjo, sobem em árvores e as mães fecham a porta das casas. Alguns dizem que o anjo corredor é o Judeu Errante, um homem que agrediu verbalmente Jesus, quando carregava a cruz, e por isso foi castigado a vagar para sempre pelo mundo.

O Anjo Corredor de 1940

Beatriz Senf Fernandez

15 anos

Crianças, eu tinha a idade de vocês quando um exército mau, muito mau invadiu minha cidade. Eu e minha família ficamos com muito medo, pois éramos quem eles estavam procurando, éramos os judeus a quem eles tinham ódio. Só escutamos bombas e gritos e vimos muita gente correndo. Ficamos com muito medo, poderíamos ser pegos a qualquer hora.

Eu não estava entendendo muita coisa. Lembro-me de que meus pais começaram a esconder tudo o que se relacionava à minha religião, temendo que algum nazista entrasse em nossa casa e descobrisse que éramos judeus. Durante meses ficamos com esse medo. Meu pai era um sapateiro, tinha uma pequena loja em uma rua pouco movimentada, que começou a ser muito frequentada pelos soldados do homem mau, que precisavam arrumar seus sapatos, os quais eram testemunhas dos maus tratos a muitas e muitas pessoas. Sempre que ele saía de casa para trabalhar, minha mãe chorava, porque ela não sabia se meu pai voltaria ao entardecer. Meus avós foram morar comigo, pelo medo que tinham de me

deixar sozinho e pelo medo deles mesmos serem pegos, pois a casa deles era num bairro judaico.

Depois de quatro anos com essa angústia, os homens maus foram embora da minha cidade e do meu país, ficamos muito felizes, mas ainda estávamos com medo deles voltarem. Meu pai e meus avós juntaram todas as economias que tinham e decidiram que mudaríamos de país. Viemos pra cá, pra Alagoas.

Quando chegamos, meus amigos da minha nova escola me contaram uma história, muito famosa. Era de um homem, chamado de anjo, que andava pelas ruas, com um cajado na mão e que, quando o ouviam, as mães trancavam as casas e as crianças que brincavam nas ruas (como nós) subiam nas árvores rapidamente. Essa história se parecia muito com o que eu e minha família tínhamos acabado de viver. Assustei-me. Por que em um lugar tão longe havia uma história tão parecida? Cheguei em casa e contei pros meus pais, que também ficaram pasmos. E assim, até hoje, esses dois fantasmas, o da história e o da minha vida, continuam por aí, vagando pelo mundo.

JUSTIFICATIVA:

João Galafoice é a adaptação alagoana do mito de origem africana “João Galafuz” que é a representação de um dos mitos do ciclo das “almas pagãs”, ao qual estão submetidas todas as almas de pessoas que morrerem sem receber o batismo de suas respectivas religiões. De acordo com esta crença do catolicismo, as almas destas pessoas não iriam para o céu e nem mesmo para o purgatório, mas sim para o limbo, onde permaneceriam até o momento de sua ressurreição. Galafuz é a personificação do fogo fátuo de mortes e tormentas que emergem do seio do mar formado por almas que representam um anúncio de sorte ou sofrimento. Em Alagoas, João Galafoice é um caboclo magro e alto na forma de um duende que ronda moradias à procura de crianças que estejam fora da proteção doméstica, para raptá-las. Certamente que o mito traz não somente uma história que carrega consigo traços culturais muito marcantes mas também um alerta sobre os perigos aos quais crianças estão expostas fora dos limites de segurança do ambiente caseiro e, é exatamente neste ponto em que o mito se faz atual e de grande importância para que os pais possam aconselhar seus filhos.

Um mito como conselho

Diogo Mendes de Souza Santos

15 anos

-Ainda não entendo porque não posso ficar brincando até tarde na rua com meus amigos...

-Sabe filho, mesmo que não pareça, ficar até tarde fora de casa é algo muito perigoso, ainda mais com as horroridades que vemos acontecer com crianças da sua idade hoje em dia, em pleno século XXI! Quando tinha sua idade, meus pais costumavam contar histórias, mitos e lendas para justificar alguma ordem ou dar algum conselho. Por exemplo, me lembro muito bem da história de João Galafoice que rondava as casas na espreita para pegar as crianças que estivessem fora. Eu já

te contei essa história?

-Não, ainda não.

-Pois bem, seus avós costumavam contar essa história para que eu não ficasse muito tempo fora de casa brincando. João Galafoice foi um pobre menino que morreu sem ter recebido as águas do batismo e a partir daí assumiu a forma de um duende que emerge por entre os rochedos e do seio das águas do mar para rondar as casas à procura de crianças. Por um bom tempo eu não acreditei que ele realmente existia, até que, em uma certa noite, quando estava para me deitar

para dormir, eu ouvi um barulho estranho e olhei pela janela para ver o que acontecia. Para minha surpresa, uma mulher corria desesperada chamando por seu filho. Já era começo de noite, uma noite fria e com ventos que gelavam a espinha capazes de arrepiar até os cabelos de nossa alma, e que eram os únicos que se atreviam a interromper o sinistro e absoluto silêncio que trazia a escuridão.

De repente, a moça se deparou com um mendigo já com idade avançada sentado na calçada que lhe disse para desistir da procura, pois naquela noite João Galafoice tinha “estado” na vizinhança. Depois disso, o garoto que costumava ficar fora de casa até altas horas da noite, jamais foi visto novamente.

JUSTIFICATIVA:

O mito que eu escolhi é o das Cobras da Lagoa de Estremoz, do Rio Grande do Norte. Achei bem interessante porque me fez lembrar quando eu era criança, quando eu tinha medo de entrar em algumas lagoas por achar que tinha alguma cobra. Esse mito me fez lembrar da infância, quando nossa imaginação vai além da realidade.

A lagoa em que ninguém ousa ir

Fabiano Henrique Mello Mourão

17 anos

Em uma fazenda muito grande morava um jovem chamado Denis, que vivia com seu pai, um fazendeiro, que era muito rígido com o filho. Denis gostava de aprontar com os vizinhos, mas sempre era pego e seu pai o colocava para fazer as tarefas mais difíceis, até que ele o mandou trabalhar na cidade mais próxima e colocou-o para ajudar o padre.

Esse padre pede a Denis pra levar um baú até a igreja de outra cidade, então ele vai de charrete. O caminho era bem longo, Denis já estava bem cansado e avista um lago. Começou a sentir muita sede e lá vai até as margens. Só que ele não conhecia as histórias do lago e aparece uma cobra monstruosa e brava que pergunta o que ele estava fazendo. Denis responde que estava com sede e sai correndo com medo da cobra.

Chegando no seu destino, ele avista o outro padre, para fazer a entrega, só que esse padre ao vê-lo entrar fica apavorado e Denis, sem entender nada, pergunta o que estava acontecendo. O padre pergunta se ele foi as margens de um

lago, Denis responde que sim. Pergunta se ele viu alguma criatura. Denis responde tudo para o Padre, que começa a ficar assustado com suas respostas, mas ele não lhe dá muita atenção e vai embora da igreja.

Com o passar do tempo, a maldição começa a surgir e assombra Denis, até que ele começa a ouvir barulhos de cobra quando a lua aparece.

Uma noite, vai dormir sem ligar muito e quando acorda, percebe que tinha virado uma cobra, que se torna companheira da outra, que o havia transformado.

Até hoje se escuta barulho de cobra na lagoa. Alguns dizem que uma está brigando com a outra. Outros dizem que elas saem por aí juntas, para assombrar as pessoas mais arrogantes que passam pela lagoa e que, além de sujar as águas, não respeitam a tradição de passar pela ponte e dar uma oferenda para as cobras que protegem as águas de todos os infiéis.

JUSTIFICATIVA:

Eu escolhi o mito de Ana Jansen, do Maranhão, porque ele nos mostra uma situação comum, que sempre está acontecendo entre nós. Pessoas maltratam as outras sem pensar nas consequências, e esse mito mostra muito bem as consequências para estes atos.

Ana Jansen, que maltratava seus escravos, foi condenada a vagar para sempre por sua cidade, em uma carruagem mal assombrada. A carruagem parte do cemitério do Gavião, em noites de quinta para sexta-feira, e quem encontrá-la pelo caminho não será muito feliz. Ao incauto, Ana Jansen oferece uma vela acesa que, na manhã seguinte, estará transformada em osso de defunto. A carruagem é conduzida por um escravo sem cabeça, e puxada por cavalos também decapitados.

Universo Capitalista

Fabício Leon Leite

14 anos

Havia uma vila, com aproximadamente dois mil habitantes, que vivia de agricultura. As pessoas não tinham muito dinheiro, mas sempre estavam se ajudando. Certo dia, chega à cidade a notícia da chegada de uma mineradora. Todos ficaram surpresos, curiosos do motivo que os levou para a vila, pois não havia nada lá.

O dia chegou e a mineradora se estabeleceu na vila. Todos ficaram felizes, mas mal sabiam o que estava por vir.

A mineradora convidou a todos para trabalhar na mina que iriam construir. O salário era

bom, todos ficaram animados.

Após alguns dias, quando o horário de trabalho estava acabando, os donos da mina trancaram todos dentro dela, forçando as pessoas a trabalhar em condições sub-humanas.

Todos estavam exaustos, famintos, sujos, sem condições de continuar vivendo, até que uma esfera luminosa foi encontrada durante as escavações, que deu aos “escravos” energia e superpoderes, que lhes permitiu fugir da mina e destruí-la, deixando seus chefes presos pelo resto da eternidade dentro dela.

JUSTIFICATIVA:

O mito pernambucano da “Cabra Cabriola” me chamou a atenção, pois conta a história de uma assombração portuguesa que migrou para as fábulas brasileiras e, apesar de viver no interior, é mais conhecido nas áreas litorâneas. Dizem que hoje a cabra, que era vista como um monstro, vive “cabriolando”, ou seja, dando mil saltos e curvas durante a noite e procurando crianças que ficam em casa sozinhas para enganá-las e comê-las. É uma pena que este mito esteja quase esquecido na história, pois hoje em dia, podemos relacioná-lo a ocorrências preocupantes como, por exemplo, o tráfico de pessoas para a prostituição.

A proposta traiçoeira

Fernanda Alves Sobrinho

15 anos

Minha avó sempre me contava histórias, histórias das mais diversas, desde as mais belas até as mais tristes, mas histórias que sempre ficaram marcadas. Uma delas é a de uma garota que morava em uma cidade muito pobre e distante de tudo. A menina ficava em casa sozinha porque seus pais trabalhavam muito, mas eles sempre lhe diziam para tomar muito cuidado com os desconhecidos.

Um dia, a garota recebeu a visita de uma mulher um tanto estranha, que ela jamais havia visto antes que a chamou para trabalhar em um negócio que rendia muito dinheiro: a prostituição. A garota, muito surpresa, logo recusou-lhe a oferta e a mulher, cansada de tentar convencê-la e percebendo que a garota não aceitaria, foi embora

indignada.

Alguns dias depois, recebeu outra visita, desta vez de uma mulher maravilhosamente bela e bem vestida, com aspecto bem familiar e que foi logo chamando-a para sair do país, ter ótimas condições de trabalho e ganhar muito dinheiro. Encantada com a proposta, a garota nem reparou que a bela moça era aquela esquisita de dias atrás e logo aceitou, sem pensar duas vezes.

Muito animada, a garota logo partiu, mas até hoje não se tem notícias do que aconteceu com ela. A única coisa que se sabe é que a mulher esquisita ainda anda por aí procurando mais garotas solitárias e sonhadoras e fazendo de tudo, de tudo mesmo para enganá-las e levá-las para um lugar misterioso .

JUSTIFICATIVA:

O mito “Quibungo” é originalmente africano, porém foi incorporado à cultura baiana. Gira em torno da figura de um ser híbrido, meio homem meio animal, de aspecto grotesco, que comeria principalmente crianças e mulheres. Em minha atualização, trata-se de um homem que, por dinheiro, começa a traficar órgãos de crianças e acaba por ter uma vontade irresistível de comê-los.

Agridoce

Giovanna Piesco

15 anos

Em um dia, não me lembro bem de qual, vi uma moça chorando num cantinho de Acajutiba, minha cidade. Como não gosto de ver moça chorando, fui ter com ela, para descobrir o que estava atormentando aquela infeliz alma. E o que ela me disse me aterroriza até hoje.

Aos prantos, a coitada da mocinha me contou a tragédia que se passava com sua família. Seu irmão, Quibungo (nome que nunca mais nessa vida eu esqueço, nome que me faz tremer até os pés quando ouço), andava meio esquisito naqueles dias. Sempre calado, sempre sozinho, sempre sumido, já começava a preocupar sua família.

Sua mãe tinha criado o menino sozinho, com o máximo que uma mãe sozinha com sete filhos, vivendo em meio à seca, podia oferecer. Tinha até ficado doente de preocupação com o infeliz!

Quando o rapaz começou a trazer dinheiro pra casa; porém, a família pôde finalmente encher a barriga. Os menorzinhos ganharam os brinquedos tão sonhados (aqueles de propaganda mesmo!) e a casinha finalmente ganhou uma ge-

ladeira. Aí, ninguém mais reclamou nem se preocupou. Ninguém nem sequer questionou a origem daquele dinheiro todo. Afinal, não se questiona coisa que traz alegria.

Quibungo sorriu com a alegria da família e esse sorriso largo foi visto por todos. Depois disso, ele saiu correndo de casa como um louco e a mocinha foi atrás dele, desesperada. A alegria de seu rosto transformou-se em angústia e dos olhos do rapaz começaram a brotar lágrimas. Logo, essas lágrimas se transformaram em gritos histéricos de agonia. Sua irmã, sem reação, ficou paralisada, sem compreender o que estava ocorrendo.

De repente ele parou. Olhou para a irmã e ficou sério. Buscava cumplicidade em seu olhar. Sem encontrar, mas sem ter mais ninguém a quem recorrer, tirou um pedaço de jornal do bolso e entregou à mocinha.

Contava de um caso muito curioso que estava acontecendo nas cidadezinhas perto da nossa: as crianças estavam sumindo. Quando encontradas, já não tinham órgãos e em suas carnezinhas havia marcas de mordida de homem.

A mocinha então se assustou e logo depois sorriu. Quibungo não. Ela ficou aliviada, pensando que o irmão estava tão nervoso por ter dó daquelas pobres crianças. Foi abraçá-lo. Quibungo rejeitou o abraço. Olhou com o olhar mais sério que ela já vira e então ela compreendeu, e chorou e gritou e falou que não falaria mais com ele, que ele era o pior monstro que já tinha conhecido. E ele chorou e gritou e falou que não ligava. Depois disse que a amava e que tudo que queria era ver sua família feliz. Falou que pararia: não venderia mais os órgãos, não comeria mais a carne. Explicou que entrara no negócio por dinheiro, vendo uma esperança para a família. Depois de algum tempo; porém, começou a sentir uma vontade irresistível de experimentar aqueles corpinhos. Ela, enojada, correu.

Seus pés iam mais rápido que seus pensamentos e isso a agradava. Mas depois de algum

tempo, ela resolveu parar. Parou naquele cantinho da cidade onde eu a conheci.

Juro que, mesmo depois de ouvir toda sua história macabra, ainda tive coragem de ir atrás do infeliz. Com isso, voltamos ao lugar de onde ela tinha saído, onde descobrira aquele fato que trouxe tanta infelicidade. Não encontramos o rapaz. Pelo que eu sei, foi isso pelo resto da vida da pobre da mocinha. Nunca mais a família encontrou Quibungo, nem vivo nem morto. A moça não contou o segredo do irmão para mais ninguém (além de minha pessoa) e tudo acabou ficando por isso mesmo.

Mas ainda hoje, quando ando sozinho pelas cidadezinhas vizinhas à minha, temo que alguma criança possa estar tendo sua carnezinha mordida pelo, agora velho Quibungo. Isto é, se ele ainda estiver vivo!

JUSTIFICATIVA:

O mito escolhido por mim foi o Lobisomem de Alagoas, porque ainda tem muita influência na região. Ele conta que, se o sétimo de uma sequência de seis filhas mulheres nascer homem, vira uma criatura híbrida metade homem, metade lobo que aterroriza as pessoas da cidade. Essa criatura tem uma propensão a devorar crianças não batizadas, forçando as famílias a batizar seus filhos o mais rápido possível. A pessoa amaldiçoada se sente atraída pela lua o ano todo, porém em dia de lua cheia ela se transforma no Lobisomem.

O objetivo aqui é adaptar o mito original do lobisomem alagoano para os dias de hoje, modernizando-o. Pensei em abordar o tema da exclusão que alguém diferente dos padrões sofre numa sociedade.

Lobisomem Alagoano

Gustavo Michelano Rocha

15 anos

Dois amigos conversam em um bar:

- Hahahahaha! Essa foi boa, Agora vocês querem ouvir uma história estranha?

- Opa! É claro!

- Ahum, no estado de Alagoas, quando era criança, ouvi a história de um menino de uma família rica, o qual não me recordo o nome. Esse menino era o sétimo filho de uma família de seis meninas...

- Coitado desse garoto!

- Cala a boca aí, tio! Continuando. Ele tinha um tipo de distúrbio mental, acho que era bipolaridade. Enfim, o apelido dele era Lobisomem, porque de vez em quando ele tinha uns ataques de raiva e queria sair batendo em todo mundo.

- Ele gostava da lua também? Hahaha.

- Na verdade não, seu engraçadinho. Para de interromper! Como eu tava falando, ele tinha

uns momentos de calma e uns de extrema violência. Isso não afetava apenas a ele, afetava também todos a sua volta porque na escola, de vez em quando, ele batia em seus colegas.

- Então ele era meio excluído?

- Meio excluído é pouco! Ninguém gostava dele, todos tinham medo de que ele agisse de acordo com seu apelido e agisse que nem um verdadeiro Lobisomem. Então só de precaução todo mundo mantinha distância dele.

- Af, isso hoje em dia seria chamado de bullying.

- É, eu sei disso. Mesmo sua família era prejudicada por esse comportamento estranho, porém sua mãe era a única que entendia seu próprio filho.

- Típico de mãe.

- Pois é.

JUSTIFICATIVA:

O mito escolhido por mim foi “Cachorra da Palmeira”, de Palmeira dos Índios, Alagoas, que é conhecido e contado de muitas formas diferentes em todo o Nordeste e é um dos temas recorrentes da literatura de cordel.

A Cachorra da Palmeira, na maioria das vezes, trata-se de uma jovem rica e culta que menospreza ou ridiculariza algum homem tido como santo pelo povo (Padre Cícero, Frei Damião etc.), ou comete algum outro pecado e é castigada com a transformação em cadela, condenada a correr eternamente ou trancafiada em uma jaula até o fim da vida.

Atualizei o mito para o século XXI, mostrando a difamação contra o Papa via Redes Sociais.

Santa Boca!

João Pedro Parik Villar

16 anos

Mayke era um menino de boa índole, estudava no melhor colégio, tinha as melhores coisas possíveis e, acima de tudo, era muito esperto. Seu pai, dono de indústria farmacêutica, era o homem mais rico da cidade. Moravam numa mansão, com muitos empregados, objetos de luxo. Tinha o coração da jovem mais bela.

O menino tinha tudo o que queria, mas o que adianta ser educado se sábio não era. Não acreditava em Deus e tinha preconceito contra os negros. Era esnobe e mimado.

Certo dia fez um comentário infeliz sobre o Papa, que para ele era apenas mais um velho maluco do clero, que só se aproveitava dos benefícios dos tolos que o bancavam para ficar sentado

numa poltrona fingindo ser algo.

Aconteceu que sua namorada sofreu um terrível acidente e morreu, no mesmo dia em que o Papa. O menino não se conteve e sua raiva por só cresceru. Achava que o culpado pela morte de sua amada era o Papa, que por João Paulo II tanto ser ofendido por ele, fez uma prece contra seu amor.

O garoto, com raiva no coração, viu que as pessoas só se preocupavam com a morte da santidade e não de sua namorada. Novamente fez um comentário infeliz, mas desta vez em rede social. Logo, por tanto mal falar de João Paulo II, o garoto teve seu castigo merecido: prisão. Pena não ter utilizado sua inteligência para o bem. Agora estava destinado a pagar por aquilo que fez.

JUSTIFICATIVA:

Por muitas vezes ouvi o mito da mãe d'água, mil histórias sobre uma mulher que seduzia os homens à beira de um rio e os atraía para o fundo. Esse mito surgiu a partir de uma mistura da tradição indígena e da europeia e foi transmitido aos pescadores, que à beira do Gramame, na Paraíba, ouviam histórias de desaparecimentos. Esse mito apresenta de incrível forma o comportamento humano: a ambição do homem, o desejo quanto a mulheres e bens materiais. Mal sabem eles que cada mulher desejada por um homem impulsivo e ambicioso pode se tornar a mãe d'água em sua vida!

Invencível, sedutora... Vida!

Larissa Cristina Ribeiro de Souza

16 anos

Atualmente, a mãe d'água não está presente em nossas vidas como um ser, mas em situações diárias. Afinal, sabemos que todo homem deseja ter a mulher dos sonhos, ser a pessoa mais rica do mundo, ter tudo; porém, mesmo já possuindo, deseja o desnecessário e essa é uma generalização, porque existem homens capazes de esperar por seu momento na vida.

Eu mesma já presenciei uma situação assim. Um amigo meu, casado, empregado e feliz, ao menos parecia, não estava satisfeito, queria sempre mais. Nessa vida de aventureiro conseguiu encontrar tanto as mulheres mais bonitas, como uma vida cheia de riquezas. Foi realmente tudo maravilhoso, por dias, meses... Por algum tempo. Mas sempre chega aquele momento em que a realidade nos aparece. Começou sua decadência, tudo o que tinha se foi: as mulheres, o dinheiro, nada lhe restou. O fim chegou. Chegou mesmo! Sem motivos para viver, se matou. Tudo o que conquistara só o levou a decadência: as mulheres e o dinheiro. Jurava que era a mãe d'água, mas era só a vida

dele.

Mas essa não foi a única vez que aconteceu.

Talvez nem todos saibam, mas a mãe d'água pode ser um ser bondoso. Dizem que, se a mãe d'água é encontrada no verão, ela é capaz de trazer felicidade e prazeres para quem a tem e o homem paciente é capaz de encontrá-la no momento certo.

Posso citar várias histórias, mas escolhi apenas uma: conheci um senhor que, na simplicidade de sua vida, com o pouco que tinha era feliz. Buscava sempre o melhor, mas de maneira justa. Encontrou um dia uma mulher simples como ele e com ela se casou. Seu jeito de ser, esperto e inteligente, o fez prosperar e o tornou não uma pessoa rica, mas o fez sair da vida simples do sertão e, mesmo mudando de vida, continuou sendo feliz. Acredito que a mãe d'água estava ali presente. Todo homem, ao ouvir essa história, não acredita, até que encontre a Mãe d'água, seja de uma forma boa ou ruim.

JUSTIFICATIVA:

O mito A Cobra de Asas, de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, esse mito foi escolhido por mim pelo fato da Bahia ser lugar pelo qual tenho muito carinho, onde meu pai mora, e fez parte de minha infância. A tradição da serpente de asas está nas mitologias do mundo todo e esta vive nas margens do Rio São Francisco, presa numa cova, a “Cova da Serpente”, visitada até hoje. Diziam que, se fosse libertada, devoraria a todos. Os jesuítas, no século XVII, pediam aos romeiros que rezassem à Nossa Senhora, para que a serpente não pudesse voar.

Cobra de asas volta a atacar

Leonardo Pinheiro Fernandes

15 anos

Um dia seus netos lhe pedirão para contar essa história, assim como os meus pediram para eu contar para eles.

Enfim, meus netos pediram para eu contar-lhes o mito, e assim contei.

- “Há muito tempo, vocês nem pensavam em existir, em uma cidadezinha no interior da Bahia, em uma família bem pobre, um menino, chamado Loprefâncio, morria de medo da história da cobra de asas; por isso, sempre andava com um livro por entre os braços. Ele cresceu fazendo isso, assim como a maioria dos meninos de lá. Mas esse menino sentia que tinha algo especial. Não muito especial na verdade; ele sentia que, se não andasse com os livros, a cobra iria mesmo atacá-lo.

O menino cresceu e, assim como não acreditava mais em Papai Noel e no Coelho da Páscoa, começou a desacreditar um pouco na serpente também. Mas ela não deixou de acreditar nele...

Certo dia, ele decidiu não andar mais com os livros! No primeiro dia tudo bem, nada aconteceu. No segundo, também não, e assim seguiu a semana inteira.

Certo dia, estava andando com seu irmão

Jacobson, para chegar à casa de sua namorada, em um encontro duplo de casais, seu irmão com sua namorada Jairgirl, e ele com a Baragirlson. No caminho, escuro e frio, adivinha quem apareceu??? Sim, meninos, a Cobra de Asas!!! Os dois entraram em choque! Eles tentaram correr, mas a cobra tinha asas! Não dava pra escapar, então eles tentaram o óbvio, conversar com ela. Loprefâncio, começou a contar histórias dos seus livros que carregava junto ao peito entre os braços. Os três passaram a noite inteira lá. Na manhã seguinte, a cobra o interrompeu e falou que o deixaria se livrar, se ele passasse sua história adiante pelos lugares, para ninguém nunca mais andar sem um livro. Os dois prometeram e foram embora. No caminho, infelizmente um caminhão não o viu passando e o atropelou. Loprefâncio acabou morrendo e seus irmãos e familiares ficaram muito tristes, assim nunca mais andaram sem um livro nas mãos.”

- Nossa, vovô, essa história me deixou mesmo com medo!!

- Ainda bem, querido! Agora vão dormir!

- Tá bom, boa noite vovô, Jacobson!

JUSTIFICATIVA:

Alma de Gato, Maria Carahyba, Tinguçu. Um só mito, nascido no nordeste brasileiro, lá pros lados da Paraíba. Entre as muitas maravilhas do nordeste estão os mitos, mansos... Mansinhos, rumores... Infixos. Lembranças trazidas pelo vento seco de fim de noite de São João.

Vento este que traz consigo o Alma de Gato, sem cor ou forma, daqueles "brabos" que só se sente a força e só se ouve o som, da porta batida e a folhagem levada, para assolar as pobres crianças amedrontadas pelo gemido do Tinguçu no quintal. Sabe-se que vive nos quintais das residências, uma sombra que passa, sem hora para aparecer.

Em mim, neta de paraibana e baiana, corre no sangue o medo infantil do clarão do Alma de Gato, que desgraça crianças transbordadas de medo e dor. Aquelas que não suportam, simplesmente somem, ou morrem e somem na cabeça das pessoas como um monte de nada, vazio e insignificância de meros - para os outros - suicídios covardes. O Alma de Gato nos mostra o quanto o medo infantil é universal e atemporal.

Lembrança Indistinta

Marina Teles Sutija

15 anos

Ouvem-se gritos e estouros, exclamações por todas as partes: é o povo indo às ruas para vomitar uns nos outros suas insatisfações. Há tumulto, muita gente pra tudo o que é lado, um quebra-quebra só, um bando de embebedados de razões, direitos e princípios. O que ninguém viu, entretanto, foi um garotinho de calças curtas pelas canelas magras, cabelo ralo, olhar mareado – tanto na cor como na dor – e observador, ele bem gosta disso. Estudar. Estudar as pessoas e pensar sobre elas, embora no momento esteja mais perdido do que pensante. Nos bracinhos carrega um pequeno gato siamês que encontrou no meio da confusão. O pobre garoto não pode voltar para casa. Ou

pode? O medo morre por lá? Não está perdido, de fato, mas o tormento e o medo habitam sua imaginação, como algo que vem do inconsciente para o consciente e não dá espaço para mais nada. Está perdido na sua imaginação. Mas, será mesmo imaginação? De repente, no meio de toda aquela gritaria surgiu um som repentino. Um som gritante, mais alto, o primeiro som naquela noite desgraçada a amedrontar o valente menino. Naquele instante, tudo o que estava a sua volta desapareceu, ele estava sozinho com aquela voz... Aquele gemido horrendo nos seus ouvidos, na sua cabeça, como uma enxaqueca falante. Correu. Correu como que pela própria vida, deixan-

do o gato cair e alguns esbarrões pelo caminho. Chegando ao fim da rua, encontrou um grande prédio com nome estranho e uma enorme escadaria. Subiu-a até o fim, correu mais um pouco e encontrou um lugar que mais parecia um grande quintal.

"Quintal". Isto o lembrava de alguma coisa... Uma casa velha, abandonada... Gritos, ventania, portas e janelas batendo, ruindo, estrondos. Um clarão... E então, mais nada.

Quando voltou a si, era tarde demais. Estava com a vida nos ares, despencando dire-

tamente para a rua, lá embaixo, cheia de gente. Mas não foi nisso que o garoto pensou, isso sou eu quem te falo. O que ele pensou, na verdade, era quase surreal -medo - se é que se pode pensar em medo.

A notícia do "suicídio" saiu em jornais, revistas, programas de televisão, há alguns anos... Ou que fossem dias, ninguém se lembraria. Lembro-me de ouvir uma criança gritar e chorar com um gato no colo, ao lado do corpo do pequenino, que morreu como um covarde.

JUSTIFICATIVA:

O mito “A Princesa Encantada de Jericoacoara”, do Ceará, tem sua origem legitimamente portuguesa e relata a história de uma princesa moura transformada numa serpente, que só poderá voltar à forma humana quando alguém fizer uma cruz em seu dorso, com sangue humano. Fazendo isso, surgirá um reino maravilhoso e a princesa com toda sua beleza, cercada de tesouros e torres douradas. O responsável pelo desencantamento (aquele que sacrificou alguém) poderá se casar com ela.

Apesar de ser uma história imaginária, há diversas formas de adaptá-la para a vida atual. Um dos temas que está muito presente no mito é o fato das mulheres colocarem a beleza em primeiro lugar, através de plásticas, cirurgias, roupas de marcas ou até mesmo procurando homens com alto poder aquisitivo, para possuírem status na sociedade.

Serpentes de hoje em dia

Rafaella Rogatto de Faria

15 anos

Conheço uma menina de Jericoacoara chamada Val, linda, de família humilde, cuja mãe era trabalhadora e fazia de tudo para o bem de seus filhos, mas não estava satisfeita com as condições impostas a ela. Desejava ter uma mansão em frente à praia, comer caviar todos os dias, sair de limusine pelas ruas do Leblon e aparecer na televisão, mas tudo isso não passava de um simples sonho. Tentando conquistar aquilo que desejava, fugiu de casa aos 16 anos, com uma história ainda desconhecida.

Val conseguiu um abrigo, o mesmo em que eu havia ficado quando ainda era jovem. Durante os dois anos em que lá permaneceu, ainda contava sua família, porém conheceu um homem muito rico e não se importou mais com seus parentes. Mudaram-se para o Rio de Janeiro e Val, assim como muitas mulheres e jovens que nós conhecemos, só pensava em ter bolsas, joias e roupas de grife. Considerava a estética algo essencial, só falava em cirurgias e plásticas. Tudo que ela sempre sonhara

estava se tornando realidade.

Apareceu na mídia, fez um grande sucesso e continuou fazendo desfeita à sua família. Val tinha esquecido o quanto sua mãe lutara para dar o melhor a ela, assim como nossas mães fazem até hoje. O homem, cansado de sustentá-la e de se sentir usado, se separou de Val. Ela ficou desnor-teada, empobrecida e se sentia esquecida. Tentou voltar para sua antiga casa em Jericoacoara, porém foi rejeitada pela família.

Val se instalou numa fuma, sob o serrote do farol, perto da praia. Até hoje está à procura de um novo homem, para voltar a ter a vida de antes. Casa, dinheiro, roupas, joias e bolsas. Lembrome de uma história parecida, que meu avô contava quando ainda morava no Ceará. Dizia que uma linda princesa estava instalada na Cidade Encantada de Jericoacoara, na forma de uma serpente, à espera de seu herói, que desencantaria a ela e à cidade.

JUSTIFICATIVA:

O mito “Cabeça de Cuia”, que tem sua origem no estado do Piauí e vem de uma tradição branca, que conta com elementos de influência dos ameríndios. Conta a história de um pescador que, maltratando a mãe, é amaldiçoado pela mesma para viver no rio Parnaíba com a cabeça em formato de cuia e só poderá se desfazer de sua transformação após comer sete mulheres de nome Maria. Na atualização deste mito, criei uma trama a respeito de um serial killer, que mata suas vítimas nas margens do rio Parnaíba, onde a maior parte delas se chama Maria. Assim, tenta mostrar o comportamento humano de forma psicológica.

Às margens do rio Parnaíba

Rebecca São Pedro

16 anos

Em um dia chuvoso, nas regiões do Piauí, após uma longa viagem, decidi que merecia tomar um lanche. Sentei-me no balcão e fiz meu pedido. Não pude deixar de observar que, naquele estabelecimento, cinco cartazes informando o desaparecimento de mulheres de nome Maria e de homens trabalhadores da região estavam pendurados nas paredes como verdadeiros quadros, como se já fossem parte da história de todas as famílias que aquela região habitavam.

Deixando claro que os cartazes despertavam em mim certa curiosidade, um homem que nem mesmo havia notado, suspirou e disse:

- Sem dúvida, foi Zé da Cuia. – observando minha expressão de dúvida, ele prosseguiu – Quem mais poderia ser? Próximo ao rio Parnaíba e no período da noite, não há o que questionar, foi mais um ataque do assassino! E tem mais, duas mulheres de nome Maria estão envolvidas nesse “desaparecimento”. – O homem falou em tom de

ironia.

- Zé da Cuia? – questionei.

- De certo, a moça não é da região. – ele me analisou – Porque se fosse estaria bem longe daqui, trancada em casa de preferência. – levantando-se de sua cadeira, se apresentou – A propósito, sou Jeremias.

- Lúcia. – disse eu.

Olhei para o relógio do estabelecimento: exatamente 22h.

- Seu Jeremias – falei um tanto envergonhada – O senhor me desculpe, mas se importa de me contar um pouco mais sobre esse tal assassino? Pensei que esse tipo de coisa não acontecia aqui no Piauí. Para mim era coisa de cidade grande.

- Claro, mocinha! O que mais é de seu interesse? – perguntou ele, como se já soubesse aquela história de cor.

- Bom – pensei nas diversas coisas que passavam em minha cabeça. Antes imaginava que

o resto do meu dia iria ser comer e ter uma boa noite de sono, mas agora me perdia em perguntas curiosas sobre um serial killer das quais as respostas temia. Voltei de meus pensamentos – Qual é a origem desse sujeito?

- Zé da Cuia nasceu aqui mesmo no Piauí, um pouco mais longe do centro. Minha mãe conhecia uma moça que era sua vizinha, e parece que todos evitavam qualquer tipo de comentário que fosse a respeito da casinha em que Zé morava. – ele fez uma pausa. – Sabe como é, às vezes os vizinhos escutavam o que não queriam.

- Mas o que eles escutavam, Seu Jeremias? – cada vez mais tinha sede de escutar aquele caso.

- Dona Maria Constância era a mãe dele. Quando podia, maltratava o menino de jeito. Disse essa conhecida da minha mãezinha que muitas noites ela acordava com as cintadas que Dona Maria dava no garoto. Ao passo que Zé da Cuia ia crescendo, ia se tornando mais misterioso, até que um dia ninguém mais o viu. – Jeremias fez um olhar de mistério. – Nem ele, nem sua mãe. O povo acredita que ele, com suas próprias mãos, matou Dona Maria Constância. Então, quando voltou, começaram os assassinatos em série.

- Mas por que mulheres com nome Maria?

- Dizem que, nas mulheres de nome Maria, via a figura de sua mãe e acreditava que deveria matá-las.

- E o que os homens representam para Zé da Cuia, já que os cartazes alertam sobre o desaparecimento de alguns deles?

- Para Zé da Cuia, os homens representam seu pai, que diante dos maus tratos de sua mulher, nunca tomou uma atitude. – respondeu Jeremias. – E até hoje não se sabe o que sucedeu com o

homem, se morreu ou se fugiu.

- Alguém sabe como o assassino é? – perguntei preocupada.

- Só se sabe que tem o cabelo parecido ao de uma cuia, por isso o nome. Mas ninguém sabe como ele realmente é hoje, apenas as suas vítimas. – Jeremias fez novamente um olhar misterioso. – Se soubessem, a polícia já estava atrás, mas mesmo assim duvido que o pegariam, afinal ele pensa como um verdadeiro gênio.

Depois de toda aquela conversa, que para mim só existiria em filmes, eu tinha de admitir que por mais que tivesse 23 anos de idade, aparentava com todo aquele medo que percorria meu corpo aproximadamente uns 8.

Quando olhei para o relógio, os ponteiros indicavam 23h35. Percebendo que já era tarde, Seu Jeremias foi se levantando e claro que não pediria para que cedesse mais de seu tempo com uma moça que pouco conhecia:

- Bom, menina, eu realmente tenho que ir. Mas foi muito bom conversar com você. – Jeremias já pagava a conta. – Quer companhia até sua pousada?

- Não, seu Jeremias, mas agradeço a simpatia de qualquer forma e por ter ficado todo esse tempo me contando o caso – falei envergonhada.

Jeremias se despediu e seguiu seu caminho. Eu também seguia o meu, sentindo o pânico percorrendo minhas veias. Peguei o mapa que estava em meu bolso para saber a localização de meu hotel. Deslizando o dedo sobre a folha, logo o encontrei, sentindo o pavor me rodear e pude ler claramente: “Pousada Rio Parnaíba”. Então tive a sensação de estar sendo seguida.

JUSTIFICATIVA:

: O mito é o “Velho do Saco ou Velho do Surrão”, de origem Portuguesa, porém contado no Nordeste, em Alagoas mais especificamente. Quando o mito ainda era contado em Portugal, contavam que havia um cigano que pegava as crianças, porém, chegando ao Brasil, sofreu adaptação para um negro velho. O mito conta que um negro velho bem feio, sujo e mal tratado pegava as crianças que saíssem de casa sozinhas, que fossem brincar na rua ou as que chorassem muito e que estivessem sem nenhum adulto por perto, com um saco preto que ele havia achado no caminho. Logo depois de ter raptado a quantidade de crianças que ele queria, levava-as para sua casa e as transformava em sabonetes e botões. Assim as mães e criadas que se perturbavam com o mau comportamento das crianças contavam esse mito deixando elas amedrontadas, sem fazer nada “errado”, temendo a chegada do velho. Hoje, infelizmente, não é o mau comportamento das crianças que nos faz pensar no “Velho do saco”, mas a violência que pode atingir nossas crianças nas ruas.

O Homem do Saco

Sophia Gould Santoliquido

15 anos

Crianças, tenho uma história muito interessante para contar... Sabem, bem antigamente, mas bem antigamente mesmo, se falava por aí que havia um negro velho, bem feio e desajeitado que atacava criancinhas que choravam muito, que saíam de casa sozinhas ou que eram muito mal educadas. Porém muitas crianças não acreditavam nesta história. Até que um dia aconteceu com um amigo meu de infância... Ele sumiu! Sim ele sumiu e nunca mais voltou.

Ninguém sabia realmente o que tinha acontecido com ele, só sabiam que ele tinha desaparecido. Seu nome era Carlos, uma pessoa muito boa, um grande amigo meu, porém não respeitava

seus pais e vivia chorando por aí. Até que um dia, depois de chorar por 5 horas seguidas, apareceu um velho no seu sítio. Carlos andava triste por entre as árvores, sem perceber que esse velho andava atrás dele, seguindo-o

Depois de um tempo andando, Carlos se vira e o vê atrás dele. Primeiramente fica assustado, mas depois pensa que é um dos seus empregados, que de acordo com ele andavam sempre mal vestidos. Carlos deu bom dia e continuou andando. O velho ficou indignado com o comportamento do menino por não tê-lo reconhecido. Com tanta indignação, uma raiva muito forte possuiu o velho que acabou pegando o menino e colocando-o no saco, e o

menino ainda assim acreditando que era uns dos seus empregados brincando de alguma coisa. Eita menino burro, né, crianças? Hahaha...

- Também acho, Vô!

- Nossa, Vô, até eu sou mais esperto que ele. Hahaha...

Só depois de muito tempo Carlos começou a ficar com medo, pois dentro do saco estava sem ar, assim ele não conseguia mais respirar, passou mal e morreu!

Até hoje, como eu disse, ninguém sabe de

nada sobre ele por enquanto. Todos sofreram muito com o seu sumiço, inclusive eu.

Hoje em dia ouço muito falar sobre sequestros, estupros, assassinatos e vejo como coisas ruins acontecem por aí sempre. Toda manhã, ao ligar o rádio, ouço alguma desgraça ou mesmo quando volta e meia folheio os jornais. Para mim o futuro irá fazer o mundo crescer em tudo: tecnologia, educação e, infelizmente, em crueldade também...

JUSTIFICATIVA:

Posso me considerar uma pessoa privilegiada por ter conhecido o Nordeste, especialmente o estado de Alagoas, onde toda a família do meu pai nasceu. Meu pai, desde muito pequeno, ouvia histórias e mitos que meus avós lhe contavam, assim como eles também ouviam quando pequenos.

Um mito que ouvi, em uma das viagens que eu fiz, foi o Rasga-Mortalha. Rasga-Mortalha é um pássaro também chamado de “graxadeira” que, ao sobrevoar as casas com seu canto parecido com o rasgar de um tecido, “anuncia” a morte de alguém que reside nesta casa. Deu-se esse nome porque mortalha é a roupa com que enterram as pessoas falecidas. Apesar de ser um mito muito antigo, minha família passou por uma situação envolvendo esse ser mitológico, e acreditam, na era da informação e da comunicação, com altíssimo desenvolvimento tecnológico, que a morte pode ser anunciada por meio do cantar de um pássaro.

O mensageiro da morte

Vitória Aparecida Araújo Rocha

15 anos

Em um fim de tarde, enquanto as crianças brincavam de jogar pião durante o crepúsculo, minha avó, Dona Ana, preparava o jantar que só ela sabia fazer, aquela comidinha com o tempero do nordeste que dá água na boca só de sentir o cheiro. Aguardava a volta de meu avô, Seu Edvaldo, que chegaria do trabalho.

De repente, todos ouvem o cantar de um pássaro que, para Dona Ana, lhe era familiar e que lhe causou um imenso desespero...

O “Rasga-Mortalha” era um pássaro temido por todas as pessoas. Ao ouvir o canto desse pássaro, as pessoas já se assustavam e tinham um pressentimento: alguém haveria de morrer. Doente ou não, velho ou jovem, essa era a crença... Esse pássaro tinha a missão de ser um mensageiro divino,

o mensageiro da morte, o qual já previra a morte do pai de minha avó.

Em plena noite de São João, após uma semana inteira com o mesmo cantar do pássaro ao anoitecer, a casa estava repleta de pessoas, todas cantando e dançando músicas do baião. Seu Edvaldo tocava alegremente sua sanfona em volta da fogueira que ardia na noite estrelada de São João. Todos estavam alegres, afinal era a festa mais esperada da cidade. Dona Ana preparava os comes e bebes para os convidados e meu pai, Roberto, ajudava-lhe a servi-los. Por ser o filho mais velho, ele sempre ajudava nos afazeres domésticos e colocara as irmãs Rosângela, Rosenilda e Roseane para dormir quando a madrugada caiu.

Perto do amanhecer, quando a festa já estava pra-

ticamente acabando, a Roseane saiu da cama e foi direto para o quintal. Ao entrar em contato com a brisa fria e por estar quente após sair da cama, ela acabou levando um choque térmico. Foi um grande desespero. Ela sentiu falta de ar e estava parando de respirar. Minha avó pegou-a nos braços, fez de tudo para recuperá-la daquele estado em que se encontrava. O temor tomou conta de todos que ali estavam. Uma das razões da vida de minha avó estava morrendo em seus braços. O hospital mais próximo estava a 6 km da casa de meus avós e só poderiam leva-la a pé. A única

chance que ela tinha de sobreviver estava horas e horas longe dali. Sua vida estava indo assim como a brisa fria da madrugada ao amanhecer. Fizeram de tudo. Não tinha mais jeito. Esse era o seu destino como na mensagem do pássaro. Como na previsão do Rasga-Mortalha, alguém daquela casa haveria de morrer e esse alguém foi minha tia. Isso reflete o quanto o homem faz parte da natureza, estabelecendo assim, uma relação de união, integração e dependência, mesmo em pleno século XXI, na Era da Tecnologia.

20
ANO

EM CONTO FANTÁSTICO

Tradições Nordestinas

Obra motivadora: **"A hora da estrela"** de Clarice Lispector e **"Insônia"** de Graciliano Ramos.

2º ANO

PRODUÇÃO DE TEXTO – 2º EM



// – *Eu morei no Recife; eu morei no nordeste; eu me criei no nordeste. E depois, no Rio de Janeiro, tem uma feira de nordestinos no Campo de São Cristovão e uma vez eu fui lá e peguei o ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro. Daí começou a nascer a ideia.*
Clarice Lispector (vídeo) Programa “Panorama Especial” [sobre a criação do romance A Hora da Estrela, transcrição livre]. //

A maioria das pessoas já pensou, em algum momento, em mudar completamente sua vida. Mas, como o fazer? As mudanças podem ser físicas como o fizeram em suas trajetórias migratórias Macabéa, protagonista de A Hora da Estrela, e seus autores, Clarice Lispector e Rodrigo S.M., ou imaginárias, como o fez também Macabéa, por meio do cinema, em seu fascínio pela estrela de cinema Marilyn Monroe.

A Migração e a Arte podem ser formas de escape à insatisfação humana, diante da sociedade capitalista e das convenções familiares e sociais?

Para responder a esta pergunta em seus **contos fantásticos**, os estudantes do 2º ano do Ensino Médio fizeram uma viagem no tempo e no espaço, ao século XIX, com os mestres da literatura fantástica, Oscar Wilde e Edgar Allan Poe, mas foi no século XX, com

o alagoano Graciliano Ramos, no conto Paulo, que mergulharam no universo da literatura fantástica nordestina.

Com a também alagoana Macabéa, de A Hora da Estrela, fizeram uma reflexão sobre a condição nordestina de estar em diáspora, estar em trânsito, nascer em trânsito, transitar entre estados brasileiros, a condição de sentir-se “estrangeiro”.

A travessia retirante de Macabéa espelha tanto a travessia bíblica dos judeus Macabeus, quanto a travessia pessoal da própria escritora Clarice Lispector, judia nascida na Ucrânia, vinda no colo dos pais para o Brasil e, enfim, naturalizada brasileira. Clarice se declarava brasileira e pernambucana.

Após a produção de um Diário de Leitura para A Hora da Estrela, nossos estudantes imaginaram como um homem comum pode fu-

gir da insatisfação em seu cotidiano, por meio da Arte em um fato absurdo ou fantástico.

Nas próximas páginas, vocês encontrarão homens, mulheres, idosos, adolescentes, executivos, zeladores de prédio, moradores de rua;

enfim, migrantes que vêm para o Sudeste e outros que voltam para o Nordeste... Todos em busca de sentido na vida. São desenhos que “engolem” seus desenhistas, estátuas que ganham vida, leitores que mergulham nas histórias...

Gizele Caparroz de Almeida

Professora do Colégio Sidarta

“Achei interessante produzir um conto fantástico baseando-me na realidade de muitos nordestinos e ainda relacionar com histórias de pessoas muito próximas a mim que enfrentaram dificuldades.”

Juliana Morissawa F. Santos

“A iniciativa de trabalhar em sala de aula a questão da cultura nordestina inserida no conto fantástico foi muito válida, porque em pleno século XXI ainda observamos muito preconceito para com nossos conterrâneos. Eu focalizei a elaboração do meu texto na temática do recomeço, porque a migração é exatamente isso, um recomeço. A migração é a esperança.”

Jasmim Caparroz de Almeida

RECOMEÇO

Abidan Henrique da Silva

16 Anos

Enfim adeus. Adeus ao sonho que virou pesadelo. Adeus ao mar cinza que me sufocou”.

Foi com essas palavras que Alberto se despediu de São Paulo. Embarcou no ônibus que saía da rodoviária do Tietê em direção a sua terra natal, Sergipe. Acomodou-se no fim do corredor. Como tinha poucas malas, só as jogou por cima do assento. Sobrou à mão apenas seu diário. Parece que essa foi a única benção que essa terra lhe deu, mas benção por quê? Ela apenas transparece desgraças.

Desde 1995, data da chegada do migrante nordestino, mais precisamente no dia 20 de fevereiro, ele começou a escrever. Cerca de dez volumes. Exemplares de todos os tipos, caderno de escola, diário mesmo, uma agenda, caderno espiral: todos estes contavam a chegada de Alberto, então com 12 anos, e todos os outros dias. Intermináveis dias de sofrimento e angústia.

Indigente. Essa era a sensação que predominava.

Havia uns três meses que ele não trabalhava.

Deu-se conta de que, na verdade, desde que tinha saído do nordeste nunca mais entrara numa escola. Sua vida era apenas o seu diário e trabalho, quando tinha. Observou que o último exemplar do diário só restara uma página. Decidiu que essa última página seria a primeira de um novo momento de sua vida.

Desgraça. Foi uma das principais palavras que o marcaram. Depois de 5 anos morando na grande

metrópole seu pai morreu, com mais 2 sua mãe, aos 19 estava sozinho, aos 20 num ônibus de volta. Recostado no banco com seu passado aberto na mão e seu futuro andando sobre seis rodas, lembrou que toda aquela aventura diatópica que viveu um dia fora um sonho de seu pai que, ouvindo histórias de nordestinos vitoriosos na Canaã brasileira, vendera tudo, até a casa. E hoje, o que restou foi... De valor? Nada. Aliás, minto. Restara algo, o dinheiro que ele gastou na passagem. Ele olhava a sua volta e via um ônibus quase vazio. As pessoas que estavam ali não passavam de reles miseráveis como ele. Pessoas que perceberam que o caipira tímido e desprovido de qualificação não tinha como competir com as sanguessugas metropolitanas. Todas, sem dúvida, voltavam com uma mão na frente e a outra atrás, todas maltrapilhas... Exceto... Nesse momento passou um senhor ao seu lado indo ao banheiro, sobrepulado de joias, roupas de grife e cabelo bem feito. Um em um milhão? Eu devo ser o primeiro, o centésimo ou o penúltimo, mas não importa, sou só mais um no meio da multidão. Percebeu. Percebeu que a grande oportunidade que tinha estava lá atrás, a oportunidade que ele e sua família tinham de escolher: não viajar, deixar prevalecer o bem estar da família e não a ambição. Pensara em como seria bom ter ficado.

O sol se punha, o sol nascia. Nesta reflexão perdera até a noção do tempo. Por incrível que pare-

ça, no meio desse turbilhão de pensamentos, até chovera. Nesses três dias, preso nessa lata ambulante num silêncio absoluto em que só se ouvia o barulho do ônibus nos buracos das estradas, mal dormiu. As náuseas já o dominavam naquela estufa velha. Aquele banheiro de uso exclusivo de diversas gerações de migrantes era insuportável. Pelo menos ele ouviu um burburinho na poltrona da frente de que a chegada estava prevista para amanhã de manhã. Tranquilizou-se.

Com todas as forças que restavam, dormiu.

- Ei, menino! Final. Já chegamos. Gritou o motorista da frente do ônibus.

Alberto se levantou rapidamente, apesar do corpo doído, as costas entrevadas, os olhos embaçados, pegou suas malas e saltou. Nossa! Aquela rodoviária lotada deu até desânimo. Sem ter para onde ir, pensativo sobre o futuro, sentou-se no banquinho branco perto da lanchonete. Espreguiçou-se, limpou os olhos, e este lugar? É... Muito parecido com algo que já viu. Aquela lanchonete, as placas,

se lembrava daquela loja de funilaria do Chico do outro lado da rua.

Ele começou a se sentir um pouco estranho. Seria um déjà vu, não. Nem pensar. Bem distraído pegou seu diário e... Nada. Absolutamente nada. As folhas do diário estavam todas em branco. Como tudo se foi? Todos os exemplares em branco.

Ficou assustadíssimo. A única coisa que tinha se fora. Então um pouco sem saber o que fazer, queria escrever mais um golpe que a vida acabara de lhe dar. Mas não tinha relógio, nem sabia a data. Até que uma mulher se sentou a seu lado e ele logo perguntou:

- Com licença, que dia é hoje?

- 20. Respondeu a mulher.

- E o mês?

- Fevereiro. Respondeu ela com estranheza. Então de olhos arregalados o menino fez mais uma pergunta:

- De que ano?

- 95, garotinho.

SONHO NORDESTINO

Beatrice Rabelo Rolim

16 anos

A casinha verde quase caiu quando a mulher escorregou da cama. Apoiada praticamente por uma viga, Maria tinha medo a cada vez que dava um passo na casa. O marido ainda dormia e ela foi fazer o café. Percebeu que acabara e estremeceu ao pensar na reação do marido quando acordasse. A nordestina decidiu ir para a roça antes que apanhasse logo de manhã. Olhou a foto da cidade grande onde morava sua irmã, como de costume, e logo foi procurar os três filhos, que dormiam no mesmo quarto dos pais. Mas o terceiro parecia não estar lá. “Deve estar na roça já”.

Era indo para a roça encontrar seu filho para trabalhar, passando pela sua vilinha naquele sol escaldante, mais mato seco do que casa, mais pobre do que vila, que ouviu a velha louca Macabéa cantando doideiras como normalmente cantava. Cada vez uma doideira nova, cada vez uma pessoa nova que sua loucura contagiava.

“Cala o bico, marmota-de-bexiga-livre!”

“Na pedra dos gaviões, uma mulher deitada; O nome é Maria; A dor conduzindo o filho terceiro; Nas garras do mundo sem guia, vai nascer outro, os homi ouviram; Vai nascer outro homi, outro homi”...

A música lhe estagnou no chão e seu coração parou. A bruxa estava cantando sobre ela.

“Para de me encher, sua satanás de rabo”! Vai cantá sobre o Jacó que hoje tô uma peste!”

“Seu filho não tá na roça não.”

A velha ria. Maria parou. A doida não batia bem da cabeça, mas tinha fama de “aconte-

cedora”. Ela continuava a cantar:

“O seu nome é Stanley, mais um filho da pedra dos gaviões, mais um homem para trabalhar, da montanha, do recôncavo do sol, e eu aqui vou cantar, sua morte sua vida, seu retrato sem cor, seu recado sem voz”.

“E é onde que ele tá?”

“Na pedra dos gaviões.”

A mulher parou de ouvir a bruxa, não existia pedra de gavião nenhuma naquelas redondezas. Continuou seu caminho para a roça normalmente, mas a música parecia ter lhe atingido nas entranhas. Ao chegar à rua da roça, olhou para a outra rua perpendicular a esta. A rua em que ninguém passava. Todo mundo que ia por lá, ia com um saco de roupas para nunca mais voltar. Uns falavam que iam para cidade grande, outros falavam que levava para um excomungado fado. Por alguma razão, a música ecoava em sua cabeça... “Na pedra dos gaviões, uma mulher deitada; O nome é Maria; A dor conduzindo o filho terceiro; Nas garras do mundo sem guia...”

A música parecia lhe puxar para aquele caminho, quase contra a sua vontade. Sabia que se fosse, nunca mais iria voltar. Pensava em sua família. Seus filhos precisariam dela. Mas... o filho terceiro havia ido embora e os outros dois estavam crescidos, o marido era maldito e a vida era árdua.. Maria não tinha vontade de viver, sem esperança. Quando percebeu, já estava na rua, caminhando em direção ao desconhecido. A estrada era abandonada, de terra seca, assim como sua paisagem, sendo composta apenas por

árvores e montanhas que um dia já foram vivas. O horizonte marrom e o recôncavo do sol deixaram a nordestina tonta após o que pareceram horas. As árvores pareciam não estar tão mais definidas assim, apenas uma mancha sem fim de secura e tristeza. Sem guia, sem direção, Maria ia em frente, até suas pernas agirem por conta própria e ajoelharem de cansaço.

“Levanta, a pedra dos gaviões está logo ali.”

A mulher olhou para frente e lá estava um homem mirrado e louro.

“Levanta.”

O homem ajoelhou em sua frente e repetiu.

“Levanta, Maria.”

“Como...?”

“...Que sei seu nome? Estive te observando nesse caminho.”

“Onde estou?”

“Está na metade. Ou não. Está no epicentro; Ou no fim. Talvez esteja no começo, isso depende de você.”

“Metade de quê?”

“Já falei, mulher! De chegar na Pedra dos Gaviões!”

“O que...é pedra dos gaviões?”

“Minha casa, o seu sonho, uma vida boa, pode escolher. O que é importante saber é que você está no caminho. Mais importante saber é o que você vai fazer quando chegar lá.”

“Vou chegar? Parece tão distante...”

“Vai chegar se sair desse chão, mula!” - Os olhos azuis do homem brilhavam de maneira quase louca, e ele começou a puxá-la do chão. Quando ela finalmente se levantou, perguntou:

“Quem é você?”

“Eu e você já sabemos que você sabe a

resposta.”

Ela sabia. A nordestina olhou para os lados, não parecia ter mais nada além de nada.

“Me acompanha? Tô com medo.”

O homem lhe acompanhava a seu lado, em silêncio, apenas assobiando. O tempo passou, ela não sabia quanto, mas ele parecia passar mais rápido agora que tinha sua companhia. De repente, apareceu: A pedra gigantesca que lhe cobria a vista para tudo mais. Maria a escalou correndo, imaginando quantas maravilhas teriam no topo e atrás da pedra. Cidade grande, riqueza, homens que a amassem, celebridades? Quando chegou no cume, o que encontrou foi sua casinha verde. A nordestina ficou confusa, havia voltado de onde tinha partido? A paisagem parecia exatamente a mesma, até as mesmas roupas no varal estavam penduradas. O louro terminou de escalar a pedra e sorriu para Maria.

“Entra, Maria. Você quase chegou.”

“Mas essa é a minha casa! Mesma casa feia, pobre e miserável! Como posso estar no lugar que você prometeu? É minha casa que está aqui! A infelicidade está aqui? Pensei que estaria... estaria... na pedra dos gaviões!”

“Você está. Olhe de novo.”

Maria olhou novamente. Em dentro, estava seu terceiro filho, olhando para a janela. Seus olhos refletiam para o que parecia uma rua movimentada cheia de carros. A nordestina olhou para o acompanhante.

“Entra, Maria. Acredita em mim. Não é o que você esperava, mas é o que você procurava.”

Maria entendeu, acenou a cabeça. E entrou.

Stanley sorriu mais uma vez e desceu a pedra, assobiando.

O Voo

Bruna Ramos dos Santos

16 Anos

Isabel nasceu e cresceu na Bahia. Ela gostava de lá, era um lugar calmo, conhecia todos e tinha amigos. Na verdade, a cidadezinha em que vivia era como uma só família, mas não era um bom lugar para tratamentos de saúde e ela estava doente. Na verdade ela nem mesmo sabia o que tinha. Por isso, viera para São Paulo com os pais.

Não gostava de São Paulo, cidade barulhenta, de pessoas apressadas que não falavam com ninguém. Aquelas pessoas não gostavam dela. Seu sotaque que deixava claro de onde ela viera parecia incomodá-los. Ela não conhecia ninguém, nem na escola tinha amigos. Ia sempre da escola para casa ou para o hospital.

A única coisa que gostava de fazer era ficar em seu quarto desenhando. Ela desenhava bem, não se lembrava a partir de quando e nem como aprendeu, apenas fazia. Tinha uma preferência por paisagens, adorava desenhar a si mesma em lugares a que nunca fora.

Um dia em especial sentia saudade da cidade em que crescera. Então desenhou de memória a rua em que morava. As casas pintadas de cores alegres, já desbotadas, as árvores que faziam sombras no sol intenso. Ela parou para observar sua obra. Tudo naquela imagem era de uma nostalgia incrível. As árvores em vários tons de grafite pareciam se mover com o vento calmo, comum naquele lugar. E ela podia enxergar as cores que não havia usado, as árvores cinza adquiriam um

verde calmo. No céu podia ver o azul e poucas nuvens brancas movendo-se lentamente. Olhou para cima e viu o céu prolongar-se sobre sua cabeça. O ar quente em seus braços e o sol esquentando sua pele.

Ouviu uma batida na porta que ela não via.

- Vem jantar – chamou sua mãe com um tom cansado.

Que bom que ela não entrou! Poderia imaginar a cara da mãe ao ver aquela cena toda. Teria um ataque.

E lentamente como adquiriu a cor tão real, a paisagem voltou a ser cinza e se limitou novamente ao espaço de uma folha em um suporte de quadros.

A família jantou olhando para a televisão. Ela adorava ver notícias ou qualquer programa que falava sobre lugares distantes. Queria poder visitá-los um dia... um dia. A notícia que viu naquele dia foi sobre o outro lado do mundo. Um lugar no Japão onde havia muitas flores, flores rosa que quase cobriam a paisagem.

Ela teve uma ideia. Terminou de jantar rápido e voltou para seu quarto. Pegou seu lápis e outra folha. Com traços leves reproduziu o que lembrava do que vira. Não demorou muito e o lápis transformou-se em linhas que formavam uma rua rodeada por árvores que pareciam ter apenas flores. Flores que se movimentavam com o vento. Ela ficou maravilhada ao ver a paisagem

cor de rosa se estendendo por seu quarto. Ela abraçou seu próprio corpo para se aquecer, estava realmente frio. Mas nada tirava a beleza daquele lugar. Pétalas caíam levemente em seu cabelo, ela pegou uma e observou de perto o floco de neve rosa. Ela o soprou e sorriu.

Aos poucos o lugar voltou a ser seu quarto simples de paredes marfim, e a imagem voltou a ser cinza no papel.

Isabel queria ver mais, mas decidiu dormir, sonhando com a mesma cena durante a noite. Mas nada tão real quanto o que vira, ela não podia sentir o frio, o vento.

O dia seguinte se passou normalmente. Já na escola, estava em sua mesa em um canto da sala olhando para os desenhos que havia feito na noite passada. Eles estavam como ela havia feito, nem sinal de vento movimentando árvores ou nuvens. Talvez tivesse sonhado com tudo aquilo. Não, definitivamente não, não fora um sonho!

- Olha que legal – uma menina a surpreendeu ao comentar de seu desenho – foi você que fez?

- Foi – ela mais murmurou que falou.

- Por que está olhando tanto pra ele? – questionou a menina, com uma sobranceira erguida, seu típico olhar de desprezo.

- Quero descobrir por que ele não está se mexendo... – e no mesmo momento em que a frase lhe escapou pelos lábios, ela se arrependeu.

- Será que é por que é um desenho? – ela riu irônica – ei gente, olha essa doida achando que o desenho se mexe – a menina anunciou para a sala toda rindo, fazendo todos rirem em seguida – além de falar estranho é doida.

Depois do comentário maldoso ela saiu de perto de Isabel como quem tem aversão a um

animal. O dia passou lentamente e ainda pior que os anteriores. Agora era a nordestina louca.

Quando chegou em casa, estava desamparada e triste, realmente ninguém gostava dela, não tinha chances de ser feliz naquele lugar. Seus pais tentavam disfarçar, mas discutiam sobre o último diagnóstico do médico, não pareciam felizes. Como por impulso ela ligou a TV e ficou olhando sem prestar atenção. Ela só se interessou quando viu uma torre de ferro enorme rodeada por uma bela cidade na tela. O nome era algo como Torre Eiffel e ficava em Paris. Ela prestou atenção em detalhes do lugar e, assim que os comentários sobre a cidade acabaram, ela correu para o quarto.

Isabel colocou uma folha grande no suporte e pegou seus lápis. Ela desenhou com traços fortes e rápidos a enorme torre. Aos poucos a cidade se formava a sua volta e o traçado ficava mais calmo, leve e firme. Assim que terminou, passou a olhar pela tela. E ela esperou, esperou e esperou mais. Até sentir um frio que não vinha das janelas fechadas. E a imagem aumentou de tamanho, adquirindo cores não muito mais vivas que o cinza do grafite. O céu denunciava uma tempestade iminente. Ao olhar para baixo Isabel se surpreendeu ao ver que estava olhando a cidade de cima. Mesmo assustada ela quis olhar mais de perto a cidade a sua volta. Abriu os braços e sentiu como se flutuasse. Ela não poderia ficar? Será que ali também seria desprezada? Uma lágrima foi ao encontro do chão que estava tão distante. E ela deu mais um passo. Sentiu muito vento no rosto e fechou os olhos, sentia-se leve como nunca. Era um belo lugar! O cavalete caiu. E da torre podia-se ver um pássaro levantando voo, de encontro ao céu.

A LOCOMOTIVA

Erika Milreu Grasnoff

16 Anos

Essa história é de um migrante. Nascido e criado no interior do Ceará, logo após uma grande seca nas terras cearenses, ele foi em busca de uma qualidade de vida melhor no sudeste. Ao chegar na cidade: carroças, fumaça de cigarros, polícia, mulheres bonitas sentadas nos bancos das ruas com os seus vestidos extravagantes. Era por volta de 1870.

Ele não era um homem feio. Na verdade, seus olhos esverdeados eram seu charme. Em sua terra natal, era conhecido por eles. Uma raridade no interior. Ele também não era negro. Mas por ter trabalhado por muitos nasceres do sol, sua pele escurecera. Porém seu cabelo só clareava. Ele era albino comparado aos seus colegas trabalhadores. Nos seus vinte e poucos, nunca havia amado. Mas ele não sabia o que era amor. Mal sabia ele que isso iria mudar em pouco tempo e iria mudar sua vida para sempre.

Ao dar seu primeiro passo em terras paulistas, já se assustou. O medo pingava da sua testa e suas costas. Suas mãos estavam trêmulas, por não saber por onde começar sua vida nova. Ele não tinha ninguém para lhe explicar os fatos da vida. Aos quinze anos já sofrera muito e precisava ser o arrimo de sua família. Ainda no Ceará, um dia, ao voltar da lavoura, deparou com uma cratera no lugar de sua casa. Os corpos de sua mãe e de suas irmãs espalhados e ensanguentados. Foi nesse dia que decidiu sair de lá.

Enfim, ao descer do bonde que o levou para o centro, um homem o abordou e lhe perguntou:

- Gostaria de trabalhar em um lugar espaçoso, com colegas assim como você, e com benefícios únicos, como passe-bonde? Se sim, venha para a indústria "FerroBR"! Estamos contratando agora!

Ele deu um leve sorriso enquanto o homem o conduzia para um enorme galpão, logo em frente ao ponto de bonde. E que galpão! Soltava fumaça! Ele entrou numa sala cheia de pessoas com o mesmo cheiro que ele. Assinou um papel e, ao fazer isso, o homem o levou para fora e falou que o veria somente na segunda da semana seguinte, que seria seu primeiro dia de trabalho na indústria. Aconselhou-o a "aproveitar a paisagem" enquanto teria tempo livre, pois sabia que seriam seus únicos dias de folga.

Quando começou a trabalhar, seguia pelo mesmo caminho todos os dias quando, enquanto passava pela rua principal, que era o altar dos fios que abraçavam os postes num só casamento conjunto, ele a percebeu. Nunca havia visto coisa mais mágica. Pela primeira vez na vida, ele a vira. Chamavam-na de Maria. Ela passava todos os dias naquela mesma rua, ia e voltava, pra lá e pra cá. É claro que ele não estava presente todos os momentos em que ela estava lá, mas de manhã e à noite ele dava uma passada. Ela sempre o acom-

panhava da fábrica até sua casa. Porém, nunca dizia adeus, vivia como se a vida fosse um trilho interminável, pois não podia evitar o propósito de sua vida, o porquê de sua criação, infinita se pudesse. Ele detestava deixá-la todos os dias para somente revê-la horas depois. No trabalho, era o único que sempre saía cedo de casa e o que saía antes de todos só para vê-la.

O fogo que aquecia a sua paixão era o mesmo que ela usava para continuar em movimento. Era como se transformasse carvão em emoção, uma locomotiva movida pela chama da paixão. Ela gastava toda energia para ir vê-lo. Ele a achava encantadora. Queria entender como isso era possível: ela com maior fôlego, enquanto ele não conseguia nem alcançá-la.

Um dia, se atrasou na hora bater o ponto porque estava pensando nela. Encontrou-se naquele momento no mesmo horário de saída de todos os outros trabalhadores. No vestiário, ouviu os homens perguntando uns para outros: “E aí, vai com a Maria hoje?”. Ele não conseguia entender... Maria, com outros homens?

Ele não podia crer na traição dela, como nunca

havia enxergado tal coisa? Estaria cegado por seu afeto? Não acreditava na ideia dela acompanhando outros homens às suas casas, e cada vez que se aprofundava nesse pensamento, aborrecia-se mais, mais do que poderia imaginar.

Nessa mesma noite, ele não conseguiu seguir com ela para sua casa. Seus pensamentos o atordoavam. Conduziu a noite pensando na possibilidade de ela não ser real, somente uma idealização, uma expectativa criada por sua mente.

Ao caminhar pelos seus trilhos, se perguntava se o que estava sentindo estava certo. Porém, nunca iria deixar de amá-la. Sentou-se. E além de cego pela devoção que possuía por ela, ele havia sido inaudito. Não ouviu que ela estava se aproximando para tranquilizá-lo.

Ela foi aconchegar-lhe e, ao se estender cada vez mais próximo dele, o atropelou.

O último vagão de seu corpo metálico trespassou seu corpo, mas não havia nenhum sangue. Longe disso. Pombas voaram para o céu de onde ele havia sido assolado. Todas refletindo o mesmo conceito: seria essa era a liberdade esperada?

A BANDA DE JAZZ

Eucilene Silva de Melo

16 Anos

José...

Um nordestino que perdeu seus pais quando tinha 3 anos de idade e, a partir daí, foi para um orfanato simples de Arapiraca, em Alagoas. Sinceramente, nunca encontrei tão personalizada pessoa. José apresentava um caráter de impressionar, e possuía um “ar misterioso” que algumas vezes o fazia parecer melancólico. Sua única alegria era a música, o Jazz.

Quando completou dezesseis anos soube que uma tia sua, que morava em São Paulo, fora encontrada, e que então ele seria levado para morar com ela. Foi um momento de surpresa para José. Ele não sabia o que sentir.

Chegou o dia da viagem. Com o seu jeito acanhado se despediu do orfanato e partiu em direção a uma nova vida. Quais seriam as surpresas? Se é que teria alguma... Ao chegar em São Paulo, sentiu-se em uma verdadeira prisão, principalmente quando viu o imenso prédio em que iria morar. Não conseguia se expressar, não conseguia falar, sentiu sensações estranhas, medo talvez.

Mesmo com o passar dos dias, sua tia - que desde o começo foi clara ao dizer que só estava com ele porque não tinha outra opção, e que daria o básico para ele conseguir viver - não puxava assunto. Matriculou-o numa das escolas públicas que ficava do outro lado da cidade, e por isso, ele precisava sair muito cedo para chegar na primeira aula, e chegava em casa muito tarde.

Mas seria bom se a distância fosse o seu único problema naquela escola. A discriminação, os apelidos e as implicâncias o sufocavam cada vez mais. Sentia-se amedrontado e, como não podia contar a ninguém, colocava seus velhos fones de ouvidos e ouvia o som que vinha daquele antigo, quebrado e escuro Walkman que ganhara de aniversário de dez anos no orfanato.

Sentado no sofá azul esbranquiçado da sala, ouvindo aquele som que se impregnava em seu cérebro de forma doce e confortante, resolveu subir à cobertura do prédio em que morava. Era noite, estava frio, muito escuro, nublado, o som estava bem alto, acho que se eu lhe gritasse não me ouviria...

Andando por entre muitos objetos e coisas velhas, deu de cara com um enorme painel grudado à parede que sustentava a imensa caixa d'água reserva do prédio. O painel estava sujo, escurecido, coberto por teias de aranha e poeira. Ele por um momento sentiu-se perturbado e saiu, dando às costas ao painel. Porém, algo lhe chamava de volta... O som ficou mais alto, José se deu conta de que não havia sequer tocado em seu Walkman. Virou de volta ao painel, sentia sensações estranhas, desmaiou... O que havia naquele painel? A imagem de uma banda de Jazz. Sim, uma pintura de uma banda de Jazz. De repente o som do contrabaixo estampado e do saxofone enferrujado começava a aumentar. A música estava alta. Do

Walkman? Do painel?

Houve uma grande iluminação, José sentiu uma queimadura em seu rosto... Seu coração disparou forte. Teve vontade de gritar, se expressar... Envolto naquela brisa quente e no som que o confortava, sentiu-se feliz por um momento.

Acordou atrasado para a escola.

Chegou à aula, com um semblante diferente. Tudo o que passara na noite anterior o deixara perturbadamente feliz. Aguentou todas as provocações e zombarias, com seus fones apenas. Passou o dia inquieto, queria ver o painel novamente, queria sentir o que sentiu na noite anterior. Mas... Estava tudo tão artificial...

Passaram os dias, José fazia a mesma coisa de sempre, chegava da aula e ia direto à cobertura do prédio... Colocava o som do Walkman no último volume, deitava-se em frente ao painel... Acontecia tudo... Será?... Era um sonho?... Talvez.

José, por mais que se sentisse angustiado, solitário e deprimido, afogava todas essas coisas com a música, quando ouvia seu Jazz nada mais o incomodava. Porém, um dia, as coisas passaram dos limites. Os insultos não foram suficientes,

um grupo de malfeitores atacou José quando ele voltava para casa. Sentiu em sua carne a dor do desprezo, da humilhação, pensou que ia morrer; os chutes e socos o fizeram delirar... Foi um momento terrível. Deprimente... Conseguiu chegar em casa, subiu para seu lugar de paz, se deitou, ligou o som, esperou instantes... Como se estivesse em transe viu que a banda se mexia, mas não tocava. O contrabaixista escorava seu enorme instrumento na parede... O barulho dos carros treze andares abaixo de onde José estava, parecia chamá-lo para baixo... Ele dirigiu-se ao parapeito do prédio, sentiu-se como um imã sendo puxado por uma ponte de ferro...

“José”!

Não pode ser... Ou poderia? O negro, de corpo redondo e sorriso claríssimo, contrabaixista falou para José: “O que quer para a sua vida? Pule para o meu mundo, o nosso mundo do Jazz, ou pule para o barulho... Escolha...”. José estava atordoado, ouvia muitas vozes, gritos, barulhos, Jazz... Pensou em seus pais, no orfanato... Pulou.

A BUSCA

Fábio Galanos Torres

16 Anos

Vou lutar pelos meus sonhos, pelos meus desejos de criança, lutar pela minha felicidade e por fim, dar adeus ao meu sufoco.” Foi assim que Fernando se despediu da Bahia, embarcando para São Paulo, à procura da peça que lhe faltara para se tornar um grande homem.

Sufrimento era uma das palavras mais conhecidas por ele; essa por sinal lhe fazia muito sentido. Agora me pergunta por quê? Penso que já imagina.

Quando nasceu, Fernando perdeu os olhares de sua mãe. O médico deixou no bebê, antes de sair do hospital, um colar que a falecida mãe usava em seu pescoço. O médico ficou muito alucinado, chorou e fugiu; até então, ninguém sabe explicar o motivo.

A sua família já passava por um grande aperto, e quem cuidou do pobre rapaz foi sua tia, que não pensava em mais nada, apenas se seria vantajoso continuar vivendo neste mundo. Seu pai não teria condições de cuidar de seu filho, pois se tornou mais um louco neste mundo repleto deles.

Sem conhecimento de vida. Essa era a frase que o definia, não sabia o que fazer para ser alguém. Ouviu a seguinte frase aos fundos do avião: “Rapaz nunca fuja a luta, o pai está aqui para te tornar um grande homem.” Ao escutar isto, de primeira já olhou para o seu colar, onde se deparava com a foto da peça perdida mais valiosa de sua vida, que o ensinaria a ser uma grande pessoa: seu pai.

A partir daquele momento tudo mudou. O avião já não propagava som, as pessoas já não se conversavam e a música já não tocava. Isto tudo aconteceu em segundos, após uma simples palavra

e um simples olhar: Fernando. Esta experiência o levava ao delírio. Daquele mundo não queria sair. Era uma ilusão, mas o levava para o caminho certo. Naquele momento teria a chance de conversar com seu pai.

Fernando viajava com foco em seu objetivo na vida, pois assim aprenderia mais sobre ela, saberia lidar com ela, ganharia sentido e ainda por cima ele ganharia sabedoria e companhia para batalhar e viver bem. Aquela viagem foi diferente de qualquer outra. Parecia que algo aconteceria e que estava então cada vez mais perto de encontrar sua peça perdida.

Chegou em São Paulo, aquela cidade toda movimentada e agora parecia que seu objetivo ficava mais difícil. Olhava tanta gente que não sabia por onde começar a procura. Chorava muito, sua vida nunca melhoraria. Fernando tenta dialogar com uma cidadã e de repente, ao olhar para o colar, começa a ouvir vozes que não sabe da onde vêm. Olha para todos os cantos, mas tudo está parado e calado, o mundo parece ser outro. Ele passa a ser induzido por vozes, sua vida no nordeste, sua infância inteira, todos os seus acontecimentos começam a passar em sua cabeça, como se fossem um filme de terror, repleto de tragédia. O filme vai além e tudo passa a ter sentido para ele. Descobre porque seu pai o deixara e porque hoje vivia sozinho neste mundo.

Após a cidade ter parado, tudo volta ao normal e Fernando, sabendo da verdade, tenta ir ao lugar certo para encontrar sua peça de quebra cabeça. Percebia, naquele momento, que não estava louco, estava apenas enfrentando um mundo sozinho. Fernando segue em direção ao consultório.

O MILAGRE DE SÃO FRANCISCO

Felipe Yagi Ng

17 Anos

José é um segurança de 35 anos, moreno com cabelos escuros e olhos castanhos, veio ainda criança da Bahia para São Paulo. Ele podia ter continuado sua vida pacata se não fosse um terrível acidente mas, o mais surpreendente foram os fatos que se seguiram e que serão finalmente revelados.

Já faz uma semana desde que um acidente de trabalho resultou no fim de uma carreira promissora como segurança. José começa a retomar a consciência, se é que da para chamar de consciência, após múltiplas cirurgias.

- José, você deve repousar, evitar qualquer tipo de stress e hoje, ao fim da tarde, realizaremos alguns exames. Se não aparecer nenhuma alteração, amanhã pela manhã você será liberado.

Ele apenas concordou com a cabeça e dormiu, sonhou com o acidente, com como tinha sido ferido e reviveu novamente a dor dos tiros e o desespero de ver seu chefe ser executado e saber que ele seria o próximo. Acordou suando e chorando, mas decidiu manter em segredo o sonho e, assim que saísse do hospital, iria até a casa de seu chefe para confirmar que tudo isso não passara de um grande pesadelo.

Eram onze horas quando ele foi liberado do hospital e foi direto para casa de seu chefe.

- José, como está? Vou avisar o chefe que você está aqui, espere na sala de visitas, por favor.
- Quem falava com José era dona Ana, uma mulata de olhos castanhos, que trabalhava como empregada doméstica para o chefe há muito tempo.

A sala de visitas era ampla, com teto alto

sustentado por colunas, as paredes encobertas de pinturas e tapeçarias, em todos os cantos estátuas de animais se erguiam do chão como plantas sobre o solo intocado e do centro, sob um pedestal, se erguia uma linda estátua de São Francisco. O chefe, como um bom devoto de São Francisco de Assis, tinha diversos animais, mas os mantinha longe da sala de visitas que, aos seus olhos, era um lugar de adoração e oração.

Ao entrar na sala, levou um susto, havia um pássaro azul em cima da estátua de São Francisco mas, o que realmente assustou José foi o fato de o pássaro assustado voar em direção a uma tapeçaria e entrar nela. José olhou para o bolso de seu casaco para confirmar se havia tomado os remédios.

De repente os cães e felinos de pedra que se encontravam no canto da sala apareceram atrás da estátua principal e todos os animais presentes nas tapeçarias começaram a se movimentar. Era como se tudo no espaço estivesse ganhando vida. Ele recuou em direção à porta, mas um tigre de pedra havia se colocado entre ele e seu objetivo. Ao ver o animal, ele caiu assustado no chão e, ao olhar para o teto, viu milhares de pássaros voando em círculos no céu.

Fechou os olhos e ouviu duas vozes, a primeira era de dona Ana e a segunda do chefe, ambas passavam um tom de desespero. Aos poucos as vozes foram ficando mais longe e mais longe até que ele fechou os olhos e se entregou ao milagre de São Francisco.

REFLEXO

Fernanda Ricardo I. Braga

16 Anos

Diferente. Talvez fosse esta a melhor palavra para descrever o que José estava sentindo em relação a esta nova cidade. Uma casa diferente, pessoas diferentes, lugares diferentes, até mesmo um ar diferente. Mas não tinha outra opção a não ser a de ficar por esta grande cidade paulista e deixar tudo para trás. Sua família, seus amigos; todos ficaram por lá no Nordeste com a esperança de que José um dia voltasse trazendo condições melhores.

Não fora uma mudança muito simples a decisão de deixar sua mãe para trás, principalmente esta estando no hospital; mas fora parte do incentivo para que viesse também, levando em conta que agora o que mais precisa é de dinheiro.

Mais um dia se passou, andando pelas ruas, olhando as paredes de todos os lugares, procurando um trabalho melhor que pelo menos o sustentasse e que desse para mandar um pouco de dinheiro para sua família.

Mesmo após alguns meses já na cidade, José entra em sua casa e aquela mesma angústia percorre seu corpo, como se ele fosse um estrangeiro e simplesmente não pertencesse a este lugar. A solidão agora faz parte de sua vida. A saudade entra pela janela como se nunca mais fosse sair e os ventos sopram trazendo todas as boas lembranças, que o homem teme um dia esquecer.

Senta em seu mísero banquinho, pega uma folha de papel que encontrara no fundo de uma gaveta e, com seu lápis, começa a escrever. Desde que aprendera a ler e escrever quando tinha por volta

de 12 anos, este tem sido seu melhor passatempo. Escrevia de tudo: sobre seu dia, como se fosse um diário, uma notícia sobre algo interessante que está ocorrendo na cidade, cartas que sonha um dia entregar pessoalmente a sua mãe assim que melhorar e sair do hospital, contos de ficção e até mesmo peças de teatro, que são, particularmente, suas preferidas. Talvez até sonhasse em ser um ator um dia, mas no momento não tinha tempo para pensar em mais nada, a não ser como conseguir um emprego o mais rápido possível, pois seu cargo como atendente de supermercado não estava mais cobrindo suas dívidas, que na verdade nem eram muitas.

Esta noite estava inspirado. Nunca tinha escrito tanto e sem interrupções por tanto tempo! Estava gostando da história, estava se envolvendo nela e ansioso para ver como ficaria. Ela começou como um conto de fadas, mas acabou como uma peça de teatro, como sempre. Mas esta era diferente. Tinha um ar mais sombrio, um mistério por trás. Desta vez, sua história não acabou com um final feliz como sempre. Sua personagem principal, Sírío, acabava morrendo ao terminar da história e de uma maneira um tanto inesperada.

José estava surpreso por sua peça, não por apenas ter trabalhado nela por horas, mas também por ter se envolvido como nunca e por ser um pouco fora do normal e de seu padrão de escrever.

Foi dormir. Deitou em sua cama e ficou encarando o teto como se este tivesse algo a esconder e tentasse encontrar alguma resposta.

Estava pensativo e continuava a olhar fixamente para o teto:

- Já sei!

Deu um pulo da cama e saiu correndo em direção à sala que era logo ao lado do quarto. Ficou andando de um lado para o outro procurando, revirando, abrindo todas as gavetas e tudo em que pudesse guardar algo:

- Achei!

De dentro de sua bolsa de trabalho, retirou um pequeno cartão talvez de uma empresa, que tinha recolhido na manhã passada em que ficou o dia inteiro procurando panfletos, cartões, tudo que fosse relacionado ao mercado de trabalho, não importava o que fosse desde que assalariasse melhor do que seu atual emprego.

O pequeno cartão de papelão dizia: “Concurso cultural! Publique aqui sua obra! A melhor será escolhida e o autor ganhará um prêmio de 10 mil reais!”. Atrás só continha um site, uns dois números de telefones e algumas especificações para o concurso.

José não sabia como não tinha pensado nisto antes. Se publicasse sua peça e ela fosse escolhida, poderia finalmente voltar para sua terra e ajudar sua família! Precisava ganhar o concurso.

No dia seguinte, foi logo digitalizando sua peça, escondido atrás de um computador da área dos trabalhadores no supermercado que, por sorte, estava conectado na internet e conseguiu mandar sua ficha e sua mais nova e brilhante obra para o site: www.concursocultural.com.br.

“Obrigado tecnologia!” – pensava o homem.

O resultado sairia dentro de um mês. Um mês. Um mês de espera, de paciência, de ansiedade. Queria o prêmio. Precisava do prêmio.

22 de outubro será o dia. O dia da revelação do ganhador. Faltavam 12 dias. Faltavam 11 dias. 8 dias. 6 dias. 4 dias. 1 dia. “Amanhã”, pensava ele. Amanhã tudo muda.

Acabara de receber uma ligação às 21:13h, avisando-o que sua mãe necessitava de uma cirurgia urgentemente. José ficou frio, suas mãos tremiam e ele gaguejava ao telefone. Agora mais do que nunca precisava do dinheiro, pois o preço do procedimento cirúrgico de que sua mãe precisava ultrapassava o salário que ele acumularia em metade de um ano.

Tentou dormir, mas apenas ficou fixando o teto mais uma vez como se este fosse dar a ele tudo que precisava. Virou, revirou a noite inteira e não pregou os olhos uma só vez.

O grande dia chegara. José foi correndo para o computador do supermercado para ver se haviam anunciado o vencedor. Ele estava tenso e nervoso, como se sua vida dependesse disto. Entrou no site e foi baixando a página. baixando, baixando, baixando... Ah! deu um berro que até seu gerente que fica no último andar conseguiu ouvir. Sim! Ele havia conseguido, gritava e pulava dizendo:

- Finalmente! Sim! Consegui!

Ligou para sua família o mais rápido que pode; algo um tanto raro, já que as ligações para lá são caras. Falava afobado como quem acabara de correr uma maratona. Seus familiares gritavam de alegria e se emocionavam com cada palavra que o homem falava.

José se sentia o homem mais feliz do mundo. Foi direto para o lugar em que a tal empresa se localizava para pegar seu grande prêmio, mas quando chegou lá, o responsável pelo concurso disse que em uma das especificações, a obra deveria ser apresentada.

- Como assim apresentada? Como? Onde?

Como iria arranjar atores? Um diretor?

Como passaria toda peça no papel para uma peça de verdade? “Só tem um jeito de resolver isso... Eu vou ser o ator e diretor de minha própria peça”. Na semana seguinte já começaram os ensaios. José pegou alguns de seus colegas do trabalho para

ajudá-lo, modificou algumas passagens do texto, planejou todas as cenas e entregou uma cópia impressa da peça para cada ator.

A peça seria apresentada num teatro pequeno lá perto de sua casa por duas semanas. Seria tudo bancado pela empresa responsável pelo concurso. José ficava pra lá e pra cá ensaiando as falas, fingindo que falava com as paredes, imaginando que os outros personagens estivessem lá também. Atuava como se estivesse no palco. Estava adorando tudo aquilo. José sempre sonhara em ser um grande ator e poder ser reconhecido pelos outros, e agora via uma chance de realizá-lo. Precisava deixar tudo perfeito, nos mínimos detalhes.

O grande dia chegou. José estava tenso, não apenas por ter que apresentar uma peça sendo a personagem principal na frente de todos, até porque não tinha vergonha; mas estava sentindo uma sensação estranha como se algo estivesse para acontecer, algo que ele não havia planejado; algo inesperado.

Os primeiros dias da peça foram se passando com tudo indo muito bem. Afinal, não era um personagem tão difícil de representar. Seu personagem é um homem comum que administrava uma pequena empresa e que vê sua vida virar de ponta cabeça quando uma série de acontecimentos terríveis invade sua vida. Ele perde sua casa por não pagar aluguel, perde a visão, atropela o próprio gato, sua mãe morre e com tudo isso acaba entrando no mundo do crime. Não aguentando a pressão e não sendo forte o bastante para reverter sua situação, o homem morre ao final da peça.

“Nossa! Como pude escrever tantas coisas terríveis?”, pensava José.

No dia seguinte o homem acordou atrasado e saiu correndo de sua casa. Ligou o carro que havia pegado emprestado de seu amigo de trabalho e saiu voando.

- CRAC!

- Essa não! Deus!

Assim gritava o homem desesperado ao ver que tinha passado com o carro em cima do bicho da usa vizinha. “Seria aquilo um gambá? Ou um gato? Talvez um cachorro um tanto estranho...” Ficou desesperado, não sabia exatamente o que tinha atropelado, mas estando atrasado, simplesmente pegou o bicho, colocou na lixeira e saiu correndo. Estava tenso. “Sempre fui tão cuidadoso... Como pude fazer isso?”

Chegou ao teatro, subiu as escadas correndo como um foguete. O palco era no último andar do prédio, o elevador não estava funcionando. Continuava correndo.

-BUM!

- Ai, minha nossa! Sinto muito! Deus! O que tem de errado comigo?! Eu não te vi!

Estava correndo tão rápido que nem percebeu que vinha vindo uma moça lá do alto da escada descendo. José simplesmente passou e a derrubou escada a baixo. Ligou imediatamente para a ambulância, mas era tarde demais.

Estava mais que tenso. Não ia conseguir fazer a peça sabendo o que estava acontecendo com ele. Algo estava errado. Não conseguia fazer as cenas direito, não conseguia fingir estar levando uma vida normal na peça, não conseguia fingir que estava preocupado com outras coisas, não conseguia fingir que estava matando uma pessoa na peça sabendo que tinha acabado de fazer isso na vida real.

O homem sentia que toda esta situação tinha se transformado em um grande espelho, no qual suas ações não podiam ser mais controladas. Sua vida estava escrita e contada em um pedaço de papel. Tentava achar uma maneira de contornar a situação e revertê-la. Era como tentar mudar um reflexo. Levantar a mão em frente a um espelho e esperar que ela não levante!

EDICREIA

Frederico Augusto Nascimento Monteiro

16 Anos

Edicreia era uma moça muito simples que vivia em uma região muito pobre de Maranhão, Matões do Norte. Moravam na roça, todos eram pobres. Tinham apenas o que era necessário para sobreviver, não tinham saneamento básico, nenhum acesso à educação e o hospital mais próximo se situava a 90 km de lá.

Todos de lá trabalham em plantações de agricultores que são os únicos que têm dinheiro e uma vida aceitável. Edicreia, com apenas 16 anos, já trabalha na plantação, passa o dia inteiro cuidando a horta, trabalha tanto que já tem calos nas mãos. E todo esse trabalho é suficiente apenas para comprar o mínimo de comida necessário para viver e é por isso que decide mudar sua vida e ir para o Rio de Janeiro procurar um trabalho. Após três semanas de viagem, com muito pó e desconforto, Edicreia chega no Rio de Janeiro.

No Rio, Edicreia vive em uma favela dividindo sua casa com faxineiras locais para conseguirem pagar as contas. Tem um trabalho como faxineira também, mas ganha muito pouco e

continua vivendo numa miséria total.

Trabalha muito e sempre pensa se valeu a pena sair de Maranhão. Chegou à conclusão que sim, pois comprara uma pequena TV. Nela assistia a suas novelas. Amava as novelas e de um jeito ou de outro a novela acabava por ser uma distração para as desgraças da vida da moça, era um jeito de se esquecer de tudo.

Certo dia, Edicreia, após um longo dia de trabalho, chegou em casa muito cansada e foi deitar-se na cama, assistir à novela. Esse dia estava tão cansada que acabou dormindo durante a novela... Ficou tudo muito estranho, não entendia o que estava acontecendo e de repente... Estava dentro do estúdio de produção da novela, lá estavam todos os atores e atrizes que sonhava em conhecer.

Passou um bom tempo no estúdio, falou com todos e assistiu à produção de um episódio. Estava feliz como nunca tinha estado antes, esquecera-se de toda a desgraça de sua vida, sentia que tudo havia mudado.

BRUMADO CITY

Gabriel Giovannini Velloso

16 Anos

Mayra Piedade de Jesus tinha 5 anos de idade quando testemunhou a morte de seus pais em um acidente de carro, perto da ponte do Anhangabaú, em horário de pico. Mayra saiu do acidente com vida e apenas alguns arranhões, porém nunca conseguiu esquecer aquela cena horrível.

Após a perda de seus pais e sem nenhum familiar próximo, Mayra vai morar na casa de pais adotivos, depois de ter sido escolhida entre uma dezena de meninas do Orfanato São Domingos, em São Paulo. A escolha foi simples e estranha ao mesmo tempo. Na verdade, quem correu ao encontro dos futuros pais foi a pequena menina, tomada por um impulso sobrenatural.

Mayra cresceu no Município de Brumado, interior da Bahia, longe da loucura de São Paulo e de seu passado. Nunca falavam sobre o acidente. Tudo parecia ter sido definitivamente enterrado junto com seus pais biológicos. Até que, aos 13 anos, Mayra começou a ter visões perturbadoras, revivendo o momento do acidente que matou seus pais e fragmentos de diálogos com sua mãe biológica. As visões se repetiam quase que semanalmente e uma frase ficou marcada em sua mente: “Ache Pedro Guedes”.

Aquilo não fazia o menor sentido! Mayra buscou nos registros de São Paulo o nome mencionado por sua mãe, inúmeras vezes durante suas visões, sem sucesso. Parecia mais óbvio que o assunto estivesse ligado à cidade onde o acidente ocor-

raera do que em São Paulo! Diante da negativa, voltou-se para a pequena cidade onde crescera e encontrou um Pedro Guedes vivendo na Fazenda dos Coqueirais.

Tomada por uma grande ansiedade, Mayra decidiu visitar a Fazenda no dia seguinte. Foram pouco mais de 20 km até a porteira principal. Ao chegar lá foi muito bem recebida pelo Sr. Matias de Azevedo, tradicional fazendeiro da região, plantador de cana de açúcar. A situação era constrangedora e Mayra decidiu ir direto ao ponto.

O Sr. Matias ouviu-a com atenção e confirmou a existência de Pedro Guedes. Ele era o gerente geral de sua fazenda e trabalhava para a família Azevedo há mais de 20 anos. Na verdade a relação comercial já havia se tornado uma bela amizade e Pedro Guedes era como parte da família. Mayra sentia que a agitação aumentava dentro dela e quando viu Pedro Guedes entrar na sala logo soube que havia uma conexão entre eles. Foram feitas as apresentações, mas para Pedro isso não era necessário. Ele logo viu nos olhos daquela doce menina os traços de Margareth, mãe de Mayra. Eram inconfundíveis, verdes, com suaves tons de cinza.

Mayra contou a Pedro Guedes sua história e a mensagem que em suas visões sobrenaturais sua mãe repetidas vezes lhe mandara. Ela estava lá em busca de respostas, porém Pedro Guedes não tinha certeza se as tinha.

ESCURIDÃO

Gabriela Ramos Teixeira

16 Anos

O sol queimava sua pele, deixando-a mais quente do que asfalto em dia de verão. A vida não andava fácil. Aliás, a vida nem andava, tropeçava. Era sempre a mesma coisa. Caminhava diariamente pelas ruas de Recife, procurando uma boa praça onde pudesse ganhar seus trocados. Era uma garota bonita, mesmo que maltratada pela fome. Levava consigo somente o pouco de dinheiro que havia economizado, sua voz e um sonho. Nunca tivera nada e nunca pedira nada a ninguém. Vivia só e a única coisa que queria era uma vida fora dali, ir a um lugar onde não passasse fome ou sede e onde tivesse a chance de ter uma vida melhor, cantando.

Todo dia cantava nas praças, ganhava algumas moedas, às vezes pedaços de pão que, para ela, eram quase como se comesse do mais fino caviar de tanta satisfação que sentia ao saciar a fome. Sua voz era mais bela do que o canto do mais afinado pássaro; as poucas pessoas que passavam sempre paravam para ouvi-la. Mas, mesmo dependendo dessas pessoas, a coisa de que mais gostava era cantar sozinha, sob a luz do luar, ao buscar algum lugar em que pudesse descansar. As ruas estavam desertas, a menina andava devagar, no ritmo da música que cantava. Andava e observava as casas, as árvores, os lampiões, a iluminação muito além de seus postes e, confor-

me sua solidão ficava mais forte, ela cantava mais alto. As casas pareciam ficar maiores, as árvores ganhavam movimento com o farfalhar das folhas ao vento, as luzes piscavam.

A cada minuto que passava, ela se sentia mais livre e mais leve. O asfalto sob seus pés parecia tremer, crescer. Ela estava em um palco bem no meio da Avenida Paulista. As casas cresciam cada vez mais, transformando-se em grandes arranha-céus, antenas de rádio, bancos. O movimento das árvores agora era o movimento de pessoas, muitas e muitas pessoas nas calçadas, ouvindo sua canção. E não só ouvindo, mas também acompanhando a letra, aplaudindo, assobiando... E onde se encontravam os lampiões? Ela não sabia. Só sabia que estava em paz, sem fome e domando os corações daquela multidão, como se domasse um leão.

E então, duas luzes surgiram. Eram os lampiões? Elas se aproximavam. A garota continuava a cantar, a multidão se concentrava ainda mais nas calçadas. As luzes se aproximavam. A menina continuava cantando, os prédios ficavam cada vez maiores. As luzes chegavam cada vez mais perto e ficavam cada vez mais fortes. Música, luzes, pessoas, prédios, música, luzes, pessoas, música, luzes, música, luzes, música, luzes, impacto, dor. De repente, a escuridão.

ALÉM DA FECHADURA

Gilmar Tavares Santos

16 Anos

Pedro era um jovem que vivia com sua família todas as dificuldades que a zona rural nordestina lhe oferecia. Via que todos os grandes centros urbanos eram apresentados como uma área na qual se poderia viver melhor e proporcionar para toda a família uma vida melhor. Vendo isso o menino de 17 anos se encontrava em um grande dilema: ir arriscar a vida em uma cidade, onde seria completamente novo e não conheceria ninguém, ou continuar em sua vida cheia de dificuldades no sertão nordestino.

Pedro começou a realmente idealizar esse sonho após ver através de uma fechadura uma pequena cidade. Mas não conseguia acreditar no que estava vendo naquele momento. Onde estava a caatinga, o sertão? De onde tinha vindo aquela cidade?, Logo acreditou que poderia estar louco, que aquilo era um sinal para seguir seus planos, realizar o sonho de se tornar um morador de uma metrópole, mas ainda se via perguntando de onde surgiria aquela imagem e no porquê dela aparecer justo neste momento de sua vida. Já havia passado diversas vezes em frente daquela porta velha, toda apodrecida que não tinha mais função alguma, mas com o passar dos dias começava a vê-la de uma maneira diferente. Ela ia ganhando cores e detalhes que antes não eram vistos por ele. A cada novo detalhe que captara olhando aquela velha fechadura, muito enferrujada e que a distância nunca o atrairia, mais curioso ficava.

Assim que comentara com seus pais sobre este ambicioso sonho, acreditava que até poderia ser persuadido ou questionado sobre o que iria fazer naquela cidade – coisa que nem ele sabia realmente o que iria fazer para se sustentar. Apenas pensara em morar, e não em como faria para chegar e se manter. Ao contrário do que acreditava, seus pais o apoiaram, sob uma condição: que estudasse e que, ao concluir os estudos, voltaria para tentar ajudar de alguma maneira a vida de toda aquela população.

Concordando com isso o menino foi logo à procura de uma faculdade que o agradara e utilizaria todas as suas habilidades, mesmo que básicas, na área rural. Agora o primeiro obstáculo a ser superado era como chegar a São Paulo, pois nem ele muito menos a sua família tinha como pagar a sua viagem, mas com muito esforço e colaboração de todos os pequenos produtores conhecidos, vendo o grande desejo daquele menino, deram-lhe o dinheiro para viagem. Ao fazer suas malas para essa viagem logo colocou a pequena pintura que havia feito daquela cidade para a qual estava a caminho naquele momento.

Assim que chegou à rodoviária levado por seu pai e já se sentia em um local mágico onde sonhos começam a ser realizados. No momento que entrou no ônibus de viagem se viu transportado para um novo mundo no qual todos seus sonhos e desejos se tornam realidade, mas após apenas

vinde minutos nesta nova terra tudo que sonhara e idealizara sobre ela, começava a se tornar macabro e escuro. Nem sua própria voz conseguia ouvir mais no meio de tanto tumulto e cinzas – devido à intensa atividade de fábricas, indústrias e ao alto número de habitantes. Neste momento começou a ver que aquele jovem sonhador que criara uma imagem idealizada de uma cidade que nunca para, estava sendo engolido por seus sonhos sem

sequer conseguir tomar partido dos acontecimentos ou ao menos reagir aos estímulos ambientais. Após poucos segundos estava consumido, sem conhecimento de si e nem do que realmente estava ali para fazer. Apenas tinha consciência de que era apenas mais um no meio toda aquela multidão de almas e pensamentos vazios. Mesmo sem saber o porquê de sua atitude buscava uma fechadura.

FANTOCHE NORDESTINO

Giovanni Fonseca Alves

16 Anos

Em tempos de ascensão do nordeste, a capital paulista não era mais um lugar para Armando. Com seus 18 anos, estava decidido a ir para Custódia e sonhava cursar Ciência da Computação na Universidade Federal de Pernambuco. Sua mãe resgatara alguns fundos instituídos após a morte de seu pai, Tadeu, para pagar a faculdade. Armando era solitário e sério. Durante a viagem de avião, nunca imaginou que a cidade vista de cima pudesse ser tão linda e que sua vida a partir desse momento mudaria para sempre e ele finalmente teria a profissão desejada.

Custódia era pequena e simples. Ao chegar, Armando sofreu com o clima equatorial e a adaptação à cultura do local e ao sotaque das pessoas o deixava mais solitário ainda.

No primeiro ano de curso, foi entrando de maneira cada vez mais extrema dentro da sua área profissional. Começou todo dia a programar em seu computador. Nos dias vagos passava até dezesseis horas criando sequências e vendo números. Faltava um dia ou outro na faculdade para terminar seu programa. Ele queria criar um computador com inteligência artificial que tivesse completa autonomia.

Passados dois anos em Pernambuco, a saudade da mãe o corroía por dentro. Ela ligava apenas uma vez por semana, pois era caro ligar pra fora do estado e a condição em que ela se encontrava não estava nada fácil, sua aposentadoria não cobria seus gastos.

Armando era um homem misterioso, ninguém entendia o que passava em sua cabeça e tentar estabelecer uma comunicação era um erro. No meio do segundo ano do curso, uma garota nova tentou criar laços com ele, mas a princípio ele não ligava e tudo que lhe interessava era programar. Três semanas após a chegada da menina e eles já conseguiam trocar algumas palavras. Nesse tempo Armando já a via com outros olhos, conseguia enxergar as suaves curvas da moça e seu sorriso contagiante, uma leveza nas mãos e um sotaque nordestino diferente, com ênfase. Seu nome era Naomi, era a única amiga de Armando, não conseguia entender o porquê gastava horas no computador, sempre dizendo:

- Quero ser reconhecido pelos outros, quero criar algo que ninguém nunca criou, quero fazer minha história.

Sua mãe havia ficado doente no final do ano e pediu que o filho retornasse para dar um adeus, pois sabia que suas horas estavam contadas e queria realizar seu maior desejo. Ele não pensara duas vezes e levou consigo a amiga Naomi, que agora se declarava sua namorada.

Chegando ao Rio de Janeiro, onde morava com a mãe, foi direto a sua casa e encontrou-a na cama, já bem fraca pela doença. Ela chorava de alegria e olhava para a namorada do filho com orgulho dizendo:

- Enfim algum viu a pessoa especial que você é, os dois terão muita felicidade na vida.

Naomi respondia animada e com certa tristeza nos olhos pela condição da sogra.

Bastavam duas semanas até que a morte viesse buscar as dores e trazer a alegria da mãe de Armando. O enterro foi no dia seguinte e dos seus olhos escorreu somente uma lágrima. Naomi se acabava em um mar de água salgada, pois havia criado um forte laço com a mulher durante sua estadia na casa.

Armando estava determinado a voltar para Custódia e terminar seu programa que tanto desejava ver pronto. Não dera uma semana e lá estava ele de volta a programar, dessa vez com mais obsessão. E assim ficou vivendo por mais um ano até finalmente terminar o programa.

Num dia bem frio no nordeste, Naomi fazia para Armando algo para comer enquanto ele trocava de roupa para ir à faculdade. Estava

pronto para trancar seu curso. Ela dizia:

- Armando, tem certeza que irá fazer isso?

Não vai se arrepender depois?

Ele, convicto, respondia:

- É o melhor a fazer, agora que terminei o programa, não precisarei trabalhar.

Ela terminava de montar o prato e ouviu um estrondo bem alto. Deixando o prato cair e correndo desesperada até o quarto, viu Armando ao chão ensanguentado e aparentemente fraco. A máquina programada por ele havia ganhado vida. Seus anos perdidos resultaram na tentativa de recriar a espécie humana. Tal criação contava com tanta perfeição que até a ganância e violência do homem estavam presentes na réplica.

A máquina se libertava da submissão.

Armando havia feito a réplica de seu pai.

DUQUE do CERTÃO

Gustavo Thadeu Kasmanas

16 Anos

Waldomiro era mais um dos quase 14 mil moradores de rua da cidade de São Paulo e, assim como os outros, também tinha uma história de vida muito sofrida antes de chegar àquela infeliz situação. Antes, ele vivia sozinho (depois que sua mulher morreu durante o parto do primeiro filho do casal). Em uma pequena vila no sertão de Sergipe, tirava seu sustento de uma pequena plantação, que mal era suficiente para o seu próprio consumo; isso quando a região não era assolada por uma seca que acabava com o trabalho de um ano inteiro.

O pobre moço havia sido atraído para São Paulo por uma proposta de emprego feita por um viajante que, em troca, necessitava apenas de um pequeno adiantamento para custear a viagem. Pequeno para o viajante, mas muito grande para Waldomiro. O custo de sua migração era igual a tudo que havia acumulado durante toda sua vida. Logo que chegou à metrópole, percebeu que havia sido enganado e, a partir deste instante, se viu obrigado a vagar por aquelas ruas atrás de latinhas que iriam garantir sua sobrevivência.

Ao final de cada dia, Waldomiro se dirigia até o monumento a Duque de Caxias. Já eram incontáveis as noites que havia passado lá, sempre tendo aquele homem como único amigo. Até que, em uma das noites, ao chegar, olhou para o alto e não viu o mais o homem empunhando sua espada., Estranhou a situação, mas o cansaço era tanto que

dormiu. Ao acordar, olhou para o lado e viu que o Duque lhe estendia a mão como quem o convidava para um passeio. Waldomiro prontamente aceitou e passou a seguir o homem por uma São Paulo que ele jamais havia visto. Parecia que não se tratava mais da mesma cidade pela qual Waldomiro vagava por todos os dias. Tudo estava diferente, as lixeiras que antes continham latinhas agora estavam cheias de fotos, fotos em preto e branco e, quando Waldomiro as pegou, percebeu que eram fotos de sua vida, desde a infância no sertão de Sergipe, até as noites mal dormidas em São Paulo.

Durante o passeio, os dois conversaram sobre coisas nas quais Waldomiro já não pensava mais: voltar para o Sergipe ou então constituir uma nova família. Quando se deu conta já estava ao pé da árvore em que dormia normalmente. Acabou anoitecendo e Waldomiro se despediu de seu novo velho amigo e foi dormir. Perguntou apenas se eles iriam se encontrar no outro dia e o Duque respondeu que sempre estaria do seu lado.

No dia seguinte, quando Waldomiro acordou, olhou para o lado para ver se o amigo estava lá, porém não estava. Olhou para o monumento e viu que o Duque havia voltado para seu lugar de sempre. Ficou olhando para a o Duque para ver se algo iria ocorrer, mas nada se mexeu. Tudo ficou no mesmo lugar.

IMAGEM do TOPO

Juliana Gomes Araújo Silva

16 Anos

Luís caminhava na direção daquele impactante prédio. Todos que passavam pela calçada lançavam um olhar à construção. O prédio era ladeado por janelas espelhadas que davam a impressão de uma fortaleza impenetrável até mesmo pela luz que ricocheteava em cima daquelas pequenas pessoas que se miravam nas paredes mais baixas a fim de se medir e perceber algum pequeno defeito que poderia ser concertado, como um cabelo rebelde ou uma dobra irregular na camisa. Mas ninguém se relacionava tão fortemente com a estrutura quanto Luís, ninguém se media tanto naqueles espelhos a fim de buscar defeitos na aparência e ninguém os identificava com tanta exatidão, embora não os corrigisse porque os julgava tão profundos a ponto de serem irremediáveis, pelo menos naquele momento.

O reflexo mostrava um homem de meia idade, de cabelos pretos e pele queimada do sol. Não era muito alto e, por ser extremamente magro, aparentava ser mais baixo ainda. Viera de Pernambuco há mais de vinte anos para tentar a vida. Com o ensino fundamental incompleto, chegara em São Paulo disposto a se tornar importante. Achava que no nordeste nunca conseguiria ser alguém. Não importava quem, sempre quisera ser alguém que não ele. Depois de tanto tempo seu sotaque já se reduzira bastante, mas ainda gostava das comidas do Nordeste e de Luis Gonzaga. Não era casado e nem tinha filhos, passava o Natal e as “Sextas-feiras Santas” com a família da

sobrinha que também migrara para o Sul.

Obviamente, assim que chegou na cidade, passou por muitas dificuldades, mas foi conseguindo bicos como pedreiro e sobrevivendo. Seus planos de sucesso não se concretizaram e sua vida se tornou pura frustração. Seus únicos momentos de leveza eram quando passava em frente ao dito edifício. Existia uma atração entre ele e aquela estrutura magnífica localizada no centro da maior cidade do país. Seu sonho era fazer parte daquele sistema de andares. Sonhava em ser um daqueles homens engravatados que entravam e saíam pelas altas portas de vidro com suas pastas.

E naquele dia não estava lá só se fitando, conseguiu um emprego. Não como executivo, mas como o zelador responsável pela limpeza do último andar. Não era bem o que sempre imaginara, mas era um começo! Não podia desperdiçar a oportunidade.

Entrou, se encolheu, sentia vergonha, mesmo sabendo que ninguém reparava nele. Pegou o elevador de serviço como o aconselharam no dia da contratação, foi até o armário onde guardavam os produtos de limpeza e vestiu o uniforme. Teve a sensação de se ligar ao prédio.

E o tempo foi passando sem que ele percebesse, não distinguia o que era manhã e tarde, nem o que era dia e noite. Não prestava atenção nas broncas do supervisor a respeito do desleixo com o piso, mas as janelas estavam sempre impecáveis. Entrava em transe enquanto as limpava,

mirando a própria imagem.

Às vezes o reflexo ficava desfocado, às vezes se confundia com o ambiente resultando em um borrão. A partir de certo ponto passou a se ver de terno em gravata ou simplesmente sorrindo, ou fazendo algo que exigisse muita capacidade intelectual, rodeado de admiradores, sempre distante e sem reparar em seu observador. Sabia que não era verdade por isso se recusava a olhar as próprias vestes, a própria condição. Só olhava para o espelho e ia se viciando naquelas imagens, naquele mundo que criava. Acreditava na existência de outra dimensão atrás do espelho. Nela ele era respeitado, querido, bonito. Como queria que o mundo do reflexo fosse real, ou simplesmente que ele pertencesse à imagem, mesmo que só fosse uma ilusão de ótica.

Quando estava no prédio entrava nesse estado, mas quando estava em casa sentia muito frio, não conseguia dormir, às vezes nem respirar. Ficava de folga raramente, só quando estourava o número de horas extras.

Em uma tarde de recesso não conseguiu ficar em casa. Sentia-se magnetizado, puxado. Não tinha muita consciência do que fazia. Sabia que fora até o prédio, sabia que caminhava no corredor do último andar, em direção à janela mais próxima e percebeu que era o momento. Mergulhou no espelho, naquele vidro líquido e gelado que fundia sua alma à arquitetura perfeita, transformando-a em luz. Sentiu essa explosão por alguns instantes até atravessar o vidro totalmente e cair em direção ao asfalto, no mesmo ponto lá embaixo em que se contemplara tantas vezes.

CINDERELA NORDESTINA

Juliana Morissawa F. dos Santos

16 Anos

Maria era nordestina, analfabeta, tinha 9 anos, vivia na miséria e era obrigada a trabalhar na roça pois seus pais não tinham condições nem de mudar de cidade para buscar uma vida melhor. Tudo que Maria queria era escapar. Afinal, era apenas uma menina de 9 anos, queria brincar, se divertir, dançar, cantar, ler... Ah, ler! Como gostava de ler! Na medida do possível, é claro, pois entendia os livros apenas pelas imagens e usava sua imaginação para criar novas histórias.

Enquanto seus pais trabalhavam, Maria costumava fugir de casa para visitar uma velha que morava na rua ao lado. Esta senhora sabia das condições da menina e queria mais do que tudo ajudar, mas sabia que o que tinha não era suficiente, pelo menos não financeiramente. Assim, a única maneira que encontrava era emprestar livros à Maria, que já, ao vê-los, abria um sorriso imenso que quase nunca estampava aquele rosto judiado da roça. Num dia comum, Maria escapou para a casa da senhora, que já a esperava com um livro na mão: Cinderela. Mas desta vez algo estava diferente. A menina não sorriu, agradeceu e foi embora, com o rosto indiferente.

Em casa abriu o livro, começou a folhear as páginas, observar as imagens e imaginar... Uma imagem chamou sua atenção: Cinderela limpava o chão, assim como Maria fazia todos os dias... A

menina começou a ser cativada pelo livro, as imagens a conquistavam, já havia esquecido que seus pais logo voltariam e que deveria estar lavando a louça. Sentia-se cada vez mais entretida em seu livro. Achava fascinantes os ratinhos falantes, a madrasta má que obrigava Cinderela a trabalhar. Sentia que aquela história era muito familiar, reconhecia aqueles espaços. Antes de virar a página já sabia o que ia acontecer, por mais que não soubesse ler. Era como se já conhecesse aquela história, ou como se já a tivesse vivido...

“Que estanha essa sensação...”, “conheço este lugar, mas nunca li este livro...”, “sinto como se já tivesse conversado com esses ratinhos, e conhecido este belo rapaz...”.

Maria estava confusa, não sabia o que estava acontecendo... Mas já havia limpado aquele chão com certeza! Aquela fada lembrava muito sua avó... Sabia que algo estava estranho, mas não sabia identificar o que era.

A menina perdeu a noção do tempo, era tudo muito esquisito, o livro era tão interessante que Maria sentia-se dentro daquele lugar grande, limpo, amplo e fresco que via nas imagens. “Só posso estar louca!”

Em sua inocência de criança, recusava-se a fechar o livro, queria saber cada vez mais. De repente, a porta se abriu. Maria tinha sumido.

1930

Luisa Godinho Sotta

16 Anos

Uma bela tarde de domingo, João Maria observa o pôr do sol laranja sobre o extenso mar de Pernambuco. Ao olhar o relógio, percebe que está na hora de fazer aquilo que já virou costume há um bom tempo.

João Maria era um dos poucos pernambucanos apaixonados por filmes de carros, ficava impressionado com toda aquela velocidade e aquela adrenalina, por isso guardava todo mês um pouco de seu salário para conseguir ir ao único cinema da cidade que quase sempre estava vazio.

Essa semana decidiu ir à estreia de um dos filmes mais esperados do ano “Corra até a Morte”. João Maria muito contente pela estreia, comprou o melhor lugar da sala de cinema e sacrificou 3 reais do que havia guardado para conseguir esse privilégio.

O filme começa. O barulho dos drifts estouravam no ouvido de João, que ia à loucura com o que estava vendo. Ouvia o barulho do pneu raspando do chão com tanta convicção, sentia o suor de sua mão encostando no volante e parecia que era ele mesmo que estava dirigindo o carro. Olhou para o lado. Não estava mais vendo a escuridão no meio das cadeiras vazias, a tela enorme no cinema. Estava sentindo a estrada sob seus pés, ouvindo nada mais nada menos que o barulho do motor de um jaguar de type.

João não estava entendendo completa-

mente nada, olhou para o velocímetro do carro, estava dirigindo a 160km/h e ao lado do marcador de velocidade estava uma data: 23 de maio de 1930. Incrédulo, continuou a dirigir desesperadamente em busca de achar alguma pessoa ou mesmo uma casa no meio daquele imenso deserto de areia. Parou. Não era possível. Em sua frente estava uma mulher deitada no chão ausente de seus sentidos, usando um vestido retro, típico da época, com pequenas bolinhas azuis. Seu corpo estava ensanguentado, seu pálido, usava uma aliança na mão esquerda com um nome. Sim, um nome. Um nome de tão forte importância, que precisei desenterrar palavras para descobrir o que se passava pela cabeça de João. Não era simplesmente um nome. João acabará de atropelar sua mãe.

Não sabia se chorava ou se gritava, simplesmente tirou de seu bolso uma foto que levava consigo desde criança. Um menino sentado em um jardim regando as margaridas recém-plantadas pela sua mãe que acabara de morrer antes mesmo de seu filho nascer.

O menino na foto não estava tão nítido como da última vez. Estava meio embaçado, como se estivesse desaparecendo, sumindo... revelando as margaridas que foram plantadas atrás do corpo do menino que lentamente deixava de existir.

DIAGNÓSTICO

Luísa Montiel Hiraki

16 Anos

Nasci em Pernambuco, na cidade de Olinda, em 1984. Vivo em Olinda, cresci em Olinda, dancei maracatu e frevo em Olinda, adoeci em Olinda e fui medicado com remédios tarja preta, na minha querida Olinda. Porém, tenho uma vida que não me pertence. Fui trocado quando nasci. Tenho outra família: outro pai, outra mãe, outros irmãos.

Descobri que não sou filho da minha mãe, quando fui diagnosticado com a doença do rim policístico. A minha única salvação seria a morte. Lembro-me bem do dia, no qual recebi a notícia de que possuía a doença incurável. O médico fala com uma voz firme e cansada, acredito que tinha passado horas em plantão:

- Lamento dizer, mas o seu filho foi diagnosticado com a doença renal policística, que hoje em dia não tem cura; porém, existem coquetéis que podem protelar o avanço da doença. Seu filho, a partir do consumo do remédio, irá sentir menos dor renal, porém existem efeitos colaterais que podem dar acessos de ansiedade. Somente fazendo um adendo, precisamos fazer exames com o seu marido e com a senhora para confirmar

o diagnóstico, já que a doença vem a partir de herança genética.

Esta fala foi o suficiente para deixar a minha mãe de cama por uma semana. Ela achava que era a culpada da doença e que eu seria um dependente das drogas.

O resultado do exame de confirmação do diagnóstico chegou e, junto com ele, o início de toda a minhas dúvidas. Aquela simples carta foi o suficiente para me dar a primeira crise de ansiedade. Na carta veio escrito: "Analisando as amostras enviadas ao laboratório informamos que não existe compatibilidade do Sr. José Villar, com as amostras enviadas."

Um frio subiu meu corpo inteiro em um único calafrio. A mão começou a suar e fazer barulho de ferro trincando e a cabeça parecia que não se sustentava mais no corpo. O meu corpo foi se endurecendo. Um líquido denso e preto que se parecia muito com óleo desceu lentamente pelo meu corpo paralisado. Um buraco se abriu no chão e uma mão vermelha que saiu de lá segurou os meus pés e me puxou.

O PENSADOR

Mauro Gil Dias Leite

16 Anos

Ele era um homem muito infeliz que vivia em Juazeiro do Norte, no Nordeste. Sua vida se baseava numa entediante rotina diária: acordava cedo com o barulho do trem que passava ao lado de seu apartamento à beira da rua. Então, ia para o banheiro, escovava os dentes, se olhava no espelho e via a mesma cara de cachorro mal tratado e abandonado. Vestia-se, ia para o trabalho. No fim do dia, voltava do trabalho, jantava e ia dormir, para repetir tudo no dia seguinte. Isto se passava seis dias por semana e, no domingo, a única coisa que ele conseguia fazer era ficar em casa e assistir à televisão.

Mas neste dia em particular, durante sua janta, aconteceu algo totalmente fora de sua rotina. Não pôde deixar de reparar naquele ornato gritante que chamava por ele. Era um simples quadro, uma representação da obra prima “O Pensador”. Não teria como ela estar chamando por ele e, além disso, o quadro sempre esteve ali, por que hoje sua existência era gritante? Ele parou para observar, nunca havia notado que ao fundo apareciam árvores. Nem que na verdade o Pensador era feito de cobre e não de pedra como no original. Naquele momento os olhos da estátua não estavam fechados, mas sim convidando-o a entrar e fugir

de sua vida monótona.

Durante os três dias que vieram a seguir, o evento se repetiu. Todos os dias, na mesma hora, o quadro parecia ganhar vida e parecia puxá-lo com braços invisíveis. No 4º dia o homem decidiu observar o quadro com mais atenção, pois não tinha dormido na noite anterior já que ficara ruminando a ideia de ser atraído por um quadro. Ele tinha que verificar se não estava louco.

O dia todo, ele ficou sentado na mesma cadeira, com um cotovelo apoiado no joelho dando suporte para o rosto, passou o dia sem nem piscar. Ficou lá sentado, fitando, pensando... “Será que estou louco? Não é possível que o quadro tenha me puxado! Será que foi só minha imaginação? Mas, ah, se eu estivesse lá! Como deve ser feliz a vida de estátua. Passar o dia todo observando os outros vivendo suas vidas tristes e desafortunadas, passando para lá e para cá resolvendo coisas só para ganhar um mísero dinheirinho, só para sobreviver, enquanto a estátua fica lá, parada, sem nenhuma preocupação.”

À noite, o homem tenta se levantar, mas nota que seu corpo não obedece aos seus comandos. Toda tentativa inútil faz com que sua mente que beira à loucura se desespere ainda mais.

TRANSPARÊNCIA HUMANA

Melanie Ho

16 Anos

Click. 5:45. Café: R\$2,25. Andar na rua. Uma ideia. “Nordeste!”. Ligo para o chefe dizendo que irei pro Ceará para um projeto de transparência humana, no qual retratarei o trabalhador latifundiário sendo esquecido pela vida urbana ou pelo mundo todo. “Boa ideia! Faz tempo que algo assim não sai da sua cachola!”. Felicidade do dia garantida.

Nunca vi tantas cores como eu tinha visto lá. Azul amarronzado, roxo avermelhado, amarelo esverdeado, vermelho azulado... Parecia uma festa de cores! Percebi que lá, não havia transparência apenas felicidade e vivacidade.

Danças (click), festas (click), comidas (click), tudo gravado! Mas com dois passos para a direita vejo uma neblina, algo muito escuro. A curiosidade se desperta e me aproximo, tato, tato, até sentir algo peludo e áspero, ligo a lanterna e vejo.

Um velho. Tantas rugas, mas tantas rugas, que nem consegui olhá-lo nos olhos. Sentei e comecei a conversar, parecia que ele estava numa intriga, angustiado, triste de viver.

- Você desperta a minha curiosidade. Posso tirar uma foto de você?

- Claro! Parece-me que você é um bom homem!

Click! Olhei para o visor da câmera, mas tudo o que vi foi apenas uma neblina e o tronco onde o velho estava sentado. Estranhei, mas deixe

pra trás.

No dia seguinte me encontrei com o velho de novo, começamos a conversar, a conversa era tão boa que o tempo passava voando! Esses momentos eram tão agradáveis que foram se repetindo por várias e várias semanas.

A cada conversa que tínhamos, me sentia mais íntimo daquele velho. Nossa! Temos tantas coisas em comum! Um dia que eu resolvi desembuchar um segredo meu, que não havia contado para ninguém desde sempre. Falei que às vezes começava a ouvir umas vozes de crianças brincando na rua, por isso ficava conversando com os ares. Depois que contei esse segredo ele ficou com uma cara pasma e falou: “Eu sinto a mesma coisa!”. Depois desse dia começamos a nos contar nossos segredos mais íntimos.

Com o passar das semanas, nos sentíamos quase a mesma pessoa, por causa das coisas em comum que havia entre nós. Até que, numa de nossas conversas, o velho pediu para tirar uma foto com a minha câmera. Senti-me estranho. Nunca ninguém havia me pedido isso. Ao passar a câmera para o velho, nossas mãos se sobrepujaram e, quando soltei a minha câmera, ela caiu no chão. A última coisa de que me lembro foram nossas mãos interligadas, depois o punho, o braço, o ombro, a cabeça e o corpo todo.

O QUADRO

Rafaella Alves de Andrade

17 Anos

Maria Joana vivia na cidade de Araci, na Bahia, com seus pais e irmãos, e veio para São Paulo buscar uma nova vida, ficando de início na casa de parentes que aqui já viviam.

Maria veio para cá com algumas poucas mudas de roupa e um pequeno papel com o nome do primo: "Firmino Cruz". Já no primeiro dia ela começa perceber que de fato, "rapadura é doce, mas não é mole não", pois não tinha a dimensão da cidade e apenas trouxera um bilhete com o nome, sem o endereço, achando que o encontraria facilmente e, é claro, passou muito tempo procurando e não o encontrou. Sem rumo, ela passa a viver como moradora de rua, junto com muitas outras pessoas que vieram dessa leva do fluxo migratório, e todos com o mesmo objetivo: buscar uma vida melhor.

Maria Joana teve que trabalhar na área da reciclagem e, claro, recebe muito pouco por isso, chegando até a ter que pegar do lixo o alimento.

Um dia, sentada na avenida onde com outras pessoas reside, ela pergunta a um velho que vivia a catar artefatos de arte do lixo em uma boutique de magia.

- É do senhor esse quadro?

- Se está nas minhas coisas é meu, ora essa!

- Claro, desculpe minha ingenuidade. Ele me parece familiar, lembra a casa que morava com meus pais...

O velho nada mais disse, nem se dispôs a dar o quadro para ela, visto que ela gostara da obra.

Ele, além de ter muitos, nada fazia com eles, nem ao menos os vendia.

A partir desse dia, sempre que o velho se ausentava para trabalhar, ela se colocava a apreciar a simplicidade retratada no quadro e sem saber o porquê o via de uma maneira tão especial...

E era assim todos os dias: Maria Joana trabalhava arduamente e passava a noite inteira observando-o: era uma casinha de campo de uma cor amarronzada, com muita vida ao seu redor; tinha um lago ao fundo, um jardim com uma rede e uma mesinha antiga ao lado e o sol brilhava dando uma sensação agradável ao ambiente.

Isso tudo lhe dava uma enorme nostalgia, pois já fazia alguns anos que chegara a São Paulo e acabara perdendo a vontade de viver. A sua única esperança era a de conseguir voltar pra sua terra, pois não encontrara seus parentes e eles não a procuraram. E, mesmo que as condições de lá não fossem boas, era sem dúvida melhor do que viver abandonada, sem o afeto familiar e em condições ínfimas de vida, com apenas um colchão velho, sem nunca saber se estará vivo no dia seguinte. E, como é de se esperar, a marginalidade não era pouca.

Até que um dia, Maria Joana observando e Tateando a obra, muito triste, se recorda de como era a vida com a sua família e como lhe faziam falta. Chorando, ela deixa cair uma gota de lágrima no quadro. Ela é sugada pra dentro da obra!

Foi como cair num túnel sem fim, e paf! Ela cai em uma floresta e a mesa antiga retratada no quadro diz: "Corre! Corre! A última porta se fechará, em dez, nove, oito...". Maria, atordoada, sem entender nada, corre atrás da mesa e então, consegue passar pela tal porta. A mesa a levava

para o cenário da obra, estava na sala da casinha e de dentro observava sua família em um lanche da tarde no jardim.

Maria Joana ficou muito assustada e contente ao mesmo tempo. Era uma felicidade que não cabia dentro dela.

NO LEITO DE MINHA AMADA

Renan Akaishi

16 Anos

Silvio Yamamoto veio ao Brasil com apenas três anos de idade em um barco de bandeira Inglesa, no ano de 1973.

Junto com sua mãe adotiva e seu pai biológico, desembarcou na cidade de Recife.

Aos dezoito anos, Silvio se mudou para São Paulo, onde começou a fazer faculdade de Advocacia. Teve de começar a trabalhar, para pagar o aluguel da casa que dividia junto com dois amigos de infância. Um ele conheceu no navio Inglês vindo ao Brasil e, nos seis meses que passaram juntos, se tornaram inseparáveis. O outro era um pernambucano que tinha o hábito de mascar tabaco todo dia e sempre cozinhava uma comida bem nordestina. Sua especialidade era o Baião de Dois.

Desde que começou a faculdade, a rotina de Silvio era muito igual de segunda à sábado. Acordava às três horas da manhã, tomava um café preto, pão na chapa e saía para seu trabalho na padaria, onde trabalhava até as doze horas, almoçava e saía para a faculdade. Lá, ficava estudando até às dezoito horas e saía para pegar um ônibus e ir para casa. Jantava, estudava até as vinte duas horas e dormia, para no dia seguinte começar toda a rotina de novo.

Mas, um dia, houve algo aconteceu enquanto Silvio esperava o ônibus no ponto. Ele havia visto uma linda morena que sentara ao seu lado.

Seu nome, Silvio o desconhecia. A moça aparentava ter dezoito anos e parecia estar na faculdade, talvez a mesma que Silvio, já que o ponto

de ônibus era localizado na frente da Universidade dele. Sua conclusão, após ver um livro de publicidade embaixo do braço da moça, foi que ela fazia publicidade na faculdade. Apesar de ambos nunca terem se encontrado lá, Silvio sabia que iria vê-la no dia seguinte.

No dia seguinte, reencontrou-a no ponto de ônibus e, ao observá-la mais de perto, percebeu que tinha face mulata e meio mórbida. Seu livro, embaixo do braço, estava puído e parecia ter sido usado em demasia pela moça que o teria lido e relido incontáveis vezes e que aparentava ter no mínimo uns 100 anos de uso, mas, Silvio não se importou e não deu muita ênfase ao caso, pois estava apaixonado.

Para ele, a moça tinha a mais bela face que jamais vira em vida e seu cabelo preto se misturava com sua pele morena numa harmonia igual a uma sinfonia de Beethoven.

Silvio decidiu perguntar-lhe seu nome:

-Senhora, me perdoe a pergunta, mas poderia me dizer o seu nome?

A moça se manteve em silêncio sem mudar sua expressão facial. Silvio estava quase desistindo, perdendo o ânimo por ser ignorado tão friamente, quando a moça começou a escrever em um papel:

"Me desculpe, sou muda, mas meu nome é Maria Juliana da Penha"

O moço se espantou ao ler isso, mas não ligou muito para a deficiência da moça, já que

aproveitava o tempo que a moça demorava para escrever, para apreciar sua beleza e assim foram conversando durante a noite inteira. Silvio só percebeu que as horas se passaram quando já eram duas da manhã. Apressou-se em despedir-se saudosamente da moça e seguiu seu rumo para o trabalho na padaria, sem dormir uma hora sequer.

No trabalho, Silvio aproveitou seus intervalos para tentar dormir um pouco, mas não conseguia tirar Juliana de sua cabeça. Suas horas de trabalho e horas de estudo passaram batidas em sua cabeça. Onde antes se encontravam seções de leis do Estado, agora, apenas se encontrava a moça morena.

Ao chegar no ponto de ônibus, começou a esperar pela aparição da moça, um, dois, três, quatro, cinco ônibus! E nada da moça aparecer no ponto. Silvio estava pensando que deveria tê-la incomodado muito na noite passada e nem percebera. Quando estava prestes a entrar no ônibus, avistou a moça atravessando a rua da outra esquina e seguindo reto, em direção à Igreja.

A mente de Silvio não ponderou duas vezes antes de segui-la aonde quer que fosse. Após disparar alguns quarteirões procurando-a desesperadamente, perdeu-a de vista. Quando estava para desistir, viu o reflexo de um vulto adentrando a Igreja de relance, convenceu-se de que seria sua

amada e foi até a igreja.

Lá dentro procurou qualquer sinal de vida, porém não viu nada, gritou pelo nome da moça:

- Juliana! Você está aqui? (silêncio) Olá? Alguém? Não houve resposta, apenas o vento uivando fora da Igreja.

Silvio saiu para os fundos onde encontrava-se o cemitério, vazio, medonho, enevoado e com um odor de putrefação. Um vento bateu nele e um calafrio percorreu sua espinha, porém contra todos seus instintos, seguiu em frente na busca pela garota. Ao adentrar mais ainda o cemitério, viu um vulto negro entre algumas lápides, se desesperou, tentou fugir, mas em vão, seu corpo não respondia a seus comandos. Começou a entrar em pânico. Enquanto o vulto se aproximava, a adrenalina começou a percorrer suas veias, os pensamentos passavam em sua mente em uma velocidade tremenda. Não podia fazer nada. Olhava para suas pernas incapazes e seus braços imóveis em desespero e, ao voltar seu olhar novamente para frente à procura do vulto, este havia desaparecido.

Silvio sentiu um breve alívio e seus pensamentos diminuíram de velocidade, pensou que estava à salvo, quando algo o empurrou em suas costas. Silvio caiu em um buraco cavado no chão e perdeu a consciência.

ENCONTROS

Rodolfo Batista de Lima

16 Anos

Juraci, um cearense muito inteligente, reconhecido pelo seu ótimo desempenho na escola e em competições fora dela como Olimpíadas científicas, ao saber de uma instituição de ensino muito renomada em São Paulo, o Instituto de Aeronáutica(ITA), se interessou, prestou o vestibular e passou.

Quando veio para São José dos Campos, cidade onde iria estudar, ficou um pouco chateado por ter que ficar longe da família. No instituto, ele estudava muito e nas aulas de física ficava fascinado com a inteligência dos cientistas e teve sua curiosidade atizada sobre como eles eram. Uma vez foi a biblioteca do instituto, um lugar enorme com milhares de livros, ao ver toda essa estrutura Juraci ficou animado e foi falar com a bibliotecária a fim de pedir um livro sobre alguns pensadores. Em uma noite de segunda-feira, começou a ler sobre Aristóteles e se emocionou. Não conseguia parar. Só parou por que devia dormir, pois no dia seguinte teria uma prova. Terça-feira à noite... Hoje será Benjamim Franklin. Então começou a leitura naquela emoção irradiada. Viu-se em um

lugar escuro debaixo de chuva, próximo a homem com uma pipa erguida, tendo um fio de metal preso a uma chave. Juraci observou bem: "Esse é Benjamim Franklin!" e se aproximou dele com sua enorme curiosidade. Começou a conversar como se não soubesse quem era o interlocutor, perguntou o que ele estava fazendo, e ele disse que fazia um experimento sobre os raios a fim de comprovar que estes tinham uma enorme carga elétrica. Presenciou, assim, o início da invenção do para-raio.

No dia seguinte, na aula, ficou pensando no que tinha visto e mal esperava para chegar no dormitório e ler um pouco mais, pegou o livro, excitado. Começou a leitura. Nessa noite foi a um laboratório com várias substâncias coloridas tendo lá um homem trabalhando minuciosamente com um termômetro e dois materiais a fim de resfriar um deles através do equilíbrio térmico atingido entre os dois. Aquele é o Lord Kelvin, grande contribuidor da Termodinâmica!

Todas as noites ele lia um novo livro e não queria mais parar.

SAUDADE

Stefanny Aparecida Lacerda e Souza

16 Anos

Cidadezinha de roça, esquecida, com poucos moradores, Bahia. Raimundo, jovem de 16 anos, mora com sua mãe e irmão mais velho. O pai viajou a São Paulo e não retornou. A família é pobre, come o pouco que planta e vive com o pouco que tem. O irmão mais velho deixou de ajudar a mãe na roça depois da partida do pai, que nunca voltou ou deu notícia, conheceu amigos na cidade e pra lá ia todos os dias. Não parava em casa.

Raimundo acompanhou o irmão em uma dessas idas à cidade. Quando se encontraram com os amigos de Francisco, o irmão mais velho, foram todos juntos bisbilhotar em uma rodoviária abandonada. Disperso do grupo, Raimundo encontrou vários ônibus estacionados, velhos e com janelas quebradas. Raimundo nunca viajara e pensou consigo mesmo: “Um dia muita gente esteve aqui e quem sabe entre eles meu pai...”.

Escuta uma voz. Francisco o chama, é hora de ir. Já em casa, Raimundo comenta com a mãe sobre a rodoviária. Enquanto fala, lembra-se de seu pai. Dorme pensando nele que saíra em busca de algo que o tornasse capaz de oferecer uma vida melhor para a família e não voltara mais.

No outro dia, Raimundo foi novamente com o irmão à cidade, contrariando a mãe que pediu que ele ficasse para ajudá-la. Desta vez Raimundo não foi encontrar os amigos do irmão. Seguiu direto para a rodoviária, para o estacionamento

onde ficavam os ônibus e se sentou. Qual daqueles ônibus levaria seu pai? Começou a pensar e a lembrar-se de seu pai. Já se passaram quase dois anos depois da sua partida.

Dentre tantos ônibus velhos parados, Raimundo reparou em um que não era tão velho. Curioso! As rodas não estavam furadas como as dos outros e a pintura não estava descascada. Aaai! Caiu. Bateu em uma barra de ferro que estava ali abandonada, a barra caiu em suas costas, bateu no ônibus e uma música começou a tocar. Talvez o rádio tenha ligado com a batida. Que música linda! Raimundo tinha impressão de que já a ouvira antes. Mas onde? Seu pai. Isso, seu pai tinha um radinho a pilha. Ele sempre escutava essa música naquele rádio velho. A música era suave, dava a sensação de se estar viajando para longe. -- Raimundo! - gritou Francisco. Estava na hora de ir.

Nesta noite não houve o que comer em casa, a mãe de Raimundo se derramava em prantos, Raimundo tentou consolá-la:

-- O meu pai não conseguiu, mas eu vou. Viajarei a São Paulo e trarei muito dinheiro. Nunca mais vamos passar fome.

--Louco!- disse a mãe- Você está ficando louco, Raimundo. Seu pai homem forte e esperto não voltou. Você também não vai conseguir.

--Vou sim, mãe - respondeu - pai era esperto, mas eu posso ser mais.

--Você não está bem, meu filho, seu

irmão me contou que você foi sozinho para a rodoviária, ficou sentado no meio dos ônibus velhos. Tem que descansar, vá dormir.

--Ônibus velhos? Não são apenas ônibus velhos! Um deles está em perfeitas condições. Posso viajar com ele.

--Não tem ônibus bom ali. Você estava olhando para uma carcaça de ônibus, o mais velho de todos! Ele já era quebrado desde quando a rodoviária funcionava, pai já me levou lá uma vez. Eu lembro - retrucou o irmão.

--Filho, faça o que sua mãe manda, vá dormir.

Raimundo obedeceu, foi dormir com a barriga vazia e pensando na viagem que desejava fazer.

-- Esse menino não sabe o que fala. Coitado, a fome o está afetando - diz a mãe para Francisco - Ode lá se viu? Ir pra cidade grande com carcaça de ônibus velho.

Uma semana se passou, Raimundo não foi mais pra cidade com seu irmão, ficava em casa para ajudar sua mãe. Porém, não deixou de pensar no ônibus. A semana foi pesada, a plantação não foi muito boa, não choveu.. Aquela situação entristecia Raimundo e alimentava seu desejo de mudança.

Numa manhã antes do sol nascer, Raimundo vai para a rodoviária. A rodoviária está em reforma. Não tem ninguém naquela manhã por ali, os trabalhadores ainda não haviam chegado. No pátio onde se encontravam os ônibus antes já não se vê mais ônibus velhos, ônibus novos estão no

lugar. Será que o seu ônibus teria sido levado para outro lugar? Ouve a música, aquela música suave que lembrava seu pai. Procurou saber de onde vinha. Desta vez entrou no ônibus havia alguém lá sentado no banco do motorista olhando para fora. Não virou o rosto, continuou aparentemente observando algo ou alguém. E lá estava o rádio ligado tocando a música.

Raimundo entrou observou o ônibus não era um ônibus normal. Tinha um ar diferente, monótono. Estranhamente, aquilo fazia com que Raimundo se sentisse bem, completo. A música trazia na lembrança imagens do pai o que fazia sentir que ele estava ali. O ônibus começa a andar. O motorista ligou o ônibus e agora o dirigia. Raimundo, que estava virado de frente para o corredor, caiu e a porta que separava a cabine do motorista e o corredor se fechou com ele ali. Olhou pela janela, estava na rodovia, na estrada que ele sabia levar a São Paulo. Foi ali que se despediu de seu pai anos atrás. Ele agora estava ouvindo a música que o pai adorava, indo para o mesmo caminho que ele e iria conseguir o que o pai não conseguiu. Foi em direção à cabine do motorista e como que por magia a porta se abriu sem ao menos ele ter tocado nela, Olhou para o motorista ainda de costas para ele. Conhecia aquele homem, se parecia com seu pai. Sim. Era seu pai, no bolso dava pra ver o radinho velho o abraçou por trás. Sentiu uma batida, algo caiu em suas costas.

- Raimundo! - Uma voz o chama. Era sua hora de partir.

SÓ FALTOU ELA

Vanessa Carvalho de Souza

16 Anos

Expedito acabava de concluir seu curso de Tecnologia da Informação e deixava seus pais cheios de orgulho pelo primeiro membro da família formado na faculdade. Seu Cláudio e Dona Cleomar vieram para São Paulo na década de 80 e, com muito trabalho, conseguiram oferecer uma boa condição de vida para seus filhos.

O jovem sonhava em trabalhar em grandes multinacionais, em ser um profissional muito famoso, em ter um grande escritório na Av. Paulista e ser mundialmente conhecido. Mas à medida que procurava com afincos o grande emprego, mais se decepcionava com a falta de oportunidade. Seu Cláudio, no começo, não queria que o filho desanimasse, mas o tempo foi passando e Dito já estava há anos sem emprego.

-Chega! Agora Chega! Você tem que ir trabalhar! Não pode ficar o dia inteiro no computador enquanto eu e sua mãe trabalhamos duro! Você que escolheu essa besteira de profissão! Se tivesse ido trabalhar comigo, as coisas não estariam assim.

As palavras do pai deixavam Expedito inconformado, mas numa noite chuvosa e mais triste que o normal, sua mãe chegou com a notícia de que tinha conseguido um emprego para o filho.

Expedito se alegrou, parecia que em questão de segundos ele havia recuperado toda a sua motivação, todos os seus sonhos reacenderam, seus olhos brilhavam.

-Só tem um probleminha. -Disse a mãe.

-Como assim mãe? Que tipo de probleminha?- Perguntou angustiado o filho.

- O emprego é em Fortaleza e você teria que se mudar para lá, mas eu acho que vai ser bom pra você sair um pouco dessa cidade, ir pra um lugar mais sossegado, com uma praia na porta de casa... Olha que maravilha!

Expedito não conseguiu esconder a expressão de decepção. Ele não queria se mudar pra outro estado e, além disso, que emprego no nordeste lhe garantiria um grande futuro? Ao anoitecer, o clima do jantar já não era tão bom como antes.

-Eu não vou! Prefiro trabalhar com o meu pai aqui mesmo, ao invés de ir para o Ceará. Eu odeio aquele lugar! Nós já fomos lá quando eu era pequeno, não quero voltar para aquele ambiente quente, seco, com animais desnutridos e pessoas vivendo em situações precárias.

O menino então, se trancou no quarto emburrado e começou a olhar seus desenhos que fazia desde criança; uns sobre super-heróis, outros mais recentes, imaginando o seu futuro, grandioso e promissor. Dito pegou algumas folhas, um lápis e começou a desenhar.

No papel surgiu uma paisagem morta. Era o desenho mais triste que ele já havia feito, mas como ele imaginava que seria a sua vida dali pra frente. Havia uma árvore quase morta, toda

seca e prestes a desabar e um esqueleto de gado ao fundo. A única coisa bonita no desenho era o céu, sem nenhuma nuvem.

Desconsolado, o menino adormeceu e, no dia seguinte, o clima ruim permanecia na casa da família. Ficou o dia inteiro no quarto, sem querer conversar com ninguém.

De repente olhou os desenhos que tinha feito no dia anterior. Dito se assustou quando percebeu que seus desenhos estavam muito diferentes.

Ele esfregava os olhos, achava que estava sonolento ainda, um pouco abalado... Mas não estava. Os desenhos eram seus? Era exatamente aquilo que havia feito na noite anterior? Devem ser desenhos que estavam na gaveta há muito tempo... Ou eles criaram vida.

Desenhos criarem vida? Poderiam se modificar sozinhos? Parecia loucura. Era loucura. Mas como não era real se as folhas estavam ali? Dito teve uma ideia. Pegou novas folhas, apontou um lápis, deitou na cama e começou a desenhar. Fazia traços muito parecidos com os do dia anterior, suaves e tristes. Assim que terminou, colocou-os sobre a escrivaninha e começou a encará-los, incessantemente. Nada mudara.

Decidiu então ligar o computador e apareceu uma mulher na tela. Ela apagava e rabiscava uma folha de papel. Uma moça de cabelos pretos e olhos amendoados. Expedito se aproximou do

monitor e percebeu que era o seu desenho.

Então era ela o tempo todo! Ela os modificava, redesenhava o mesmo lugar de forma diferente, via com outros olhos o que todos viam com uma visão antiquada e preconceituosa.

Expedito não conseguia esconder a sua cara de espanto. A garota sorriu. Não demorou muito tempo para os dois conversarem e se aproximarem cada vez mais.

A garota era Lívia. Nascida e criada no Ceará. Falava com orgulho daquele lugar. Não demorou muito para ele se encantar pela menina e criar uma simpatia imensa por ela. Decidiu aceitar o emprego.

No dia da viagem, se despediu dos pais e não conseguia conter a ansiedade para chegar logo no seu destino. Não conseguia conter a sua vontade de transformar sua vida. Do avião conseguia ver a imagem de uma cidade em crescimento, com muitos prédios, casas, parques e pessoas. Sentiu um feliz espanto. Estava tudo completo. Só faltava ela.

Marcaram de se encontrar no centro da cidade, ao meio dia. Ele pensava no que iria dizer e no que poderia acontecer. Reinventou a cena do seu primeiro encontro com Júlia em sua cabeça diversas vezes.

Ele a esperou por horas e voltou naquele local diversas vezes, acreditava que uma hora ela iria aparecer e tudo ia ficar bem.

Esperou por vários anos.

30
ANO

CRÔNICA NARRATIVA E ARGUMENTATIVA

Tradições Nordestinas

Obra motivadora: **“Vidas secas”**
de Graciliano Ramos e **“Para
uma menina com uma flor”**
de Vinícius de Moraes

3º ANO

PRODUÇÃO DE TEXTO – 3º EM



*“É difícil defender
só com palavras a vida
(ainda mais quando ela é
esta que se vê, severina).
João Cabral de Melo Neto*

É surpreendente como ainda temos em nosso imaginário a figura do migrante nordestino pobre e miserável. São os fabianos, de Graciliano Ramos, os severinos, de João Cabral, de baixa escolaridade que migram para os grandes centros urbanos no Sudeste e Sul do Brasil.

Para produzirem crônicas que trouxessem o cotidiano atual do homem nordestino, nossos jovens do 3ºEM construíram vasto repertório de leitura e se surpreenderam com as descobertas que fizeram. Percorreram o sertão árido ao lado de Fabiano, de Vidas Secas, acompanharam na mídia o episódio da pior seca dos últimos 50 anos e assistiram à corajosa reportagem “Rio da Vida”, exibida pela TV São Francisco, emissora da Rede Bahia, em janeiro de 2013, que desvenda todas as facetas da transposição do Rio São Francisco. Cantaram com nosso Chico Buarque “O brejo da cruz” e ainda conheceram personagens reais no dia-a-dia da seca, na série “Profissão Repórter”, de maio de 2013.

No entanto, dois documentos foram fundamentais para reverter os estereótipos que rondam ainda hoje a figura do homem nordestino: o documentário “Migrantes”, produzido pela TV Cultura, em

1972, e a recente pesquisa realizada pelo IPEA, em 2010, que atesta grande mudança no perfil dos migrantes brasileiros nas últimas décadas. Apesar de ainda existirem bolsões de migrantes que ganham baixos salários e tem baixa escolaridade, o salário médio dos brasileiros que migraram é, em geral, maior que o dos não migrantes. Outro dado relevante aponta que os migrantes do Nordeste para o Sudeste já estão em melhor situação em termos de formalização do trabalho que os próprios trabalhadores não migrantes da região Sudeste. Além disso, temos a migração de retorno e grande fluxo de jovens com Ensino Superior completo que migram do Sul e Sudeste para o Nordeste, que hoje oferece vagas para trabalhadores altamente qualificados. Após todo esse repertório, nossos adolescentes nos surpreenderam ao revelar, em Crônicas Narrativas e Argumentativas, o quanto a vida dos migrantes nordestinos ainda preserva de nossos severinos e fabianos.

Gizele Caparroz de Almeida
Professora do Colégio Sidarta

//
O tema do Eu Escrevo 2013 foi interessante por apresentar um fator em metamorfose em nossa sociedade: os movimentos migratórios. // **Carolina Antunes de Oliveira**

//
O tema deste ano ofereceu muita variedade de pontos de vista sob os quais pudemos analisar o homem nordestino. O fato de termos participado de uma sensibilização com vídeos, reportagens e pesquisas atuais ajudou muito para um aprofundamento maior e reflexão. // **Renata Rampazzo S. Lopes da Silva**

A BAIANA

Agatha Cesar Lopes de Araujo

16 Anos

Nunca fui uma pessoa que gostasse de conversar muito. Porém quando contratei uma nova assistente para meu consultório de odontologia mudei essa realidade. Essa baiana era tudo de bom. Bonita, calma, inteligente, rápida para aprender as coisas, sem falar na extrema simpatia e generosidade.

Levou um tempo para que ela se acostumasse aos deveres e tarefas que um assistente de dentista tem que realizar, além do constante “medo” de levar uma mordida de uma criança assustada. Porém, como já mencionado, essa rápida aprendiz tornou meus dias mais tranquilos e divertidos.

Durante nossos calmos dias no consultório gostava de tomar um café e ouvi-la contar histórias de sua cidade natal. Geralmente eram sempre as mesmas, porém, cada vez que eram contadas, algo era mudado ou acrescentado mantendo a história interessante e prendendo ainda mais minha atenção.

A história que mais me intrigava era sobre a terrível seca que a fez mudar para São Paulo. Ela, o marido, as três filhas e o irmão estavam passando fome e, por conta disso, decidiram seguir a migração de muitos nordestinos e deixar sua vida rural na cidade de Juazeiro, Bahia, para tentar seguir uma nova vida na cidade grande. Seu marido era o único que trabalhava para sustentar a família, já que na época suas filhas eram muito pequenas e seu irmão não podia trabalhar, pois havia sofrido um acidente na lavoura.

Ela sempre frisava, ao contar essa história, o preconceito que sofreu ao chegar a São Paulo, quase na virada para o século XXI. Passaram um tempo morando debaixo de viadutos, já que tinham pouco grau de escolaridade e a competição entre os migrantes do nordeste era grande para conseguir empregos. Por conta disso sempre estavam à mercê de violências preconceituosas. De acordo com ela, Os paulistas achavam que “quem nasceu no campo sempre pertencerá ao campo” e não abriam oportunidades para a inserção de sua família na sociedade.

Hoje, com muito trabalho duro, eles possuem uma pequena casa, todos os membros de sua família trabalham e estão felizes. Essas pessoas foram lutadores da vida e, por serem tão persistentes, tiveram sucesso. Essa lição de resistência é a que muitos devem adotar em suas vidas, independente da situação.

Porém mesmo tendo seu “final feliz” ela se arrepende de ter deixado sua cidade natal e, hoje, reserva parte de seu tempo para trabalhar em projetos para ajudar famílias afetadas pela seca do nordeste, demandando do governo investimentos nessa região.

PRECISA-SE DE POLUENTES

Ana Eliza Yoshioka

18 Anos

Ainda faltava uma longa caminhada para chegar ao nosso destino, nosso futuro e, talvez, salvação. Foi uma caminhada longa que parecia não ter fim. Passamos por diversos lugares, enfrentamos o cansaço e a fome para chegar aonde estamos hoje.

Ainda não consegui me decidir se foi a decisão certa ou se isso será apenas mais uma fase ruim para nós. Minha mulher acreditava ser um equívoco pensar que seríamos mais felizes em São Paulo do que com nossa família na Bahia. E eu respondia que, às vezes, a nossa felicidade não deve ser prioridade. E a da minha família nunca era.

Na manhã em que chegamos, levantei rápido, juntei todas as minhas coisas e saí à procura de emprego. Chegando perto do centro, havia milhares de pessoas em filas de entrevista para trabalho, cujo anúncio vi no jornal. Todos estavam de terno e gravata e eu nos meus simples panos. Tive a sensação de ser um peixe fora d'água. E eu era.

Entrei na fila e fiquei lá, esperando a minha vez durante horas. A cada hora, a fila parecia aumentar. Comecei a passar meu tempo checando meus documentos. Estavam todos lá, bem organizados. Um homem que já me observava há um tempo saiu da sua fila e veio em minha direção. Colocou a mão no meu ombro e disse que entendia como eu estava cansado. Disse que estava na hora de parar com minhas aventuras e voltar para casa. Não entendia o que ele queria dizer, afinal estava na minha nova casa e precisava arrumar um emprego. Peguei meus documen-

tos e mostrei a ele. Ele ria e sorria como se eu estivesse contando uma piada. Disse algo que eu nunca mais esqueci e saiu andando de volta para sua fila: "Seu lugar não é aqui. Não adianta insistir em algo que não virá. Volte para o seu campo, faça o que você nasceu para fazer. Não fique aqui poluindo nosso espaço e nossas vidas." Não me senti ofendido e não peguei minhas coisas para voltar. Qualquer um teria ido embora, incluindo aquele homem. Mas eu não. Apenas sorri, continuei checando meus documentos e esperei por minha vez.

A entrevista não foi tão bem como eu esperava. Senti que os olhares dos entrevistadores eram de menosprezo. Era esse o olhar que o homem da fila me dava. E isso me fazia sorrir. Eu e minha família não precisávamos ser aceitos por essa espécie de sociedade para buscarmos o que queríamos. Essa sociedade que seria a ideal, que deveria aceitar pessoas com sonhos, trabalhadoras e com esperança. Pessoas que irão despoluir. Afinal, somos nós que movemos a sociedade a um lugar melhor. E todos vamos chegar em nosso lugar melhor. Mas antes, vou para o centro da cidade, novamente, pegar uma nova fila, fazer uma nova entrevista e receber os novos mesmos olhares

MINHA TERRA

Ana Julia Campacci Elias

17 Anos

Acordo assustado mais uma vez. A luz da cidade grande penetra pelas cortinas, o burburinho do centro já começa a aumentar o volume, mas é esse trânsito que me acorda todo o dia arrepiado. Buzina pra lá, buzina pra cá. Não era assim em minha terra. Me viro na cama e olho para o teto, entro num desânimo tão grande em pensar na minha terrinha vermelha, naquela tapioca fresquinha de manhã e na paz das ruas do nordeste.

Lá no meu nordeste não tem nada como nessa cidade de São Paulo. Tudo é calmo. Eu tirava minha jangada antes do nascer do sol e só voltava depois que ele já voltara pra baixo do horizonte. A vila pulava de alegria quando chegava com o peixe. Minha sinhá preparava uma moqueca daquelas, sabe como é? Os meninos iam andando pra escola e voltavam ao anoitecer, só pra comer o peixe que tinha pescado.

Quando tinha que ir pra cidade, pegava João das Pernas Bambas e ia, ia, até o jequinho precisar parar um bocadinho. Chegava na cidade pra comprar alguma coisa pros meninos, ou pra vender peixe na feira, mas a viagem era tão longa que era de bate e volta. A terra vermelha se alon-

gava diante dos meus olhos, rachada pela seca, sem chuva nem brisa, só eu e João até chegar na vila. Lá, todos os pescadores se juntavam pra cervejada na beira do mar. Ali ouvíamos histórias e piadas todas as noites.

Só agora venho pensar em como era bom, mas precisava vir pra São Paulo. Os meninos precisavam de um bom aprendizado, diferente de mim. Agora estão por aí, vivendo suas vidas de mocinhos da cidade, mas como eu sinto falta da minha terra! Será que eles querem voltar? Apesar de aqui ter barulho e bagunça, aqui eles vão ter uma vida melhor, penso eu. Pelo menos aqui não é muito seco, por que lá, só faltava rachar a cachola no sol do meio dia.

PELA MORTE DOS FABIANOS

Carolina Antunes de Oliveira

17 Anos

“A verdade é que somos retirantes em pleno século XXI. Fugindo dos mesmos problemas, convivendo com as mesmas situações, alimentando os mesmos ideais de sempre, sem nunca resolver o que realmente precisa no sertão: a fome educacional.” (Leandro Flores)

Então era verdade: a UFBA me queria em seu Núcleo de Pesquisas Linguísticas. Depois de tanto tempo vendo meus pais lutarem por uma casca de pão, um casaco no frio de São Paulo, um teto que fosse e, enfim, uma educação para mim e meus três irmãos. A sorte me sorria. Senti-me um orgulho para meu pai, que eu sabia estar me olhando lá de cima. Sabia que tinha superado os maus-olhados sobre a ‘caçulinha mirrada baiana’.

Enfim, fiquei tão feliz quanto apreensiva, afinal estava há 32 anos longe daquela terra e não sabia o que esperar. Minhas lembranças de até meus 7 anos se limitam à vida sem muitas coisas, que na realidade não me faziam falta, já que não conhecia o que essas coisas poderiam ser. Na minha mente “o sertão era o mundo” e, como descobri mais tarde, não era só para mim, mas também para pessoas importantes como

Guimarães Rosa.

Voltar para a Bahia significava enfrentar o que lá estava e o que não estava também: a educação que precisa de um chacoalhão para acordar. Já foi o tempo dos fabianos em que a exploração era completamente justificada pela falta de instrução e incapacidade de comunicação. Agora eu, com um diploma em Letras e uma pós-graduação em Variedades Linguísticas queria voltar à terrinha para mudar as coisas.

Claro que as coisas não são tão simples e não podem ser tão utópicas assim, mas a semente da transformação é um desejo de mudança. O que eu queria mesmo era fazer uma diferença mesmo que mínima na sociedade que me gerou e que sempre terá minhas raízes e meu sotaque. Que a luta pela dignidade e pelo conhecimento esteja sempre firme e forte e que a sorte continue a nos sorrir mesmo quando ninguém mais o fizer.

LAÇOS do NORDESTE

Diego Suguiyama Ribeiro

17 Anos

Ceará, manhã de 5 de Janeiro de 1993. Nesse dia eu chegara ao nordeste para cursar minha tão sonhada faculdade de Medicina na Universidade Federal do Ceará (UFC.) Tive de alugar uma casa ali perto e acabei conhecendo a família do “Seu Delmiro de Almeida”, sua esposa, Dona Francisca e seus 4 filhos: Deocárdio, Fabiano, Bethania e Severino.

Jovem paulista, acostumado com a terra da garoa, não tinha ideia da quantidade de insetos e do calor que fazia no Ceará. Percebendo minha dificuldade de adaptação, “Seu Delmiro” resolveu me ajudar, comprando ventiladores e mosquiteiros. A partir daí minha aproximação com sua família cresceu. Em uma de nossas conversas, ele me contou toda sua história. História de seca, calor, sofrimento, viagens, dificuldades, opressão, preconceitos e retorno.

Há até hoje um preconceito muito grande contra os migrantes nordestinos. Desde as décadas de 70 e 80 os paulistas, cariocas, gaúchos, catarienses, mineiros acreditam que esses migrantes não deveriam sair de sua quente, seca e miserável terra natal para tentar a vida aqui. Tanto que muitos deles optam por voltar ao nordeste, o que chamam de migração de retorno. Mas felizmente, o povo nordestino é um povo forte e guerreiro,

povo que não se abate com as derrotas e estão sempre firmes em busca de seus objetivos. Vivendo no nordeste, percebi que há um grande fluxo de migração de jovens nordestinos para o Sul e Sudeste com o intuito de cursar boas faculdades e lutar por empregos qualificados, mudando o estereótipo de que os nordestinos migram para executarem somente trabalhos braçais.

Não tive de trabalhar quando cursei minha faculdade. Foram 10 anos de estudos e longas tardes no quintal de casa conversando com os Almeida, quando voltava das aulas. Fiz deles meus amigos. Sentia-me quase que da família. Mas apesar desse forte laço familiar que criamos, tive de voltar para São Paulo para abrir minha clínica. São Paulo, manhã de 5 de Janeiro de 2013. Nesse dia em que ganhei um novo vizinho que viera de longe para cursar Engenharia de Produção na USP. Seu nome era Fabiano de Almeida.

SANTO DEVEDOR

Felipe Oliveira Machado

17 Anos

Há pouco tempo, São José foi eleito o nosso santo dos próximos 4 anos. Ele conseguiu o cargo fazendo promessas de milagres para o povo sertanejo: não teríamos mais que fugir da seca.

Hoje é 19 de março, dia de São José. O dia mais esperado por nós desde que soprou forte o vento no pé da serra em janeiro. Mais que isso, é a decisão de sair do sertão e buscar uma vida na cidade ou ficar na esperança de que São José traga a chuva e a água. Assim, levantando minhas mãos para o céu pergunto: “Vem água, meu São José?”.

Secando. A caatinga já acostumada com a falta de água se põe a torcer seus caules para aguentar a estiagem. Quem dera eu conseguisse tal proeza... não sofreria com a seca. Poderia São José fazer isso por mim? Ou ao menos encher um simples balde de água e trazer para as crianças que já têm a boca ressecada pelo calor?

Queimando. O gado engordou, emagreceu, se afinou, se arrastou, finalmente virou car-

caça e a água ainda não chegou. Já está na hora, São José, ou não irá cumprir tais promessas?

Doendo. A esperança minha, do seu Joaquim, de sinhá Rita foram por água abaixo, ou melhor, por “seca abaixo”. Tanta vela, tanta reza, tanta missa e parece que o santo esqueceu de seus fiéis. Mas fiquei sabendo que São José atendeu as preces do Coronel Feliciano e do Doutor Alvarenga lá do outro lado da serra.

Matando. Vi o roçado criar cor e o gado engordar, mas também vi a plantação secar e a criação se tornar carcaça. A minha esperança e a do povo sertanejo se esgotou. O que nos resta? Mudar para São Paulo assim como meus pais e tantos outros? Mas se lá não há seca, com certeza, existem tantos outros “São Josés”.

MORTE E VIDA NORDESTINA

Felipe Silva Rocha

17 Anos

Quarta-feira, 9 horas da manhã, Severina, moradora de Bethânia, em Pernambuco, vai ao lago da cidade para pegar um pouco de água. Um lago extremamente sujo, de cor barrenta. Com toda a sua experiência, faz vibrações na água para remover dejetos que boiam.

Cenas como essa têm se tornado cada vez mais cotidianas na região da caatinga e são intensificadas pela atual seca que assola a região. Seca a qual é considerada a pior do Nordeste dos últimos tempos. Dessa maneira nos resta uma dúvida: de quem é a culpa? Da população, do governo ou trata-se simplesmente de um evento natural?

De fato, uma série de fatores geográficos e biológicos, como o clima e o relevo, contribuiu para a falta de chuvas. Porém, o grande culpado pelas graves consequências que a seca trouxe para a população é o governo, que deixa o povo à mercê da falta de água potável. Com isso, ocorre um efeito dominó gigante, pois muitos não possuem água limpa para tomar banho, para preparar os alimentos e nem para beber, causando a propagação de diversas doenças. Outros não possuem água para dar ao gado, que acaba se desidratando e morrendo. Os criadores jogam as carcaças dos mortos pela mata, criando outra esfera propícia a doenças. Não há água para irrigar as plantações e muitos agricultores perdem toda a sua safra.

A maioria da população da região utiliza a agropecuária como fonte de renda, não possuindo outro meio de ganhar seu dinheiro. Para alimentar sua família e comprar o necessário para iniciar uma nova safra, as pessoas pedem empréstimos aos bancos. Porém essa

situação drástica já perdura por anos e os mesmos não conseguem quitar suas dívidas, que aumentam a cada ano, até que perdem os seus últimos bens como penhor. Sem saída e sem esperanças de um futuro promissor, ocorre o êxodo rural em busca de empregos e oportunidades nas grandes cidades. Poucos conseguem se estabilizar, mas a grande maioria continua desempregada e sofrendo com isso.

A grande falha está na falta de apoio do governo, que não oferece ao povo, novas fontes de renda, faltam construções sustentáveis de infraestrutura, que possam minimizar essa deficiência de água e de ocupações, falta o incentivo público à agricultura adaptada ao clima e solo da região, falta levar as novidades e o desenvolvimento do século XXI para esses locais. A população fica muito dependente de ações públicas assistencialistas, como o Bolsa Família, que nem sempre funcionam e, quando funcionam, não geram condições para o desenvolvimento da região.

Pelo visto, histórias como a de Vidas Secas, de Graciliano Ramos e de Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, ainda estão mais vivas do que pensamos, e não somente nas páginas da literatura, mas ainda na realidade do século XXI, muitos sofrem, assim como sofreram Fabiano e Severino.

CURPA D'ÁGUA⁽¹⁾

Gabriela Domingues Mendes de Oliveira

17 Anos

Hoje pela manhã avistei dois cabra arretado correndo no meio do mato seco. Mas sabe o que foi mais curioso? Eles tavam segurando umas cuias e umas bexigas lá, que confesso que num sabia o que era. Tavam avexados. Acho que iam pegá água. Logo de cara, vi que num eram daqui, causo di quê nessa época num tem água por perto. Caso ocêis também num saibam, nessa época, vem o aracat² que seca toda nossa água.

1. Para a produção dessa crônica foi utilizado o dialeto nordestino, mesclado com a variedade padrão da língua.

2. Segundo o Dicionário Aurélio, "aracati" é o nome do vento que sopra na Região Nordeste do Brasil, especialmente no estado do Ceará, de nordeste para sudoeste.

Ontem, minha muié pediu água pros nossos fios bebê e pra fazê comida, mas num tinha por perto. Tava quente, eu tava com uma fome que arrochava o buxo, mas mêmo assim peguei meu fio mais veio pra í comigo. Comecei a andá embaixo do sór. Cuitado do mininu! Recramava de fome toda hora e eu falava pra ele tê calma que a gente já ia comê.

Enquanto eu andava cum meu fio, eu ficava proseando cum ele. Sabe que eu até tinha dó do caboclo? Era um mininu miúdo e tava meio borocoxô. Acho que era fome. Ele também tava meio aluado⁽³⁾ e amuquecado⁽⁴⁾. Ele me perguntava se algum dia a gente ia tê água boa pra bebê, se a gente ia tê comida boa pra cumê. Eu tentava acalmá o cuitado, mas o quê que eu podia fazê? A vida no sertão é assim.

Enquanto a gente andava, dava pra vê a cor vermêia da terra que o sór queimava, as árvores meio tronchas⁽⁵⁾, causo di quê tentavam fugi do sór quente que nem nós. Meu mininu ficou fraco e pediu pra eu pará um pouco. Parei. Oiei pra ele e ele me disse que num podia mais andá. Peguei o pequeno no colo e continuamos a procurá água pra dá de bebê pros otros nove que tavam em casa.

Esse era o fio que eu mais gostava. Sempre tava me ajudando e proseando comigo pra eu num desanimá. Ele queria í pra cidade grande pra dá uma vida mió pros otros e pra mainha, mas a

gente não tinha dinheiro pra pagá uma viagem pra tanta gente. Enquanto ele tava no meu colo, ele me perguntou se eu podia levá ele pra conhecê São Paulo. E eu vendo meu fio daquele jeito disse que ia levá, mais só depois que a gente pegasse água pra levá pra casa. Ele ficô feliz, mas tava fraquinho meu fio.

Depois de andá bastante com o pequeno no colo, ele apontou pra um lugar, cum sorriso no rosto, e disse que tinha encontrado água. A gente foi até lá e num é que tinha mêmo? Botei o cabra no chão e enchi as cuia cum água. Tava meio suja, mas só tinha aquela ué! Quando vortei pra pegá meu pequeno no colo e pra levá ele pra casa, ele não tava se mexendu e tava cos zóio aberto e parado. Comecei a lamuriá. Queria meu pequeno de vorta! Era meu! Meu! Deus num podia levá ele de mim.

Fiquei lá por um período de tempo lamuriando com ele no colo. A gente tinha encontrado água pra levá pros otros e eu prometi que ia levá ele pra conhecê São Paulo. Vortei pra casa cum ele no colo e cum as cuia cum a água que minha muié tinha pedido. Eu tava arretado por não tê mais meu pequeno. Oiei pros meus otros fios que tavam na porta lamuriando pelo meu pequeno e oiei pra minha muié.

Falei pra eles co zoio cheio d'água: "A gente vai pra São Paulo! Num quero que mais nenhum dos meus fios se encante por essas bandas."

1. Para a produção dessa crônica foi utilizado o dialeto nordestino, mesclado com a variedade padrão da língua.

2. Segundo o Dicionário Aurélio, "aracati" é o nome do vento que sopra na Região Nordeste do Brasil, especialmente no estado do Ceará, de nordeste para sudoeste.

3. Segundo o Dicionário Informal, "aluado" significa "doente", "desanimado", mas nesse contexto, "doente".

4. Segundo um dicionário da variedade nordestina, "Amuquecado" significa "choroso", "desanimado", mas nesse contexto, "choroso".

5. Segundo um dicionário da variedade nordestina, "troncho(a)" significa "torto", "fora de prumo".

SECA NORDESTINA

Guilherme Pallares Bilton

17 Anos

No meio da caatinga, encontrava-se Josué, filho de Auris e Neuza. Todos os dias, levantava bem cedo, comia um prato de arroz e ia direto para o pasto cuidar do gado. Para deixar seus pais orgulhosos, checava vaca por vaca e, se achasse algo de estranho, logo a curava.

Josué sempre seguia sua rotina, exceto em época de seca. Todo ano, os pastos perdiam cor, as vacas perdiam peso e o céu, mesmo com nuvens, não deixava água cair.

A seca espalhava vítimas na estrada. O gado morto se incorporava à paisagem. Era um tempo em que só urubu encontrava fartura.

Nessa época, Auris, Neuza e Josué, todos ficavam preocupados. Sem achar água, seu rebanho diminuía a cada dia. Para aproveitar cada gota, Josué cortava os mandacarus que tinham armazenado água durante o ano e dava

para o gado.

Mesmo tentando de tudo, quase todo o gado se foi.

Desesperada, a família só rezava para chover. E assim, depois de longos meses, as primeiras gotas de chuva começaram a cair.

Josué e sua família ficaram aliviados e, mesmo com todas as perdas, contentes por terem conseguido sobreviver a mais um ano. Mas a alegria era momentânea, pois sabiam que, em pouco menos de um ano, começaria tudo de novo.

AQUELA TERRINHA

Larissa Fernandes Lima

17 Anos

“Em São Paulo teremos uma vida melhor.” É a frase mais comum que se dita em minha terra. Devido à seca, dificuldades e um sonho de ter uma vida digna com direitos de um cidadão, decidi ouvir as pessoas e me mudar pra SP. Tudo novo, cidade nova e um sonho a buscar. Esperando por melhorias de vida, cheguei a São Paulo perdido, procurando emprego e estudos. Com apenas 15 anos, um adolescente, sem a noção do que era uma cidade grande e vendo que era totalmente diferente do sertão de meu pai, cheguei desorientado.

Trabalhei com meu pai desde pequeno ajudando-o no sertão e sofrendo junto a ele. Posso falar que já vi de perto a fome, a sede e muitas pessoas morrendo. Mas nesse último ano, prestes a tomar a decisão de migrar para SP, a seca foi a pior de todos os tempos. É triste quando você acorda e não tem um prato de comida ou até mesmo um copo d'água.

A pior seca dos últimos 50 anos bateu à porta e o desespero veio junto. Meu pai pensando em meu futuro e todos me dando a oportunidade de fazer diferente, migrei para SP. Antes de me mudar para outro estado, sofri muito no nordeste. Vi crianças morrendo, retirantes vindo para o Sudeste e famílias se acabando. Por não termos o que comer, fizemos dívidas para plantar. Plantamos e, como era de se esperar, veio a pior seca, então meu pai e muitos outros vizinhos fizeram dívidas extensas e não tínhamos um real. Sem solução, decidimos mudar de lá. Foi quando vim pra capital e aqui estou.

Estudado e com 25 anos, tenho trabalhado em uma das melhores empresas de Publicidade de São Paulo. Trouxe minha família para junto de mim e paguei as dívidas que foram feitas lá. No começo, houve um grande preconceito contra mim e minha família. Eu era novo, com pouca escolaridade e nor-

destino. Paulistas falavam que eu queria tomar o lugar deles no mercado de trabalho, que só servia para ser um simples lixeiro, sapateiro ou coisas do tipo. Deveria voltar para minha cidade natal Com o tempo foram me aceitando e eu me "infiltrei" nesse estado.

Corri atrás do meu sonho de uma vida digna, estudei, batalhei e grandes coisas eu conquistei. Como muitos, eu também tive um sonho, e esse sonho era ter uma vida melhor aqui em SP e depois voltar para aquele sertão. Queria que todos, assim como eu, lá no sertãozinho do meu pai, tivessem chances como a minha e aproveitassem.

Em pesquisas que fiz, notei uma grande redução de migrantes para SP. Casos que até se reverteram à situação no estado nordestino, como por exemplo, minha terra, o Nordeste. Houve uma mudança no quadro, pessoas que por sua vez vieram para capital, estão voltando para lá. Tais retornos têm acontecido porque o governo tem melhorado a oferta de trabalho, a saúde, a educação e alimentos. Mas ainda acho que devem voltar por saudade daquela terrinha, que por mais dura que fossem as coisas lá, ninguém era fraco e lutavam pela vida. "Naquela terrinha", a tecnologia não domina nossas vidas, e nos sentimos em casa.

OCEANO AGRESTE

Lucas Alves Tadini

17 Anos

“E o Santo Cristo até a morte trabalhava, mas o dinheiro não dava pra ele se alimentar”. O trecho é da canção Faroeste Caboclo, composta por Renato Russo em 1979 e refere-se ao típico nordestino que pensa em vir para os grandes centros urbanos para tentar a sorte. Esse típico nordestino sou eu e, assim como João do Santo Cristo, sempre sonhei em sair para ver o mar e as coisas da televisão. Não direi meu nome, pois de onde vim isso não importa.

Foi muito difícil. Lembro-me muito bem do dia em que resolvi deixar a Paraíba para viver em São Paulo. O preconceito era evidente, minha falta de informação me prejudicou bastante quando tentei conseguir emprego e não conhecia ninguém na cidade. Deixei minha mulher e três filhos em Pariri, pois a mudança seria muito difícil para os quatro, mas prometi que voltaria assim que minha condição financeira melhorasse.

Bem, lá estava eu. Pessoas novas, cidade nova, vida nova. Era maravilhoso e triste ao mesmo tempo. Maravilhoso, pois sempre tive fascínio por cidades grandes, e triste, pois só estava nessa situação de mudança porque o próprio lugar onde nasci não me proporcionava condições adequadas para viver e trabalhar. Onde fui criado não havia saúde, a educação era ridícula, o trabalho praticamente escravo e as secas chegavam quase a matar. Há quem me olhe e pense que sou apenas um pobre trabalhador doente, ignorante e maltrapilho. Porém não sou assim, eu estou assim. O estado no qual se encontra o nordeste atualmente pode sim ser revertido. É como se fôssemos uma parte abandonada no país.

Infelizmente, a situação em aqui em São Paulo também não é das melhores. Quando pessoas

resolvem deixar o Nordeste brasileiro para tentar viver em cidades como São Paulo ou Rio de Janeiro, não é por que querem, acredite. As condições de vida têm de ser absurdamente precárias para estimular tal mudança.

É de fato uma lástima o Nordeste brasileiro ser conhecido hoje por seus pontos negativos, como as secas e o subdesenvolvimento. Seria fantástico se a região fosse mais valorizada com um pouco mais de atenção e investimento.

O Nordeste abriga as maiores riquezas da cultura nacional. Já foi palco da Revolução Pernambucana, foi o local onde nasceram líderes como Frei Caneca e seus personagens mais ilustres vão de Lampião e Maria Bonita a Luiz Gonzaga e abriga um dos lugares mais bonitos do planeta: Fernando de Noronha.

A região nordestina é rica, só não enxerga quem não quer. O povo e o próprio local merecem mais do que têm recebido ultimamente. Espero que, quando voltar para reencontrar minha família, eu esteja contando outra história, uma completamente diferente. Mas quem sou eu para pedir ou mudar alguma coisa? Sou como um Jeca, um Caboclo nascido nesse Faroeste que hoje se perde nesse oceano agreste chamado Brasil.

DÍVINA TERRENA OU PENITÊNCIA DÍVINA?

Luiz Felipe de Camargo Silva

17 Anos

Era manhã de sábado, despertei com o chamado de minha mulher e o mugido seco do gado mirrado. Tinha que ir até a cidade resolver a situação das nossas antigas dívidas com o banco, e por isso, acordei tão cedo. Levantei e percebi que o sol ainda não havia apontado no horizonte, porém o calor parecia brotar do chão e mais uma vez acordara com a boca seca, talvez de sede, talvez de desgosto ao ver o estrago que a seca havia feito em minha vida.

Tomei meu café ralo com farinha de milho, peguei meu jegue bom de sela, companheiro firme e único sobrevivente dos outros quatro que eu tinha antes da seca, e toquei pra cidade. Depois de umas 3 horas de trote, em meio aos imbuzeiros e mandacarus rústicos, cheguei até a frente do banco. Entrei e fui logo conversar com uma mulher indicada pelo segurança. Após 10 minutos de prosa, descobri que minha dívida de 3 mil reais tinha mudado para um montante de 16 mil. A partir deste momento, tive a convicção de que a caatinga não era mais o meu lugar e que, se a seca persistisse, eu ia morrer junto com a minha família e com o gado restante. Pensei em chorar e, por incrível que pareça, me senti chorando, porém estava sem lágrimas para escorrer em meu seco rosto.

Sai do banco e me deparei com uma cena que piorou ainda mais o meu dia. O sol já estava

sobre minha cabeça e a poucos metros da porta havia um caminhão descarregando uma carga de gado morto, o que fedia muito. Conversando com um caboclo que também estava próximo, descobri que aquilo era uma manifestação de outros moradores que estavam em situação pior ou igual a minha, devendo pro banco e sem condição de quitar a dívida.

Pedi o celular desse rapaz emprestado e liguei para minha mulher contando toda a nossa situação. Ela não se conteve e caiu em prantos, concordando com a ideia de que aquele não era mais o nosso lugar para viver. Deveríamos nos mudar pra São Paulo ou outra cidade grande, assim como alguns vizinhos, para criar nossos filhos e torná-los doutores, pois se continuássemos ali, iríamos terminar como aquele gado empilhado na porta do banco: esquecidos, destruídos, secos.

TRISTE INFÂNCIA SECA

Marcos Geovanni de Souza Pinheiro

17 Anos

Era madrugada de sábado, o meu filho passou mal. Tive que levá-lo ao médico o mais rápido possível. Ele chorava muito por conta da dor. Mas, felizmente, o doutor disse que, talvez, tivesse sido apenas um alimento estragado que ele comeu. Na segunda-feira, fui na escola para falar com o diretor. Ele falou que não havia sido comida estragada, mas água contaminada. Coitado do meu filho! Nem na escola não havia água limpa para os alunos. Não tenho condições de mudá-lo de escola ou de mudar a gente de cidade, a seca está matando as plantas. Não tenho o que vender ou dar de comer para o gado. A dívida no banco está ficando maior. Não sei o que fazer!

O governo está fazendo canais para desviar as águas do rio São Francisco para a nossa região, mas os municípios têm que investir para distribuir a água para as casas ou outros estabelecimentos. Será que o governo não sabe que os municípios não têm condições de fazer isso? Ou certos indivíduos não querem abrir mão de seus salários para o progresso dessa região que clama por ajuda? Não precisa ser inteligente pra saber que a seca está provocando uma crise econômica na região.

Ontem, alguns colegas me chamaram para protestar na frente de um banco, me neguei a ir, porque os banqueiros não são

os culpados. Podemos pedir que sejam mais pacientes e nos ajudem a pagar as dívidas, apenas isso.

Realmente essa é a pior seca, mas de qualquer jeito o Estado tinha que estar preparado e, por conta disso, estamos sofrendo com as consequências. Agora, devo sair do lugar onde vive minha vida inteira, para que meu filho e minha mulher tenham uma vida melhor?

Não, não consigo fazer isso, nós não temos nenhuma condição. Infelizmente, meu filho vai ter parte da infância sofrida, até o governo ter coragem de trabalhar de forma correta e querer mudar essa situação.

O SOMBRA

Maria Júlia Lobato Viotti

17 Anos

Ele veio da terra de chão batido, da terra da fome, da terra dos mortos-vivos que não são gente, são braços. São bois, são gado de trabalho duro. São mãos calejadas, são a esquistossomose, são o cabelo preso e as manchas de sol. Ele veio de longe, pra achar sustento, pra ver as luzes de natal, pra ver o mar, pra trabalhar quando o ano novo chegar. Ele veio pra praticar com orgulho seu ofício de pedreiro. Esse povo da cidade há de precisar de alguém que saiba usar as mãos. Sebastião sabia erguer parede, pintar e até plantar flor. Sabia criar jardim. Na cidade tem trabalho, ninguém tem fome e as crianças vão pra escola. Se der tempo, dá até pra aprender a soma e a conta de menos. Ele veio sem nada nos bolsos, veio com a certidão de nascimento e com Jesus no peito.

Chegou na rodoviária sem comida e sem teto. Perguntou pro moço de terno se sabia de algum lugar pra achar um quarto, pra mó de começar a trabalhar. Na barulhada da estação, o homem disse que não sabia não, mas que se fosse à cabinezinha de vidro ali do lado, a mocinha talvez soubesse. E lá ele se foi até a mocinha que só sabia falar de hotel.

- Ô moça, não é hotel não. Não tem um quarto solto pra eu alugar?

- Ó, tem um albergue do outro lado da rua, o senhor pode ver lá.

Senhor. Mal chegara na cidade e já era senhor. As coisas até que estavam indo bem. No albergue, alugou uma cama. Não era o ideal, mas dava pra passar a noite. Amanhã acharia trabalho.

De manhãzinha, achou um prédio grandalhão em obras. Entrou e foi falar com o encarregado. Pode trabalhar sim, uma mão a mais não faz mal. Os outros homens o olhavam torto, de cima a baixo. Ele vinha do Norte. Mas não tinha problema. É só o trabalho, a parte boa vem quando tiver dinheiro suficiente pra trazer Ana Lurdes. Ela vai ficar feliz, é tanta gente, é tanta coisa pra se ver. Ficou trabalhando lá até o prédio quase encostar o céu. Agora já alugava um quarto numa casinha arrumadi-

nha duma família engraçada. Hoje ainda compra a passagem pra buscar Ana e a menina dela.

Depois do expediente, foi pro ponto esperar o ônibus que o levaria até a rodoviária. Voltaria pra casa, mataria a saudade que apertava e traria consigo sua família. Seria feliz, finalmente. Ficou ali esperando. Esperou tanto que caiu no sono. Acordou com risadas, chutes e um líquido fedido encharcando sua camisa nova. O que é isso? Pare, chega! Mas não pararam, o líquido queimava seu nariz e o fazia chorar. Chutavam sua barriga, seu rosto. Não tinham dó nem razão. Eram a boiada de Seu Amaro que não parava quando a cerca abria. Eram monstros. Gritou. Ouviu o barulho do isqueiro e viu o fogo. A dor era tamanha que consumia sua alma, sua fé. Disse o que tinha aprendido a não dizer. Pensou na menina de Ana, e chorou ainda mais. Teve pânico. E morreu ali no banco. Na manhã seguinte, saiu no jornal: "Grupo de jovens queima trabalhador nordestino vivo." Acharam que era um mendigo. Ninguém na cidade sentiu a falta de Sebastião. Mais tarde, os telespectadores ficaram impressionados com o filhote de urso polar que tinha chegado da Patagônia.

FOME

Mariana Kronitt Silva

17 Anos

Levantei hoje cedo, me vesti para o trabalho, olhei para a janela e o clima matinal não me surpreendeu, aliás, não me surpreenderia a qualquer período do dia. Está chovendo. Posso dizer que o mundo está caindo tamanha tempestade que se passa lá fora. Não é possível! Como chove nesse lugar! Resmungo isso todo dia. A minha filha não entende minha indignação, pois nasceu aqui em Manaus. Diferente de mim, que exalo um grande orgulho por ser soteropolitana.

É complicado trabalhar como gari em um lugar onde só chove. Quando me mudei pra cá, eu imaginava que seria empolgante o frescor das águas todas as manhãs, porém não esperava que viria a trabalhar como gari e sofreria com a chuva que parecia ser a melhor coisa daqui. Sempre escorrego enquanto trabalho. Derrubo sacos molhados que escorrem as águas sujas pelas minhas luvas.

Em meio a mais um dia cheio de reclamações pela umidade regional, meu marido levanta da cama, onde assistia TV deitado e pede pra que eu ligue a televisão da sala, no jornal. Liguei a TV imaginando que fosse a notícia da morte de alguma figura ilustre do país, um famoso. Realmente o jornal falava da morte, porém quem morria eram animais e a dignidade de famílias humildes. Mas o mais chocante e de grande impacto sobre

nós foi o motivo das mortes. A seca no Nordeste, a falta de água nessa região tem matado uma imensidão de gado. Pessoas que estão passando fome chegam a comer ratos de rua.

Não pude deixar de fazer uma comparação. Mudei-me para cá apenas por ser um lugar bonito e refrescante. Muitas dessas pessoas têm caminhado quilômetros e quilômetros por não ter água para beber. Por não ter mais o que comer. Nenhum sentimento é tanto, nenhum sofrimento é tão real como a fome. As poucas lágrimas quase já não caem dos olhos desses homens desidratados que vivem em trânsito, em busca do mínimo para a sua sobrevivência. O de comer, o de beber.

Se eu voltar a minha terra será em prol dessa causa. Investirei mais na região em que nasci e que agora sofre e precisa de mim.

INFELIZ REALIDADE

Nicolas Leon Leite

16 Anos

Muita gente acha que os migrantes nordestinos são uma “praga”; porém, antes de julgar, é preciso conhecer suas causas.

Boa tarde a todos, estamos começando esta palestra sobre a infeliz realidade que está diante do nordestino. Para quem não sabe, o Nordeste sofre de uma terrível seca que prejudica não só pessoas (fazendeiros, moradores), mas também os animais e plantas.

Estes nordestinos que escolhem vir para cá (Sudeste), vêm com o propósito de conseguir melhores condições de vida e arrumar emprego devido à seca que acabou com suas plantações, sua única fonte de sustento.

E ainda tem gente que acha que eles não devem vir para cá. Será possível? Como deixar alguém, que perdeu tudo apenas por conta do clima de onde vive, sem opção? Devemos deixá-los lá para morrer? Não senhor. A coisa sensata a fazer seria deixar que venham e tentem criar uma nova vida.

Além disso, os fazendeiros acabam gerando dívidas que até eles próprios desconhecem, fazendo com que sua situação fique ainda mais difícil. Com isso, acho que manifestações por parte deles são muito significa-

tivas, pois mostram para todas as pessoas sua situação atual.

Ainda mais que a seca não é o único fator que os prejudica. Há também a falta de água própria para o consumo.

Muitas pessoas não dispõem de uma boa cota de água potável, isso se dá pela falta de comprometimento do governo para com a distribuição fazendo com que utilizem a água suja (disponível em maior abundância), para lavar roupas e utensílios, mesmo que seja prejudicial à saúde.

É essa a situação que devemos deixar que eles passem? Claro que não. Deveria ter maior preocupação também por conta do governo, que não cumpre com sua palavra para ajudar a população nordestina, e maior cobrança por parte das pessoas, para que assim possam ter a ajuda que merecem.

Muito obrigado a todos por sua atenção.

Agora, daremos início ao próximo tópico desta palestra...”

MUITA FALA E POUCA AÇÃO

Pietro Sung Woo Pak

16 Anos

Já se fala tanto e há tanto tempo sobre a miséria nordestina, que parece que falar do assunto já faz parte de nosso cotidiano. Muitos esquecem que, para vários nordestinos, esse assunto também é cotidiano (recomendaria a leitura de Vidas Secas, Graciliano Ramos para essas pessoas).

Hoje a grande miséria nordestina se dá à seca, obviamente por consequência de fatores naturais. Mesmo assim as autoridades da região e o governo brasileiro, que deveriam tomar medidas frente a essa situação, não veem esse problema de longo tempo como grande prioridade. Pelo menos é o que se entende ao ver famílias nordestinas que, após tantas décadas, continuam a ingerir e consumir uma água que é nitidamente suja e inutilizável e fazendeiros que sofrem frequentemente ao ver seus animais e plantações, seus “fazedores de dinheiro”, morrerem.

Não precisa ser nenhum expert para ver a terrível rotina nordestina, mas se você é um leitor que não está informado a respeito, aqui vai um update: Famílias com mais de 5,6,7, 10 filhos vivem de baixa renda mensal do governo, sem água potável e para uso; criadores de gado têm como rotina arrastar bois mortos para fora de seus

currais, além de terem dívidas monstruosas com o banco, que provavelmente não conseguirão pagar até o final de suas vidas, isso se essa situação continuar; plantações secam até a morte; diversas pessoas, crianças e adultos, sofrem de doenças, ao consumirem, sem escolha, água não potável; famílias separam-se em busca de empregos nos grandes centros urbanos.

O engraçado de tudo isso é que me parece que há muita mídia sobre esse assunto, causando polêmica em torno de artigos, reportagens, filmes, livros por um certo período de tempo, que geralmente não dura muito, e isso acontece repetitivamente. No final acaba tudo em discussões que vão e voltam e não levam a lugar nenhum. Se o contrário acontecesse, não estaria escrevendo essa crônica. Essa crônica não é nada mais, nada menos que mais uma pequena pedra no grande sapato do governo brasileiro.

CRÔNICAS DE UMA VIAGEM

Renata Ra mpazzo Sousa Lopes da Silva

17 anos

Três horas da manhã. Carla, dona de casa e mãe de nove filhos, acorda dois de seus mais velhos e saímos juntos. Começa a longa caminhada pela catinga, ainda escura, até o lagoinho mais próximo. No caminho, aproveitamos para colher algumas sacas de macambira, a “planta salvadora” do gado durante esta enorme desgraça.

Duas carroças de boi lotadas e mais alguns quilômetros depois, chegamos ao nosso destino: o que mais parece ser uma poça d’água barrenta no meio da terra seca e rachada do que, talvez um dia, tenha sido um pequeno lago rodeado de vida.

Carla tenta, em vão, separar um pouco do barro espesso que se mistura com aqueles restos preciosos de água ainda disponíveis. Já faz alguns dias desde a última vez que o caminhão pipa veio para a comunidade e, mesmo assim, diz a mulher, “a vida tem que continuar”.

Meio dia e depois de quase seis horas de trabalho, finalmente estamos de volta em casa, quando, um dos irmãos, responsável por cuidar da pequena criação de gado da família avisa a mãe, correndo; restos de lágrimas nos olhos: “Manhê! Morreu mais um”! “Leva pro cemitério”, pede ela, com desânimo, a um dos mais velhos a seu lado.

Estou acompanhando esta família já há mais de uma semana agora; mais tempo do que planejava ficar por esta região; mas, depois de

ouvir a história deles, consumiu-me uma motivação repentina, e não mais pude abandonar o pensamento de prolongar minha estadia por aqui. Já deve fazer, a esta altura, seis meses ou mais (honestamente nem tenho mais vontade de continuar contando) que ando viajando por estas terras nordestinas, de estado a estado, documentando a vida cotidiana de todos os tipos de pessoas de alguma forma, afetadas por esta que hoje, vem a ser a maior seca dos últimos 50 anos na região.

Sinto que a hora de partir se aproxima. Já vi o bastante e, com certeza, não me esquecerei desta minha última experiência com Carla e seus nove filhos. Resta-me porém, uma última tarefa a cumprir: encontrar seu marido que, há mais de um ano, está na cidade de São Paulo tentando uma nova vida para sua família.

“Quando ele chamá, nois vamo pra lá!” diz Carla, animada e esperançosa com a ideia.

Mesmo com a realidade dos fatos clamando contra este meu desejo, espero, de coração, que sejam felizes.

BEIJU

Samantha Francisco Rossetti

17 Anos

3 reais. 3 reais pela tapioca murcha paulistana. 3 reais que pesam no bolso da gente, mas por uma tapioca, vão em boas mãos. Não tem nada nessa cidade tão bom quanto sentir o coco ralado descendo pela goela. Nada como a textura da massa fininha de farelo de beiju. Farelo esse que, no fundo da panela, forma uma capa branca como neve mas quentinha como a lenha que queima no fogão. Teve tempo que eu só comi beiju.

Comi até cansar. Dali então resolvi que não ia mais comer aquilo, e que no prato não ia faltar mais arroz, feijão e farinha. Cansei de cortar cana, de andar descalço, cansei da sede que me apertava a garganta, e resolvi partir.

A verdade é que ainda gosto de beiju. É que o beiju me lembra um tempo outro, distante, um tempo duro, mas um tempo bom. Tempo em que eu corria pela terra vermelha de um lado para o outro até que mainha chamava numa voz esganiçada “vem comê que o teu pai já chegou menino!”. Vinham então, correndo com os pés enlameados, sete barriguinhas vazias a sentar na mesa e a rezar o pai nosso antes da farinha seca. Depois iam a correr novamente os sete para o açude se lavar e brincar de ser peixe. Ah, o açude. O açude secou.

Era nesse tempo que, todo domingo de manhã, a casa acordava cheirosa, com o cheiro desta barraca em que me encontro, e que muito se difere do cheiro do resto da cidade cinzenta e empoeirada. O horário não era diferente de nenhum outro dia. No domingo, cinco horas da manhã, o galo cantava e a casa acordava, entre panelas e batidas na porta e, quando já de pé e vestidos, encontrávamos na mesa um grande prato cheio das mais belas e variadas tapiocas. Tão boas eram elas que vinham passar o dia lá, toda a família.

Seguiu-se assim a vida, normalmente, até que um dia desapareceram da rotina os belos domingos em família, e desapareceu da casa o recheio da tapioca. Sobrou apenas a massa seca tupi-guarani. O bolso apertou e passei a me depa-

rar diariamente com a pálida e sem graça massa de tapioca. A partir de então comecei a odiá-la. Seu cheiro me enjoava e a simples imagem da massa passiva, quase camuflada no prato, me perturbava.

Tapioca, hoje é dia de tapioca. De repente essa frase tornou-se a fonte principal de minha revolta. Alojou-se em minha cabeça uma imensa ojeriza àquilo que chamavam de tapioca, e por muito tempo me recusei a comer a massa seca, sofrendo assim as respostas ferozes de meu pai. Segui firme, no entanto, com minha ideia fixa, birrenta, mas que para mim consistia em uma grande revolução. Enquanto meus irmãos comiam silenciosos, eu tratava de esbravejar minha insatisfação e jogar fora aquilo que com tanto esforço me fora oferecido. Mas como é possível uma criança crescer feliz sem degustar uma bela tapioca recheada? Não importavam os gritos e as greves de fome, só fui comer coco ralado e queijo coalho com biju depois de muito tempo.

Foi nessa época que me mudei. Fomos os nove ver se achávamos noutro canto, algo que pudéssemos misturar ao polvilho seco. Passaram-se dias de viagem para chegar num lugar onde tudo se via, menos a tapioca. A saudade bateu, mas eu já não tinha mais idade pra espernear ou me jogar no chão. Percebi naquele momento que tudo é passageiro. O açude, a terra vermelha, a barriga cheia, o coco ralado, tudo muda, tudo passa. Resta apenas a lembrança da panqueca de massa fina de beiju.

A VIDA QUE SEMPRE DESEJEI

Sophia Pinheiro Goulart

17 Anos

“Chegam a ser assustadoras as condições de vida que a população do Nordeste está vivendo”, esta frase é a mais escutada por todos por aqui. Antes de tudo, meu nome é Rodrigo, sou repórter e fui para o Nordeste. Lá consegui ver a péssima condição de Vida que a população está tendo por conta da terrível seca, que foi considerada a pior do Nordeste dos últimos tempos.

Consegui identificar que muitas pessoas estão vindo para o Sudeste por conta dos fortes acontecimentos no Nordeste e estão procurando condições de vida melhores em relação a trabalho, moradia, educação para seus filhos e até mesmo morar em um ambiente que dê para viver de forma adequada. O perfil do migrante muda a cada período de tempo; dados mostram que houve mudanças entre os anos de 1995, 2001, 2005 e 2008.

Entrevistei um migrante que mora há algum tempo em São Paulo. Ele fala que conseguiu viver bem melhor e que agora seus filhos conseguiram ter uma boa instrução e ele tem um bom trabalho, que consegue sustentar seus três filhos.

Ele contou que, no início, foi difícil

conquistar as coisas que tem hoje, havia um certo preconceito principalmente para arrumar um emprego. Os paulistas diziam algo do tipo “Ah esse nordestino vai roubar o meu emprego” e coisas do gênero. Sempre houve e provavelmente sempre haverá um preconceito com as pessoas de lá, criando um estereótipo que vai demorar muito tempo para ser quebrado, mas não podemos desistir e entender o motivo dessas pessoas terem vindo para cá.

Hoje, esse migrante chamado João se sente orgulhoso pelas coisas que conquistou e pelas barreiras que ultrapassou, dizendo que com certeza mais migrantes tentarão vir para as grandes cidades à procura de melhores condições.



Estrada Fernando Nobre, 1332
Granja Viana - Cotia - SP
Tel: 55 11 4612 2711
www.sidarta.org.br

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-60578-17-7



9 788560 578177